



ANITA NOTARO

# HÁ SEMPRE UM AMANHÃ

Certos momentos da vida mudam-nos para sempre



*Quinta Essência\**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Título original: *Take a look at me now*

Título: Há Sempre um Amanhã

Autor: Anita Notaro

Tradução: Maria Correia

Revisão: Silvina de Sousa

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789898228864

QUINTA ESSÊNCIA

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Anita Notaro, 2007

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com](mailto:quintaessencia@oficinadolivro.leya.com)

[www.quintaessencia.com.pt](http://www.quintaessencia.com.pt)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Este livro fala-nos sobre o laço inquebrável existente entre irmãs; eu tenho a sorte de o ter três vezes, por isso, Jean, Lorraine e Madeleine, este livro é para vós, com muito amor e gratidão.

*Alison*

ALISON ESTAVA FELIZ, VERDADEIRAMENTE FELIZ, com vontade de rir alto e a bom som. Não, não fingia a felicidade que sentia – como quando era criança e vivia num mundo de faz de conta. Nem fazia por se mostrar feliz devido à pressão dos amigos – como quando na adolescência era tão importante ser aceite por todos. Sentia-se sim como uma cobra a mudar de pele enquanto contemplava o mar à sua frente, remexendo os dedos dos pés na areia de uma praia deserta a sul de Dublin. Anos de preocupações pareciam por fim ter acabado e o vento que a fustigava como finas agulhas varria a ansiedade que ainda restava nela.

Naquele dia tudo lhe falava sobre um novo começo. Sorriu, só porque lhe apeteceu. Tinha a maravilhosa sensação de desconhecido. Ali habituara-se a sorrir por obrigação. Por vezes sorria para tranquilizar Lily, a irmã gémea, que confiava inteiramente nela. Noutras alturas sorria para consolar e proteger o filho que muito amava. Nos últimos anos, tornara-se especialista em sorrisos sedutores, que usava muitas vezes para agradar aos homens que ia encontrando na sua vida. Porém, isso acabara: dali em diante não seria mais necessário sorrir assim.

– Mãezinha, olha, estou a voar!

O filho, de três anos, esticou os braços e aproximou-se dela, oscilando de um lado para o outro. Ali reparou que naquele dia não era necessário dar nenhum sinal de aprovação. Observou-o enquanto brincava, irrequieto, profundamente contente no seu pequeno mundo. Todos os beijos e sorrisos, todo o amor e a segurança que lhe dera de livre vontade desde o dia em que nascera tinham-no tornado no que era, um rapazinho lindo e confiante.

– Anda! – Alison ergueu-se de um salto. – Vamos voar juntos até ao mar.

Arrumou rapidamente as coisas, enfiou uma carteira quase vazia no bolso e correu à frente de Charlie, que ainda mal acreditava que a sua sorte tivesse mudado tanto.

– Anda, tu consegues! – gritava ela, encorajando-o e balançando-se como um papagaio com a força do vendaval.

Charlie correu para a mãe e Ali abriu os braços ao filho. Rindo às gargalhadas, o menino tentou esquivar-se, mas Alison pegou nele e fê-lo rodopiar em círculos até ficarem ambos ofegantes.

– Bêbedo – disse ele, começando com a brincadeira preferida deles.

– Não, não estás! – Fez cócegas no menino, cujos olhos brilhavam de felicidade. – Só estás tonto!

– Bêbedo – gritou novamente Charlie, tentando em vão manter-se direito.

Alison agarrou-o antes de ele cair na areia e atirou-o ao ar.

– Adoro-te, Charlie.

– E eu adoro-te... aos potes...

Abraçou-a com os braços rechonchudos em volta do pescoço e ela sentiu-lhe o cheirinho, tal como sempre fazia, atrás da orelha esquerda.

– ... mas não tanto como aos *shots*.

Alison sorriu e acabou a rima por ele. A sua irmã Lily ensinara-lhe aquilo e ele repetia-o vezes sem conta, apesar de Alison não fazer ideia de como os educadores na pré-primária encarariam aquilo. Contudo, era típico das palhaçadas de Lily, e Alison gostava que as duas pessoas mais importantes da sua vida tivessem em comum o mesmo sentido de humor. Ouvia ainda a irmã a rir-se a bandeiras despregadas quando Charlie pedira um dia «*shots* de vodka» numa loja de doces.

O menino contorcia-se para descer dos braços da mãe.

– Anda lá. – Ali olhou em volta para verificar se as coisas que lhes pertenciam continuavam no mesmo lugar, na areia. A praia em Sandymount Strand encontrava-se estranhamente tranquila, com exceção de alguém a passear um cão, de mãos nos bolsos, caminhando rumo às torres. – Vamos lá apanhar as ondas.

– O balde, quero o meu balde.

Alison correu para o local onde deixara as coisas e foi buscar o pequenino chapéu amarelo de bombeiro que haviam encontrado antes.

– Aqui está o teu balde.

O menino ficou feliz.

Caminharam na areia dourada e fresca. Alison amava aquele lugar quando estava maré baixa. Quase se poderia caminhar até Holyhead, em Gales – pelo menos, era o que a mãe outrora lhe costumava dizer.

Charlie ia aos saltinhos ao seu lado. O progresso era lento mas firme, parando a cada minuto por causa de coisas em que ela sozinha nunca teria reparado.

– *Oncha.*

– Sim, é uma conchinha. Põe-na ao ouvido e vê lá se não ouves o mar.

– Mar. – Apontou o menino.

– O mar está muito longe. – Afagou-lhe o cabelo, despenteando-o. – Um dia, levar-te-ei num grande barco a atravessar o mar.

– Barco.

– Ou talvez num avião. Gostavas?

– *Fiuuu.* – Ele fez de conta que voava novamente.

– Sabes uma coisa, meu amorzinho, vai tudo correr bem.

– Está bem.

– Mais do que bem. Perfeito. – Pensou no que diria Lily quando lhe contasse que todas as preocupações haviam acabado. Alison estava mais animada ainda por causa da irmã gémea. Lily tinha tantos sonhos!

Deu a mão a Charlie, mas em breve ele quis soltar-se.

– Charlie, vamos ficar todos bem. A mamã vai tomar conta de nós todos. – Pegou nele e apertou-o contra si.

– Au, põe-me no chão. – Charlie contorcia-se e em breve se soltou para ir explorar novamente o terreno.

Alison mostrou-lhe uma alforreca e o rapazinho fugiu, gritando, quase tombando enquanto olhava para trás através dos dedos e agarrava a mão da mãe para se sentir protegido.

– Hoje, finalmente, tudo funcionou a nosso favor, Charlie. – Descontraiu os ombros e sentiu o pescoço mais solto. Mal podia esperar para ver o rosto da irmã e abraçou o seu segredo com uma alegria infantil.

– Gelado? – perguntou o menino, esperançoso.

– Sim, vamos para casa no Dart num ápice e paramos na loja de Mistress O’Neill para comer uns *wafers*, o que achas? Depois, tomaremos chá. O que queres comer?

– Batatas fritas. – Andava muito poupado nas palavras ultimamente.

– Muito bem, batatas fritas, então, mas da próxima semana em diante, vamos ser saudáveis. Vou dar-te a comer legumes e muita carninha boa e peixe e...

– Quero botões de chocolate.

– Bem, só se fores um bom menino para a mamã.

Ele acenou com um ar muito mais solene do que seria necessário.

– O Charlie é muito bonzinho.

– Sim, és o melhor menino do mundo.

Alison pegou nele e abraçou-o. Sentia-se vagamente pouco à vontade pelo facto de nada ter com que se preocupar. Não teria mais de lhe dizer que não a toda a hora e nem precisaria mais de refrear o entusiasmo da irmã também.

– Para o chão.

Fez como ele lhe pedia, contente ao sentir os caracóis do menino enquanto caminhavam.

– Mar.

Pelos vistos, era a palavra do dia da criança.

– Sim.

– Chapinhar.

– Acho que está longe de mais para chapinharmos, querido. – Foi atrás dele, os braços e pernas de ambos em movimentos desordenados enquanto fingia que era um polvo, como no filme preferido do menino.

O sol da tarde aquecia-lhes as costas e a brisa suave fazia com que os caracóis de Charlie lhe afagassem o pescoço. Riam-se com ele enquanto ele afastava o cabelo e tentava soltar-se do abraço dela.

Relembrou tudo o que se passara. Aquele fora um dia bom – ah, risca isso, aquele fora o melhor dia em muitos anos. Ia fazendo planos loucos enquanto vagueavam pela praia, Charlie imerso no seu pequenino mundo mágico e Alison no dela. Fora passear para ali para repensar tudo antes de contar as novidades à irmã. Alison sabia que Lily reagiria de modo muito emocional, por isso precisaria de ser cautelosa.

– Água. – A voz do filho fê-la concentrar o espírito de novo e despertou-a dos sonhos em que vagueava acordada, e todos os planos que tinha para o final feliz de um livro, para os três, desapareceram por instantes.

– Sim, a maré está a encher, é melhor voltarmos para trás, ou ficaremos todos molhados.

Alison riu-se e olhou em volta, surpreendida por ver que se encontravam numa espécie de ilhéu deserto. Até o sol os abandonara.



– Anda, amorzinho – pegou-lhe na mão. – A mamã sonhava. Além há uma grande faixa de areia.

Começou a andar e em breve reparou que o nível a que estavam era mais alto do que tudo o resto em volta.

– Anda, Charlie, a mamã leva-te ao colo. Temos de voltar para a praia.

Sentiu o corpinho dele mais frio ao pegar-lhe e apertá-lo contra si. O menino deixou cair o brinquedo amarelo e gritou.

– Balde!

– Não faz mal, vou apanhá-lo. – Inclinou-se para agarrar no brinquedo, mas o chapéu amarelo foi levado pela maré.

– Fugiu – lamuriou-se Charlie, como se tivesse perdido uma fortuna.

– Não faz mal, vai ficar à nossa espera na praia, prometo-te.

Apertou mais o menino contra si e amaldiçoou a sua estupidez. Parecia-lhe que estavam a quilómetros da praia. Começou a caminhar pela água. Só lhe passava um pouco acima dos tornozelos, mas as faixas de areia eram menores. Movia-se o mais depressa que conseguia, com um menino de três anos ao colo e a saia à cigana dificultando-lhe o avanço.

– Charlie, querido, só te vou pôr um bocadinho no chão para arregaçar a minha...

– Nããão!

Ele não a largava. Levantou o mais possível a saia e continuou a andar pelas ondas. Parecia que não chegavam a lado nenhum. Perscrutava atentamente o horizonte, procurando apoio, pelo sim pelo não, mas não via ninguém. Que coisa mais idiota, pensou de novo, tão contrária à sua maneira de ser, tão terra a terra. Procurou em vão a pilha das roupas que deixara na praia para usar como marca, mas uma neblina ténue enevoava o horizonte e até o zunido do trânsito habitual, em Strand Road, ali perto, parecia a quilómetros.

Então, o pânico tomou rapidamente conta dela. Tinha a sensação de que empurrava a água e que esta os atrasava. A saia parecia de chumbo e amaldiçoou-se em silêncio mais uma vez, tentando manter a calma.

– Está tudo bem, amorzinho – repetia constantemente. – Agarra-te bem à mamã.

– Frio.

– Eu sei, querido, mas em breve chegaremos à praia e a tua camisolinha está lá. – Beijou a cabeça do menino distraidamente e tentou apressar-se. –

A mamã é uma tonta. – Sorriu-lhe, encorajando-o. – Fomos até demasiado longe, mas não te preocupes, estamos quase a chegar lá.

O passo seguinte quase os fez cair. Os níveis de areia tinham mudado outra vez. Ali era mais fundo. Parecia que não avançavam. Fechou os olhos e tentou pensar com lógica. Pela primeira vez, nada lhe ocorreu.

O vento aumentara e a sua saia colorida ondulava contra ela, magoando-lhe as pernas. Sentiu o telemóvel por entre o tecido fino de algodão e pegou nele, olhando para o ecrã por um segundo. Parecia-lhe ridículo pedir ajuda, mas Alison percebeu que se encontrava assustada. Entretanto escurecera ou, pelo menos, o céu plúmbeo dava essa impressão. Marcou o número dos serviços de emergência, sentindo-se uma idiota.

A mulher ao telefone, de voz calma e maternal, tentava mantê-la a falar, mas Alison respirava ofegante e pesadamente, com medo e cansaço, e falar era de súbito um esforço.

– Mantenha-se ao telefone, assim é que é uma valente. Vou pedir ajuda por rádio. Estou a ouvi-la, não se preocupe. – Num segundo voltou a falar com Alison. – Como se chama o seu filho, Alison?

– Charlie.

– E quantos anos tem?

– Tem três anos, mas é pequenino e está com medo e...

– Faça um esforço e tente ficar onde está. Por acaso traz vestida alguma coisa colorida?

– Sim, uma *T-shirt* amarela.

– Bom, isso é muito bom. Não se preocupe, Alison, a ajuda vai já a caminho.

Continuava a falar numa voz regular e usava constantemente o nome de Alison, perguntando-lhe coisas para a distrair, tal como o número do telefone de casa dela e quem estaria lá.

Alison deu-o, depois entrou em pânico.

– A minha irmã, Lily, mas, por favor, não lhe ligue, ficará assustada e eu não quero...

– Está bem, não se preocupe, não vou telefonar a ninguém. Só queria...

– Estou a tentar andar mais depressa, sinceramente estou, e lamento imenso preocupá-la com isto. É que parece que não chego a lado nenhum e o Charlie é pesado e... – Interrompeu-se para respirar.

– Não me incomoda nada, não se preocupe. Consegue pô-lo às cavalitas? Isso tornará as coisas mais fáceis.

– Vou tentar, mas terei de... Espere... aguarde um pouco.

Alison apertou o telemóvel contra si e içou o menino.

– Agarra-te bem à mamã, querido, isso, lindo menino.

Charlie gritava e esperneava batendo-lhe no rosto e puxando-lhe os cabelos. O telemóvel caiu-lhe da mão e desapareceu na espuma das ondas.

– Socorro! – gritou Alison para o telemóvel, com esperança de que a mulher ainda a conseguisse ouvir.

A água continuava a subir, mas, pelo menos, com o menino aos ombros, Alison conseguia avançar pelas ondas mais depressa. Grandes nuvens escuras transformavam o dia em noite, uma tarde de fim de verão num crepúsculo de inverno.

Continuava a avançar, ou pelo menos assim pensava, mas como que em câmara lenta, e o horizonte tornava-se cada vez mais enevoado. Doíam-lhe os ombros com o peso. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ouviu um ruído. Como se fosse de um barco. Por aquela altura, Alison estava desesperada.

– Aqui! – Acenou, arrastando-se na água sem ter a certeza de onde proviera o som.

Charlie estava quase histérico. As ondas davam-lhe acima da cintura e era cada vez mais difícil manter-se com pé.

– Está tudo bem, amor... Charlie, olha, querido, aqui está o barco grande e vai levar-nos a casa. – Enquanto falava, Alison percebeu que o ruído vinha de cima. Começara a chover, mas, de qualquer maneira, já tinha os olhos molhados, mesmo antes de olhar para cima.

«Socorro» parecia-lhe ser a única palavra que conhecia, e estava rouca de tanto a gritar. O barulho era ensurdecedor e Charlie estava muito assustado. Alison viu um homem pendurado numa corda, oscilando perigosamente sobre a sua cabeça. Sentiu-se fraca com o alívio. Charlie iria ser salvo e Lily não teria de se preocupar. Alison tomaria conta de ambos, tal como sempre fizera.

– Graças a Deus! – gritou ela. – Peguem nele primeiro, por favor, agarrem-no primeiro!

Tentou erguer o seu precioso fardo. O homem estava praticamente por cima deles. Alison não aguentava mais, os braços quase se soltavam dos ombros. Sentia a água gelada nos seios. Charlie esperneava, aos gritos, e ela engoliu uma golfada de água suja.

– Agarre o menino e vou içá-los aos dois – foi o que ela pensou que o homem lhe disse, mas naquele momento Alison era a criança histérica.

– Nããão! – Esforçou-se por erguer os braços mais uma vez, estendendo-lhe Charlie num aperto como um torno. Tinha as mãos dormentes e não sentia os dedos. – Por favor, pegue nele primeiro, por favor, já não consigo pegar nele por mais tempo. – Estendeu-lhe o filho com olhar suplicante. – Por favor, eu estou bem, mas não deixem que nada aconteça ao meu menino.

– Agunte-se, volto já para a vir buscar. – O vento levou-lhe as palavras.

Ele dizia mais qualquer coisa e Alison tentava ler-lhe nos lábios através das lágrimas e do ruído da chuva persistente. O homem sobrevoou-os num rompante e agarrou em Charlie um instante depois. Ela ficou a vê-lo prender o seu precioso menino à cintura.

– Não entre em pânico, Alison, já o tenho. Você está bem? Consegue manter-se com pé?

– Acho que sim. A minha saia está... – oscilou, sentindo-se fraca, pelo esforço, e quase a desmaiar, mas aliviada por o filho estar por fim a salvo.

– Dispa a saia! – gritou o salvador, e ela tentou ficar com as pernas livres.

– Cuidado com ele, por favor – implorou de novo. – A minha irmã vai ficar... – Não conseguiu dizer o resto.

– Estão ambos salvos, mantenha-se calma e não se preocupe. Volto num instante. – Ele sorria para lhe dar confiança, mas parecia muito distante, e Alison observou o filho a ficar cada vez mais pequeno, viu os bracitos e as pernas a debater-se como os de uma boneca a pilhas. Os braços dela pareciam não querer voltar à posição normal, como se tivessem sido arrancados dos ombros. A corrente era entretanto mais forte.

*Por favor, meu Deus, não deixes morrer o meu filho e deixa que a minha irmã saiba que a amo,* rezou Alison em voz alta e estrangulada, enquanto desejava do fundo do coração que o seu único filho estivesse em segurança e as águas geladas a arrastavam.

*William e Beth*

O LATIDO DE UM CACHORRO FEZ COM QUE O DIA COMEÇASSE mais cedo para William Hammond. Levou alguns segundos a compreender que era o despertador do telefone. Saltou da cama, sentindo a tensão antes de estar completamente acordado. Bocejando, abriu o telefone para fazer calar o latido. A fotografia de dois adoráveis cachorros *Jack Russel* com lenços de cobói ao pescoço saudou-o. Esboçou um sorriso, mais um esgar do que outra coisa, enquanto pensava premir o botão de repetir e desejava ter aquele simples luxo nessa manhã.

– Chávena de chá.

Não era uma pergunta. Beth, a sua mulher, esforçava-se sempre por estar bem-disposta de manhã, por isso tinha por hábito entrar a cantarolar uma coisa qualquer, fingindo que estava completamente acordada. Tinha o cabelo escuro preso num carrapito e usava um pijama cor-de-rosa, felpudo, e um par de chinelos ridículo com *smileys* – prenda de Natal dos filhos.

– Que penteado tão bonito. – Ele abriu os braços, espreguiçando-se.

– É, não é? – Ela piscou-lhe um olho. – É uma pena estares com pressa.

O chá na cama, para ele, fazia parte da rotina. William estaria no bloco operatório nesse dia, e, como de costume, Beth pusera o seu despertador para tocar quinze minutos antes do dele. Mesmo apesar de o trabalho do marido fazer parte da vida do casal desde o início, William gostava que ela ainda o apapricasse. Significava que dava valor ao fardo que ele carregava nos dias em que o trabalho era mesmo uma questão de vida ou de morte.

Ele pegou na caneca de porcelana sem dizer palavra, passando a Beth o seu telefone.

– Olha só a última oferta daqueles marotos coniventes a quem chamamos filhos...

– O que foi desta vez?

– Mais cachorrinhos. Nunca desistem.

– Bem, talvez devêssemos... – interrompeu-se ainda antes de ver a expressão dele. – Pronto, pronto, numa outra altura, não fiques tão agitado! – Beijou-o na cabeça. – Vou só tratar do pequeno-almoço.

– Obrigado. – Sorveu o líquido quente e olhou novamente para o relógio. – Na verdade, é melhor ir tomar um duche ou atraso-me antes mesmo de começar. – Saiu porta fora à frente dela de chávena na mão. Sem parar, caso ficasse tentada a voltar para a cama, Beth abriu as pesadas cortinas e puxou a persiana. Era quase manhã. Rapidamente, bateu nas almofadas e dobrou o edredão, depois abriu a parte de cima da grande janela de sacada para arejar o quarto. Já estava outra aberta do lado de Will. Ele gostava de ar fresco e ela não se importava, embora, por vezes, sobretudo no inverno, tivesse saudades daquele peculiar cheiro humano quente que sempre fizera parte do seu quarto de rapariguinha.

Na cozinha, as papas de aveia borbulhavam no fogão. Beth adorava tudo naquela divisão... o calor, a confusão e a sensação a pão fresco que tinha sempre que olhava para o fogão *Aga*. Por acaso, havia imenso tempo que não fazia pão. Resolveu que cozeria uma grande fornada mais tarde, durante a semana – pães com azeite e rosmaninho; bolo com Madeira e cobertura de coco, aquele de que Harry gostava. Oh, começaria por fazer uma grande tarte de carne e rins para William nessa noite, apesar de ele andar a ter cuidado com a linha. Mentir-lhe-ia dizendo que era uma massa com pouco teor de gordura. Olhando em volta, Beth sacudiu uma mancha de poeira imaginária e sorriu para si própria. Ali sentia-se segura.

– Olá, mamã – uma voz sonolenta interrompeu os seus devaneios matinais.

– Olá, querido, que fazes a pé tão cedo? Ainda estamos a meio da noite.

– Então, porque estás já acordada? – Harry Hammond esfregou o olho com as costas das mãos para tentar afastar o sono.

– O papá vai hoje fazer uma operação. Sabes que lhe preparo sempre o pequeno-almoço antes de ele operar. – Beth agachou-se para inspecionar o filho. – Porque não voltas para a caminha? Tens ainda mais duas horas para dormir, pelo menos.

– Já não estou cansado.

– Bem, então, bebe um copo de sumo... – Estendeu-lhe o copo em que acabara de espremer o sumo para Will. – ... e vai lá para o quarto de brincar, vê um pouco de televisão até o papá se poder descontraír. Não está a dar aquele programa... o dos guerreiros?

– Não sei. – Encolheu os ombros. – Tenho fome.

– Bem, vai lá ver e eu levo-te panquecas e chocolate quente como um maminho especial assim que o papá sair.

William não aprovava os mimos constantes que ela dava aos filhos.

– O que achas, a tua fome pode esperar cinco minutos? – picou-o ela.

– Obrigado, mamã. – Era uma criança fácil. A televisão de manhã cedo era um mimo, e sem a irmã mais velha, Winnie, por perto a dominar o comando estaria no sétimo céu.

– Bom dia, Harry, o que te acordou? – William apareceu, apertando a gravata e pendurando o casaco do fato cinzento-escuro numa cadeira. Estava com um aspeto bonito, animado, e era sem dúvida alguém que dava nas vistas.

– Nada – murmurou o menino, e saiu dali, já imerso no seu mundo matinal de *action-man*.

Beth pousou um copo de sumo acabado de espremer em frente do marido e trouxe o bule para cima da mesa.

– Por acaso, acho que vou beber café, se estiveres a fazer.

– Sim. – Ela passou-lhe a cafeteira de que acabara de se servir. – O que se passa? Nunca bebes café de manhã.

– Eu sei. Mas hoje estou cansado. Sem energia, sei lá porquê.

– Bom, tens um ar descansado e pronto a enfrentar o mundo.

Ela sempre invejara a sua atitude de se levantar pronto para tudo. Lutara com as manhãs durante toda a vida e Harry era igual, para irritação de William.

– Dormiste? – perguntou ela ao marido.

– Sim, até dormi bem. Adormeci mal encostei a cabeça à almofada. Mas sabes como é. Nunca consigo estar tranquilo na noite antes de uma grande operação.

– Vais ter um longo dia? – Beth colocou as papas ao lado dele e verificou de novo se o marido tinha tudo o que precisava. Empurrou o jarro de leite e o mel mais para junto da mão dele.

– Não deve ser assim tão mau. Se não houver complicações, estarei em casa à hora do jantar.

Beth sabia que muito provavelmente não estaria. O marido era o cirurgião mais empenhado que conhecia, e conhecera bastantes, ao longo dos anos. Não sairia do hospital sem que estivesse cem por cento satisfeito com tudo e

com todos. Sabia que a operação consistia em remover um tumor a um homem de trinta e dois anos, apesar de ser bastante saudável e estar em forma. Era a localização do tumor, junto a uma artéria principal, a grande preocupação. William contava-lhe tudo sobre os doentes que tinha. Eles eram a sua outra família e ela também tinha interesse nas suas vidas. Matt Jennings era engenheiro, sabia. De acordo com William, muito bem-sucedido. A mulher esperava o segundo filho. Beth costumava sempre dizer uma oração pela família no dia de uma operação. Era muito difícil para eles também.

– Para onde foi o Harry? Voltou para a cama?

– Não, não tinha sono. Está a ver televisão.

Beth pôs a torrada de pão integral na mesa e retirou a tigela de papas de aveia de William. Tal como anteriormente, pôs os acompanhamentos necessários mais perto e colocou o leite e o mel do seu lado da mesa.

– Ele vê demasiada televisão.

– Ele ficará bem – tranquilizou-o Beth. – É como eu. Precisa de acordar devagarinho.

– Não consigo entender isso. Acho que ele não descansa o suficiente, fica toda a noite a jogar no computador.

– Não fica nada. Observo-o cuidadosamente, sabes bem. De qualquer modo, tem o râguebi depois da escola. Não lhe faltará ar livre hoje.

– Como está a sair-se com isso?

– Bem. O treinador diz que ele tem jeito. – Apercebeu-se de que William não o via jogar há séculos. – No sábado deverias tentar assistir ao jogo dele. Iria gostar imenso.

– Bem, verei o que posso fazer, mas, da última vez, passou a maior parte do tempo na lateral a gritar para os companheiros. Se eu fosse o árbitro, tê-lo-ia mandado embora.

– Se calhar estava aborrecido – alvitrou Beth, rindo.

Harry era assim, sempre a arrelhar alguém, sempre pronto a uma gargalhada. Ouviu chegar o jornal e foi buscá-lo para desviar o marido do sermão.

– Deixa de te preocupares. – Deu-lhe um beijo na cabeça e estendeu-lhe o jornal. – O Harry é um miúdo bem adaptado. Tal como tu eras – picou-o ela.

Ele sorriu e nada disse. Beth conhecia-o bem. O marido gostava daquilo.

– Mais café?



– Hum, não, obrigado. Não posso ficar nervoso.

Ela serviu-se de uma primeira chávena e foi para o pé dele, ver o que vinha na primeira página. Nada de especial, desconfiava, pois ouvira as notícias na rádio logo pela manhãzinha, enquanto o marido estava no duche.

As notícias tratavam do Médio Oriente e da guerra ao terrorismo. Nada de novo, de facto. Voltou a sentar-se e mastigou a sua torrada integral, deitando-lhe por cima uma colher de mel para a tornar mais saborosa.

MENINO SALVO NO MAR MAS MULHER AFOGA-SE. William olhou de relance para a pequena notícia no canto inferior direito da primeira página.

– Alguma coisa interessante? – perguntou Beth.

– Não. Uma mulher afogou-se em Sandymount Strand, ontem à tarde. Pelos vistos, salvaram uma criança.

– Que horror. Quem era ela?

– Não dizem o nome. Mal dão os pormenores. Uma unidade de salvamento aérea tentou resgatá-la. – William sorveu o café. – Oh, e os preços das casas subiram outra vez no mês passado.

– Isso não é novo. Nós temos muita sorte, bem sabes.

– O quê, a casa? – Ele olhou em volta.

– A casa, a nossa casa de férias. Dois filhos saudáveis, não temos preocupações financeiras, temos tudo. – Beth suspirou. – Alguma pobre família ficou sem mãe ou filha esta manhã. – Abanou a cabeça para afastar pensamentos mórbidos e levantou-se ao mesmo tempo que o marido.

– Sei que temos muita sorte. – Ele beijou-a na face. – E tu manténs-nos a todos na perfeição. – Era verdade. Beth era uma mãe e esposa maravilhosa. Ele deu-lhe uma palmadinha nas costas. – Até logo. E não saias com esse penteado. Pregarias um susto aos pássaros.

– Engraçadinho. – Acompanhou-o à porta. – Tem cuidado ao conduzires para casa esta noite. Vais estar cansado.

– Ligo-te antes de sair.

– Espero que corra tudo bem. – Ela nunca sabia o que dizer quando ele ia tentar salvar a vida de alguém.

– Pois – suspirou ele. – Eu também.

Beth reparou que o marido tinha um ar cansado, o que não era habitual. Isso era território dela. Normalmente ele era uma fonte de energia.

Fechou a porta e foi ligar o televisor na cozinha enquanto fazia um chocolate quente para ela e outro para Harry. Queria ouvir se haveria mais

notícias sobre a pobre mulher que se afogara.

*Richard e Daisy*

RICHARD KEARNEY ERA ALÉRGICO A LEVANTAR-SE MUITO CEDO, o que era uma pena porque naquela altura o seu sustento dependia das manhãs. Não teria de enfrentar a manhã nesse dia, pois já passara havia muito. Abrindo os olhos cautelosamente, olhou para o relógio, pestanejou porque sabia que estava a vê-lo virado ao contrário ou qualquer coisa assim. O mostrador também tinha um aspeto engraçado, tipo ondulado. Entretanto, o telefone tocou. Quando se apercebeu já parara.

– Muito bem, concentra-te – balbuciou, tentando perceber que dia era e onde devia estar. Tinha uma dor surda mas permanente atrás da cabeça e alguém lhe enchera a boca com algodão como no dentista. Bocejando, abanou a cabeça, tentando desanuviá-la. A língua parecia uma bola de arroz. Levantou-se lentamente da cama e olhou de novo para o relógio. Já de pé, percebeu por que razão lhe parecera estranho. Estava imerso num copo de água. Calculou que devia ter sido hilariante às três da manhã.

– Olá, querido.

Não ficou surpreso ao ouvir a estranha voz feminina a murmurar debaixo do edredão, porque se lembrava bem da sessão escaldante em que estivera antes de perceber que não conseguia levantar o dito e de perder a consciência.

– Que dia é hoje?

– O quê?

– Hoje, que dia é? – Ele já procurava a roupa.

– Quinta-feira, porquê?

– Merda, tens a certeza?

– Sim, claro e sabes porquê? – Uma cabeça loura e desgrenhada espreitou por entre os lençóis.

– Não faço ideia. – Ele agarrou nos *boxers*.

– Porque ontem foi quarta-feira. – A bonita rapariga loura soltou uma risada. – Volta para a cama, por *favooooor*?

– Não posso, Viv, desculpa. Já estou em maus lençóis. – Já saíra do quarto e ia a meio caminho do chuveiro antes de ela decidir o que fazer a seguir, que era normalmente afastar o edredão e mostrar ao seu homem que género de incentivo lhe oferecia.

Richard premiu o número três do teclado com o rosto contraído como se estivesse cheio de dores.

– Estou, Maggie? – perguntou, hesitante, tomando como um bom sinal ela ter atendido ao ver o seu nome surgir no telemóvel. – Olha, não me deixes pendurado, juro-te que já estou a caminho – disse à sua gerente, a única mulher no mundo de quem tinha medo, apesar de ser ele o patrão.

Maggie geria o café com mão de ferro e, apesar de nunca o ter admitido, era exatamente do que ele precisava. Estava às voltas no duche, agarrando em toalhas e tentando lavar os dentes enquanto fazia a chamada.

– Olá, Maggs. – Olhou para o ecrã, praguejou e voltou a marcar o número. – Maggie, ouve-me só... está lá? Está? Merda! – rosnou e atirou o telefone ao chão. Felizmente o tapete aparou a queda.

No duche tentou pensar com lógica. Devia ter sido ele a abrir o café naquela manhã. Deus do céu, ela ia matá-lo. Não existia desculpa alguma no planeta que a pudesse amansar.

Dez minutos mais tarde, limpou-se à pressa e vestiu a única camisa limpa que encontrou.

– Viv, querida, desculpa, mas tenho de me ir embora.

Ela estava a dormir. Ele não tinha tempo para aquela treta, por isso abanou-a para a acordar.

– Que horas são? Richard, para, estás a magoar-me. – Sentou-se rapidamente.

– Ouve, tenho de ir. Toma algum dinheiro para o táxi. Está à vontade, bebe um café, o que quiseres. Depois ligo-te. – Pensou em beijá-la, mas percebeu que não lhe apetecia. – Fecha a porta quando saíres! – gritou-lhe enquanto pegava nas chaves e na carteira e verificava se levava o telemóvel.

Durante o caminho, pensou na noite anterior. Fora muito divertido. O seu melhor amigo, Tom Dalton, era a mais recente grande novidade da rádio e era convidado para tudo, e, invariavelmente, Richard acompanhava-o.

– Olá, pá, que horas são? – saudou-o o amigo. Marcara o número no primeiro semáforo vermelho esperando que não houvesse polícias à espreita porque o seu *kit* mãos livres estava partido.

– São nove e meia e tu, idiota, não tens de estar em lado algum até hoje à noite, diria eu. – Richard riu-se e a tensão acalmou à medida que continuavam a gozar um com o outro. Gostava daquilo e respondia na mesma moeda.

– Pois, acabei de a deixar – admitiu, em resposta à pergunta sobre Viv e o que tinham andado a fazer. – E tu?

Tom tivera a mesma sorte, parecia, e cumprimentaram-se sobre a sua capacidade de atrair o sexo oposto, apesar de Richard não mencionar a sua incapacidade para fazer fosse o que fosse quando enfiara Viv na cama.

– Tenho de ir, quando lá chegar vou levar um raspanete – suspirou.

– A Maggie? – riu-se Tom.

– Não fales no mal. Ela vai linchar-me.

– Ó homem, mas tu é que mandas, lembras-te? – Todos conheciam bem Maggie. Tom também ficava aterrorizado com ela. – Por que razão a manténs? – perguntou ele a Richard. – Ela põe-te a cabeça em cacos. – Não era a primeira vez que tinham aquela conversa.

– Preciso dela. Poupa-me uma fortuna e, além disso, é a mulher mais eficiente que alguma vez conheci. – Richard sentia a cabeça a latejar de novo. – De qualquer maneira, falo contigo mais tarde. – Estacionou num lugar proibido e tentou dirigir-se despreocupadamente para o café. Empurrou a porta, mas esta não se abria. Só então reparou que não havia luz lá dentro.

– Richard, aqui!

Olhou para a relva e viu Hazel, o cozinheiro e Lucy, a empregada de mesa, a fumar e a beber café com ar despreocupado. Tommo, o empregado da cozinha – no fundo, um pau para toda a obra –, estava sentado num banco ali perto, a mandar mensagens por telemóvel. Para a namorada, desconfiava Richard. Era o que ele mais fazia durante o trabalho, de qualquer modo. Richard caminhou apressadamente até eles, sem parar para admirar o lindo jardim que tinham a sorte de ter em frente ao café. No verão, aquela joia escondida fazia de Ringsend um paraíso para os estudantes, os empregados dos escritórios da zona e as mães rabugentas que tentavam manter os filhos ocupados. Richard pensara sempre que a proximidade do mar acrescentava

um ar de languidez ao sítio, e significava que tinham bastante movimento com comida para fora – um bónus inesperado que ele aproveitava, com uma ementa do género «piquenique no jardim» sempre que havia sol.

– O que se passa, onde está a Maggie? O que fazem aqui sentados, deixando todos os clientes ir para aquele sacana do outro lado da rua?

Richard deu um pontapé na chávena vazia que Hazel acabara de pousar no chão a fim de atender o telemóvel. Naquela altura, ele próprio sentia uma enorme necessidade de cafeína. Disso e de uma sandes de analgésicos – o que não era recomendado pelos fabricantes.

– A Maggie não pôde vir – explicou Lucy despreocupadamente.

– O quê? – Richard ouviu mas não compreendeu.

– Ligámos-lhe, mas ela disse que estava ocupada.

– Então, quem abriu a loja?

– Ninguém. – Tommo acabara de enviar as mensagens e espreguiçava-se desfrutando o sol ainda morno de outono.

Richard começava a ficar irritado. Aproximando-se, perguntou com voz calma:

– Então, por que raio ninguém me ligou?

– Nós ligámos montes de vezes. – Hazel olhou-o com ar reprovador.

– Ninguém atendeu. – Lucy encolheu os ombros e fez um balão cinzento de pastilha na direção dele. Ele teve vontade de a rebentar na fronha presunçosa dela.

– Quer dizer que o raio do café esteve fechado toda a manhã? – perguntou, incrédulo, sabendo que não valeria a pena irritar-se. De qualquer modo, eles não ligavam nenhuma.

– Ainda nem sequer são dez horas. – Tommo tinha aquele seu ar habitual aturdido e confuso.

– Certo. – Richard mudou de tática. – Já cheguei, por isso, vamos para dentro e toca a trabalhar. – Dirigiu-se para a porta e praticamente empurrou-os à frente mal a abriu. – Hazel, põe os fogões a funcionar. Lucy, acende as luzes e põe a música. Tommo, pousa o raio do telemóvel e limpa aquelas mesas. De qualquer maneira devias fazê-lo sempre antes de ires para casa, à noite. Quantas vezes tenho de te dizer isto, que diabo?

– Ontem já era tarde e a Maggie disse-me que as deixasse assim.

O jovem estava carrancudo e Richard teve vontade de o despedir ali e naquele momento, mas Maggie esfolá-lo-ia vivo se o fizesse. Ela gostava

mesmo daquele idiota.

– Bem, sou eu quem manda aqui e ninguém vai para casa até as mesas estarem limpas e o chão lavado, entendido?

– Sim, chefe. Eu ajudo. – Lucy sorriu, a pacificadora, como de costume.

– E toma, Tommo, tira dali o meu carro e depressa.

Richard atirou-lhe as chaves e preparou-se para enfrentar a batalha do dia.

Eram três horas, só bebera um copo de sumo de laranja e, por essa altura, tinha a cabeça em farrapos. Vários dos clientes habituais queriam saber a razão por que não abriram cedo, e Dolores, a presumida diretora de Recursos Humanos da grande empresa de *software* da porta ao lado, queixou-se que tivera de levar clientes a tomar o pequeno-almoço a outro lado.

– Não serve, Richard. – Atirou para trás o cabelo louro e acenou-lhe com o dedo espetado. – Somos os teus clientes fiéis, não te esqueças. Precisas de nós.

Richard pensou que precisava dela como de gonorreia. Ela nunca lhe perdoara desde que lhe rejeitara os avanços no *pub* no último Natal. Que diabo, ele saíra sem acabar a cerveja que bebia, e isso dissera tudo. Ela era uma sirigaita.

– Desculpa, Dolores, não volta a acontecer. – Forçou um sorriso. – Come um bolo por conta da casa, está bem? – *Vaca gorda*, pensou, enquanto lhe dava o bolo.

Teve de arrancar a chávena de café da mão de um aposentado às cinco e dez porque já não conseguia aguentar mais. Tinha os olhos a arder e nem a comida para a ressaca – nem um comprimido efervescente com cafeína, oferecido por Lucy – o ajudara a movimentar-se mais depressa.

Baixou a capota do *Audi* a caminho de casa para tentar desanuviar a cabeça. Levou dez minutos até sentir os ombros mais relaxados.

Ligou a outro amigo.

– Ei, Jim, queres ir tomar rapidamente uma cerveja?

– Sim, quero. Tive um dia tremendo.

Richard riu-se. Parecia que Jim também estava um caco.

– Daqui a dez minutos. O quê? Não, já estou a caminho. Eu encomendo as bebidas. – Desligou, com um suspiro. Céus, que dia. Além disso, teria de

enfrentar Maggie pela manhã. Richard esfregou a testa. Mesmo assim, uma cerveja ajudaria de certeza a aliviar a dor.

O telemóvel tocou.

– Olá, Daisy, como vai isso? – perguntou, cautelosamente, sabendo que teria de agir com cuidado.

A noiva de Richard era perspicaz quando se tratava das suas vagabundagens, como ela lhes chamava. Fez-lhe imensas perguntas sobre a noite anterior.

– Não, nada... fomos só a uns concertos, nada de mais... não, fui para casa bastante cedo. O que fizeste tu? Como está a tua mãe? Não, querida, não consigo ir... vai tu... não, não me esqueci do fim de semana. Está tudo organizado... está bem, querida... Sim, vou para casa... certo, falamos depois... para ti também, miúda. – Desligou o telemóvel.

Céus, precisava de ter muito cuidado. Daisy andava desconfiada. Era demasiada coisa para pensar naquele momento. Ligou o rádio para se descontrair um pouco.

– A jovem que se afogou a noite passada em Dublin ainda não... – relatava o jornalista.

– Não, obrigado. – Richard procurou outra estação com coisas mais agradáveis.



*James e Tamsin*

MAL ABRIU A PORTA DA FRENTE, James percebeu que algo estava mal. Havia demasiado silêncio. Mesmo na sua casa bonita, pintada de creme e castanho e sem crianças, havia sempre cães em alvoroço e o ruído de televisão ou rádio. No mínimo, haveria música a tocar. Tamsin adorava música. Soube de imediato que aquele silêncio só podia significar uma coisa.

– Está alguém em casa? – A voz soou com um falso tom animado. – Tamsin, querida, onde estás? – Na maior parte das noites, ela vinha cumprimentá-lo e sorria, independentemente de como tivesse corrido o dia, e quase sempre ladeada por um cão ou dois.

– Estou aqui. – A voz acriançada era quase inaudível. Sentiu o coração começar a bater mais depressa e deixou cair a mala, atirando o casaco para um lado enquanto se dirigia rapidamente para o quarto.

Tamsin encontrava-se enrolada sobre si como a criança por que tanto ansiava. Tinha o cabelo cor de cobre desgrehado e os olhos cinzento-esverdeados inchados. Agarrou-a e apertou-a contra si. Permaneceram assim vários minutos. Nenhum falou. Não era necessário. Os soluços dela diziam-lhe o que ele temia ouvir. Embalou-a gentilmente, afagando-lhe as costas.

– Chiu, está tudo bem, querida. Está tudo bem.

– Tinha acabado de entrar no chuveiro e tomava banho quando... vi sangue. – Os soluços dela eram mais fortes e abalaram-no também.

– Ligaste ao médico?

– Não, não valia a pena, ele não pode fazer nada, já fez tudo o que era possível. – Ela olhou para o marido como se ele conseguisse resolver alguma coisa. – Oh, James, o que vamos nós fazer?

– Ainda não sei, amor, mas tudo irá ficar bem, prometo. – Beijou-a na cabeça e apertou-a o mais que pôde, desejando alterar as coisas por ela. Por ambos.

Passados alguns minutos, ele ergueu-lhe o rosto e beijou-lhe os olhos marejados. Os seus também estavam húmidos.

– Queres que faça um chá para os dois?

– Nããão. Não quero que me deixes.

– Está bem. Então porque não vens até à cozinha comigo, eu levo o edredão, e podes enroscar-te no sofá enquanto te faço um chá de ervas?

Tamsin assoou-se e ele ajudou-a a levantar-se, devagarinho, apertando o grande roupão branco em volta dela, apesar de o aquecimento por baixo do chão manter a casa sempre aquecida. Levou-a até ao grande e confortável sofá, com os cães e o edredão a arrastarem-se atrás.

*Levi e Wrangler*, os dois terriês brancos, andavam à volta dela e até *Pepe*, o galgo inglês que haviam salvado, e que normalmente se contentava em observar os movimentos da família do conforto do seu cesto almofadado, veio para o pé dela, como se sentisse o sofrimento que a atormentava.

James mal tivera tempo de a aconchegar antes de os dois cães mais pequenos reclamarem um lugar ao colo de Tamsin. *Pepe* sentou-se aos seus pés e James desviou o olhar ao vê-los, não fosse a dor dele perturbá-la.

James fez um chá de arandos e framboesas e deu-lho a beber.

Permaneceram sentados durante um bocado, cada um perdido nos seus pensamentos, mas com eles aquela situação nunca se prolongava muito. Partilhavam tudo.

– Sinto-me tão vazia. – Ele nunca a vira com um olhar tão triste. – Assim de repente, sinto... – Mordeu o lábio. – Acho-me um enorme fracasso. – Recomeçara a chorar.

– Querida, não és nenhum fracasso. Ele também tinha os olhos marejados. – És a melhor mulher do mundo, eu amo-te mais que tudo na vida e não te deves atormentar assim com isto.

– Sei o que significa para ti também. – Ela estendeu a mão para lhe limpar os olhos e depois puxou-o para si. – É que me sinto tão... tão mal. Dói, James. Dói mesmo.

– Eu sei, amor, eu sei.

– O que iremos fazer agora?

– Não sei. Pensaremos nisso amanhã.

– Sentia-me tão bem desta vez. Tinha a certeza de que estava... grávida. Não sei, sentia-me diferente.

– Eu sei, estavas sempre a dizer isso. Eu também me sentia bem.

James não lhe dissera até que ponto daquela feita acreditara na gravidez. Arquitetara todos os planos para a sua feliz vida futura.

– Tenho tanta pena, acho que não consigo dar-te o bebé que tanto queres.

– Não é culpa tua. – Pegou-lhe no rosto. – Desta vez não estava destinado, só isso.

– Mas é o fim, ambos concordámos que seria a nossa última tentativa.

Ele calou-a pondo-lhe um dedo nos lábios.

– Não te atormentes com isto esta noite, vá, sê valente.

– Sabes o que eles disseram. – Recomeçou a chorar. – Disseram-nos que era o fim, mesmo...

– Eu sei, eu sei. – Ainda não se sentia preparado para falar.

– Será que ultrapassamos isto?

– Sim, ultrapassamos. Temo-nos um ao outro e já passámos por outras coisas antes.

– Contudo, não como desta vez. – Ela apertou-se contra ele. – Amo-te, James. Não sei o que faria sem ti.

– Também te amo.

Continuaram sentados, falando mais um pouco, e depois ele levou-lhe uma sopa, em que ela mal tocou.

– Queres que faça mais chá?

Ela abanou a cabeça. Ele serviu-se de um copo de vinho e sentou-se ao lado dela. Tamsin nada disse, mas James sabia que ela não aprovava aquilo.

Tamsin só bebia em ocasiões especiais e era uma das poucas coisas em que não estavam de acordo. James apreciava um copo de vinho de vez em quando, especialmente depois de um dia difícil, e detestava ter de o justificar perante ela. Por vezes discutiam, em particular se ele ia com os amigos beber um copo depois do trabalho, o que raramente acontecia. James sabia que seria mais fácil se não bebesse nada, mas de qualquer modo fazia-o, e isso surpreendia-o. O pai de Tamsin bebera de mais e ele sabia que essa era a causa da resistência dela, mas por vezes conseguia ser muito pouco razoável e havia alturas em que se aborrecia.

Bebeu o copo todo e teria gostado de beber outro. Tivera um dia de cão, mesmo antes de tudo aquilo. Porém, em vez disso, ajudou-a a voltar para a cama, beijou-lhe os olhos vermelhos do choro e lavou-lhe o rosto com uma toalha morna.

– Não lavei os dentes.

– Deixa-me ver. – Provocava-a. – Acho que vão sobreviver até amanhã de manhã. A não ser que tenhas andado a comer caramelos?

Ela abanou a cabeça.

– Muito bem, enrosca-te aí. – Arranjou as almofadas. – Queres que te faça um cacau?

– Sim, por favor.

– Volto já. Queres uma bolachinha de chocolate a acompanhar? – Tentava incentivá-la a comer, mas ela abanou a cabeça.

Quando voltou, já Tamsin dormia. Pegou numa mão cheia de comida e esboçou uma careta, depois resolveu deixar as coisas ao lado dela. Fez-lhe uma festa no rosto e alisou-lhe o cabelo. Mesmo a dormir, tinha um ar preocupado, e ele beijou-a no cabelo e desejou novamente conseguir afastar dela o sofrimento.

Depois de lavar os dentes e de passar a cara por água, deambulou um pouco pela casa. Queria realmente percorrer os canais de televisão ao acaso durante uma hora ou duas até descobrir um *reality show*, mas sabia que Tamsin iria procurá-lo na cama, mesmo adormecida, e ficaria perturbada se ele não estivesse lá. Bocejando, foi deitar-se ao lado dela, após fechar tudo e ter a certeza de que os monstros tinham feito o chichi da noite.

Ligou o televisor com o som baixo. Apesar de exausto, James sabia que não conseguiria adormecer àquela hora da noite. Estava demasiado enérgico, a emoção atormentava-o. Tinham começado as notícias das nove e apanhou o final de uma reportagem sobre um afogamento. Surgiu rapidamente uma fotografia no ecrã e ele não teve a certeza de a ter visto bem. O coração começou a palpitar mais depressa enquanto esperava por mais informação, mas o locutor passara para uma reportagem sobre o Iraque, por isso James mudou rapidamente para outros canais irlandeses a fim de ver se estariam a dar notícias. A RTE 2 passava um programa de desporto e a TV3 uma série americana. Voltou ao canal inicial e esperou pelos cabeçalhos no final do boletim informativo, mas não tornaram a mencionar a história.

Por fim desligou o televisor e o candeeiro da sua mesa de cabeceira e deixou-se ficar deitado no escuro, desperto. James sabia que não conseguiria dormir até ter a certeza. Via ainda claramente a fotografia que tinham passado no ecrã minutos antes. Parecia-se imenso com Alison. Levantou o

edredão, desceu até lá abaixo e esperou, impaciente, por mais notícias. Não parava de dizer a si próprio que estava a ser ridículo.

*Dave e Marie*

O *PUB* ESTAVA À CUNHA. Era assim todas as quintas-feiras e Dave Madden gostava imenso. Também Marie, a sua mulher. A única coisa que o aborrecia era a maldita proibição de fumar. Sempre que pensava no sacana do anterior ministro da Saúde, Michael Martin, deitava chispas. No entanto, pouca coisa irritava Dave. «Tem calma, amor», dizia ele constantemente à mulher, que levava tudo a peito e deixava sempre que as coisas a afetassem.

– Vou lá fora fumar. Queres outra bebida? – perguntou ele.

– Não, obrigada. O que se passa contigo? Estás cá com uma cara!

– Preferia antes tomar a minha cerveja cá dentro. Contigo, meu amor – acrescentou, para amenizar a coisa, dando-lhe um beijo. – Estás linda hoje, querida.

Dave tinha sempre as palavras adequadas. A mulher era muito sensível em relação ao seu aspeto e em especial quanto ao peso, desde que chegara à mudança de idade alguns meses antes. Anos e anos daquilo – na maior parte das vezes em tom de brincadeira – significavam que ele já sabia de cor a arenga, mesmo se não achasse realmente que ela continuava uma brasa.

Marie Madden sorriu para o marido. Ele era o bonitão e ambos sabiam disso. Mesmo depois de todo aquele tempo ela ainda gostava de ser vista em público com ele. Com quarenta e oito anos mantinha um cabelo farto – dele mesmo – e o facto de ser treinador de futebol, andar de bicicleta e de ir ao clube de golfe local davam-lhe um corpo de trinta. Era um dos homens mais populares da zona, e ela estava feliz por o ter apanhado em novo. Dave fora sempre alvo de olhares de outras mulheres desde que tinham começado a namorar, em adolescentes, e isso não diminuía nem um pouco à medida que fora envelhecendo. Marie achava que ele ficara ainda mais bonito com a idade. Se ao menos pudesse dizer o mesmo de si própria! Suspirou, odiando o facto de estar a chegar aos cinquenta. Naquele dia, sentia-se como se tivesse setenta. Doíam-lhe as articulações e, ao olhar-se ao espelho, pouco

antes, reparara que as bochechas estavam mais descaídas e que as rugas em redor dos olhos a faziam parecer permanentemente cansada, ao passo que o marido tinha um rosto fresco e cheio de vigor.

– Joan? – Dave acabou a conversa com um companheiro de golfe e virou a atenção para a irmã de Marie, que bebia *Bacardi Breezer*.

– Não, Dave, obrigada.

– Outra dieta? – Era a única altura que ela recusava uma bebida.

– Mais ou menos, estou a tentar ficar no meu melhor. – Por fim, inclinou-se para ele. – Conheci um tipo e ele está aqui, por isso não quero ficar bêbeda.

– Quem é ele? Conheço-o? – Dave olhou em volta da sala.

– Não, mas talvez to apresente mais tarde. – Joan mostrava-se muito calma em relação ao assunto. Era uma loura deslumbrante na casa dos quarenta, divorciada, com um filho adolescente que lhe dava uma trabalhadeira, e tinha receio de assustar outro homem por parecer demasiado ansiosa.

– Mal posso esperar. Tu pareces fazer o teu melhor. – Piscou-lhe um olho e apertou-lhe o ombro. – Diz-me se quiseres que te ajude a fazê-lo sentir ciúmes – brincou, tendo ouvido as raparigas falar sobre o assunto mais do que uma vez depois de umas garrafas de vinho e comida chinesa na cozinha dele. – Bem, então vou até lá fora apanhar ar fresco. – Pegou no copo e bebeu um gole antes de se dirigir para a rua.

Habitualmente conhecia toda a gente ali e nunca faltava conversa, mas naquela noite jogava ali perto uma equipa de futebol de Tipperary ou de qualquer sítio assim e, após alguns cumprimentos, deu por si sem companhia.

Acendeu um cigarro e inspirou profundamente. Dave fumava desde os catorze anos e, mesmo passados todos aqueles anos, continuava a sentir imenso prazer em cada passa.

Nada se igualava à primeira passa do dia; era a de que ele gostava mais. Recentemente Marie andara a queixar-se do cheiro a fumo e a falar de fazerem um pátio lá fora, por isso Dave achava que seria apenas uma questão de tempo até ter de desfrutar esse prazer matinal também na rua. O maldito país enlouquecera, com toda aquela mania da reciclagem e impostos sobre os sacos de plástico e tudo isso. *Para de te queixares*, repreendeu-se a si próprio. *Pareces um velho*.

Dave pensou que seria bom se houvesse ali um banco onde se pudesse sentar e descontraír. Porém, desde que os toldos bonitos tinham sido levantados e os aquecedores do pátio instalados, já não havia hipótese.

Agora encontravam-se ali demasiados *yuppies* todas as noites. Além disso, a quinta-feira era praticamente o início do fim de semana, com todo o dinheiro que corria na Irlanda daqueles últimos anos. Ouvia um grupo de homens de fato a discutir o preço das casas e como uma vivenda com três assoalhadas em Drumcondra fora recentemente vendida por um milhão e sentiu-se animar. Fora ótimo estar no negócio da construção nos últimos anos e este não mostrava sinais de abrandar, apesar do que os especialistas diziam.

Encostou-se à parede, tentando aliviar a tensão nas costas. Tal como a mulher, Dave não gostava de envelhecer, mas, ao contrário de Marie, trabalhava bastante para cuidar de si. Marie falava de se pôr em forma enquanto estava sentada, na maioria das vezes a comer um pacote de bolachas de chocolate e a falar ao telefone com Joan, enquanto Dave se levantava e fazia qualquer coisa por isso. Também gastava muito dinheiro em roupa, e usava produtos para o rosto, ao contrário da maior parte dos amigos. Gostava que as mulheres ainda olhassem para ele quando entrava numa sala. Um casaco de bom corte e uma camisa decente faziam maravilhas, decidira ele havia muito.

– Como vai isso? – cumprimentou o seu velho amigo John Brophy. – Vais ao golfe este fim de semana?

– Não tenho planos. E tu?

– Talvez vá dar umas tacadas no domingo de manhã, se quiseres?

– Ah, acho que não.

– Ainda não te sentes em forma?

– Não e não digas nada à minha mulher. Sabes como são as mulheres.

– Pois sei, sim. – O amigo indicou-lhe o copo quase vazio. – Bebes outro?

– Não, obrigado. – Dave sorriu. – Estou a tentar beber menos. – Bateu no estômago.

– E eu sou o Muhammad Ali. – John fechou as mãos em punhos e executou alguns passos de pugilismo.

– És patético – disse Dave ao amigo, mas sem intenção de o magoar.

– Nem todos podemos ser o sacana do Brad Pitt. – John deu algumas palmadinhas amigáveis no rosto do amigo. – Macio como o rabinho de um bebé. Todos esses cremes para a cara devem valer a pena, hein? – John gostava imenso de provocar Dave sobre não parecer ter a idade que tinha. – Bem, vemo-nos lá dentro. A patroa deve andar à minha procura.

– Tem calma, homem! – riu-se Dave.



Descobriu uma mesa vazia e sentou-se para desfrutar mais um cigarro e acabar de beber a cerveja em paz. Observou novamente o grupo dos homens de fato. *Marks and Spencers*, calculou, reparando no corte da maior parte dos casacos e das calças. Roupa de trabalho básica e boa, mas não para ele. Só vestia *Boss* e *Armani*. Não que usasse fatos a trabalhar, exceto quando tinha reuniões. Marie brincava sempre com ele dizendo-lhe que era o único homem que ela conhecia que reparava no que os outros homens vestiam, mas ele fora sempre assim, mesmo quando não tinha um tostão.

Tinham deixado ali um exemplar do *Evening Herald*. Acendeu outro cigarro e deu uma vista de olhos à página principal.

MULHER AFOGA-SE AO TENTAR SALVAR CRIANÇA, leu, e olhou para a fotografia. Tinha um ar jovem. Foi só quando leu a legenda que percebeu. *Alison Ormond – acidente ou suicídio?* Tretas de tabloide típico e sensacionalista, foi a sua primeira reação. Então voltou a olhar.

Céus, pensou. Levantou-se de um salto, atirou fora o cigarro e foi para a luz a fim de ler melhor. Devia ser outra Alison, com o mesmo nome, decidiu, porque a fotografia não se parecia nada com ela. Porém, ao observá-la melhor, percebeu que era mesmo ela. Os olhos não enganavam.

Leu o artigo, depois virou para a página dois como indicavam. Aí os pormenores eram vagos. Uma mulher telefonara para os serviços de emergência depois de ter ficado encalhada na praia com a subida da maré, em Sandymount Strand, na tarde da véspera. Tinha o filho pequeno com ela. Alison não tinha filhos, por isso ficou de novo esperançoso. Devia ser engano, decidiu, olhando ainda fixamente para a fotografia a preto e branco. Tinha o cabelo diferente, parecia mais nova – mas era mesmo Alison, apostaria nisso a vida. Dave estava destroçado. Alison Ormond fora sua amiga, sua confidente, sua amante. Não suportava pensar que ela morrera.

*Lily*

EU ERA A PATETA NA NOSSA PEQUENA FAMÍLIA, dizia a minha irmã. Preferia a calma, era mais tranquila. Alison preocupava-se por ambas, e de qualquer modo era tão dinâmica e empreendedora que havia poucas decisões para eu tomar, por isso era fácil ser um pouco lenta a agir e arrastar os pés. A minha irmã gémea tinha uma visão muito precisa sobre a vida e era muito difícil dizer-lhe que não, portanto, na maior parte do tempo, deixava-me ir ao sabor da onda. Suponho que me dava jeito. Certamente que me tornava mais fácil a vida, embora ocasionalmente me apetecesse gritar: «Não, não é o que eu quero.» Porém, nunca o fiz. Por outro lado, a minha irmã era a pessoa mais bondosa, mais generosa do mundo e tudo fazia para ajudar as poucas pessoas que amava, nomeadamente a mim e ao Charlie, o seu filho.

Alison, Charlie e eu vivíamos bem juntos. Desde que ele nascera, a minha irmã descontraira um pouco. Tinha também de depender de mim um pouco mais, o que era – surpreendentemente – uma boa sensação.

Nessa noite, ocupava-me com o meu passatempo favorito – imaginar o que faria se ganhasse o totoloto – e por isso recordo-me da fração de segundo em que a vida tal como a conhecia mudou para sempre. A cozinha estava repleta do cheiro a rosmaninho, alho e bom azeite enquanto eu tentava aperfeiçoar um pão novo para acompanhar o jantar que Ali prometera. Na verdade apenas matava o tempo – e cozinhar era uma das poucas coisas que me absorviam completamente. Estivera a ver televisão durante algum tempo, mas não me conseguia concentrar. Algo se passava com Alison e eu queria perceber.

Quando ouvi um barulho, escancarei a porta – apesar de a minha irmã me dizer que visse primeiro quem era –, preparada para apanhar o que fosse empurrado na minha direção. Ali voltava sempre para casa com o filho num braço e as compras no outro e normalmente libertava-se do peso que mais a afligia, que, na maior parte das tardes, era o fardo que se contorcia. Nunca

usava as chaves quando sabia que me encontrava em casa. Uma vez saída do carro, limitava-se a esperar até que um dos nossos vizinhos estivesse a sair ou a chegar e normalmente assinalasse a sua chegada dando um pontapé na porta do apartamento.

– E a que horas tu... – Levou-me um instante a perceber que não era ela. Primeiramente olhei por cima dos ombros deles, na expectativa de ver uma Ali envergonhada pedindo-me desculpa por me pregar um susto. Mas o átrio estava deserto. Creio que dei um passo atrás então, talvez por ter visto algo no rosto deles, vazio, apesar de nem mesmo na minha mais fantasiosa imaginação – e eu tinha alguma – poder ter imaginado a notícia de um total horror que me vinham dar.

– Como entraram? – Pensei então que eles não vinham à minha procura, pois não tinham tocado nem buzinado.

– Um dos seus vizinhos ia a sair – explicou o polícia mais velho, um homem, com toda a calma.

– Viemos falar com Lily Ormond. – A agente falou num tom prosaico, tal como eu ouvira muitas vezes na série *The Bill*.

– O que aconteceu?

– Podemos entrar?

Dei mais um passo atrás.

– Por favor, digam-me, houve algum acidente?

O homem de cabelo grisalho fez um gesto de assentimento e apresentou-se e à colega.

– Onde está ela? Tenho de a ver... – Sentia o pânico a invadir-me.

– Talvez possamos ir a qualquer lado por instantes. – A jovem tinha um ar demasiado simpático e inocente para o que eu desconfiava que estaria prestes a dizer. A primeira coisa que me ocorreu foi que tivesse havido um acidente de viação. – Talvez queira sentar-se...

– O menino, onde está o Charlie?

Recordo-me então de ter gritado, sem conseguir acreditar que me esquecera dele, mesmo que fosse um segundo.

– O menino está bem – respondeu o homem de imediato.

Soube então que teria de ser alguma coisa com Ali e afastei-me deles, recusando-me a ouvir o que pareciam querer dizer-me.

Fizeram-me sentar e explicaram-me o mais cuidadosamente possível que a minha irmã – a minha amiga de sempre, a minha alma gémea – morrera.

– Não – respondi baixinho, e então a palavra começou a soar mais alto na minha cabeça até me aperceber de que gritava com eles. De súbito a cadeira pareceu desintegrar-se debaixo de mim e senti-me como que a liquefazer-me, como geleia, no chão.

Eles fizeram tudo o que foi possível, agarraram-me na mão, fizeram chá, deixaram-me chorar à vontade, conforme me iam explicando com calma o que acontecera enquanto eu estivera a ver *EastEnders* e a chupar rebuçados de cravinho. Depois, ficaram ali durante imenso tempo, tentando convencer-me a deixá-los chamar alguém para ficar comigo, mas eu não conseguia pensar em ninguém. Sally, a minha melhor amiga, vivia na Austrália, e Orla, a minha antiga colega de escola, trabalhava num hotel em Brighton.

– Tem de ter alguém de família? – Incitavam-me eles com doçura. – Outros irmãos e irmãs... talvez uma tia ou um tio?

Porém, não conseguia pensar em ninguém – ninguém que eu quisesse ver, no fundo.

– Éramos só nós as duas... e o Charlie.

A voz embargou-se-me. Como lhes poderia eu fazer entender que a única pessoa que poderia ter ajudado naquela noite era a que me fora tirada por eles com o seu modo calmo de me atirar uma bomba?

– Tenho de ver o menino, quero ver se ele está bem. – Levantei-me e senti a cabeça leve. – Levam-me, por favor?

Agarrei na mala e passei um pente pelo cabelo, como se isso tivesse importância.

Quando o vi tinha um ar assustado, embora a enfermeira filipina me dissesse que estivera com ele o tempo todo.

– Lily! – Ele estendeu os bracinhos e agarrei-o. Vieram-me as lágrimas aos olhos, e então todos se afastaram em bicos de pés, para me darem espaço, apesar de que o que eu precisava era da claustrofobia dos braços da minha irmã à minha volta, aquela maneira com que ela me consolara mil e uma vezes, como na altura em que a nossa mãe morrera ou que o nosso pai estava de mau humor.

– Mamã Lily. – Charlie não parava de repetir o meu nome enquanto chorava, agarrando-se a mim com todas as forças. Normalmente, ele não nos conseguia distinguir quando via Alison e eu juntas e isso tornara-se uma

espécie de jogo de adivinhação a que os três estávamos sempre a brincar. Chamava a Ali mamã e a mim mamã Lily, embora por vezes olhasse para ambas quando gritava os nossos nomes como que para abarcar todas as suas opções. Porém, eu bem via que eram os olhos dela que se acendiam como faróis de cada vez que o via, e era ela quem o olhava com uma ternura delicada e tinha olheiras porque nunca dormia como devia ser, à noite, desde que ele viera ao mundo. Ele, contudo, via-nos como idênticas, tal como a maioria das pessoas, apesar de naquela noite horrível ter sabido que eu não era ela.

– A mamã partiu – foi tudo o que ele disse.

– Está tudo bem, Charlie, eu estou aqui. – Apertei-o contra mim o mais que pude, mas sem o magoar. – A mamã Lily está aqui. – Comecei a embalá-lo e tentei parar de chorar. Por fim, ele soltou-se.

– A mamã partiu no mar. – Apontou para a janela.

Beijei-o e disse qualquer coisa estúpida.

– Tudo partiu – repetia ele com aquela vozinha maravilhosa que usava quando comia todas as batatas fritas do pacote e depois não acreditava que estivesse vazio.

– A mamã está no céu – disse-lhe com ternura, mas ele nada entendia de religião.

– A mamã está na água. – Tinha um ar aturdido. – O homem no céu levou-me.

Contaram-me então a tentativa de resgate, mas a minha mente recusava-se ainda a ir até esse ponto. Pensava no susto tremendo que ele devia ter apanhado e no terror que a minha irmã deveria ter sentido também. Tentei impedir que as imagens se formassem na minha cabeça, mas só conseguia ver o rosto dela entre as ondas. Subitamente senti como se me estivesse a afogar e o pânico fez-me vomitar, tal o medo e desespero. Sentámo-nos os dois ali, a tremer, até as enfermeiras voltarem e mo levarem depois de nos terem limpado a ambos e mudado a cama e tentado que eu bebesse um chá forte e quente.

Foi só muito mais tarde que compreendi que sem o Charlie talvez não tivesse conseguido lidar com a situação. Tê-lo comigo deu-me algo em que me concentrar naquela noite de breu. Queriam mantê-lo em observação no hospital e, por eu não o conseguir deixar, acabei por me deitar ao lado dele e

adormecer na caminha demasiado pequena e espumosa. Durante toda a noite foi passando um turbilhão pela minha cabeça. Alison mostrara-se tão contente quando faláramos à hora do almoço. Telefonara a perguntar se eu estaria em casa nessa tarde.

– Não vou fazer de ama – fora a minha resposta instantânea.

– Não te estou a pedir isso. – Alison rira-se. – Só queria falar contigo.

– Sobre o quê? – Eu estava à cautela. Falar significava normalmente que ela tinha outro plano para nós.

– Não é nada de mal, não te preocupes. – Interrompera-se, como se prestes a dizer qualquer coisa, depois pareceu ter mudado de ideias. – Contar-te-ei tudo esta noite. É bom, vais ficar contente.

– Estás a tramar alguma coisa – dissera eu, e ambas nos rimos, sabendo que seria muito mais provável que fosse ao contrário. – Não me digas – provoquei-a –, queres que te empreste a minha minissaia azul com os botões prateados?

– Só se me emprestares o teu *top* branco cintilante para condizer – bufou ela, referindo-se à primeira coisa no meu guarda-roupa em que enfiaria uma tesoura à menor oportunidade.

Por isso, eu ficara descontraída e ansiosa por que a noite chegasse. Alison dissera que pediríamos comida italiana – razão por que andara às voltas a fazer pão fresco – e oferecera-se para levar para casa uma garrafa de vinho. Tal extravagância não era normal na minha irmã, a não ser no que dizia respeito a malas de mão. Tornava tudo aquilo ainda mais difícil de compreender.

Ouvir as portas ranger e as solas a chiar nos linóleos foi a minha salvação nessa noite, pois lembrou-me que a normalidade ainda existia num mundo que para mim parara. Não creio que tivesse conseguido ficar sozinha em casa. Assim, enrosquei-me a um canto da cama com o televisor ligado e só me apercebi de que adormecera quando acordei muito cedo e com frio, trémula, apesar da temperatura sufocante do hospital.

Uma outra enfermeira trouxe-me mais chá forte e uma torrada com manteiga e deixou-me um estojo de emergência de *toilette*, que me permitiu, por fim, lavar os dentes e escovar o cabelo, apesar de ainda ter em mim o cheiro a vomitado. Enquanto observavam mais uma vez Charlie, sentei-me num sofá de veludo desbotado, junto à janela, e tentei elaborar uma lista mental das coisas que precisaria de tratar. Até isso me pareceu estranho. Era

sempre a Alison quem se encarregava de todas as listas necessárias, assim como de mil e umas outras coisas. Era a organizadora, quem fazia tudo, a comunicadora. Eu queria alguém que me trouxesse um pequeno-almoço de ovo cozido e torradas ou que, pelo menos, me alegrasse um pouco, como ela costumava fazer quando éramos crianças e o meu pai estava em pé de guerra.

*– Vá lá, Lily, come os legumes, de outro modo iremos ter problemas com o paizinho.*

*– Não quero. Detesto brócolos.*

*– Está bem, fazemos assim, dá-mos cá. – A minha irmã despejava habilmente o meu prato no dela. – Toma lá o meu frango, gostas de frango.*

*– Num instante estava dividido.*

*– Linda menina, come lá tudo e fica calada. O pai está de mau humor esta noite. Se fores boazinha, podemos levar um livro às escondidas para a cama e lê-lo sem ninguém saber. O que me dizes?*

Era apenas uma das mil maneiras que ela tinha de resolver tudo por mim.

A simpática agente da polícia, Susan Malone, bateu então à porta. Olhei para o relógio de parede e vi que eram quase oito. Ela tinha um aspeto ainda mais fresco, ao passo que eu me sentia um farrapo de um dia para o outro.

*– Ainda está de serviço? – Fiquei surpreendida.*

*– Quase a acabar – explicou-me. – Só queria ter a certeza de que se encontra bem e levá-la a casa ou onde quiser ir.*

*– Obrigada. – Estava espantada com tanta amabilidade. – Será bom ir para casa, creio.*

*– Há algumas chamadas que se terão de fazer, coisas a organizar... – a voz esmoreceu.*

*– Creio que sim – concordei, apesar de qualquer tipo de ação me parecer nessa altura para além das minhas forças.*

A enfermeira-chefe de serviço deu-me o seu número direto no caso de precisar de falar com alguém sobre o Charlie e, depois, saímos para enfrentar o dia mais horrível da minha vida até ali.

Decidi telefonar à tia Milly após ter deixado arrefecer várias chávenas de chá com o telefone na mão. Era o mais fácil e, além disso, ela devia saber o que fazer e por onde começar.

Quando a nossa mãe morreu, pouco depois de termos feito cinco anos, foi a tia Milly quem nos ajudou. Era a irmã mais nova da nossa mãe, a que ficara na casa de família, em Cork, e que tomara conta dos nossos avós já idosos. Milly estava sempre pronta a dar, toda a gente dizia: «É o que ela sabe fazer, pobrezinha.»

– Bem merecia que tomassem conta dela, para variar – dissera-me Ali havia alguns meses, quando estávamos a falar sobre a nossa família.

Na altura não dera muita importância ao assunto.

Agora sentia-me nervosa por lhe telefonar, pois havia tanto tempo que não tínhamos contacto. O que fazer se ela não me ajudasse? Marquei o número enquanto proferia uma oração da minha infância que eu e Ali costumávamos dizer todas as noites quando precisávamos de orientação.

– Tia Milly, tenho notícias terríveis – deixei escapar depois de acabarmos os cumprimentos.

– O que se passa, minha querida? – Aquele sotaque irlandês de Cork cantante deixou-me de rastos.

– É a Ali, ela... ela morreu. – Senti as lágrimas virem-me aos olhos ao dizer aquilo pela primeira vez. Mordi o lábio com toda a força.

– Ai, Jesus, Maria e José, o que estás tu a dizer-me?

– Afogada... a noite passada. Foi apanhada pela maré, longe da praia e... e eles não conseguiram chegar lá a tempo. – Tentei manter-me firme. – O menino está bem – apressei-me a dizer.

– Ela tinha levado o menino?

– Sim... – Engoli em seco ao ver que ele me observava. – Mas está bem, não se preocupe. Esteve no hospital, mas apenas para observação. Encontrase aqui ao pé de mim, agarrado aos desenhos animados na televisão.

– Oh, minha pobre querida, nem consigo acreditar no que me dizes. Ainda na semana passada falei com ela.

– Tia Milly, pode vir até cá? – perguntei, algo insegura, mas precisava imenso de uma mãe naquele momento.

– Claro, querida. Irei já hoje. Deixa-me só tratar de algumas coisas por cá e pedir a um dos vizinhos que tome conta do cão.

*Horace.* Foi só no que consegui pensar então. Ali detestava o cão da tia Milly, dizia que ele fazia com que *Gnasher*, o cão de Dennis, *o Pimentinha*, parecesse uma simpatia. Ela dizia sempre que ele tinha a personalidade de Maggie Thatcher. Toda a vizinhança tinha esperança de que algum dia ele se



perdesse e deixavam constantemente a porta do quintal da frente dela aberta, dizia Ali.

– Obrigada. – Fui atirada de novo para o presente. – É só que eu... não consigo lidar com isto sozinha.

– Vou já pôr-me a caminho, não te aflijas. Provavelmente vou no comboio da hora do almoço e depois apanhar o um táxi. Dá-me só algumas indicações, sei que tenho a morada aqui algures. – Conseguia ouvi-la a remexer por lá, à procura de uma caneta e de papel. – Desculpa, querida, estou toda confusa. Agora, dá-me primeiro o teu número de telefone.

Conversámos ainda durante algum tempo, dei-lhe algumas indicações mínimas para o caminho e ela prometeu telefonar-me assim que tivesse tudo preparado.

A seguir liguei a uma outra tia nossa, a única irmã do meu pai.

– Tia Rose, é a Lily... Lily Ormond – senti que devia acrescentar. Havia muito tempo que não nos víamos.

Quando lhe contei, percebi bem que ficou chocada, mas controlou muito mais as emoções. Tal como o meu pai, pensei com amargura. Ali dissera que eles não sabiam ser de outro modo. Parecia que os pais nunca tinham mostrado grande afeto por eles. À medida que respondia às perguntas dela, sentia-me grata por ter tido a minha querida mãe, que tudo nos dera ao longo daqueles primeiros anos cruciais, antes de morrer.

Falámos ainda durante algum tempo e prometi ligar-lhe novamente assim que soubesse mais pormenores. Rose ofereceu-se para vir, mas expliquei-lhe que a tia Milly estava a caminho.

– Irei à missa esta manhã rezar pela pobre rapariga.

– Aquilo foi dito com uma intenção compassiva, mas o modo como o proferiu dava a entender que Ali fizera alguma coisa para merecer tal sorte. Imaginei os lábios finos de Rose pintados com demasiado batom vermelho *Max Factor*, o mesmo com que eu costumava pintar as minhas bonecas, quando éramos pequeninas e ninguém estava a ver.

– Obrigada – agradei-lhe então, pois não conseguia pensar em nada mais.

– Reze também por mim.

– Claro que sim. – Não mencionou Charlie, mas isso não me surpreendeu. Rose nunca aprovara aquele filho.

– E pelo Charlie – disse eu, com firmeza.

– Sim.

Ficava sempre enervada quando falava com ela. Tinha a voz demasiado parecida com a do meu pai. Naquele momento, parecia-me ainda ouvir a voz dele.

– *O que te disse eu sobre fazeres barulho depois da hora de te deitares?*

*O meu pai parecia estar constantemente a patrulhar a casa.*

– *São só sete e meia. Quero ir lá para fora brincar.*

– *Vais para o teu quarto e ficas lá a estudar sossegadinha, senão não terás direito a jantar.*

– *Lily, chiu. Anda cá. – Era Ali a chamar-me. – Não o aborreças. Vamos brincar as duas sossegadas.*

Ali dizia sempre que ele pura e simplesmente não sabia lidar com filhas gémeas. Sabia apenas controlar os mais novos. Porém, éramos boazinhas, sempre calmas, sempre obedientes. Tentei libertar-me dos pensamentos indesejados e fui ver como estava o meu sobrinho. Charlie encontrava-se ainda absorvido nos desenhos animados. Era raro Ali deixá-lo ver aquelas coisas, mas agora isso constituía uma vantagem para mim. Ele estava completamente enfeitiçado por aquilo, sentado numa almofada, hipnotizado com o seu sumo, fechado no seu pequeno mundo descomplicado com gatos a correr atrás de ratos e de dinossauros.

A seguir liguei ao meu chefe. Quanto mais o repetia em voz alta, mais fácil me era dizê-lo e mais difícil acreditar. Stephen Pritchard já se encontrava a trabalhar no grande edifício de vidro onde eu estava empregada como *chef*.

– Stephen, tivemos más notícias a noite passada. A minha irmã, Alison, morreu. Afogada. Há muito a tratar, por isso receio não poder ir trabalhar durante algum tempo.

\* \* \*

Toda a gente a quem telefonei teve a mesma reação. Ninguém acreditava. Ficavam chocados. Compassivos. Depois de vários outros telefonemas, senti-me exausta e chorosa de novo. Fiz café, para variar, e tentei pensar no que faria a seguir. Sally saberia, mas Sydney ficava tão longe... teria de lho dizer, mas não conseguia ainda enfrentar isso, pois sabia que ela ficaria

destroçada. Só tinha dois irmãos e via Ali como sua irmã mais velha também. Quem me dera que Sally não se tivesse ido embora! Tentei novamente ligar a Orla. Partilhava uma casa em Brighton quando não pernoitava no hotel onde trabalhava, mas não atendeu e tinha o telemóvel desligado, por isso deixei mensagem pedindo-lhe que me ligasse com a maior urgência. Tinha esperança que fosse dormir a casa.

Não fazia ideia do que fazer em relação ao trabalho de Alison. No fundo, sabia tão pouco sobre isso: outro sinal da competência da minha irmã. Fazia malabarismos com a sua vida sem esforço, ao passo que eu lidava a custo com a minha. Por fim telefonei a Violet, a rapariga que ajudava em *part-time*. Irrompeu em lágrimas e dei por mim no papel de a consolar, para variar, o que me aguentou durante um bocado. Depois de falarmos imenso tempo, Violet ofereceu-se para ligar aos clientes do The Haven, o pequeno salão de beleza onde Alison tanto investira. Prometeu também colocar um aviso na janela e alinhavamo-lo rapidamente.

Toda a gente queria saber sobre o funeral e eu não fazia ideia por onde começar. Preocupara-me com isso durante a noite. Não havia muito dinheiro em nenhuma das nossas contas e, tanto quanto sabia, nenhuma possuía seguro de vida. De qualquer modo, não imaginava sequer quanto poderia custar. A única pessoa em quem conseguia pensar para telefonar era Brian Daly. Fora procurador da nossa família durante anos e Alison falara com ele pedindo conselho quando montara o salão de estética. Tanto quanto me lembrava, mantinham contacto regular apesar de eu mal o conhecer.

Ele pareceu ficar completamente abalado com as notícias. Contou-me em voz baixa que tivera uma longa reunião com Alison ainda na véspera.

– A sério? Ela ligou-me à hora do almoço. – Recomecei a chorar. – Estava muito animada – contei, por entre fungadelas.

Perguntei-me se ele saberia o que se passava, ou se teria conhecimento do que Alison tinha querido falar comigo. Brian ofereceu-se imediatamente para vir até ao apartamento. Fiquei contente por ter alguém com autoridade por perto, mesmo apesar de sentir que ele era algo intimidante. Era bastante sério, pelo que me lembrava, mas afastei os meus medos. Precisava de alguém como ele naquele momento; tinha perdido o pé.

Brian chegou em menos de uma hora. Eu tomara um duche à pressa e acabara de mudar de roupa quando ele tocou à campainha.

Pedi-me que lhe voltasse a contar o que acontecera e insisti que lhe desse pormenores que eu não tinha. Quando fiquei transtornada de novo, ele pareceu-me bastante angustiado, como se tudo tivesse sido culpa dele, e não parava de me dizer com facilidade que não me preocupasse, que ele conseguiria descobrir tudo o que precisava de saber através da polícia. Quando por fim exprimi as minhas preocupações sobre o funeral, garantiu-me que havia bastante dinheiro e deu-me instruções para que enviasse todas as contas para ele.

– Tem a certeza? – Estava espantada. Tanto quanto sabia, estávamos quase falidas. Eu recebia bem no meu emprego, mas parecia que o esbanjava todo, Ali usara cada cêntimo que poupava no salão e este ainda não começara a dar lucro.

– Há bastante dinheiro para tratar das coisas, Lily. A propriedade do seu pai...

– Quer dizer que existe realmente algum dinheiro que ele não deixou ao refúgio dos burros ou a outra qualquer obra de caridade inútil? – Sabia que a minha voz ocultava um tom de sarcasmo mal disfarçado.

– Lily. – Ele sentou-se a meu lado. – Sei que isso é muito difícil para si. Mal posso acreditar. – Nos olhos surgiu tristeza. – Ela era tão nova ainda, e ontem, quando nos encontrámos, estava viva e feliz, ansiosa por viver. – Parou e fechou os olhos por instantes. – Tudo lhe corria bem. – Observou-me cuidadosamente de novo.

– Não, não corria bem. Não faz ideia de como as coisas eram difíceis para ela desde que o bebé nasceu. Só fazia era trabalhar e preocupar-se com o futuro do Charlie e... – interrompi-me, temendo desfazer-me outra vez em lágrimas.

A minha irmã lutara tanto tempo e agora, quando as coisas começavam a correr melhor, tudo lhe fora tirado.

– Sei alguma coisa sobre o esforço dela e o quanto era corajosa. – Parecia procurar as palavras certas. – Sei bem que as coisas eram difíceis. Só quero que saiba que estou aqui para ajudar.

– Difíceis... como sabe? – Estava irritada com ele e nem sabia bem porquê. Talvez por ter sido confidente do meu pai. De qualquer modo, nunca tivera importância: o facto era que qualquer pessoa que mencionasse o dinheiro do meu pai geralmente levava logo com algum remoque meu. Ali estava sempre a dizer-me para me acalmar nesse ponto.

– Desculpe, creio que estou completamente destroçada – disse-lhe. – Não faço ideia de como irei lidar com isto. O que fazer com o Charlie, por exemplo? Ele precisa de uma mãe e eu preciso de trabalhar. Até agora só tenho ajudado ao fim do dia, quando ela tinha clientes no salão. De qualquer maneira, não faço ideia de como cuidar de uma criança – desabafei, com alguma impertinência.

Nem sequer era verdade, eu ajudava-a sempre com Charlie. Apenas me sentia esmagada pelo peso da responsabilidade e não tinha ninguém para quem me virar.

– E pensar que eu nem sequer queria ter filhos – disse, mais para o chocar do que outra coisa.

Porém, aquilo era pelo menos meia verdade: nunca fizera tenções de ter filhos, mesmo apesar de adorar o meu sobrinho. Tinha medo de não conseguir lidar com isso, ou, pior ainda, de vir a lidar da mesma forma que o meu pai.

Senti uma solidão terrível invadir-me. A minha irmã gémea fora a outra metade de mim; tê-la comigo significava que nunca estava só.

– Olhe... – ele aproximou-se de mim. – Precisamos de conversar calmamente sobre muitas coisas, assim que se sentir preparada. Podemos arranjar uma ama para o Charlie, a Alison deixou instruções...

– Sei o que a Alison queria, e, quando ela estava viva, eu também o queria. Ela fazia com que tudo parecesse sempre possível. Mas, e agora, o que nos irá acontecer? – Levantei-me, toda a frustração das últimas doze horas a atingir-me de um só golpe. – Não posso continuar. Não compreende. A Alison era a líder, foi ela que tratou de tudo isto... do apartamento... de tudo. – Perdi o ímpeto e voltei a sentar-me. – Nem sequer sei de quanto era o valor da hipoteca, acredita? Tudo o que eu fazia era contribuir com uma quantia todos os meses e ela tratava do resto. É estúpido, bem sei, mas ela gostava de estar no comando das coisas e eu apenas... sou preguiçosa, suponho. Nem sequer sei se tínhamos algum seguro. – Baixei a cabeça, odiando todos aqueles momentos. Parecia que implorava.

– Lily... – Ele tentou pegar-me na mão para me consolar, mas eu afastei-o. Tinha uns olhos escuros e bondosos. – Lily, o dinheiro não é problema, prometo-lhe. Por favor, veja se compreende isto. Posso até adiantar-lhe algum, se precisar.

– Não quero a sua caridade! – Ergui-me de um salto. Mais uma vez não tinha ideia sobre a razão de lhe gritar; ele fora sempre simpático para comigo. – Sabe o que mais desejo? Que a minha vida voltasse ao que era ontem. – Engoli em seco. – Quero a minha irmã de volta – murmurei, depois saí aos tropeções da sala porque tinha receio de, se ele tentasse consolar-me novamente, começar a chorar sem mais parar.

Quando voltei, Brian encontrava-se sentado no chão a brincar com Charlie. Pedimos ambos desculpa. Era uma situação bizarra, por isso fiz ainda mais chá e ele foi muito bondoso e saiu apenas depois de me ter dado a sua morada e número do telemóvel. Prometeu que me telefonaria mais tarde para falar sobre o funeral, e reiterou que a sua secretária trataria de tudo o que fosse necessário: eu só teria de lhes dizer o que preferia.

Quando a tia Milly chegou, tudo desabou. Aquela mulher rotunda e terna era o que eu tinha mais próximo de uma mãe. Durante muitos anos, Alison preencherá esse papel, apesar de ser apenas uns escassos minutos mais velha do que eu. Agora, sentada no chão, com Charlie encostado a mim, chorava a mãe e a irmã gémea que tão cedo perdera.

*William e Beth*

ERAM QUASE NOVE HORAS QUANDO WILLIAM CHEGOU A CASA, exausto. Beth apressou-se a mandar as crianças lá para cima, para os quartos, sentindo-se culpada por não ter dado pelo tempo. Tinham estado a jogar *Scrabble*, o vício de Harry daquela semana. Winnie preferia os seus jogos no computador, mas William não aprovava. De início ela juntara-se ao jogo com alguma relutância, mas em breve os três se divertiam, zombando da forma como Harry pronunciava as palavras. Beth arrumou o jogo rapidamente, apesar dos protestos deles.

– Anda, Harry, não sejas mandrião. Já passa muito da vossa hora.

– Porque temos sempre de ir para a cama quando o pai vem para casa? Não é justo.

– Porque, querido, o papá esteve a trabalhar o dia todo e precisa de calma e sossego agora, para descansar. De qualquer modo, amanhã é dia de escola e conhecem as regras.

– Quero ver o paizinho – choramingou Winnie. – Sou mais velha, não devia ir para a cama ao mesmo tempo que ele. – Deu uma cotovelada ao irmão para o afastar do caminho.

– Vais ver o paizinho, não te preocupes. – Beth enxotou-os a ambos escadas acima. – Prometo que ele irá ter convosco para vos aconchegar, mais tarde. – Winnie resistia e ela empurrou gentilmente a filha para a frente com um beijo na cabeça. – Vai lá, linda menina.

– Não quero.

– Por favor, querida, preciso de dizer olá ao papá primeiro.

Beth sabia que eles se portariam mal assim que virasse costas. Se William dissesse para se porem a andar, fá-lo-iam imediatamente, nunca discutindo nem arranizando pretextos para ficar.

– Harry – disse ela ao menino, que também ficara ali, à espera de ver a irmã subir –, leva o livro para a cama que eu recomeçarei a ler onde ficámos

ontem à noite.

– Está bem. – Por fim, ficara satisfeito.

– Winnie, vai lá, já ouviste o que te disse. – Tentava parecer firme, mas não dava resultado.

– Posso ficar acordada até mais tarde amanhã à noite? – A filha estava sempre a regatear.

– Talvez. Agora, desaparece daqui! – Beth deu uma palmadinha brincalhona no rabo da filha.

Olhou para o seu cabelo escuro e ondulado no enorme espelho do vestíbulo de entrada e desejou ter retocado a maquilhagem. Estar sempre na cozinha com o fogão *Aga* ligado deixava-a com o rosto lustroso. Pensou que já era demasiado tarde, e sorriu para si própria enquanto abria a porta da frente e esperava pelo marido, que se encontrava ainda ao telemóvel no carro com o motor ligado.

Beth examinou as unhas e sacudi uma mancha de sujidade do seu vestido assertoado. Ficava-lhe bem aquele estilo, e as unhas dos pés pintadas de vermelho brilhante e as sandálias de salto alto conferiam-lhe uma figura bonita. Era uma mulher atraente, bem arranjada, de sorriso fácil e uma aura calorosa que toda a gente comentava.

Enquanto esperava inspirou os cheiros outonais a canela e limão junto à porta. Beth gostava imenso de estar no jardim; por vezes era o seu refúgio e gostava de jardinagem, apesar de terem um jardineiro a tempo inteiro. Quando haviam comprado aquela casa, William decidira que o jardim seria demasiado para ela tratar sozinha, e umas vezes ela alegrava-se com isso, outras tinha pena; pena quando perdia a queda do primeiro floco de neve ou quando não reparava na linda peónia púrpura até estar quase murcha. No entanto, o jardim era enorme, William tivera razão. Desse modo conservava sempre o mesmo aspeto imaculado, que agradava mais ao marido do que a ela.

– Olá, querido, como correu o dia? – Beijou-o, procurando no rosto sinais de cansaço.

– Bem, creio. A operação foi mais difícil do que pensei, mas ele deve ficar bem.

– Como estava a pobre mulher dele, grávida?

– Chorosa. Fiz o meu melhor para a tranquilizar. – William esticou os músculos. – Mal posso esperar para despir esta roupa. Tenho tempo para



tomar um duche antes do jantar?

Ele perguntava sempre aquilo e a resposta era sempre a mesma:

– Claro. Depois sirvo-te uma bebida.

– O que há para o jantar?

– Empadão de carne e rim, o teu preferido. – Ela sorriu para o seu homem.

– Ótimo, fazes a melhor crosta que conheço.

– Pois faço – mentiu ela.

Beth já não conhecia ninguém que se desse ao trabalho de fazer a massa em casa. William gostava de se gabar que nunca comera comida pré-feita na vida e ela não iria desiludi-lo. Beth pensava muitas vezes onde teria ele ido buscar a ideia de que ela arranjava tempo para tudo o que tinha a fazer, mesmo com empregada em casa. Por isso, nada disse, e era considerada por toda a gente uma fada do lar, especialmente pelo marido.

– Como foi o teu dia? – perguntou ele, a meio das escadas.

– Oh, passou-se bem, o costume. Vou só ler ao Harry a história dele, e depois podias passar por lá para lhe dares as boas-noites? – Ela sorriu. – Eles nunca querem nada comigo quando estás em casa.

– Está bem, já lá vou.

Quinze minutos depois ela estava a pôr os pratos a aquecer no forno quando ele entrou na cozinha.

– Pensei ir dar uma volta de bicicleta esta noite, mas agora sinto-me sem forças.

– Trabalhas demasiado.

Beth já lhe servia um copo de vinho tinto.

– Bem, não há hipótese depois disto, de certeza. – Ergueu o copo. – Saúde!

Ela procurou o copo, meio vazio.

– *Slainte!*

Ela gostava imenso da antiga forma de brindar irlandesa.

– Foste ao ginásio?

– Sim, mas depois dei cabo de todo o exercício ao comer uma fatia de tarte de pera e amêndoas e dois cafés com leite com a Aileen. – Sorriu.

– Linda menina. – William deu-lhe um beijo na ponta do nariz. – Nunca se preocupa com o número da roupa.

– Oh, era caseira, verifiquei.

- Caseira tal como quatro milhões de outras no mesmo dia, diria eu.
- Deve ser ótimo ser tão virtuoso. – Beth deitou-lhe a língua de fora enquanto procurava a luva do forno. – Mesmo assim, apreciei cada migalha
- disse ela e ele riu-se do seu ar atrevido. Beth era despreocupada, uma pessoa fácil, e gostava imenso de o provocar sobre o seu comedimento. Era uma das razões por que ele se apaixonara por ela.
- Porque não vês o noticiário enquanto eu faço o puré de batata? – sugeriu ela, sabendo que ele precisava de se descontraír.
- Está bem – concordou ele, com ar ausente, olhando para o relógio de parede. – Na verdade, é disso mesmo que preciso. Quinze minutos de paz e sossego. – Afastou-se. – Não ouvi notícias durante todo o dia – disse, por cima do ombro.
- Não aconteceu nada de especial, que eu saiba. – Beth estava com calor, sentia-se pegajosa e morria por tomar um banho. – Assim que estiver na mesa, chamo-te.

William pousou o copo no chão ao lado do seu sofá preferido na sala de estar e ligou o televisor na RTE 1. Tinha começado o telejornal e os furacões e inundações pareciam assolar a maior parte do mundo. Pôs mais um tronco na lareira e sentou-se, desfrutando o facto de estar em casa. Gostava muito daquela sala, de teto alto e das janelas em caixa de vidro chumbado, como vitrais. Apesar do tamanho, era quente e confortável. O mobiliário era uma mescla de peças antigas que ele fora adquirindo ao longo dos anos e de sofás descomunais por insistência da mulher.

– Detesto sentar-me numa antiguidade, estou sempre com medo de a estragar – dissera-lhe ela quando ele tentara protestar, dizendo que a sala não aguentaria nada de moderno.

Mesmo assim, acabaram por condizer muito bem, tinha de o admitir, recostando-se e sorvendo a bebida. Ajudava que tudo ali estivesse sempre em ordem. Ali não eram permitidas crianças – regra dele, não dela.

As notícias eram as mesmas que ouvira nessa manhã a caminho do trabalho, por isso começou a passar os canais. Não dava nada de jeito a não ser os *reality shows* de sempre, pelo que regressou ao canal do noticiário a tempo de ouvir o final da notícia sobre a tragédia do afogamento que lera anteriormente.

«A mulher chamava-se Alison Ormond, tinha vinte e nove anos e um filho. Era oriunda de Sligo, mas vivia presentemente em Ranelagh.»

William endireitou-se e olhou para a fotografia de Alison. Não parecia ela. Não transmitia o caráter vibrante que habitualmente emanava dela e não sorria. Começou a pensar nela, depois voltou ao presente, para ouvir o que diziam. Era mais ou menos o que lera no jornal, mas antes não haviam mencionado uma criança. Não pensava que Alison tivesse filhos, pelo menos nunca lhe dissera nada sobre um filho. Porém, no fundo, conhecia muito pouco sobre ela.

– O jantar está na mesa.

A voz cantante irritou-o, mas sentia-se nervoso porque de súbito Alison parecia estar ali mesmo, na sua casa. William pensava muito nela em privado, especialmente quando ouvia determinada canção ou sentia o cheiro de certa fragrância, a mescla de limão e lima que a envolvia sempre. Contudo, Alison fora um segredo seu durante alguns anos, a única coisa que poderia perturbar o seu mundo perfeito. Entretanto já não, pelos vistos.

– Dá-me um segundo.

Falou num tom mais agreste do que pretendia. A reportagem terminou e ele ficou de novo entregue aos seus pensamentos. Realmente, era difícil de compreender.

– Estás bem? – Beth entrou apressada. – É que já está tudo pronto e pensei que estivesses...

– Sim, estou bem, senti-me apenas um pouco... – abanou a cabeça. – Um pouco fraco, só isso.

A mentira saiu com facilidade.

– Comeste alguma coisa hoje?

– Não muito.

– Então é isso. Se calhar é o vinho a cair num estômago vazio. – Beth deu-lhe uma palmada na mão. – Vou fazer queixa de ti ao médico, se não tiveres cuidado contigo. – Era uma das piadas preferidas dela.

– Desculpa, querida. – Ele pôs uma mão nas costas dela e dirigiram-se para a cozinha. – Sei que tiveste imenso trabalho.

Ele sorriu-lhe com ar ausente, subitamente incapaz de deixar de pensar em Alison.

Ao jantar, William bebeu mais do que o habitual. Beth sabia que algo o preocupava, mas nada perguntou. Ele dir-lhe-ia a seu tempo. O marido tinha

muita responsabilidade no trabalho e Beth sabia que ele ficava preocupado quando não estava em cima dos acontecimentos como deveria. Gostava de ter tudo sob controlo, de ser o melhor no que fazia. Beth observou-o enquanto tagarelava sobre os filhos, a escola e o rãguebi. Sabia que ele não queria que lhe fizessem demasiadas perguntas naquela noite e ela estava habituada.

Mais tarde, depois de um duche quente, Beth foi para a cama com uma camisa de noite curta e sensual que a sua amiga Pam lhe oferecera pelos anos. Era toda de renda preta e com decote cavado à frente e atrás, fazendo-a sentir-se como uma concubina. Enfiou-se no leito e aproximou-se do marido, beijando-o ao de leve nas costas. Normalmente faziam amor depois de ele ter operado.

– Toda essa adrenalina... – dissera-lhe ele anos atrás. – Não consigo dormir a não ser que esteja completamente descontraído.

– Querida, importas-te se não fizemos? – Afastou-se do abraço da mulher e virou-se para ela. – Receio ter bebido de mais.

– Isso não é nada teu. – Ela beijou-o na face e virou costas. – Não faz mal, de qualquer maneira estou exausta. – Boa noite, amor.

– Boa noite.

Em breve ela respirava regularmente, mas William manteve-se acordado durante muito tempo, a pensar em Alison. Haviam-se divertido imenso naqueles poucos anos passados, e ele sabia que teria saudades da vivacidade dela, da ironia fácil e brincalhona, do modo como o fazia sentir-se, sempre plenamente vivo com Alison. Achou que devia ir ao funeral, mas resolveu que não podia arriscar-se a isso.

*Richard e Daisy*

O DIA SEGUINTE CORREU MUITO MELHOR PARA RICHARD E, depois de ter recuperado de uma receção gélida da sua gerente, sentia-se em grande forma. Fora cedo para a cama – sozinho –, abrira o estabelecimento e tinha café a fazer quando Maggie chegou. Richard sabia que ela lhe faria a vida um inferno durante alguns dias, mas estava preparado para a enfrentar porque tê-la ao comando das coisas significava que podia entrar e sair à sua vontade. Além disso, geria a loja como se fosse uma caserna, mantinha um olhar rigoroso sobre tudo, evitando o desperdício, e conseguia sempre os produtos de melhor qualidade dos fornecedores. Ninguém no seu perfeito juízo a iria contrariar de propósito. Ela era uma Hillary Clinton de avental.

Assim que passou a azáfama da hora do almoço, Richard deu uma vista de olhos aos jornais do dia. Preparou um café e sentou-se a um canto, lendo os cabeçalhos. Foi a fotografia que captou primeiramente o seu olhar.

– Richard, posso falar contigo sobre a ementa de amanhã? – Hazel surgiu de repente vinda da cozinha.

– Daqui a pouco – respondeu, sem levantar a cabeça.

– Isso foi o que disseste há uma hora – murmurou a cozinheira, aborrecida com a brusquidão dele. – É preciso ligar aos fornecedores.

– Por amor de Deus, liga tu!

Ele pousou a chávena com força e olhou para Hazel, com o espírito ainda perdido na fotografia que acabara de ver.

– Não terei o direito de fazer uma pausa tal como todos vocês?

Hazel foi-se embora apressadamente e Richard foi assaltado por um sentimento de culpa. Ela era uma excelente pessoa; deveria ter-se contido nas palavras. Teria Maggie a resmungar tolices sobre ele andar a perturbar o pessoal, além de tudo o resto.

Releu o cabeçalho. MULHER AFOGA-SE A TENTAR SALVAR O FILHO. Richard nunca soubera que ela tinha um filho. Pelos vistos, um menino. Com cerca de

três anos. Tentou recordar-se de quando a conhecera. Fora há mais de quatro anos. Ela nunca lhe revelara nada sobre estar grávida, embora, pensando bem, tivesse desaparecido durante alguns meses, pouco depois de a conhecer, e nunca ter mostrado vontade de falar sobre o assunto. Leu todos os jornais, mas não descobriu nada de novo.

– Tudo bem, rapaz? – Tom Dalton atirou as chaves para cima da mesa e agarrou numa cadeira.

– O que fazes aqui?

– Vou para o estúdio. Há novidades?

Richard sentiu-se de súbito em baixo. Os ombros descaíram-lhe.

– Ei, estás bem?

– Sim, acabei de ler uma coisa. Lembras-te da Alison... da Ali, aquela rapariga com quem eu andava?

– Vagamente, porquê?

Empurrou o jornal na direção de Tom para lhe mostrar a fotografia.

– Ela afogou-se – disse desnecessariamente, visto o amigo ter lido o cabeçalho.

– Merda, como aconteceu isso?

Richard explicou-lhe.

– Ei, Luce, será que posso beber um café? – pediu Tom enquanto despiu o casaco.

– Vai a caminho.

– Então, qual é a história? Quero dizer, tu não a vias há anos, não era?

– Sim, mais ou menos.

– O que significa isso exatamente? Pensei que tinhas abdicado de tudo, à exceção de uma ou outra aventura ocasional, depois de teres ficado noivo da Daisy.

– E abdiquei.

– Então? – Tom pegou na chávena que Lucy lhe trouxe, enquanto esta lhe sorria docemente e olhou Richard com olhar severo.

– Nós... mantivemo-nos em contacto.

– Que queres dizer com isso, enviavas-lhe uma mensagem uma vez por semana, ou tinhas sexo com ela de vez em quando?

– As duas coisas. – Richard olhou em volta nervosamente. Precisava de desabafar com alguém. – Ela era uma prostituta.

– Vai à merda, homem!

– Estou a falar a sério. – Noutras circunstâncias, teria valido a pena ver aquela expressão no rosto de Tom. – E sabes uma coisa? Eu gostava mesmo dela.

– Espera aí. – Tom tentava perceber aquilo. – Deixa-me lá ver se entendo. – Olhou de novo para a fotografia. – Andavas a ter sexo com ela?

– Pois...

– E a pagar pelo privilégio?

Richard fez um gesto de assentimento.

– Não acredito nisto. Estás a gozar comigo.

– Não estou não.

– Mas que merda, Richard, não precisas de pagar para ter sexo. De todos nós, és tu quem tem mais hipóteses de to porem à frente numa bandeja. – Tom coçou a cabeça. – E estás noivo de uma modelo. Mas que raio se passa aqui?

– Vai ter comigo aqui ao lado para uma cerveja daqui a uma hora. – Richard olhou para o relógio. – Este lugar está a dar-me a volta à cabeça.

– Vou pegar às sete. Terá de ser rápido. – Tom queria saber mais.

– Então daqui a meia hora.

– Não, dá-me uma hora, como disseste. Vou para o trabalho e ponho tudo a andar. – Olhou para o telemóvel. – Assim terei tempo para duas cervejas.

– Está bem. – Ambos se levantaram ao mesmo tempo.

Tom saiu com um «fica calmo», e Richard dirigiu-se à cozinha para tratar das coisas com Hazel. Serviu alguns clientes e sentiu imensa vontade de sair dali para arejar. Alguns clientes comentaram com Maggie que o patrão não se encontrava falador como habitualmente e ela perguntou-se se não seria talvez altura de enterrar o machado de guerra.

Richard pediu as cervejas e lia tudo outra vez quando Tom voltou.

– Então conta-me lá. – Passou uma perna sobre o banco.

– Vamos arranjar uma mesa. – Richard apontou para um outro fulano no bar. – Fala baixo.

Sentaram-se a um canto, o mais longe que conseguiram da batida da música.

– No fundo, não há muito a contar. – Richard bebeu um trago da cerveja. – Tudo começou há uns cinco anos, quando eu estava naquela agência de publicidade... a Moffats. Precisava de alguém que me acompanhasse num jantar com os diretores de uma grande conta nova que eu estava prestes a

caçar à Vision International. Acabara de rejeitar a Marlene, lembras-te? Os clientes eram uma empresa familiar e iam todos levar as mulheres. – Pensou nos seus dias no mundo empresarial com alguma nostalgia. – Todas as raparigas à mão ou eram demasiado estúpidas ou demasiado atrevidas. Um fulano qualquer lá no escritório mencionou uma rapariga chamada Alison. Disse que era mesmo o que eu procurava, mas que me custaria dinheiro. Sugeriu que a pesquisasse na internet. Contactei-a mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. – Riu-se e bebeu mais um trago. – Como disseste, não precisava de pagar para ter sexo.

– Onde te encontraste com ela?

– Num bar, uma hora antes do encontro com os tais clientes. Nem sei o que faria se ela não servisse... – riu-se, nervosamente – embora, por aquilo que o fulano me contara, soubesse que isso não ia acontecer. De facto, tinha mais do que bom ar. – Sorveu mais um gole. – Era lindíssima. Recordo-me de ter ficado intrigado com ela. Não era o que se esperaria... que diabo, tu conheceste-a, sabes isso. Ela era tão... não sei, independente, suponho. Distante, talvez. – Richard conseguia ainda vê-la. – E não procurava um «compromisso». Diz lá se não é *sexy*, hein?

– A única palavra em língua inglesa que dá logo cabo de uma ereção. – Tom sorriu, distraído por um instante. Bebeu metade da cerveja. – De qualquer modo, como podia ela esperar outra coisa que não fosse dinheiro? Era o raio de uma prostituta.

– Ela era uma acompanhante, com muita classe. – Richard não sabia porque sentia necessidade de a defender.

– Então, o que aconteceu? – Tom fez sinal ao empregado, apontando para os copos deles.

– Ela foi ao tal jantar comigo. Toda a gente a adorou. Era terna e divertida. Supuseram que era minha namorada.

– Tiveste sexo com ela?

– Não, nessa noite não.

– Então, pagaste por um encontro e nem sequer tiveste direito a nada? Isso não é nada teu. – Tom riu-se.

– Fizemos sexo, claro que fizemos. Mas ela tinha trabalhos em que os homens só queriam uma rapariga bonita pendurada no braço. Empresários ricos, esse género de pessoas.

– Isso foi o que ela te disse.



Era notório que Tom não acreditava nele.

– Não, sinceramente, ela não precisava de mentir. De facto, essa era uma das coisas de que eu mais gostava. Não havia fingimentos. Era tudo apenas... – Encolheu os ombros. – Natural, suponho.

– O que há de natural em pagar para ter sexo?

– O que há de não natural nisso? Era honesto, não nos estávamos a enganar. Ninguém se magoou. E digo-te mais. – Richard brincava com a base do copo. – Era divertido, empolgante e convinha-me.

– Então quanto tempo durou isso?

– Alguns meses depois de a ter conhecido, ela voltou para casa. Para Cork, acho, ou Sligo. Não me lembro. Tinha uma tia, ou alguém doente de quem precisava de ir tomar conta. Deixei de a ver durante, nem sei, meses. Talvez um ano mesmo.

Richard esvaziou o copo e olhou em volta, querendo que o voltassem a servir imediatamente.

– Já está a caminho. – Tom vasculhou os bolsos à procura de dinheiro.

– Então ela enviou-me uma mensagem a dizer que estava de volta e lá retomámos tudo mais ou menos no ponto em que tínhamos ficado.

– Mas nessa altura conhecias a Daisy.

– Mal a conhecia, creio. Podes ter a certeza de que eu e a Daisy não tivemos nada de sério durante meses. Ela andava com aquele jogador de râguebi, o Bob Gleeson, ou Glennon, lembras-te? De qualquer maneira, sentia algumas saudades da Alison, sabes.

Richard encolheu os ombros, sabendo que o amigo não fazia provavelmente ideia alguma do que isso significava, a julgar pela sua expressão.

– Como assim? – Tom pagou as bebidas. Estava intrigado. Tudo lhe soava demasiado complicado, mesmo para Richard, o eterno «exagerado», como o haviam batizado na secundária.

– Ela era diferente. Não se levava a sério. Compreendíamo-nos. – Mudou de posição no banco. – Não queria a merda de um anel logo depois de três encontros. – Riu-se. – Tu passaste por isso, não te esqueças. Recordas-te da Brenda, a ruiva? Andou atrás de ti durante meses. Tinha praticamente comprado o anel depois do primeiro encontro, disseste tu.

– Sim, bem, diria que ela podia ter comprado a *si própria* um diamante ou dois. – Indicou o jornal. – Com a massa que lhe foste pagando.

– Talvez. – Richard recordou o rosto dela. – Eu não ligava muito ao dinheiro. Gostava dela, era divertida.

– E o sexo?

– O sexo era espetacular. No fundo, nem consigo explicar. Tudo aquilo era tão... tão fácil. Refrescante. – Sorriu. – Não é palavra que uso normalmente para descrever uma felação.

– Então, passou todo este tempo e nunca disseste nada. Porquê?

– Nada havia a dizer, na realidade.

– Oh, sim, havia. – Tom sorriu. – E acabas sempre por me contar esse género de coisas. Não resistes, amigo. Gostas de andar um passo à frente de nós.

– Sentia um certo gosto em guardar aquilo para mim. – Fez rodar a base do copo e ficou a vê-la cair no chão. – Como te disse, era empolgante.

– Mas tinhas a Daisy para levar a todos esses jantares. Não precisavas da Alison.

Tom ainda não compreendia bem aquela atração.

– Eu já tinha saído da empresa. Há muito que não precisava de entreter clientes. – Richard fitava fixamente a sua cerveja. – Não sei porque continuei com aquilo. – Pensou por segundos. – Ela era tão diferente da Daisy. – Sorriu para o amigo. – A Daisy é de alta manutenção.

– Não são todas? – Tom devolveu o sorriso.

– Acho que fiquei perdido de amores. – Richard ia beberricando a cerveja. – Perdido por uma perdida. Que tal para trocadilho?

– Então e agora? Sentes-te triste por isto? – Tom indicou a pilha de jornais.

– Não sei. Não é que tivesse pensado que ia a algum lado ou assim. Pouco a vi nos últimos meses. – Passou a mão pelos cabelos. – A merda da pressão do trabalho e coisas dessas. É só... chocante, creio.

– Bem, meu, tenho de ir trabalhar. – Tom olhou para o telemóvel. – O produtor deve estar a furioso.

– Claro. Fico aqui mais um bocado. Talvez beba outra para o caminho.

– Liga-me logo se te apetecer sair, está bem?

– À saúde.

Richard ergueu o copo ao amigo enquanto este reunia as coisas e lhe dizia adeus. Ia a pedir outra cerveja, mas mudou de ideias. Estava a ficar sentimental. Que diabo, pegou nos jornais e dirigiu-se para a porta.

Precisava de arrumar as ideias sobre toda aquela loucura e não o conseguiria fazer com dez cervejas no estômago.

*James e Tamsin*

JAMES VIVERA UM PESADELO NOS ÚLTIMOS QUINZE DIAS. A sua amada Tamsin desmoronava-se emocionalmente diante de si. A psicóloga que passava os dias a resolver os problemas dos outros parecia não conseguir enfrentar os dela. Cada vez que a via, James sentia-se terrivelmente culpado. Era como se a notícia da morte de Alison lhe tivesse aberto uma nova perspectiva sobre a vida dupla que levava. No momento em que tudo acabara, que parecia ir conseguir safar-se, sentia-se um idiota. E pela primeira vez havia anos não podia discutir isso com a única pessoa com quem partilhara absolutamente tudo. Aquilo dava com ele em doido.

Uma noite, já tarde, depois de Tamsin ter chorado até adormecer, ligou à melhor amiga da mulher, Maria.

– Não sei o que fazer. Parece que não a consigo ajudar.

James sentia vontade de chorar.

– James, dá-lhe tempo. Ela está de luto – tranquilizou-o Maria. – De cada vez que isso acontece é como se fosse outra perda, a morte de uma criança que ela já acreditava que vivia e crescia dentro dela.

– Mas nem sequer tínhamos confirmado que estava grávida.

Ele sentia que devia argumentar. Tentar compreender o que ia na cabeça da mulher nos últimos dias dava cabo dele.

– James, esse é um típico pensamento masculino. Acredita, para uma mulher é diferente. Na sua cabeça, a Tamsin tinha um filho desde o momento em que o óvulo foi fertilizado.

– Eu sei, eu sei. – Esfregou a testa. – Desculpa despejar isto tudo sobre ti, é que me sinto tão estupidamente inútil.

– James, vocês são o casal mais unido que conheço. Que diabo, têm uma relação de sonho. – Maria dissera aquilo sem um laivo de sarcasmo. – Por vezes até vos odeio por serem tão perfeitos.

– Pois. – Aquilo só o fazia sentir-se ainda pior.

– Então, fala com ela.

– Tenho falado, sabes como somos. Debateremos tudo. É que não tenho a certeza do que vai na cabeça dela. Afastou-se um pouco de mim, e isso é difícil de suportar.

– Bem, deixa de tentar ser forte. Limita-te... a seres tu próprio. Que raio, não te consigo dar mais conselhos, James. Sabes o que fazer, o que dizer. Soubeste sempre. – Maria gritou a um dos filhos. – Por isso, deixa de te preocupares. Vocês irão ultrapassar isto, não tenho a menor dúvida.

– Obrigado, Maria. Creio que só precisava de ouvir alguém dizer isso. És uma grande amiga.

– Irei encontrar-me com ela amanhã. Disse que lhe telefonaria por volta da hora do almoço. A Tamsin precisa apenas de muito amor e apoio neste momento. E de falar, falar, falar.

– Eu sei. Tal como disse, faremos isso. – Estava exausto e sentia-se inútil nessa noite. – Tu conheces-nos, o casal maravilha, o que mais se entreja no mundo. – Tentou dar à voz um pingo de vida. – Ouve, vai lá ter com os teus miúdos. Bem os ouço à bulha. Dá um abraço ao Dan. Um dia destes vamos ao chinês, está bem?

– Claro. Liga-me sempre que quiseres. Adeus.

– Adeus. Obrigado mais uma vez.

Maria já começara a gritar ao filho de dois anos que tirasse a cabeça do forno. James sorriu e sentiu-se ligeiramente melhor.

Na manhã seguinte, acordou antes de o alarme disparar e virou-se na cama à procura da mulher. O lado onde ela dormia estava vazio. Ultimamente acontecia a mesma coisa todas as manhãs. Quase caía de cansaço à noite, mas depois não conseguia dormir mais do que umas poucas horas.

James não sentia forças para se levantar e ir ter com ela, como costumava. O funeral de Alison era naquele dia. Uma pequena parte dele queria ir, apenas para prestar homenagem. Porém, o que diria aos conhecidos dela? «Olá, sou o James, fui um dos seus clientes»; suspeitava que não ficaria lá muito bem. Nada sabia sobre a família, nem sequer se conheceriam a verdade sobre o tipo de vida que levava.

– Olá, querida, como te sentes? – perguntou a Tamsin pouco depois.

– Triste. Acordei a chorar.

– Anda cá. – Envolveu-a com os braços e desejou pela milionésima vez poder arrancá-la àquela dor. – Anda – insistiu, com ternura, passado um bocado. – Quero que venhas sentar-te e vejas um pouco de televisão enquanto faço chá e torradas.

– Sinto-me sempre culpada quando vejo televisão durante o dia. É viciante.

– São ordens do doutor James. – Levou-a até à sala e sentou-a no confortável sofá. – Agora, toca a ver o que está a dar – deu-lhe o comando e despenteou-lhe o cabelo.

Enquanto preparava o pequeno-almoço observava-a por entre as portas. Ela parecia tão pequena e vulnerável no roupão felpudo às bolinhas e no pijama a combinar que ele lhe comprara na Next. Era tudo no mundo para ele e ainda não conseguia compreender como a pudera enganar com outra mulher. Oh, tentava justificar isso a si próprio muitas vezes. Não fora um verdadeiro relacionamento, pensava. Tratara-se apenas de sexo.

– Aqui tens. – Estendeu a Tamsin uma bandeja com sumo acabado de espremer, chá de gengibre e limão e torradas de pão integral. Sabia exatamente do que ela gostava, a começar pelo doce de laranja biológico que espalhara ao de leve no pão, tal como ela própria teria feito.

– O que está a dar? – Ele olhou para o televisor.

– Celulite.

– Essencial, diria eu, mesmo que não tenhas casca de laranja em nenhuma parte do corpo. – Sorriu e deu-lhe um beijo na cabeça. – Desfruta.

– Estás bem? – Ela sorriu-lhe tristemente. – Sei que tudo tem corrido à minha volta nos últimos dias. – Afagou-lhe um braço. – Estás com um ar cansado. Tenho pena de não ter estado a teu lado.

– Estou bem.

– Precisamos de falar sobre ti também, sabes.

– Mais logo. Concentremo-nos agora em pôr-te bem. É só isso que me importa.

– Amo-te, James. – Tinha lágrimas nos olhos. – Nem sei o que faria sem ti.

– Nunca terás de pensar nisso. – Ele aninhou-se ao lado dela. – Também te amo, querida. De todo o meu coração. E lamento... tudo.

– Por favor, não digas isso. – Ela chorava abertamente. – Nada disto é culpa tua. Tens feito tudo o que é possível para me apoiares.

– Sossega, estamos juntos nisto.

James apertou-a mais contra si afagando-lhe o cabelo e teve vontade de lhe contar o que o atormentava.

– James, andas preocupado com outras coisas? – Ela afastou-se como que para o ver bem pela primeira vez havia dias.

– Não. – A mentira fê-lo sentir-se ainda mais culpado. Eram sempre sinceros um com o outro. A verdade era tremendamente importante na relação deles e não tinha a certeza de quanto tempo mais conseguiria guardar aquilo para si próprio.

Aquilo incomodou-o durante todo o dia, no trabalho. Estava irritadiço e toda a gente o notou.

– Apetece-te ir beber uma cerveja a caminho de casa? – perguntou-lho casualmente, por volta das seis, Colin Johnson, um dos outros arquitetos.

– Sim, sim, ótimo. – James perguntou-se de imediato se poderia confiar nele. Colin era a típica figura paternal que sempre estivera de olho nele, fora seu mentor, de facto, desde que começara a trabalhar. Sabia, porém, que não poderia fazer isso a Tamsin. Entrar em confidências com outra pessoa seria a maior das traições. – Aliás, não – disse rapidamente, sem grande confiança em si próprio. – É melhor ir para casa.

– Como está a Tamsin?

– Não está lá grande coisa.

– Queres falar disso?

Por que razão toda a gente lhe perguntava aquilo?

– A alguém de fora, quero dizer? – Colin sorriu. – Sim, sei que falas de tudo com a tua mulher. Já ouvi a Anne azucrinar-me muitas vezes sobre seres o marido perfeito. – Olhou para o rosto desgastado do homem mais jovem. – Mas às vezes é bom falarmos com outras pessoas.

– Obrigado, Colin. Não me esquecerei.

– Alguém do sexo masculino, que não precisa de analisar tudo até à exaustão, entendes.

James sorriu. Sentia-se tentado.

– De certeza que não queres beber uma?

– Talvez numa outra altura.

– Está bem, pronto. – Deu uma palmadinha no ombro de James ao passar por ele. – Porta-te bem.

– Assim farei.

\* \* \*

Nessa noite, quando Tamsin se encontrava já deitada e James teve a certeza de que ela adormecera, abriu a lista telefónica e procurou um número. *Isto é uma loucura*, pensou, fechando a lista. *Não vou ligar para nenhuma linha de ajuda.*

Fez um café, censurando-se por ser tão fraco. *Que raio de homem és tu? Qualquer outro enfrentaria isto. Não passas de um mariquinhas, isso sim.* Pousou com força a colher e foi sentar-se no sofá. Após alguns minutos a contemplar o vazio, suspirou, procurou novamente o número e marcou.

– Boa noite, fala dos Samaritanos. Chamo-me Rita.

– Olá, hum, desculpe, não sou suicida nem nada disso. – James sentiu-se culpado por estar a fazê-los perder tempo. – Só preciso de falar com alguém.

– Não há problema. É para isso que aqui estamos. Quer dizer-me o seu nome? – Ela sentiu a relutância dele e acrescentou rapidamente: – Apenas o primeiro nome e não tem de o fazer, só se quiser.

– Não, não faz mal. Chamo-me James.

– Olá, James, como está?

– Não muito bem. Só quero contar a alguém. – Olhou nervosamente em volta e respirou fundo. – Tenho tido um caso. – Só por dizer as palavras sentiu um alívio imenso. Que imediatamente foi seguido de preocupação. Agora, que contara a alguém, Tamsin poderia vir a saber. *Oh, meu Deus*, pensou, *e se esta pessoa me conhece? Ou, pior ainda, se conhece a Tamsin?* Sentiu-se mal.

– Muito bem. – Rita esperou, mas nada ouviu. – E isso é um problema para si?

– Sou casado, é esse o problema. – Não conseguiu conter-se. – Sou casado com a mulher mais linda que existe e amo-a perdidamente e partilhamos tudo e isto está a consumir-me por dentro. – Respirou funda e lentamente. – Isto é em confiança, não é? Quero dizer, e se...

– Completamente, James. Nada do que me disser será repetido. Aqui ninguém tira notas, nada. É por isso que não usamos apelidos.

– Obrigado. – Sentiu-se ligeiramente melhor. – É só que a Tam... a minha mulher e eu estamos a tentar ter um filho há muito tempo e não temos conseguido. Isso está a pôr... – esforçou-se por encontrar as palavras certas. – Está a fazer muita pressão na nossa... no lado sexual das coisas.



– Estou a compreender.

– É que... tudo gira à volta do engravidar, sabe. Não há espontaneidade, não há preliminares. Nada. Tudo se tornou... algo mecânico, creio.

– Isso deve ser muito difícil para si.

– Tem sido muito mais difícil para... ela. A minha mulher quer desesperadamente um filho.

– E o senhor?

– Sim, acho que sim. Por vezes já não sei. – Soltou um suspiro profundo. – Sim, quero, mas posso viver sem isso, pelo menos penso que posso. Não é o fim do mundo para mim. – Houve uma longa pausa. – Mas para ela é.

– Isso deve ser muito duro – concordou a conselheira, com toda a calma.

– Por isso, há alguns anos, eu... tive uma espécie de envolvimento com uma pessoa...

– É dessa relação que falou?

– Sim. Bem, não se tratou propriamente de uma relação. Não nesse sentido. Está a ver, tenho tudo o que se pode desejar no meu casamento.

A mulher aguardou.

– Eu estava... sozinho, frustrado, sei lá. Não fui capaz de descarregar tudo isso nela, por isso... segui o caminho dos cobardes.

– O que o faz pensar que foi um cobarde?

– Oh, mas fui. Sinto vergonha de mim, realmente, por não ter sido capaz de me controlar... de controlar os meus desejos, creio. – Nova longa pausa, seguida por um suspiro. – Bem, por fim, lá fiz qualquer coisa sobre isso.

– Encontrou outra pessoa?

– Sim. Não, não propriamente. Entrei em contacto com...uma pessoa... através de um *site*. – James fechou os olhos. – Comecei a encontrar-me com uma mulher. – A voz passou a um murmúrio. – No fundo, o que estou a dizer é que paguei para ter sexo. – Não conseguia pensar em nada mais para dizer. – Não sei se consigo fazer isto – acabou por dizer.

– Não faz mal, James, não precisa de o fazer.

– Sabe, é que eu tenho tudo – desabafou, como se não a tivesse ouvido. – Meu Deus, toda a gente pensa que sou o marido perfeito. Amo a minha mulher. Faria tudo por ela.

– Tenho a certeza de que sim.

– Faria, sim, sinceramente.

Parecia-lhe importante dizer aquilo.

– Acredito em si, James.

– É só que isto continuou e continuou e tentei na realidade dizer-lhe que estava a ficar exausto e, por uma vez na vida, ela não me ouviu. Sabe uma coisa, Rita? – Parecia importante que aquela estranha pensasse bem dele. – Nós ouvimo-nos mesmo. Estamos sempre disponíveis um para o outro vinte e quatro horas por dia. Mas ela ficou algo obcecada com a mecânica do sexo e, para mim, era cada vez mais difícil conseguir... uma ereção, até. Comecei a duvidar de mim próprio. Por fim, suponho que apenas queria alguém que, não sei, me achasse atraente sexualmente. – Riu-se da ironia. – Por isso, a Rita pensaria que eu tive um caso. Mas não consegui. Não lhe podia fazer isso e, além do mais, como já lhe disse, tinha tudo o que queria. Exceto sexo. Assim arranjei-o da única maneira que conseguia. Paguei a alguém para me querer dessa forma.

*Dave e Marie*

DAVE FOI AO FUNERAL. SENTIU QUE DEVERIA IR. Alison fora muito boa para ele. Nunca pensara um momento sequer que era por ele lhe pagar. Para Dave, tinham um caso louco e apaixonado, mantido em segredo apenas por ele ser casado.

Nessa manhã, chegou ao local das obras vestido de fato preto, camisa branca e gravata discreta.

– Está com bom aspeto, patrão! – gritou um dos carpinteiros.

– Ouve lá, quanto é que te pago? – gritou ele por cima do barulho da obra.  
– Seja o que for, é de mais.

– Deves ir ver o diretor do banco, com certeza, assim vestido. – Eugene Moran, o capataz, deu-lhe uma palmada brincalhona no braço.

– Não te chegues a mim, que estás imundo. – Sacudiu o casaco. – Na verdade, vou a um funeral, se é que queres saber.

– Oh, desculpa. – Olhou-o com ar interrogador, à espera.

– É apenas uma rapariga que eu... conheci. Morreu subitamente. – Dave arrependeu-se por ter mencionado aquilo.

– Uma antiga paixão, hein? – Lá estava o provocador. – Ou talvez não tão antiga assim. – Toda a gente sabia que o patrão era um mulherengo, que gostava especialmente de jovens. – Vi-te no outro dia no *pub* a tagarelar com aquela Imelda.

– Não, que raios, não se trata de nada disso, era apenas uma amiga. – Dave estava aborrecido. – Volta mas é ao trabalho, que diabo. Já estamos atrasados com esta obra. – Virou-se para o capataz. – Tenho o telemóvel comigo, se precisares de mim, Eugene. Volto pela hora do almoço.

– Certo – respondeu o capataz. – Estaremos aqui.

Na igreja, perguntou a si mesmo porque fora. Decidira que daria um aperto de mão à família, apresentaria condolências e tudo isso. Então olhou bem

para a mulher que fizera o elogio fúnebre e apanhou um susto. Era absolutamente igual a Alison. Sentiu de imediato a mesma atração que o cativara por completo quando vira Alison pela primeira vez. Era uma versão desligada da irmã, viva, mas sem o seu fulgor – compreensível, dadas as circunstâncias, pensou Dave. Ouviu com atenção enquanto Lily falava sobre a maravilhosa irmã que Alison fora, como fora pai e mãe para ela durante tantos anos. Algumas pessoas baixaram a cabeça quando falou sobre a forte amizade que as unia, partilhando tudo, incluindo o amor pelas malas de mão. Sobre a altura em que levaram Charlie a um piquenique improvisado e como Ali enchera a sua malinha cor-de-rosa preferida com sandes de ovo e sardinha e que depois a tiveram de deitar fora por cheirar tão mal. Dave viu-a tentar conter as lágrimas e não conseguiu tirar os olhos dela.

Foi só no final, quando ela se encaminhou para trás do caixão, que ficou convencido de que não se tratava de Alison. Aquela mulher andava de modo diferente. Alison tinha sempre uma aura de bravata, uma confiança que aquela rapariga não possuía, ou, se possuía, abandonara-a naquele dia. Denotava um ar perdido e Dave sentiu-se imediatamente protetor em relação a ela. Uma mulher de meia-idade caminhava ao lado dela, afagando-lhe as costas, e um menino ia agarrado à sua mão, levando uma rosa. Não parecia demasiado perturbado, apenas não parava de olhar para os rostos e acenar às pessoas que conhecia. *Deve ser o miúdo*, conjecturou Dave. Lera várias vezes a história nos tabloides.

Lá fora, Dave manteve-se bastante afastado do grupo e contemplou a irmã de Alison à luz do dia. Era mais magra e, vestida de preto, não tinha a mesma presença. Tentou perceber com precisão o que lhe faltava. Classe, pensou, ou talvez estilo. Observou as pessoas que se aproximavam dela para a abraçar, viu-a movimentar-se do mesmo modo elegante peculiar a Alison. Tinha estilo, sim, mas faltava-lhe ímpeto. Alison parecia que estava sempre a agarrar a vida; aquela rapariga parecia habituada a ser levada. Notou que ainda não chorara, apesar de ter um ar muito frágil e morder muitas vezes o lábio. «Está a precisar de um bom jantar», diria a sua mãe.

O rapazinho brincava por ali, afastando-se dos abraços e beijos como se fossem mosquitos. Na maioria das vezes esquivava-se da multidão, sem nunca reparar nos olhares de pena que o seguiam. Algumas pessoas deram-lhe dinheiro e ele ia mostrando as moedas a toda a gente, de modo que, por fim, ficou com uma boa maquia; então, sentou-se num degrau e espalhou o

tesouro à sua frente. A mulher mais velha que estivera com ele anteriormente reuniu as moedas e o menino pareceu de súbito prestes a chorar, mas mudou de ideias quando a quantia lhe foi de novo entregue. Enfiou as moedas no bolso e deixou aí ficar a mão, remexendo-as e lançando olhares ao dinheiro sempre que pensava que ninguém olhava para ele. Dave sorriu para si próprio: o filho de Alison tinha estofado de empreendedor, um pouco como a mãe.

Por fim, Dave resolveu que teria de ver aquela irmã cara a cara. Esperou até a maior parte das pessoas partir. Ela estava quase a pôr novamente os óculos escuros quando deu por si à frente dela, sem saber na verdade o que dizer.

– Eu, bem... era... um amigo da Alison – foi o melhor de que se conseguiu lembrar. Sentiu-se corar. Que diabo, não corava assim desde que lhe tinham recusado uma dança trinta anos antes numa discoteca. A rapariga olhou para ele com os olhos de Alison, só que não sorriam. – Eu, hum, queria apenas apresentar as minhas condolências.

– Muito obrigada. – Ela apertou-lhe a mão. – Sou a Lily. – Parecia surpreendentemente calma. – Peço desculpa, mas não sei o seu nome, Mister...

– Mad... hum, pode tratar-me por Dave. – Receou que ela tivesse ouvido o nome dele, mas a rapariga não deu sinais disso, limitando-se a um gesto de assentimento.

– Obrigada, Dave. Conheci hoje muitos amigos da Alison pela primeira vez. – Ela afastou os cabelos do rosto, e Dave quase podia jurar que tinha Alison à sua frente. – Creio que isto tenha sido um grande choque.

– Tenho a certeza de que foi.

– Conhecia bem a Alison? – perguntou ela educadamente.

Dave não fazia ideia de como responder.

– Hum... sim... bem, conhecia-a mais ou menos.

– Lily, querida, lamento tanto. – Uma mulher de cabelo pintado de ruivo agarrou-a num grande abraço, e Lily sorriu a Dave, agradecendo-lhe novamente, e ele afastou-se, misturando-se entre as pessoas, onde não pudesse ser visto a observá-la. Fascinava-o da mesma maneira que a irmã o fizera. Esse fascínio levava-o a voltar vezes sem conta para Alison – e não fora apenas por causa de sexo.

Mais tarde, de volta de uma obra que fora ver com Eugene, decidi que precisava de uma cerveja. Normalmente não bebia durante a semana, exceto às quintas-feiras, quando levava Marie a sair. Vira demasiados homens com barrigas de cerveja e rostos vermelhos e cheios de veias ao longo dos anos.

– Queres ir beber um copo? – perguntou quando chegaram aos carros.

– Olha que não me importava.

– Anda lá então, foi um dia terrível. Merecemo-lo.

– Como foi o funeral? – perguntou Eugene enquanto se sentavam confortavelmente no *pub* de Ryan.

– Pois, foi difícil. – Dave pousou as *pints* de *Guinness* e puxou um banco.

– Ela ainda era muito nova.

– É triste. Tinha família?

– Uma irmã. Igualzinha a ela. – Dave bebeu metade da cerveja de uma vez e lambeu os lábios. – Um menino, também. Muito pequeno.

– Isso é duro. – Eugene suspirou, mas nada disse.

– O que se passa é que... eu andava mais ou menos... a ter um caso com ela.

– Sim.

– Vi-a ainda na semana passada.

– O que aconteceu?

– Morreu afogada. Se calhar, até leste nos jornais. – Dave inquietou-se. Gostaria de poder fumar um cigarro, mas não lhe apetecia nada dar-se ao trabalho de sair dali.

– Creio que sim, pois. – Era claro que Eugene nada lera sobre o assunto.

– Andei a encontrar-me com ela, de vez em quando, durante alguns anos.

Mas guarda isto para ti. – Dave sorveu outro gole.

– Não ando a contar bisbilhotices sobre o meu chefe. – O homem mais velho fitou-o.

Dave fez sinal a pedir outra rodada.

– Escusado será dizer que a patroa de nada sabe.

– Claro.

– A Marie e eu damo-nos muito bem, mas sabes como é, os anos mudam as coisas.

– Pois mudam, creio.

– A questão é que... – Dave tirou dinheiro do bolso. – Depois de as miúdas terem nascido, a Marie bem... perdeu o interesse, se percebes o que

quero dizer.

– Percebo.

Eugene tentava não demonstrar constrangimento enquanto bebericava a cerveja, desejando, no fundo, não estar a ter aquela conversa. De onde vinha, uma pequena cidadezinha na Irlanda rural, ninguém falava nisso. Oh, claro que toda a gente sabia exatamente o que se passava em todas as casas quilómetros à volta, mas nunca ninguém o discutia. Dublin era um lugar estranho, há muito que pensava assim.

– Que se lixe, homem. – Dave pousou o copo. – Sou um macho saudável e normal. Não faltam é mulheres por aí para mim, nunca faltaram.

– Pois.

– Depois conheci a Alison e bem, foi espantoso. – Viu o desconforto do capataz e decidiu mudar de tática. – Mas a Marie é uma grande mulher, e isso tudo, sabes o que estou a dizer? E trato-a bem, vês isso, não vês?

– Vejo sim.

– Nada lhe falta. A casa está imaculada. Aquela extensão é a terceira que fazemos desde que a comprámos. Como casa camarária, agora está irreconhecível. – Fez um gesto de satisfação. – Temos pelo menos duas vezes férias ao ano e ela vai gastar o cartão em compras em Nova Iorque com as amigas todos os natais. Não a culpo, vê bem.

– Não. – Eugene era um homem de poucas palavras.

– Idolatro o chão que ela pisa. A sério que sim. Além disso, desta forma, significa que não estou a chateá-la, sabes?

– O que sei eu? – Eugene sentia-se pouco à vontade com o seu companheiro de cerveja.

– Porquê? Tu e a tua patroa fazem-no como coelhos?

Eugene pensou na sua mulher, Marge, na vivenda de três assoalhadas a alguns quilómetros de Killeshandra, com seis filhos e dois gatos. Calculou que tinham feito sexo cerca de dez vezes em vinte e tal anos de casamento. Sempre que Marge engravidava, voltava-lhe as costas e, depois, quando tinha o bebé, ficava exausta meses a fio. Sexo era algo em que ele já não pensava.

– Qual é a sensação de ter um caso? – perguntou então, sabendo que a oportunidade nunca se lhe apresentaria.

– Grande sexo, sem amarras.

Dave gostava que o homem mais velho pensasse que ele era experiente.

– E em relação ao Natal, aniversários, esse género de coisas?

– Não há problemas.

– Deves encontrar-te com mulheres que são bastante flexíveis, então. –

Tinha um forte sotaque de Cavan, fundo.

Dave sorriu.

– Faço com que valha a pena. – Piscou um olho.

Eugene fez um gesto de assentimento. Com Dave, sabia que tudo ia dar sempre ao dinheiro.

Continuaram a conversar durante algum tempo e voltaram a terreno seguro algures entre a segunda ou a terceira cerveja. Dave resolveu entrar em contacto com Lily. Pensar que a veria novamente empolgava-o, e ele nunca resistia a um desafio.



FOI MUITO DURO AGUENTAR O FUNERAL. Era a primeira vez que sentia o coração despedaçado – estranho que nada tivesse que ver com um homem. Sentia-me vazia, como se me tivessem arrancado as entranhas. O ritual ajudou: toda aquela gente e as coisas bonitas que diziam, e os abraços consolaram-me, mas depois reparei no Charlie e dei por mim a rezar para que tudo não passasse de um sonho. Continuava com esperança de que ela entrasse apressada na igreja, com o cabelo louro a esvoaçar, de sobrolho franzido, e assumisse o controlo de tudo como sempre fizera. Mas a fotografia dela olhava-me do alto de um caixão de madeira clara. Era uma das fotografias preferidas da minha irmã, em que aparecíamos as duas, tirada quando éramos adolescentes. Eu tinha um ar mortificado e ela parecia tão viva – era impossível não pensar no facto de o corpo dela jazer sob aquela fotografia, morto.

Falei a seguir à eucaristia por saber que seria o que ela faria. A ideia deixava-me aterrada. Tinha a certeza de que as minhas pernas não se aguentariam enquanto me dirigia para o púlpito e, quando lá cheguei, as mãos tremiam-me tanto que tive de abandonar as notas que a tia Milly me obrigara a escrever na noite anterior. Por isso, limitei-me simplesmente a falar às pessoas sobre o ser humano maravilhoso e decente que ela fora, uma das pessoas mais bondosas e gentis que eu conhecera. Lembrei a todos como tomara tão bem conta de mim durante todos estes anos. Como sempre me dizia «linda menina» – especialmente quando fazia o que ela queria –, como se eu fosse filha dela. Agora, deixava-me o filho para criar; disse-lhes o quanto me sentia assustada sem ela. Perguntei-lhes como conseguiria ultrapassar tal sofrimento, como se tivessem algumas respostas, algo em que eu não tivesse pensado. Então, quando percebi que estava à beira de me ir abaixo, despachei tudo o mais depressa que pude, pedindo-lhes que

rezassem por mim e pelo Charlie – pela linda menina de Alison e pelo seu filho.

Ao longo dos dias que se seguiram comecei a congeminar um plano. Não era grande coisa, mas era um começo. Sabia que não tinha outro caminho a não ser assumir o comando das coisas pela primeira vez na vida. Bem, foi a minha amiga Orla que realmente decidiu por mim. Veio a minha casa assim que recebeu o telefonema histórico que lhe fiz, deixando o patrão no hotel em Brighton completamente embasbacado.

– No fundo, acho que cheguei ao fim do caminho na gestão hoteleira – disse-me ela um dia ou dois depois do funeral. – Está a dar cabo da minha cabeça. Sinto-me tão contente por voltar a casa.

Encontrávamo-nos no meu apartamento, a experimentar uma receita nova para uma base de piza, por insistência dela. Orla pensava que não havia mal que não fosse curado através da cozinha.

– Nunca conseguirei agradecer-te o suficiente por teres vindo tão depressa – disse-lhe enquanto ela peneirava a farinha.

– Neve. – Charlie olhava para a farinha que escorria pela peneira. A nossa cozinha era pequena, como na maior parte dos apartamentos modernos, e andávamos quase por cima uns dos outros... ou por baixo, como no caso do Charlie.

– Sim, olha, está a nevar. – Bati na peneira sobre a cabeça de Charlie e ele desatou a correr aos gritos. Voltou minutos depois com o seu pequeno guarda-chuva e fez com que o salpicássemos de farinha durante imenso tempo. Acabámos por ficar os três cobertos de farinha e a cozinha num caos.

– Já chega! – gritei por fim, dando a Charlie uma pequena bola de massa para ele brincar.

Ele gostava muito de me ajudar na cozinha e sabia que ele se divertiria horas e horas com aquilo, a fazer bonecos e a colá-los na porta do frigorífico.

– Então, já decidiste o que queres fazer? – perguntou Orla, com doçura.

– Comecei a pensar.

– Pensar é bom. – Sorriu.

– Sinto-me como uma daquelas concorrentes do *Big Brother* acabadas de sair da casa – expliquei. – Não me consigo habituar a tomar decisões sozinha. É como se as palavras «quero» ou «não quero» não existissem no

meu vocabulário até agora. A Ali tomava a maior parte das decisões por nós.  
– Olhei para Charlie, que ladrava para um cão feito de massa. – Sinto tanto a falta dela. É como se parte de mim tivesse sido desligada, ou assim.

– Bem sei.

– Ela parecia sempre ter algum esquema, ou outra ideia a caminho e eu acompanhava-a, fazendo o que ela quisesse.

– Ela tinha uma personalidade muito forte. Era difícil dizer-lhe que não.

– Não penso muito nisso, sabes? Sempre gostei da vida fácil, sabes bem.

– Pois sei, mas és mais valente do que pareces. É só que tu, por vezes... – Sorriu-me, enquanto cortava algumas ervas aromáticas e o cheiro de manjeriço enchia a cozinha. – Tens aquele arzinho de quem não se rala com nada que faz com que toda a gente, especialmente os homens, queira resolver tudo sobre ti.

– Eu ralo-me com as coisas, não é isso... – comecei a argumentar, mas depois percebi que ela em parte tinha razão. – A Ali queria sempre resolver tudo por ambas. Acho que gostava de estar ao comando das coisas.

– Pois, eu sei. – Orla suspirou. – Mas também és boa nisso e acredito que conseguirás ultrapassar os problemas. Praticamente diriges aquele sítio onde trabalhas e, olha só para ti com o Charlie... quem teria pensado, não é? Estou mesmo orgulhosa da maneira como estás a lidar com as coisas...

– Ainda nada fiz – interrompi-a. – Nesta altura, tudo o que faço é sair da cama todas as manhãs e tentar lembrar-me de respirar.

– Bem, acho-te espantosa. – Apertou-me a mão.

– Não podia estar pior do que fiquei, pois não? Lembras-te do dia depois de aquilo ter acontecido, quando te liguei à noite, já tarde, aos gritos? Sem conseguir dizer nada de jeito?

Orla assentiu e ficou com ar triste.

– Eu estava no aeroporto e não te conseguia ouvir bem. Não sabia o que dizer para te consolar...

– Não precisavas de dizer nada. Bastou-me tirar tudo aquilo do peito. Meu Deus, Orla, só de pensar de a não ter por perto...

Orla limitou-se a fazer mais uma vez um gesto de assentimento e continuou a pesar os ingredientes.

– Ainda acordo a pensar em coisas que tenho de lhe dizer.

– Eu sei.

– A tia Milly ter chegado tão cedo salvou-me a vida. E tu também. Nunca esquecerei isso.

– A tua tia é uma querida.

– Ela tem tanto jeito com o Charlie. Tirou-me um peso enorme de cima. Há tanta coisa em que pensar.

– Quem me dera não ter de voltar dentro de poucos dias. – Orla fez um trejeito. – Penso que quero mesmo é voltar para casa.

– De vez? – Fiquei surpreendida.

– Sim, esta brincadeira da gestão não é para mim, como já te disse. Dirigir o pessoal é um pesadelo. Sou uma cozinheira, como tu. É o que faço melhor.

– *Chef* – corrigi-a. – E tens a formação adequada. Eu é que sou uma cozinheira. – Virei-me para a misturadora. – Mas, Orla, pensei que tinhas dito que o horário era uma loucura e que não conseguias suportar o calor e os temperamentos... – gritei por cima do barulho.

– Tu consegues.

– Sim, mas sou patroa de mim própria, mais ou menos. Os cozinhados que faço não matariam ninguém. Mas tu trabalhas em cozinhas com muita pressão, de certeza que o Gordon Ramsay é um gatinho comparado com o teu último patrão, ou já te esqueceste?

– Não, e sinto-me contente por estar a aprender o negócio. Vai valer a pena, ou pelo menos é o que toda a gente me diz. – Orla esvaziou a sua chávena. – De qualquer modo, vamos ver como o meu patrão estará quando eu voltar. Mais uma observação injusta e dou-lhe um murro, juro. – Olhou para mim. – Esta semana pôs muita coisa em perspetiva.

– Sim. Sei que sim. Tens razão, vou conseguir lidar com tudo. – Limpei as mãos ao avental. – Sinto-me até melhor depois de ter dito isto. De qualquer modo, preciso de começar por me encontrar com o advogado da Ali.

– Estás bem de dinheiro?

– Ele parece achar que sim. A Ali tinha algumas poupanças, mas tanto quanto sei usou todos os cêntimos para abrir o salão. Será que ele está a ter em conta esse valor? Logo saberei assim que falar com ele. Contudo, disse-me para não me preocupar, o que me deixa mais descansada. – Sorri-lhe. – Tudo o que poupei gastei em malas, já sabes.

– Sim, não vamos discutir agora o teu fetiche. Tem-te custado uma fortuna ao longo dos anos.

– Não, no fundo não. Não ganho tanto como tu. Aliás, até gosto de malas baratas e gosto imenso de andar por aí à procura de uma cópia decente de uma mala de marca. Vês? – Peguei na minha última aquisição, coberta agora de manchas de farinha. – Parece uma malinha *Chloé*, mas não é.

– Não tem o cadeado – disse logo Orla. – O que estou a dizer? – Riu-se. – Quase me viciaste também.

– A Ali poupava sempre para a que queria. Eu não, sou demasiado impaciente. No entanto, gosto imenso do e-Bay...

– Vocês eram mesmo diferentes, não eram?

Orla tinha um ar pensativo.

– O quê, queres dizer que ela tinha classe, era inteligente e sofisticada? – Sorri.

– Sim, ela era tudo isso. Mas tu és sensual e esperta e...

– ... um pouco idiota – acrescentei, atirando-lhe alguns tomates, para que ela começasse a pô-los em cima da massa.

– Não é verdade, só és descontraída, é tudo. Tens a cabeça bem assente nos ombros, como costumava dizer a minha mãe. – Olhou em volta. – Cebola vermelha ou chalotas?

– Cebola vermelha. Bem, não tenho cabeça para o dinheiro, isso de certeza.

– Tinham falta de dinheiro?

– Desde que o Charlie nasceu... – Olhei para ele, entretido a fazer uma ligadura com a massa para o seu soldado. – Era um pouco apertado, mas tudo o que eu fazia era transferir uma quantia para a conta da Ali todos os meses. O resto ficava para eu gastar como queria. Mesmo olhando para as contas que chegaram esta semana... nem sei como ela conseguia. O salão ainda nem sequer dava lucro, tanto quanto sei. Claro que eu comprava bastante comida e coisas para a casa e para o menino, mas não te sei dizer quanto devo nos cartões de crédito, isso de certeza.

– Muito bem, admito que as finanças serão o teu ponto fraco se alguma vez abrires o teu próprio restaurante...

– Há que séculos não sonhamos com isso, não é? – Sorri para a minha amiga. – A Sally e eu falámos tanto disso numa determinada altura, que ela dizia que o *meu* plano estava a levá-la à falência... calculo que a conta dela de telefone tivesse ido parar aos quatro dígitos.

– Bem, grandes telefonemas lá da Austrália têm tendência a fazer com que isso aconteça.

Era tão bom estar a falar assim com a Orla. Sentia imensas saudades de Sally desde que ela fora viver para Sydney e trocar *e-mails* não era a mesma coisa.

Abracei a minha amiga.

– Obrigada. Ajudaste-me imenso – disse-lhe.

– De nada – respondeu, limpando-me a farinha do nariz com um pano. – Por acaso, falei com a Sally ontem à noite. Está tristíssima por não poder voltar para casa.

– Eu sei, não paro de lhe dizer que se calhar precisarei dela mais tarde, quando tudo acalmar e estiver mesmo sozinha. Ela anda a poupar como doida para poder regressar em breve.

– Parece que os pais se ofereceram para pagar metade da despesa – disse-me Orla.

– Não me digas! Ela não me contou nada disso. Céus, como seria bom voltar a vê-la!

– Ups, se calhar não devia ter-te dito. Acho que ela estava a guardar a notícia para depois.

Colocámos as bases no forno, tomámos café e falámos durante toda a tarde, depois demos piza a Charlie, que ele adorou. Era exatamente o que eu precisava naquele dia.

A tia Milly ofereceu-se para levar Charlie com ela para casa durante algum tempo, e eu de início resisti. Porém, vê-lo lembrava-me sempre a minha inépcia e quanto a estabilidade da nossa pequena família dependera de Ali. Nessa noite, na cama, pensando em tudo o que ela fizera por nós, desejei imenso que a minha irmã – onde quer que estivesse – tivesse orgulho em mim, e cuidar do filho dela na perfeição parecia-me uma maneira tão boa como qualquer outra por onde começar. Sabia que não ter de cuidar dele no futuro imediato, enquanto resolvia todos os assuntos, ajudaria muito, e ele parecia já embevecido com a tia Milly, que, aliás, tinha muito à vontade com ele.

– Tens a certeza de que vais lidar bem com tudo, querida? – perguntou-me ela enquanto se preparavam para embarcar no comboio para Cork, um dia ou dois depois.

– Porque é que ninguém acha que conseguirei lidar com as coisas sozinha?  
– retorqui.

– Oh, não é nada disso. Mas sei que a tua amiga se irá embora amanhã e, comigo também fora, receio que fiques demasiado tempo sozinha.

Abracei-a.

– Eu fico bem. A tia tem sido uma joia... E há tanta coisa a fazer nas próximas semanas. Consegue cuidar dele? – Sabia que ela não ia para nova.

– Não há problema algum. Deixa o menino comigo o tempo que quiseres. – Ajustou a gola do casaco. – Para dizer a verdade, vou gostar de ter companhia. Nunca sei o que fazer quando não tenho alguém à volta a quem ralar. – Sorriu e abraçámo-nos novamente, depois dei um beijo rápido ao Charlie, temendo custar-me despedir.

– Vou ter tantas saudades tuas, bebé.

Agachei-me ao lado dele e subi-lhe o fecho do casaco vermelho. Ele era parte da minha irmã, e isso tornava-o parte de mim, e naquele momento era tudo o que eu tinha.

– Não sou bebé, sou o Charlie.

– Bem, sejam tu quem fores, amo-te muito.

Tentei sorrir.

– Adeus! – Contorceu-se para se libertar do meu abraço. – Tu-tu – apontou para o comboio e via-se que estava ansioso por ingressar na sua aventura, agarrado ao livro *Tomás e os Amigos*, que eu lhe comprara porque tinha lá muitos comboios.

– Ligo-lhe mais logo, tia Milly, e obrigada. – Abracei-a outra vez. – Obrigada por tudo.

– Então para que serve a família? – Despenteou o cabelito de Charlie e sorriu-me afetuosamente. – Liga-me sempre que quiseres, ouviste?

– Vou telefonar todas as noites e falarei com o diabinho.

Tentei sorrir enquanto lhes dizia adeus, depois segui para casa e desatei a chorar.

Nessa tarde, telefonei a Brian Daly, principalmente porque prometera aos meus amigos – incluindo Sally, por *e-mail* – que iria começar a pôr-me em marcha e tratar dos assuntos. Além disso, sentia que devia isso a Milly, que estava a alterar a sua vida a fim de poder ajudar-me. Orla fizera-me estabelecer prioridades e passámos horas a anotar coisas que eu precisava

de fazer. Alison dizia-me sempre que o truque de uma lista consistia em atacar primeiro os assuntos mais desagradáveis, ficando depois com a sensação de termos sido tão eficientes que resolvemos o resto com pouco ou nenhum esforço. Embora ligar a Brian não se encaixasse na categoria dos assuntos desagradáveis, tinha algum receio em relação a isso.

Assim que ele atendeu, fiquei sem palavras.

– Como está? – perguntou-me.

Era o que toda a gente queria saber.

– Não... não sei o que hei de fazer – proferi, abruptamente, e de imediato senti-me mal comigo. – O que quero dizer é que não sei por onde começar, em relação ao salão de estética e tudo isso...

Estava hesitante: homens de fato tinham sempre esse efeito em mim.

– Não se preocupe, é para isso que me pagam. – Consegui ouvi-lo a virar páginas. – Porque não vem fazer-me uma visita?

– Disse que precisávamos de falar? – inquiri, hesitante. Não tinha ideia de quando me teria dito isso; tudo o que dizia respeito àqueles primeiros dias estava muito confuso no meu cérebro.

– Sim, é verdade. Quando lhe daria jeito?

– Esta tarde? – sugeri, esperançosa.

– Receio ter já muitos compromissos. Que tal no início da próxima semana?

– Oh.

De súbito parecia que o vento deixara de soprar nas velas do meu já tão instável barco. Pensara que tratar dos assuntos me manteria sã de espírito e, até falar com ele, não sabia o que fazer realmente, sobretudo porque o Charlie se fora embora. O apartamento estava tão silencioso sem ele.

Brian deve ter pressentido qualquer coisa.

– Posso encontrar-me consigo para uma breve conversa ao final do dia, digamos, por volta das cinco e meia? – sugeri. – Será apenas uma reunião informal. Continuará a ser necessário sentarmo-nos com calma, na próxima semana e... analisarmos a situação.

– Que bom, obrigada. – Aproveitei logo a oportunidade.

Explicou-me como lá chegar.

– Depois podemos combinar uma reunião mais formal e prolongada. Há documentos que preciso que assine, mas ainda não os preparei convenientemente – explicou.



– Está bem.

Desliguei o mais depressa que me foi possível, não se desse o caso de ele mudar de ideias. Tudo o que eu sabia era que precisava de andar para a frente e de não passar muito tempo a pensar. De outro modo, invadia-me uma sensação doentia, opressiva, tornando a mais pequena tarefa um fardo insuportável.

– Sabes como se come um elefante? – Era uma das frases preferidas de Alison. Conseguia vê-la rir-se enquanto a dizia.

– Um bocadinho de cada vez. – Costumava deitar-lhe a língua de fora como resposta.

– Mas o que se faz enquanto se mastiga cada bocado? – perguntei para o vazio.

– Continua-se a mastigar. – Conseguia ouvi-la tão bem como se estivesse à minha frente naquela cozinha vazia. – Passado um bocado, já estás a morder bocados maiores sem sequer dares por isso.

Os escritórios da Brian Daly and Co. situavam-se ao cimo de Francis Street, no centro de Dublin. Esperava algo muito mais elegante. Um dos mercados cobertos mais antigos de Dublin, o Iveagh, ficava ali perto, e reconheci o cheiro a roupa velha e sapatos de pele que ainda permanecia no ar, apesar de se encontrar fechado havia anos. Havia mulheres de lenço na cabeça que ainda ali vendiam peixe em tabuleiros de madeira em cima de velhos carrinhos de bebé, de modo a poderem fugir rapidamente caso a polícia aparecesse, pois a União Europeia acabara com este género de comércio.

Brian apareceu para me cumprimentar quase de imediato e quando me sorriu senti-me logo menos nervosa. Vestira o meu único calça-casaco e prendera o cabelo para tentar ter o aspeto que eu imaginava que os outros clientes dele teriam. Embora fôssemos gémeas, Alison fora a mais confiante, sempre à vontade em qualquer situação. Quanto a mim, deixava sempre que ela falasse primeiro até me juntar à conversa, apesar de Stephen Pritchard, o meu patrão, me ter dito mais do que uma vez que eu conseguia convencer toda a gente quando queria. Por vezes, mostrava-me um pouco rebelde ao tentar esconder as minhas inseguranças, que aliás eram demasiadas para conseguir escondê-las durante muito tempo. Era também algo desajeitada quando estava nervosa, o que me acontecia muitas vezes.

– Entre. – Brian fez-me entrar numa sala grande repleta de arquivos de metal e de livros poeirentos. – Café?

– Não, obrigada.

Tentei parecer descontraída. Teria gostado imenso de tomar um café, mas sentia que provavelmente o entornaria.

– Sente-se, por favor. – Indicou-me uma cadeira castanha com aspeto usado. – Como tem passado? – perguntou enquanto dava a volta à secretária.

Ele era tão descontraído que me ajudava a sentir menos constrangida.

– Bem, creio.

Mexi ansiosa na correia da minha mala de *tweed* verde-lima, que pertencera a Ali. Levara-a emprestada para me dar confiança. Era uma *Orla Kiely* e recordava-me de me ter perguntado como podia ela ter-se dado a esse luxo na altura. A minha irmã explicara então que alguém lha dera, um dos clientes habituais, creio. Pareceu-me um presente caro de mais para agradecimento, mas enfim, que sabia eu?

– Fiz uma lista, veja.

Estendi-lha como uma criança que acabou de pintar o seu primeiro desenho e que aguardava que ele reconhecesse a obra-prima. Em vez disso fitou-me intensamente, à procura de sinais de esgotamento, imaginei. Da última vez que me vira estava destroçada pela dor. Ainda me sentia envergonhada pela forma como falara com ele.

– A Ali fazia sempre listas – proferi discretamente. – Espero que alguma da sua capacidade de organização tenha passado para mim.

– Fazia, não fazia? – Ele sorria com bondade. – A minha mãe também faz. Deve ser algo típico das mulheres.

– Bem, não desta mulher, pelo menos até agora. – Suspirei. – Subitamente há tanto a fazer e não sei bem como... tratar da maior parte das coisas, para ser sincera.

– Deve ser muito difícil para si...

Encolhi os ombros.

– A Ali era como uma mãe para mim, no fundo, mesmo apesar de sermos... termos a mesma idade. Nunca tive de me preocupar com nada... era ela quem tratava de tudo.

– Eu sei.

– Sem ela, sinto-me desamparada. – Tive medo de começar a chorar, por isso, mordi a bochecha por dentro. – No fundo, não há nada de mais na lista

– admiti. – Apenas telefonar-lhe, assim como à tia Milly e depois tentar encontrar as chaves dela do salão. A minha amiga Orla fez-me anotar tudo, todas as coisas mais ínfimas que eu tinha na cabeça. Mas depois perdi essa lista. – Ergui os olhos ao céu.

– Telefonar-me foi uma boa maneira de começar.

– Estou preocupada com o dinheiro. – Céus, esperava que ele não pensasse que eu iria pedir um empréstimo, ou algo pior, tentando não ter de lhe pagar os honorários. – Não sou... não estou completamente falida, nada disso. Tenho algum dinheiro. É só que a Ali pagava todas as contas e sei que tínhamos sempre falta de dinheiro no fim do mês.

– Lily, não há problema algum em relação a dinheiro. – Passou a mão pela testa como que a tentar decidir por onde começar. – Esperei que a tivesse conseguido convencer disso no dia em que a visitei. – Parecia preocupado pelo facto de eu estar preocupada.

– Eu sei, falou-me disso. É só que... não compreendo. O negócio que ela tinha não dava dinheiro, tanto quanto eu saiba. Quer dizer, não faço a mínima ideia sobre a quantia que será, mas, pelo que a Ali dizia, sabia que era uma luta... – Oh, meu Deus, estava a dizer uma série de disparates, como uma doida. Tossiquei e recomecei a falar. – O que quero dizer é que ela não pode ter poupado muito, realmente, mesmo apesar de ser sempre tão... – Ia dizer agarrada, mas apercebi-me de que não era a palavra certa – ... cautelosa – arrisquei. – Nunca se descontrolava com as contas e pagava sempre o cartão de crédito todos os meses. Qualquer coisinha que poupasse ia para o Charlie...

– Lily, o vosso pai deixou dinheiro, bastante até – disse ele mal me interrompi para respirar.

– Sim, para as suas obras de caridade. Sabemos disso.

Por mais que eu tentasse ser profissional e parecer uma mulher de negócios com Brian, não conseguia evitar um trejeito dos lábios sempre que o meu pai era mencionado.

– Não, não só para isso. – Abriu um arquivo, mas percebi que ele não precisava de olhar para o que estava lá dentro. – Deixou uma grande quantia em dinheiro para os netos, por exemplo.

Demorei um momento a encaixar aquilo.

– Mas não havia dinheiro nenhum quando ele morreu – retorqui, perplexa.  
– E em relação aos filhos?

Brian falou calmamente.

– Receio que não haja nenhuma herança direta para vocês. Mas ele queria mesmo deixar qualquer coisa às futuras gerações. E existiam determinadas condições – acrescentou rapidamente. – Deixou tudo bem expresso, muito antes de morrer.

– Que género de condições?

Suspirei, mas aquilo no fundo não me surpreendia. Por que razão deixar aos netos que não tinha e não para as filhas que tinha? Mesmo enquanto tentava perceber sabia que era típico dele.

– Mister Daly, desculpe interromper. – Uma loura magra espreitou pela porta entreaberta precisamente na altura em que Brian ia dizer qualquer coisa. – Peço imensa desculpa por interromper, mas pediu-me que lhe dissesse se Mister Proctor telefonasse e ele está agora ao telefone...

– Oh, certo. Obrigado, Maeve, vou atender. – Levantou-se. – Dá-me licença, Lily? Tenho estado o dia inteiro à espera desta chamada.

– Com certeza, não se preocupe.

– Não demoro.

Desapareceu. Falar-se no dinheiro do meu pai fez-me lembrar do quão sovina ele fora na nossa infância.

\* \* \*

*– Não gasto mais dinheiro em roupa. Trata-se de um colégio interno, onde vão usar uniforme a maior parte do tempo – insistiu o meu pai. – E se quiserem mesmo ir, há regras que terão de cumprir.*

*– Preciso de roupa nova – repliquei, carrancuda, não dando importância ao olhar de aviso de Ali.*

*– A tia Rose esteve a ver toda a vossa roupa e disse-me que estão bem servidas.*

*– Toda a gente recebe roupa nova quando entra numa nova escola!*

*– Se quiseres mais alguma coisa, podes arranjar um trabalho em part-time e, se continuares com impertinências, passas o fim de semana fechada em casa a estudar. – Foi-se embora e bateu com a porta.*

*– Lily, bem te avisei para não o irritares. – Ali tinha novamente um ar ansioso – Quando nos formos embora, as coisas vão correr melhor, vais ver.*

– Não vou usar aquelas calças castanhas nem mais um dia, quanto mais um período inteiro! – Apetecia-me cortá-las com a tesoura em farrapos. – De qualquer maneira, porque será que ele pede sempre à tia Rose roupa cinzento-escura e castanha?

– Não faço ideia, mas não te preocupes, havemos de nos arranjar.

– É porque ele preferiria que fôssemos rapazes – disse, obstinada. – «Menos trabalho» – imitei-lhe a voz. – Voltou a dizê-lo no outro dia a Mistress Nolan.

– De qualquer maneira, vou vender o meu relógio de prata sem lhe dizer. – Ali sorriu e piscou-me um olho. – Assim teremos um tesouro secreto.

Mesmo naquela altura ela protegia-me, para que eu não fosse privada de nada. Recordar-me isso fez-me desejar tanto tê-la de volta que estive quase a rebentar de novo em lágrimas..

– Peço desculpa, tinha mesmo de atender – justificou-se Brian. – Agora, onde íamos nós? – Sentou-se rapidamente com uma lufada de ar frio.

Não precisei de pensar muito tempo.

– Falávamos das condições – respondi prontamente.

– Sim, é verdade. Bem, em relação a Alison, se ela se tivesse casado, a quantia seria posta numa conta para ajudar na educação do filho ou filhos.

– E caso não fosse casada?

– Então, torna-se mais complicado. Se ela tivesse um filho fora... do casamento, como ele colocou as coisas, não teria acesso a nenhum dinheiro até a criança ter três anos e, mesmo assim, só se ela mantivesse a criança.

– Ele pensou mesmo que alguma de nós abandonaria um filho? – perguntei, um pouco chocada. – Creio que isso se deve a não nos conhecer de todo – proferi, mais para mim do que para ele. – Quando a minha mãe morreu, ele praticamente abandonou-nos. – Vi que Brian Daly franzira o sobrolho e só então me apercebi de que pronunciara aquilo em voz alta. – Oh, não digo de forma literal, nunca passámos fome nem nada. É só que ele nunca passava tempo nenhum connosco. Não sabia lidar com crianças, era o que toda a gente dizia. – Pensei em todas as alturas em que senti falta do meu pai, enquanto ia crescendo, e do quanto precisava que ele me desse um abraço e me dissesse que tudo iria correr bem. – Por isso a minha irmã era tão importante para mim – confessei com tristeza a Brian. – Foi a única pessoa que esteve sempre presente na minha vida.

– Lily, não estou a tentar justificar o que ele fez, nada disso... – proferiu com calma. – Compete-me simplesmente tratar de...

– A Ali e eu tivemos de aguentar anos de poupanças tremendas, quase nada gastando, apenas porque ele pensava que isso faria de nós melhores adultas.

– Sentia o calor subir até à gola da camisa. – E não importava nada que a minha família não tivesse falta de dinheiro. – Pensei de súbito numa coisa. – A Ali sabia disso? Quer dizer, terá sido por isso que engravidou? – Tentava parecer horrorizada, mas, no meu íntimo, estava esperançosa.

– Não, não, ela nada sabia sobre este assunto.

– Então, se ela de nada sabia, por que razão não teria ele disponibilizado o dinheiro imediatamente? – Mesmo quando perguntei, sabia que aquele comportamento era típico da natureza controladora do meu pai. Céus, talvez fosse aí que Ali a tivesse ido buscar? Senti-me desleal só por pensar naquilo. A minha irmã nada tinha que ver com o meu pai e graças a Deus que eu ainda tinha menos.

– Suponho que terá sido apenas uma precaução suplementar... – aventou Brian.

– Então, desde que ela mantivesse o bebé, quando seria avisada?

– No dia em que a criança fizesse três anos.

– Mas isso foi apenas há algumas semanas... – tentei pensar na data exata, mas o meu cérebro estava tão atordoadado como o resto do meu corpo.

– Sim.

– Mas por que razão fazê-la esperar? Suponhamos que ela dera o bebé para adoção ou assim? Quer dizer, ela podia ter... – Porém, eu sabia que não.

– Céus, Brian, nós lutámos mesmo muito nos últimos anos. Se não fosse o negócio... – Abanei a cabeça. – Não compreendo isto.

– Receio que não possa especular sobre o assunto. Tudo o que sei é que foram estas as instruções dele.

Bem, aquilo explicava as coisas. A leveza de Ali nas últimas semanas, a atitude quase despreocupada, a sua constante insistência em que tudo iria correr bem. Recordei-me subitamente das duas malas caras que ela nos comprara sem razão aparente.

– Então, quando recebeu ela o dinheiro?

Admirei-me com o meu descaramento com um homem com quem tivera receio de falar apenas algumas horas antes.

O olhar dele continuava firme, mas respondeu-me com voz triste.

– O primeiro pagamento foi transferido para a conta dela no dia em que ela morreu.

SUSTIVE A RESPIRAÇÃO.

– Está a brincar, não?

Os advogados costumam brincar, por acaso? Pelos vistos, aquele parecia que não.

– Não. Quer um copo de água? – Eu deveria ter ficado verde ou tão pálida que ele se levantou imediatamente.

Abanei a cabeça.

– Oh, meu Deus! – Era demasiado para mim. – Quer dizer que ela apenas descobrira...?

Fechei os olhos e tentei imaginar como se devia ela ter sentido. Tornava o que lhe acontecera mil vezes pior.

– Eu pressenti que havia qualquer coisa – proferi baixinho. – Ela estava tão entusiasmada quando me telefonou à hora do almoço.

Nenhum de nós pronunciou palavra durante um ou dois segundos.

– Ela tinha tanto a prendê-la à vida... o Charlie, o salão... e, por fim, uma herança. – Fitei a parede. – Para nós teria sido um sonho tornado realidade.

Ali mesmo, sentada naquele escritório de tons castanhos e asfíxiante, eu teria dado tudo o que tenho para que as coisas tivessem sido diferentes.

– De quanto dinheiro estamos a falar?

No fundo, não queria saber e, contudo, queria-o desesperadamente.

– Cem mil euros.

– Não. – E achara eu que nada mais do que ele pudesse dizer me surpreenderia. – Ela tinha mesmo isso nas mãos?

– Sim. Bem, na conta dela.

– No dia em que morreu? – Olhava para Brian, mas no fundo falava comigo própria. – E ela já sabia... que seria essa quantia?

Ele fez um gesto de assentimento.



– Não admira que andasse tão animada nestas últimas semanas. – Engoli em seco, recordando como ela cantarolara uma noite enquanto dava de comer a Charlie, e eu lhe disse na brincadeira que ela tinha de certeza namorado novo. – Ela ficou... radiante?

Ele olhou-me um longo momento.

– Creio que ficou mais contente ainda por sua causa.

Fechei os olhos, fazendo um sinal de assentimento. Aquilo fazia sentido apenas para mim, imaginei.

– Ela não parava de falar sobre uma parte da quantia ir para si, como gostaria que abrisse o seu próprio negócio, uma loja *gourmet* ou qualquer coisa do género.

– Ah, sim, aquele velho sonho. – Sorri-lhe. – Eu só menciono essa fantasia quando estou bêb... hum, quando bebo demasiado.

Brian sorriu.

– Ela de facto disse que você falava sempre com muita animação sobre ter um negócio seu quando chegava tarde a casa, normalmente quando ela dormia.

– Sobretudo depois de vinte *Bacardi Breezers*. Acordava-a sempre e, por mais vezes que ela ouvisse aquilo, nunca me mandou calar. – Ri-me. – Felizmente, não acontecia muito. Eu não me podia dar a esse luxo na maior parte das vezes.

Brian nada retorquiu e eu perdi-me em pensamentos, lembrando-me dela por instantes.

– Ela podia ter feito isso, transferido uma certa soma para mim, quero dizer? – perguntei.

– Sim, falámos nisso, mas nunca definimos pormenores. O dinheiro era dela, podia fazer dele o que quisesse, desde que fosse em benefício do Charlie. Achava que se você tivesse um trabalho seu significaria que teria mais liberdade para desempenhar um papel maior no desenvolvimento de Charlie... sabia que a Lily gostava imenso de passar tempo com ele. Mas desconfio que a sua motivação principal era que realizasse o seu sonho. Recordo-me de ela me contar que você brincava aos cafés desde pequena. Dizia que costumava deitar-lhe água na chávena, fingindo que lhe servia o chá da tarde.

– Era água suja. Com sandes de pepino feitas de cartão, com papel crepe verde no meio a fazer de recheio. – Sorri. – À medida que crescemos, as

nossas fantasias tornam-se mais sofisticadas, não é verdade?

De facto sonhámos acordadas durante toda a nossa adolescência, e foi só quando descobrimos os rapazes que esses sonhos começaram a envolver estrelas de *rock* e enormes limusinas. Por fim, nos vinte anos, já tínhamos percebido e descoberto tudo e estávamos mais realistas também. Ali trabalharia durante o dia e eu no meu restaurante, à noite: assim, partilhávamos Charlie. Ela costumava rir-se e prometer que trataria das minhas mãos mal cuidadas e dos meus pés magoados com todo o carinho, desde que eu a mantivesse abastecida de tartes e empadões. Calculámos que Charlie andaria permanentemente coberto tanto de loção para o corpo como de farinha.

– Não é então uma tragédia terrível – tentava não me mostrar muito emotiva ao falar – que ela morresse no dia em que tinha todas as razões e mais alguma para viver? Quero dizer, nunca, mas nunca, imaginei que isso pudesse acontecer... e graças ao meu pai. Céus, quanto dinheiro tinha ele?

– Muito – respondeu Brian de mansinho. – Ou, pelo menos, muitos terrenos.

– Sabia que estava bem de dinheiro, mas certamente todos aqueles terrenos que tinha não valiam muito. Não os de Sligo?

– Uma parte enorme desses terrenos foi requalificada para construção, alguns anos antes de ele morrer. Além disso, algumas das terras estavam situadas à volta daquele castelo, como se chamava? Não sei se está lembrada...

Abanei a cabeça.

– De repente ele encontrou-se numa posição muito poderosa. O castelo obtivera autorização para a construção de cerca de quarenta casas luxuosas nos seus terrenos e queriam imenso ficar com as terras dele. – Sorriu para mim. – O seu pai negociou forte e feio com eles. Fez imenso dinheiro com a venda dos terrenos.

Aposto que sim.

– Então a Ali ficou com cem mil de uma só vez? – perguntei após um instante, consciente de que ele me observava.

– Exatamente. E há mais.

Presumi que ele queria dizer que haveria mais condições.

– Mais? Sentia ainda que o meu pai poderia retirar tudo de novo. Mesmo do lugar onde se encontrava.

– Mais dinheiro. Existem pagamentos agendados para o futuro, todos os anos, pelo aniversário do Charlie. Dinheiro para outras... despesas também.

– Quanto?

Odiava-me por estar tão ansiosa e odiava o meu pai ainda mais por me transformar numa espécie de garimpeira rejubilante, como só se vê nos velhos *westerns* americanos.

– Será pago em várias tranches, tal como lhe disse, mas será quase um milhão, até ele chegar aos vinte e um anos.

– Mas quem decide isso? Quero dizer, o dinheiro pode ser usado para qualquer coisa ou terá de ser gasto exclusivamente com o Charlie?

Sentia o meu coração a querer saltar do peito.

– Bem, uma boa parte está ligada a um fundo especificamente para a educação dele e algum vai direto para Alison...ou para si, agora. É administrado por mim e pelo Paul Cleary, um contabilista ligado a este escritório, e será supervisionado pelo nosso sócio mais velho, mas, no fundo, o seu pai queria que o neto tivesse um certo nível de vida, uma boa casa e coisas boas, e a responsabilidade disso caberia à mãe.

Tinha milhentas perguntas, mas não sabia por onde começar e estava com medo de me esquecer de alguma coisa e depois ir para casa e não conseguir dormir.

– Ainda mal posso acreditar – foi a única coisa que me ocorreu dizer. Olhei fixamente para Brian. – Deve haver aí alguma armadilha.

Ao dizer aquelas palavras pensei numa.

– E agora? – perguntei com um tom que esperava ser calmo. – Agora, que a Ali morreu? Mencionou-me... – tentei manter um tom de voz normal, apesar de me sentir à beira da histeria, mas isso era apenas porque acabara de compreender a última das ironias, que seria se todo aquele dinheiro desaparecesse com ela. A Ali fora sempre a preferida do meu pai... se é que de facto ela preferia alguma de nós. Tinha a certeza de que ele não teria querido que a sua fortuna acabasse por vir para mim, a criança que nunca o deixava esquecer o que ele nos fazia.

Senti que Brian adivinhara os meus pensamentos.

– Está tudo bem. A Alison fez um testamento.

– Quando? Como? Ela só recebeu o dinheiro no dia em que...

– Tínhamos falado disso anteriormente. Assim que ela soube, deu-me instruções para redigir um testamento. Eu tinha todos os papéis necessários

preparados. Ela assinou tudo naquele dia. – Abanou a cabeça. – Lily, sei que tudo isto é muito para si de uma só vez. – Encolheu os ombros. – Até a mim me parece um pouco irreal... a morte dela logo naquele dia. – Consultou de novo os papéis. – Normalmente as pessoas levam que tempos até pensarem sequer em fazer testamento, quanto mais a decidir o que fazer. Mas a Alison foi muito firme. Assim que lhe contei sobre o dinheiro, ela deu-me logo instruções. Mesmo que a sua irmã não tivesse assinado os papéis, as intenções que tinha eram claras.

– Então quais eram as intenções dela?

Estava com algum medo de perguntar.

– A Alison entregou-lhe a custódia do Charlie. – Ele interrompeu-se e mergulhou novamente na papelada, mais para me dar tempo, creio. – Também a fez beneficiária de todos os bens dela.

– Todos?

– Sim.

– Até do apartamento?

– Claro. – Ele tentava incutir-me confiança. – Era a sua casa também.

– Eu sei, mas foi ela quem pagou a entrada e como eu estava... entre empregos na altura, a Alison era a única que podia pedir um empréstimo.

– Bem, agora pertence-lhe e... – Remexeu numa outra pilha de papéis. – Ela tinha um seguro de vida associado ao empréstimo, tanto quanto me lembro... sim, vejo aqui uma nota sobre isso, e o apartamento estava em nome das duas, por isso o empréstimo será liquidado.

– Quer dizer que nem sequer terei de pagar a prestação todos os meses?

– Nem um cêntimo. É para isso que servem estes protocolos.

Pela primeira vez desde que ela morrera pensei mesmo que conseguiria safar-me financeiramente, algo que me andava a deixar sem dormir. Contudo, agora já não teria de me preocupar se conseguiria tomar conta do Charlie como devia ser ou qualquer outra coisa que me mortificasse. Era uma loucura.

– E o testamento do meu pai não pode mudar nada? –

Voltei à terra com um tombo.

– Não. – Brian enfatizou a palavra. – Nada.

– Tem a certeza? Não existe nenhuma cláusula meio obscura? O meu pai teria preferido que o refúgio dos burros tivesse cenouras nos próximos

milhões de anos a deixar-me todo esse dinheiro... independentemente do que sentia pela Ali.

– Tenho a certeza – retorquiu Brian.

– Eu era a mais impertinente, sabe. Toda a vida dele se resumia ao tanto que trabalhara e ao quanto a minha mãe nos tinha mimado. – Pensei naquilo um minuto. – Eu fazia-o lembrar-se muito dela. Ele não me teria deixado a fortuna – contei tranquilamente a Brian. – Porque nunca o deixei esquecer o que nos fazia ao ser tão severo e ao andar sempre afastado, mandando-nos constantemente para casa de parentes, insistindo que fôssemos para um colégio interno.

– Não, nada existe de sinistro no testamento. – Sorriu para mim com tristeza e abanou a cabeça. – Mais algumas condições, mas que estão relacionadas sobretudo com a criança. Nada que afete a sua situação. Não creio que algum de nós, muito menos o seu pai, tivesse previsto que isto acontecesse. – Olhou-me intensamente. – Ela era tão nova – disse ele, baixinho.

Algo no modo como o proferiu levou-me a pensar que poderia ter estado um bocadinho apaixonado por ela.

– E tão linda.

Eu dizia sempre aquilo como se não estivesse relacionada com ela e não fôssemos gémeas.

– Sim – concordou Brian, com um meio sorriso. – Era linda. – Voltou a vasculhar nos ficheiros. – Na verdade, hoje está muito parecida com ela – acrescentou logo a seguir.

– Nem por isso. – Sorri. – Nunca tive aquele encanto de estrela de cinema. Só me arranjo bem.

Devo ter-me abatido um pouco, pois ele voltou a olhar-me com ar preocupado.

– Talvez devêssemos deixar as coisas como estão por agora. Para ser sincero, não tencionava adiantar-lhe tantos pormenores. Tudo aconteceu tão recentemente.

– Sim. – Levantei-me e ele também. – Sabe uma coisa, nem consigo acreditar que a Ali pensasse em tudo com tanta antecedência, que fosse tão organizada. – Abanei a cabeça como se para aclarar as ideias. – Imagine tratar de todas estas coisas tão rapidamente. Se fosse eu, creio que nem sequer teria tratado do seguro de vida.

– Creio que é o que acontece quando se tem um filho.  
– Tem filhos? – Apercebi-me de que nada sabia sobre ele.  
– Não. – Deu a volta à secretária. – De certeza que não quer mesmo um café?

– Não, obrigada. – Sorri-lhe. – Não aceitei antes por estar tão nervosa e ter medo de entornar tudo. Agora tenha a certeza de que não conseguiria segurar uma chávena, nem que a minha vida dependesse disso. Veja, estou toda a tremer.

– Qualquer coisa mais forte, talvez? Posso oferecer-lhe um pequeno brande ou um porto? – Parecia algo que um avô sugeriria numa emergência.

– Tem tequila? – perguntei. – Estou a brincar – apressei-me a dizer ao vê-lo franzir as sobrancelhas.

– Não bebemos muita tequila aqui no escritório. – Sorriu.

– No fundo, apetecia-me imenso beber qualquer coisa, mas acho melhor não. Creio que devo manter a cabeça fria para pensar em tudo o que acabou de me dizer.

– Podemos ir ali abaixo ao *pub* beber um copo de vinho? Isso não faria mal a nenhuma das células do seu cérebro.

– Não, obrigada, na verdade estou exausta e sei que terei uma lista de perguntas a fazer-lhe depois de digerir isto. Posso telefonar-lhe?

– Claro, é para isso que aqui estou. De qualquer modo, teremos de nos voltar a encontrar, como lhe disse. Pedirei à minha secretária que lhe ligue amanhã para marcarmos uma reunião formal. – Sorriu, com ar cansado. – Isto devia ter sido apenas uma conversa informal...

– Eu sei. – Tinha a sensação de que de alguma forma me impusera a ele. – E estou-lhe muito grata por me ter recebido hoje. Não sabia por onde começar, como lhe disse.

– Foi um prazer. – Voltara a falar como um advogado. Estendi-lhe a mão no último momento. Ele agarrou-a com firmeza. – Cuide si. – Sorriu e eis de novo o Brian com o qual me identificava.

– Cuidarei.

– Acompanhá-la-ei à saída. Talvez já tenham fechado a porta. – Abriu-me a porta do gabinete e apercebi-me de que estivera ali quase duas horas. Como seria uma reunião «verdadeira»? Sentia-me de rastos.

Chegámos à entrada principal num instante. Ao voltar-me para um último adeus, assaltou-me outro pensamento.

– E se a minha irmã tivesse tido uma filha? – perguntei ainda. A Ali dizia sempre que o meu pai nos teria tratado de modo diferente se fôssemos rapazes.

Brian pareceu constrangido por falar num espaço aberto, apesar de o recinto se encontrar vazio, pelo menos pelo que eu conseguia ver.

– Isso teria feito alguma diferença? – insisti, curiosa.

– Sim.

– Como?

– Não havia herança caso fosse uma menina – disse ele, calmamente. – Isto só se executaria se a Ali tivesse um filho varão.

– TERIA SIDO MAIS JUSTO SE TIVESSE SIDO EU – desabafei com a minha tia, nessa noite, depois de ter estado sentada horas e horas a pensar como Ali se devia ter sentido feliz no dia em que morreu.

– Chiu, menina, não digas isso. Existe um plano divino para todos nós, tenho a certeza.

– Mas ela tinha um filho para criar... e eu não passo de uma criança grande – era o que o meu pai me chamava sempre.

– O teu pai tinha os seus próprios demónios. – A tia Milly nunca falava mal de ninguém. – A mãe abandonou-o quando era menino, lembras-te? Ele teve pouco ou nenhum contacto com o sexo feminino até conhecer a tua mãe.

– Porque se casou ela com ele? – Nessa noite eu pretendia respostas a todas as perguntas.

– Amava-o – respondeu a minha tia simplesmente. – Acho que foi a única pessoa que o tentou compreender. Ele amava-a também, ao seu modo. Tornou-se muito mais meigo quando a conheceu.

– Então porque nos ignorou quando ela morreu?

– Do ponto de vista dele, ela também o abandonara. Creio que vocês duas lhe lembravam tudo o que havia perdido. – A minha tia parecia tão triste quanto eu. – Sinto-me culpada, para dizer a verdade. Deveria ter-me esforçado mais para que viessem viver comigo.

– Não diga isso. – Senti-me pior ainda. – A tia foi sempre tão boa para nós. Além disso, tinha de tomar conta dos avós.

Tentei sossegá-la o melhor que consegui. Estivemos imenso tempo a falar. Ouvir notícias do Charlie animou-me um pouco e quando veio falar comigo ao telefone senti uma súbita vaga de amor por ele, que me apanhou de surpresa e me fez agradecer em silêncio a Deus por se encontrar bem.



Dois dias depois, voltei ao trabalho, receosa de, se me ausentasse por mais tempo, nunca mais lá voltar. O sonho de ter o meu próprio negócio começava a manter-me acordada desde que Brian me contara o que Ali pensava. O meu patrão ficou surpreendido e feliz por me ver regressar tão depressa.

– Temos andado aqui perdidos sem ti – disse-me Stephen ao cumprimentar-me com um abraço que quase me sufocou.

– Pois sim. – Sabia que ele dizia aquilo por dizer. – Quem tem estado ao serviço?

– A Corporate Catering. Tem corrido bem, tirando o facto de termos uma pessoa diferente quase todos os dias.

– Eles são bons. – Não ia falar mal de Audrey e Robert O’Neill, conhecia-os havia anos e tinham sido simpáticos comigo quando eu nada sabia do negócio. – Gostaria imenso de ter o género da empresa deles. – Olhei pela janela.

– São ótimos, mas não possuem o teu toque pessoal.

Ele reparava em tudo.

Pensava em quando começara a cozinhar e a imaginar o que o futuro poderia trazer, mas, mesmo sem olhar para ele, percebia que tinha os olhos fixos em mim.

– Estás bem, meu doce? – perguntou naquele que eu chamava o seu sotaque «profundo».

A mãe do meu chefe nascera num dos estados do Sul dos Estados Unidos, na Geórgia, creio, ou no Alabama, e ele vivera lá alguns anos, em criança.

– Estou. – O modo carinhoso como me chamava fazia-me sempre sorrir. Era um homem enorme e eu teria gostado imenso de o ter como pai. – Mas devo avisar que rebento em lágrimas de um momento para o outro e por dá cá aquela palha. Por isso, mantenha-me afastada dos clientes mais importantes por um dia ou dois, está bem?

– Não há problema. Ficaria mais preocupado se o não fizesses. Passaste por uma situação terrível.

– Então, o que se tem passado?

– Porque não vais buscar um café e falamos sobre isso? Oh, e eu bebo um e bem forte, se mo trouxeres.

– Claro, chefe. – Agarrei na bainha do meu avental de linho e fiz uma vénia antes de sair. Era uma brincadeira nossa com que nos divertíamos por

vezes. Sorri e percebi que ele ficara aliviado enquanto eu desaparecia na cozinha e preparava qualquer coisa para comer.

O meu trabalho era muito simples. Aborrecido até. Trabalhava para uma grande firma de advogados como empregada ou cozinheira ou empregada de mesa, enfim, tudo o que tivesse que ver com comida. Não precisavam de um cozinheiro a tempo inteiro, mas gostavam de ter alguém que servisse comida para impressionar os clientes. Na maior parte das vezes era um almoço para alguns parceiros de negócios, bebidas para pequenas festas na sala da direcção ou *snacks* para os alimentar durante as reuniões que se prolongavam noite fora, o que, aliás, ocorria frequentemente. O único problema era que, apesar de ser uma excelente cozinheira – mesmo dizendo isto de mim mesma –, sou péssima a servir e perdi a conta a quantas travessas *Waterford* e chávenas e pires *Wedgwood* estilhacei com uma cotovelada descuidada. Mesmo assim, era um dinheiro que dava muito jeito à desleixada que eu era, embora o facto de eu escolher o caminho mais fácil significar que ansiava por um desafio grande parte do tempo.

Ao voltar para junto de Stephen passei por um dos sócios. Mantive a cabeça baixa e mexi-me o mais depressa que consegui com uma bandeja nas mãos. Paul Canavan lembrava-me um empresário que costumava visitar o meu pai. Ali fazia-me sempre ser simpática com ele.

– *Agora, Lily, promete-me que serás simpática e bem-educada com Mister Donaldson. Depois podemos fazer o nosso chá assim que eles estiverem no escritório do pai, e adivinha? A tia Milly deixou-nos uma lancheira com coisas boas escondida no alto da despensa.*

– *Ali, porque temos de fingir o tempo todo?*

– *Porque somos raparigas e o pai diz que as meninas dão muito mais trabalho e custam mais dinheiro. – Ali levou um dedo aos lábios. – Chiu, agora, ele vem aí. Ele está bem-disposto esta noite, por isso, não digas nada. Está bem? Deixa-me ser eu a falar.*

– *Podemos beber café em vez de leite, quando comermos qualquer coisa lá em baixo mais tarde? – perguntei, esperançosa. Gostei sempre imenso do cheiro a café.*

– *Sim, mas só se sorris e o cumprimentares com simpatia.*

– *Fico cansada de estar sempre sossegada, ou de ser bem-educada ou de não dar trabalho.*

– *Bem sei, querida, mas não será sempre assim. O futuro é mais fácil.*

De cada vez que o pobre Mr. Canavan falava comigo, pensava no quanto odiava os amigalhões de negócios do meu pai, pois ele só era simpático para nós quando eles se encontravam por perto.

– Então, o que há para cozinhar esta semana? – Entreguei ao meu patrão uma cafeteira fumegante e peguei no meu bloco-notas.

– Não muito. Quem me dera que toda a gente fosse de tão fácil trato como tu. – Stephen Pritchard era uma espécie de pau para toda a obra com estatuto; o nome oficial do seu cargo era diretor dos Serviços Administrativos. Era ele quem organizava tudo para que o sítio funcionasse na perfeição, desde as flores aos produtos de limpeza da casa de banho. Pensei sempre que o trabalho que ele fazia era um pesadelo e além disso não recebia agradecimentos de ninguém. Ninguém reparava no seu esforço – a não ser que existisse algum problema.

– Não me canso de lho dizer, seria preciso o senhor ficar doente um mês inteiro para perceberem quem têm aqui.

– Não é o meu estilo, meu doce. Agora, diz-me lá, como te sentes realmente?

– Estou bem. – Ele olhava-me daquele modo especial. – A sério – disse.

– Então e o pequenito?

– Está no campo com a minha tia Milly, por enquanto.

Ao pensar nele fui invadida por uma saudade imensa de ter de volta a nossa pequenina família como costumava ser.

– Como te irás arranjar?

Stephen sabia que eu não tinha mais ninguém.

– Não faço ideia. Terei de arranjar uma ama... um dia, suponho. – Ainda não queria pensar naquilo.

– E conseguirás sustentá-lo?

– Sim, graças ao meu falecido pai. – Sabia que ele entenderia o meu tom sarcástico; sabia bastante sobre o meu passado. – Embora nunca lhe tivesse passado pela cabeça que eu viria a controlar o seu dinheiro, de certeza. Conto-lhe tudo um dia destes. Assim que eu própria tiver percebido.

– Não há pressa. Não me quis intrometer.

– Bem sei. – Bebi o meu expresso. – Agora, voltemos ao trabalho... E por favor diga-me que não trabalharei até muito tarde durante um dia ou dois.

– Nenhum dia desta semana, que me lembre. De qualquer modo, pede toda a ajuda de que precisares. Começa aos poucos. – Ele olhava para mim com um certo ar de pena, de que eu não tinha a certeza se gostava ou não. – Está bem, minha linda? Isto é uma ordem.

– Sim, chefe. – Suspirei e decidi que estava apenas a ser paranoica. Stephen Pritchard era uma joia e tinha muita sorte em tê-lo como chefe. – Obrigada. Se calhar precisarei de algumas horas de vez em quando. Advogados e essas coisas, sabe.

Esperiei que aquilo tivesse um tom casual.

– Tira o tempo de que precisares.

Gostava imenso daquele homem.

Mais tarde procurei as chaves de Alison do salão de beleza por todo o apartamento. Sabia que ela tinha umas a mais algures. De início pensei que talvez as tivesse com ela na altura do acidente, mas os seus pertences tinham-me sido devolvidos – descobertos pelos serviços de salvamento quando passaram toda a área a pente fino à procura dela – e na mala só tinha a chave de casa. Ela estava sempre a separar as coisas – maquilhagem, o conteúdo da mala, e por aí afora. Tal como eu, detestava andar com uma bolsa enorme – «pelo menos até conseguir comprar uma de pele verdadeiramente macia», costumava dizer-me –, por isso sabia que devia haver coisas espalhadas pela casa. Até ali ainda não tivera coragem para procurar bem no quarto dela.

Abri a porta cautelosamente, para não perturbar o mundo que fora dela, e não me preparara para o cheiro que me envolveu. O perfume dela estava por todo o quarto, as fragrâncias condimentadas e florais que ela adorava usar abundantemente de manhã e à noite. Permaneci à porta e imaginei logo Charlie a brincar no lindo tapete do quarto e eu sentada na cama, balançando as pernas, como fazíamos tantas tardes. Obriguei-me a entrar, sabendo que ou era naquele momento ou talvez nunca. A primeira coisa que vi foi outra cópia da fotografia preferida dela, nós duas com cerca de nove anos. Podia tê-la colocado no caixão, mas fazia-me sempre recordar do dia em que fora tirada.

– *Que linda, Alison. Lily, sorri, por amor de Deus – pedia a tia Rose, amargurada. – O vosso pai não foi um amor em deixar-vos fazer uma festa*

*de aniversário este ano?*

*– Sim, tia Rose. Obrigada, pai.*

*Ali sorriu, sempre desejosa de agradar.*

*– Não tivemos presentes do pai – desabafei com a tia Milly mais tarde, enquanto enfiava um pacote de doces no bolso. – E ele não nos vai deixar ficar com aquela fotografia... a que a tia Rose tirou. Diz que fotografias assim são frívolas. O que quer dizer frívola?*

*– Ele é muito infeliz, criança. – Ela ignorou-me. – Sente imensa falta da vossa mãe e acha muito difícil criar duas meninas.*

*– Mas nós portamo-nos muito bem, tia Milly. A Ali faz-me sempre fazer tudo bem.*

*– Que linda menina, faz como a Ali te diz.*

*– Odeio-o.*

*– Lily, tem cuidado. Um dia ele ouve-te. – Ali voltara. – Não estamos a ter um dia ótimo?*

*– Só por causa da tia Milly. Assim que ela se for embora, lá nos mandará passar todas as tardes no quarto e estar sempre muito sossegadas.*

*– Virei visitar-vos tantas vezes quantas puder, Lily... E não te preocupes, vou arranjar-te uma cópia dessa fotografia e poderás guardá-la num sítio seguro.*

E assim fizera, embora tivesse sido Ali a guardar a fotografia.

Encontrei as chaves que queria na mesinha de cabeceira dela, junto de outra carteira e de uma agenda. Agarrei em tudo e fechei a porta rapidamente. O resto podia aguardar para outra altura.

A viagem até Wicklow demorou cerca de uma hora e, apesar da escuridão, vi a silhueta da montanha de Sugar Loaf recortada nos céus mal virei na rotunda de Loughlinstown. Quando abri a janela do carro, a dois ou três quilómetros de Ashford, senti o cheiro a maresia no ar e ainda antes de chegar a Rathnew o mar já estava tão perto que conseguia ouvir o marulhar desmaiado das ondas. Era engraçado, porque eu nunca tivera qualquer interesse pela vida no campo, mas, de algum modo, nessa tarde, dei por mim a perguntar-me como seriam aqueles campos à luz outonal. Não era por acaso que o condado de Wicklow era conhecido como o jardim da Irlanda.

Quando cheguei, o salão estava imerso numa luz de néon amarelada e tinha um aspeto quente e acolhedor depois da humidade do final do outono. Violet voltara a abrir uns dias antes e o cheiro a lírios frescos e velas enchia o ar quando entrei. Havia tantas recordações da minha irmã ligadas ao cheiro. Ela dizia sempre o mesmo em relação a mim, mas, ao passo que os meus eram os aromas reconfortantes da canela, cravinho e café, os delas eram os sedutores *ylang-ylang*, eucalipto e incenso – dos óleos que ela usava todos os dias. Pela primeira vez compreendi que os nossos cheiros não condiziam realmente com a personalidade que tínhamos – ela era a dona de casa e eu a caprichosa. Apesar de ela ter tido algumas relações, eu nunca tivera sorte com os homens: era a rapariguinha que gostava de festas e voltava para casa sozinha. «É só conversa», costumava dizer Sally sobre mim quando íamos à discoteca Grange há alguns anos.

Aspirava o perfume de Alison e sentia-me muito perto dela quando o meu telemóvel tocou.

– Ei, onde estás? Estive a ligar para tua casa. – Era Sally, a ligar-me de Sydney.

– Olá, linda, pensava precisamente em ti. – Fiquei radiante com o telefonema dela. – É tão bom ouvir-te, estava a ficar piegas. Estou no salão.

– Estás bem?

– Nem sei. Sinto tanto a falta dela, Sally. Estava a pensar que ela tinha sempre um cheiro tão sedutor e eu cheirava a café e, no fundo...

– No fundo ela era toda confortos caseiros e tu eras toda decotes – interrompeu-me Sally. Sabia que ela também se recordava.

– Então sou um pouco vadia, é o que estás a dizer?

– Vadia, não, mas és um pouco tentadora...

– Sally Fielding, há quanto tempo não me vês? Estás a lembrar-te dos nossos tempos de escola...

– Sim, costumavas levantar a tua saia plissada, passar os dedos pelo cabelo molhado e usavas a tua camisa branca aberta até ao umbigo.

– Nem me lembres disso. Era apenas a reação por me encontrar longe do meu pai. Sabia que ele detestaria. – Estava tão contente por ela ter telefonado. – Não tinha a intenção de provocar, era desespero. – Ri-me da imagem que ela descrevera. – Lembras-te de como a Alison parecia sempre mais velha por ser muito mais sofisticada? – perguntei a Sally.

– Claro que me lembro. Todos os rapazes a desejavam porque imaginavam que ela tinha mais experiência, embora fosse mais provável tu ires com eles para trás do ginásio e...

– Cala-te, minha cabra! – gritei, e parecia que tínhamos outra vez quinze anos.

– Mas assim que te apanhavas lá com eles roubavas-lhes a bicicleta e fugias. – Sally riu-se. – Era só conversa e...

– Nada de ação. É espantoso, era precisamente nisso que pensava quando ligaste. – De repente senti-me mais apta a lidar com tudo. – Obrigada, Sal. Ajuda sempre falar contigo. Conheces-me tão bem.

– Espero que sim, depois de tudo o que vivemos.

Após alguns minutos ela teve de desligar porque o telefonema lhe custava uma fortuna, por isso prometi que lhe ligaria no fim de semana. Desligou, dizendo-me que se sentia muito aliviada por me ter ouvido rir.

Vagueei por ali, entrando e saindo das salas de tratamento. Lugares assim faziam-me sempre sentir algo constrangida. Aquelas imagens, todos aqueles rostos perfeitamente maquilhados de pessoas lindas entre algas e manteiga de cacau e água de rosas. Nunca sabia se devia engolir aquelas coisas ou esfregá-las na pele. Contudo, era um belo espaço situado numa cidade que estava a tornar-se moda. Muito cosmopolita, pelo que ouvira Alison dizer a Orla, num dia em que esta ligara para o apartamento.

– Cosmopolita uma ova – confidenciara Orla assim que Alison me passara o telefone. – Da última vez que estive em Brittas Bay dois tipos que começaram a falar comigo no bar saíram depois num trator. – Desatámos a rir, mas eu não contei a Ali o que nos divertia tanto, temendo tirar-lhe as ilusões.

– Será a próxima grande cidade da moda. Dá-lhe cinco anos – não parava Alison de repetir como se fosse um mantra, quando toda a gente lhe dizia que estava doida ao tentar começar um negócio «no cu de Judas». Na altura, era o que ela conseguia pagar.

Nas traseiras havia uma cozinha com um bom tamanho – e Violet deixara-a imaculada – com máquina de lavar roupa industrial e secadora para todas as toalhas e roupões e flanelas, e, sobre o balcão, havia uma pilha de roupa bem arrumada. Tinham um ar quente e confortável quando lhes passei suavemente a mão por cima para alisar os vincos, não existentes, aliás, como

vira Alison fazer à roupa de Charlie muitas vezes. Ambas gostávamos de tocar nas coisas – outra das nossas semelhanças –, mas prefiro massa peganhenta e morna a toalhas secas e macias em qualquer altura. Abri os armários e encontrei pacotes meio cheios de *vermicelli* e algumas latas de tomate e frascos de especiarias que eu costumava usar nas raras ocasiões em que visitava a minha irmã ali no salão. Isso fora muito antes de o apartamento do primeiro andar estar arranjado e recordo-me de levar lá acima um prato de massa para ela, desejando sempre ser eu própria dona daquilo ou que ela tivesse aberto um café. Então é que eu estaria no sétimo céu e ela não conseguiria manter-me afastada dali. A minha irmã passara bastante tempo a tratar do negócio nos últimos anos, mas, apesar de vivermos juntas em Dublin, sempre que ela ali ia eu estava ou a trabalhar ou a tomar conta do Charlie, por isso sentia que perdera bastante daquela parte da vida dela. Perguntava-me muitas vezes por que motivo não me convidava ela mais vezes para vir a Wicklow, mas seria provavelmente por eu a chatear, dizendo que se estava a tornar uma saloia.

Não sabia se tinha a chave do apartamento lá em cima, mas a primeira que tentei serviu na fechadura. Nunca estivera ali em cima exceto quando ela mo mostrara depois de ter comprado a casa. De início fora usado como armazém, mas depois Alison tratara de o arranjar e decorar.

– Para que serve? – perguntara eu na altura.

– Não sei ainda, talvez tenha de cá ficar uma vez por outra – dissera-me, abraçando-me.

– E deixar o Charlie com uma ama? Ou pior, comigo? Não acho – lembro-me de ter brincado assim com ela. – Terias medo que eu lhe desse alguma colher gordurosa ou que forçasse o pobrezinho a engolir aquelas gomas verde-limão que detestas.

– Os *E* nos alimentos não fazem bem às crianças. – Ela acenou-me com o dedo. – De qualquer maneira, Mistress Raffles gosta imenso de ficar com ele e precisa de alguns tostões – lembrou-me, referindo-se a uma das nossas vizinhas, uma senhora de sessenta e poucos anos, bem conservada e viúva. Estava ansiosa por não me fazer sentir que teria de me preocupar com Charlie a toda a hora. – Nunca se sabe, até talvez o possa alugar.

Alison fora vaga nas explicações, mas na altura eu não estava verdadeiramente interessada em saber.



Ao abrir a porta, fiquei surpreendida por ser tão bonito. Havia algumas lâmpadas com temporizador, por razões de segurança, calculei, e estava decorado com tecidos luxuosos e o que me pareceram móveis caros. Era um apartamento pequeno: apenas um quarto, uma sala de estar com *kitchenette*, uma casa de banho e uma pequena despensa – mais parecida a um armário, onde estavam guardadas todas as coisas dela, vi, assim que abri a porta. Pensei que era típico da minha irmã, tudo bem arrumado em prateleiras, etiquetado e provavelmente por ordem alfabética.

A casa de banho era muito elegante e requintada, toda em brancos e cromados, com grossas toalhas e acessórios lindíssimos, demasiado ostentosa para uma proprietária malcheirosa de Wicklow, pensei impiedosamente. O quarto tinha uma cama demasiado grande, coberta por uma colcha requintada de veludo e lençóis do melhor algodão, de alta contagem, desconfiei. Só sabia o que era a contagem de fios num tecido porque a Alison mo fazia sempre ver quando comprávamos lençóis nos saldos da Arnott – quanto mais alta, melhor, ao que parecia.

Havia também uma delicada cadeira vitoriana que ela tinha obviamente estofado de novo e uma secretária, peça que a Ali desencantara numa loja de antiguidades havia que tempos e que era o seu orgulho. Abri um roupeiro de parede e fiquei surpreendida ao deparar-me com algumas camisas de noite finas e escorregadias, coisas em cores nupciais com roupões de seda a condizer. Numa gaveta descobri uma coleção de roupa interior cara, alguma ainda com as etiquetas. Não eram da Alison, pensei; nenhuma de nós se poderia dar ao luxo daquele género de coisas. Além disso, a minha irmã não era o tipo de rapariga que usava cuecas de cetim vermelho e preto ou tangas de renda de um branco virginal. Ri-me ao pensar nisso. Devia ter tido alguém a viver ali algum tempo, ou talvez pertencessem à recatada, pelo menos no aspeto, Violet.

Céus, talvez Violet usasse aquele sítio para sexo ilícito com o namorado? Como se chamava ele? Conhecera-o um dia, numa festa na nossa casa. Só me lembrava de que tinha dentes amarelados e o rosto com cicatrizes de borbulhas. Que desperdício de roupa interior tão fabulosa! Estremeci ao pensar no cabelo escorrido e nos olhinhos de porco do homem.

Sentei-me à secretária, acendi um candeeiro e passei a mão pelo tampo suave e liso, ligeiramente quente, de madeira. Tal como no armário dela, senti-me como uma intrusa, por isso contentei-me com um olhar superficial.

Pouco havia a ver além de alguns livros de contabilidade e meia dúzia de artigos de escritório. Uma das gavetas estava fechada e nenhuma chave servia. Estava prestes a desistir quando dei por uma chave numa pequena caixinha de comprimidos almofadada. Servia. Lá dentro só encontrei algumas fotografias e outra agenda, assim como um telemóvel muito elegante. Devia ter sido ali deixado por uma das clientes dela, pensei, cobiçando-o. A agenda era do ano corrente e parecia ter apenas alguns nomes, pelo que via. Tinham todos marcações regulares, exceto uma, com o nome de Richard, que parecia vir sempre que lhe apetecia. Talvez alugassem o apartamento a gente do mundo empresarial por breves períodos? Isso explicaria a sumptuosidade, embora não explicasse as cuecas tão fininhas.

De repente, comecei a gostar daquele mistério. Cirandei por ali, abri o frigorífico para beber qualquer coisa leve. Estava bem abastecido – garrafas de vinho, champanhe, tudo à escolha. Ao procurar um copo, encontrei um armário repleto de copos de cristal e outro armário de bebidas contendo o que me pareceu conhaque caro e uísques de malte. Aquilo era verdadeiramente estranho. Alison nunca beberia aquele género de bebidas e dificilmente seriam coisas que se deixa a uma proprietária. Clientes de empresas, então. De certeza.

Entrando numa disposição sofisticada que nada tinha que ver com o meu aspeto mas que condizia na perfeição com o ambiente, dei por mim a servir-me de uma cerveja gelada e deambulei, pensando que conseguiria viver ali muito facilmente. Sentei-me de novo à secretária e descobri outro livro, caro e encadernado de pele. Tinha notas sobre várias pessoas. Não havia nomes, ou pelo menos nenhum que eu conseguisse identificar com facilidade, apenas uma estranha linha garatujada à pressa aqui e ali. *Fuma charutos, gosta de uísque com gelo*, este género de coisas. Havia imensas garatujas e iniciais. Deviam ser importantes, pensei. Talvez fosse um código secreto? O pensamento transportou-me de imediato aos dias em que lia os *Cinco*, de Enyd Blyton.

Levei a agenda e a cerveja para a cama e instalei-me confortavelmente para ler. Estive quase para me enfiar nos lençóis com uma lanterna. Tinha o pressentimento de estar perante algo de grande.

As notas pareciam uma espécie de resumo de todas as pessoas. Uma estava indicada por um W várias vezes – Will, parecia ser mais adiante, e tinha qualquer coisa que ver com teatro. Meu Deus, talvez ele fosse uma

celebridade e viesse ali com namoradas – ou quem sabe namorados até? A imprensa tabloide nunca fora mais para sul do que a autoestrada M50, tinha a certeza, por isso o segredo dele estava a salvo. Nunca seria importunado na sonolenta velha Wicklow. Talvez ele fosse um travesti? Isso explicaria a roupa interior. Talvez fosse uma estrela de cinema que quisesse privacidade – que quisesse o peito depilado em segredo. Ri-me, ao pensar naquelas ideias ridículas. Havia mais notas sobre *R* – talvez o Richard acerca de quem lera antes. Interroguei-me se não seriam clientes que ela não declarava para imposto, mas afastei a ideia imediatamente. Alison era demasiado rigorosa nisso.

Não, aquelas pessoas iam ali com regularidade, e eram importantes o suficiente para ela querer que tudo estivesse perfeito. Fechei os olhos e comecei a imaginar que aquele seria o local de encontro de alguma sociedade secreta. Mais tarde comecei a fantasiar que Alison teria uma relação com uma mulher – ou um caso com um homem casado? Foi um pequeno choque mesmo depois de pensar no assunto. É que não era nada da minha irmã. Enquanto estava recostada naquela cama decadente daquele sumptuoso quarto várias coisas ganharam sentido – tal como o modo como por vezes Alison tinha uma marcação de última hora ao fim da tarde e precisava que eu ficasse a tomar conta de Charlie. Recordei-me de que costumava rabujar sobre os clientes dela deverem marcar os tratamentos durante as horas normais de trabalho, como o comum dos mortais.

Meu Deus! Sentei-me na cama ao ocorrer-me um outro pensamento totalmente inesperado: se calhar ela fazia massagens em *topless* ou danças eróticas ou qualquer coisa assim. Soltei uma gargalhada, porque sabia que nada disso seria possível com Ali, nem por sombras. Tive um súbito impulso de ligar a Sally e contar-lhe sobre o meu trabalho de detetive. Porém, Sally diria que certamente haveria mais hipóteses de Camilla Parker Bowles andar a enganar o príncipe Carlos do que Ali a dançar no colo de homens ricos. Não, teria de existir uma explicação mais simples para tudo aquilo, como o motivo por que ela parecia fazer magia com o dinheiro quando as coisas andavam muito apertadas. Fossem quem fossem, aqueles clientes deviam ter-lhe pago bem e dado presentes caros – daí o fornecimento interminável de malas caras. Talvez ela tivesse pensado que eu não compreenderia, especialmente se fossem casados. Porém, contávamos tudo uma à outra, sempre o fizéramos. Esse pensamento entristeceu-me, até compreender que

de nós duas era eu a que não julgava, por isso, Ali não se teria preocupado sobre eu pensar mal dela, não era?

Além disso, havia a maior questão de todas, que eu tinha de admitir que andara a azucrinar-me o espírito havia algumas semanas – a razão de ela se ter mostrado sempre tão relutante em dizer-me quem era o pai de Charlie. Deus bem sabe as vezes que puxei o assunto, mas a minha irmã conseguia sempre dar-me a entender que eu não tinha nada que ver com isso. Não se tratava realmente de uma coisa com grande importância, muito menos na Irlanda do nosso tempo. Metade dos nossos amigos quando se casava já tinha filhos, pelo amor de Deus.

Uma noite, enquanto bebíamos uma garrafa de vinho, ela dissera que o pai a teria matado se fosse vivo, o que eu achara estranho. Daí em diante, não insisti muito, visto poder aborrecê-la. Um dia contar-me-ia, quando estivesse preparada.

Entretanto precisava de saber e tinha um palpite, que um daqueles homens teria respostas para pelo menos algumas das minhas perguntas. Deixei-me estar deitada imenso tempo, até o apartamento ficar frio e menos acolhedor, e resolvi que iria tentar saber um pouco mais sobre as pessoas que visitavam Ali naquele lugar. Precisava de descobrir se um deles poderia ser o pai de Charlie – desse modo saberia mais sobre o género de batalha que talvez tivesse pela frente se algum mo tentasse tirar.

Conduzi até casa algo aturdida. Na manhã seguinte tudo me parecia ridículo. Liguei a Violet e tentei arrancar-lhe informações, mas o que descobri foi que ela já não namorava o tal fulano parecido com o Ali G. Quando mencionei por acaso a maravilha que era o apartamento do andar de cima, Violet limitou-se a concordar. Resumindo, não fui dar a lado nenhum.

Levara para casa o telemóvel elegante e a agenda de Ali, mas a minha coragem ganha com a cerveja parecia ter-me abandonado. Sabia que não me seria possível contactar aqueles homens – muito menos encontrar-me com eles.

Mais tarde, telefonei à minha tia, com a intenção de lhe contar as minhas ideias absurdas, mas, no último instante receei que ela pensasse mal da Ali. Só ouvi o que ela disse pela metade porque imaginei que ficaria tão chocada à menor menção a «clientes privados» que insistiria em falar com as

autoridades – ridículo, mas eram as dimensões que aquilo ganhara na minha cabeça.

– Estás bem, querida? – perguntou-me ao ouvir-me dizer «sim» ou «não» demasiadas vezes. – Pareces cansada.

– Estou um pouco cansada, sim. Fui ao salão a noite passada. Foi duro.

– Oh, Lily, não te sobrecarregues tanto ainda – aconselhou-me. – Se calhar posso ir contigo um dia.

– Já está feito – disse-lhe. – O andar de cima é lindíssimo, fiquei surpreendida.

– Oh, sim, sei tudo sobre isso – retorquiu a minha tia. – A Ali gastou lá muito dinheiro. Tinha vários clientes privados que não queriam ser vistos. Um era uma atriz que costumava ir levar injeções de *botox*, creio.

– A Ali não fazia *botox*.

Mal conseguia acreditar no que ouvia.

– Bem, talvez não, mas todos iam fazer *facelifts* não cirúrgicos, aquela coisa do colagénio, sabes, esse género de coisas. A Ali contou-me. Pensei que era empolgante. Homens também, acreditas? Diria que eram piores do que as mulheres.

– Sabe quantos clientes tinha ela?

– Não muitos. Ali contou-me que a seguir gostavam de descansar um pouco. Imagino que ela teria um bar com sumos e tudo isso. Agora toda a gente quer tomar aqueles sumos naturais, não é? – queria a minha tia saber, enquanto eu tentava controlar um ataque de tosse. – Estás bem?

– Sim, desculpe.

– De qualquer modo, ela era muito discreta, isso sei eu.

– A mim nunca me disse nada, não é curioso?

– Bem, a mim só me disse porque fui a Wicklow um dia com algumas senhoras da associação feminina e entrei no salão inesperadamente. Não lhe tinha ligado porque pensei que só iríamos até Gorey, para ver a quinta de avestruzes. De qualquer forma, a Alison estava muito bem vestida e pediu imensa desculpa por não nos poder fazer uma visita guiada, visto ter um cliente a aguardar lá em cima. A Nora Mooney jurou que vira o Gay Byrne à janela, mas ele apareceu na televisão nessa noite, por isso percebemos que não poderia ser ele. Falámos sobre isso durante todo o caminho de regresso no autocarro e dali em diante costumava tentar arranjar novidades para as reuniões de segunda-feira.

– Então o que descobriu de interessante?

– Oh, nada realmente. – A minha tia pareceu desapontada. – Como disse, a Ali era muito discreta. Só respondia às minhas perguntas e mesmo então mudava de assunto o mais depressa que podia. Eu não gostava de me intrometer, não é nada o meu estilo. – Milly suspirou. – Mas as senhoras da associação ainda falam nisso. Aparentemente um ator do *Fair City* vive em Wicklow e fez de certeza qualquer coisa aos olhos. A Mary Curran está convencida de que ele é um cliente.

Tinha uma dor de cabeça terrível na altura em que terminámos a conversa. Mas falar com Charlie e ouvi-lo dizer que gostava muito de mim deu-me coragem, e eu bem sabia que precisava – porque resolvera que iria encontrar-me pelo menos com alguns dos homens que eram clientes secretos da minha irmã. Desse modo pensava estar mais preparada para enfrentar qualquer dos problemas que pudessem surgir com Charlie. Ele agora era meu, era tudo o que me restava de Ali, e ninguém mo tiraria.

*William*

WILLIAM SEMPRE ACHARA DIFÍCEIS AS SEGUNDAS-FEIRAS. Implicavam normalmente um turno no hospital público, seguido de algumas horas no bloco operatório, depois ronda aos doentes e por fim um turno na clínica privada, para onde se dirigia.

Habitualmente dava uma corrida de manhã muito cedo para começar em forma o longo dia que teria pela frente. Ajudava-o a ficar mais alerta e concentrado, mas não se sentia assim naquele dia ao atravessar a sala de espera meio cheia sem olhar para ninguém. O fato de bom corte feito no alfaiate e a camisa de um branco imaculado ajudavam à sua imagem, bem sabia, assim como os sapatos macios.

O dia não corraera bem até àquele momento. O primeiro paciente irritara-se ao ponto da agressão, tivera vários telefonemas de casa, apesar de Beth saber que ele detestava que o importunassem a não ser numa urgência – o que não era certamente Harry a chorar por causa de um cachorro na televisão – e por fim tinham-lhe ligado do *stand* a dizer que o seu novo *Mercedes* chegara ao país, mas que vinha com um motor a gasóleo e não a gasolina como ele encomendara.

– Pareces precisado de uma boa queca – dissera-lhe John O’Meara, o impertinente novo anestesista, depois de ter ouvido William contar uma longa lista de queixas a um dos radiologistas. William não gostava da última «brilhante jovem aquisição» – como ouvira O’Meara ser descrito –, por isso acabou a conversa com um olhar depreciativo, mas não antes de ver uma das novas enfermeiras do bloco operatório a rir-se com ar coquete para o homem mais jovem.

– Eis a lista, doutor. – Adele, a secretária que herdara, abordou-o alvoroçada mal ele chegou, arrumando a sua secretária, aliás já arrumada. Tinha entre os quarenta e cinco e os setenta anos e apesar de ele

normalmente apreciar os seus modos deferentes, naquele dia aquilo aborreceu-o e quis enxotá-la como se fosse uma mosca importuna.

– Quer um copo de água? – perguntou ela como sempre, apesar de ele nunca ter respondido que sim ao longo dos oito anos em que trabalhava para si.

William mordeu a língua pela enésima vez naquele dia, murmurou um «não» breve e depois acrescentou num resmungo «obrigado» e mandou-a embora com um ligeiro aceno.

– Mande-os entrar.

– Certamente, doutor. – Ela saiu com um zunido da saia pregueada de xadrez.

– Boa tarde – saudou, mal erguendo a cabeça ao ouvir o suave clique do trinco da porta momentos depois. Não se encontrava na disposição dos seus dias normais de «encantar os doentes parti-culares, especialmente as mulheres bonitas» –, Miss, hum, Ormond. – Olhou para a lista. – Queira sen... – então olhou para ela e esperou não ter um ar tão chocado como se sentia – sentar-se.

– Obrigada.

A mulher despiu o casaco e colocou-o cuidadosamente nas costas da cadeira, o que lhe deu alguns segundos para a observar. Aquela mulher era o retrato vivo de Alison, que fora a sua «amante» – como gostava de pensar nela – durante os últimos anos. Sabia que era impossível.

William apercebeu-se de que a fitava estupefacto.

– Lamento, mas já... nos encontrámos antes?

Não estava habituado a ficar assim desconcertado.

– Não. – Ela olhava-o muito cautelosa e notou que as mãos dela tremiam ligeiramente. – Mas creio que conheceu a minha irmã. – Não se tratava de uma pergunta, e ainda bem, pois ele não estava preparado para admitir fosse o que fosse.

Ela aguardou.

– Alison – acrescentou desnecessariamente.

Parecia tão constrangida quanto ele.

– Não sei se conheço... – William tentava ganhar tempo.

– Conheceu. – Desta vez ela não desviou os olhos dele. – Ela morreu recentemente. Talvez tenha lido nos jornais?



Se ela não lhe dissesse o que já sabia, teria ficado convencido de que era Alison a pregar-lhe uma partida, no entanto, ao pensar nisso, sabia que Alison nunca o iria ver ao hospital.

Anuiu em silêncio e esperou que ela continuasse.

– Chamo-me Lily. Não sei se a Alison alguma vez lhe terá falado de mim.

Ela sorriu e ele sentiu-se transportado às muitas noites em que Alison lhe abrira a porta do apartamento em Wicklow com aquele mesmo aspeto.

William abanou a cabeça.

– Peço desculpa por ter aparecido assim sem mais nem menos, mas não sabia bem como entrar em contacto consigo. – Virou-se ligeiramente na cadeira. – Marquei o seu número de telemóvel várias vezes, mas desliguei antes de acabar. Telefonei também um dia para o hospital, mas a sua secretária disse-me que precisaria de marcação. – Sorriu-lhe nervosamente. – Acho que nem sequer tinha a certeza do que me iria queixar, porque não sei qual é a sua... a sua especialidade. – A voz esmoreceu.

Por alguma razão, William sentia-se agora menos apreensivo. Percebeu que ela tinha um ar aterrorizado. Estava curioso.

– Doutor Hammond, a morte da minha irmã foi um choque enorme para... a família. Éramos gémeas, como provavelmente já percebeu... por isso muitíssimo unidas. – Afastou o olhar e amarfanhou inquieta a blusa de um branco imaculado.

William deu a volta à secretária de imediato.

– Lamento imenso. O seu súbito aparecimento causou-me um grande choque. Por favor, perdoe-me, se pareci... descortês. – Ela parecia ir irromper em lágrimas a qualquer instante e William teve vontade de bater em si próprio pela forma glacial como a recebera inicialmente. – Posso pedir qualquer coisa para si? – perguntou, ansioso. – Um copo de água, talvez?

– Não, muito obrigada... estou bem.

Ergueu a cabeça e a vulnerabilidade dela fez com que William tivesse o início de uma ereção. Afastou-se um pouco e encostou-se ao canto da secretária, apanhado desprevenido pela segunda vez.

– Senti imensa pena ao ler a notícia da... morte dela. – Observou-lhe o rosto por instantes, perguntando-se qual seria a razão que a trouxera ali. As suas antenas despertaram. – Deve ter sido extremamente doloroso para a família? – aventurou, ansioso por saber mais pormenores.

– Sou só eu – respondeu ela de mansinho. – E estou a tentar resolver os assuntos pendentes dela, por isso queria apresentar-me e fazê-lo saber que terei de começar a fazer planos para o salão de estética dentro em breve. Receio não saber nada de estética, realmente... por isso estou a pensar na hipótese de transformar o salão num café. E tenho a certeza de que estará a pensar no que terá tudo isto que ver consigo...

William sentia-se empolgado com ela. Devia ser por causa da espantosa semelhança com Alison, pensou. Presenteou-a com um dos seus sorrisos mais encantadores.

– Estou encantado por a conhecer. – Viu o olhar interrogador dela. – Fiquei chocado de início, é tudo, e só lamento que o nosso primeiro encontro seja nestas circunstâncias. Tem a certeza de que não quer um café?

Ela abanou a cabeça.

– Só aqui vim porque não sabia se teria mais marcações feitas e sei se a Violet ajudar...

– Violet? – Interrogou-se sobre o que viria dali.

– A outra esteticista do salão de beleza. – Parecia novamente perturbada. – Não sei se a viu alguma vez? Receio não saber nada dos clientes privados de Alison, de facto sabia muito pouco sobre os negócios de minha irmã. – Encolheu os ombros. – Andava sempre muito ocupada a divertir-me, tenho de admitir. – Sorriu. – Ou a ser preguiçosa.

Tinha um ar muito mais jovem do que a irmã e William descontraíu-se. Era óbvio que a rapariga nada sabia sobre o relacionamento dele com a irmã gémea. Não a queria assustar. Pelo contrário, desejava que ela pensasse bem dele.

– Não a pretendo ofender de modo nenhum, Miss Ormond, por isso espero que compreenda o que irei dizer a seguir. É que... detestaria pensar em si numa situação vulnerável seja em que modo for, devido à morte da sua irmã. – William sentia-se de novo à vontade, desempenhando o papel de benfeitor. Retomara o poder. – Por conseguinte, sinto que tenho de lhe perguntar se o dinheiro constitui algum problema para si?

Lily abanou rapidamente a cabeça.

– Oh, por Deus, não, não foi por isso que eu... – Levantou-se de imediato.

Ele pôs a mão sobre o braço dela.

– Por favor, deixe-me dizer-lhe isto. A sua irmã era... uma amiga muito querida. – Notou o olhar ligeiramente inquiridor dela. – Assim como um...

contacto profissional, claro. E agora, creio que me sinto responsável por si, de algum modo. Por isso, se houver alguma coisa em que a possa ajudar, financeiramente ou de outra forma, terei muito gosto. – Gostava de desempenhar o papel de Deus; era o que fazia o dia inteiro. Além disso, surpreendia-o o facto de aquela mulher o fazer sentir-se protetor. Alison nunca exercera aquele efeito sobre ele. De início, quando compreendera quem ela era, William convencera-se de que aquela rapariga lhe causaria problemas, mas agora estava igualmente certo de que era quem dizia.

– Não preciso de dinheiro... sinceramente – proferiu num tom suave. – Mas obrigada na mesma. – Sorriu, erguendo o rosto para ele. – A Alison deixou-me muito bem financeiramente – explicou enquanto pegava no casaco. – Só queria saber o que acontecera e... – tinha um ar vagamente perdido. – E, no fundo, apresentar-me. Na verdade, não imaginei que fosse ficar tão nervosa. Falando-lhe com franqueza, sinto-me um pouco idiota por ter vindo cá.

– Por favor, não se sinta assim. – Aproximou-se dela. – Fico muito feliz por a ter conhecido. – Estendeu-lhe a mão. – Curiosamente, acho que a sua irmã teria querido isso.

– Bem, não o quero fazer perder mais tempo. Creio que o doutor é um homem muito importante, a julgar pelo número de pessoas lá fora. Tenho a certeza de que está muito ocupado.

William assentiu, feliz por saborear o seu próprio poder um momento.

– De qualquer forma, estou contente por nos termos conhecido. – Pegou na mala. – Tem o número do salão de beleza, se houver alguma coisa que possamos fazer por si no futuro. Por agora está a funcionar como habitualmente. – Parecia de novo em luta consigo própria. – Quero dizer, a Violet está lá sempre de serviço.

William estava bastante sensibilizado e fisicamente excitado pelo que na sua cabeça já acontecia entre eles.

– Obrigado. – Aceitou a mão que Lily lhe estendia. – Mais uma vez, lamento imenso a sua perda.

Lily retirou a mão com gentileza, e ele percebeu que ainda a estreitava.

– Gostei muito de o conhecer – retorquiu com ar tímido.

– Também eu a si.

– Adeus.

Ficou a observá-la enquanto ela saía do gabinete. Tinha um modo diferente de andar, mas as mesmas pernas compridas e o cabelo esvoaçante. Achou-a mais magra do que a irmã, quase arrapazada, e isso dava-lhe um ar mais jovem. Ficou completamente excitado.

William avançou para a porta, lembrando-se de que a secretária talvez tentasse cobrar-lhe dinheiro pela primeira consulta. Abanou a cabeça em silêncio na direção do gabinete dela. Adele veio ter com ele ao gabinete de imediato.

– Peço desculpa por aquilo, doutor. Não fazia ideia de que ela demoraria tanto. Insistiu que o doutor conhecia a família e que a irmã era uma amiga sua. – A secretária não parava de tagarelar. – Pensei que ela viria amanhã. Devia tê-lo avisado. – William percebeu a frustração da secretária. – Devo mandar entrar...

– Dê-me um minuto, por favor. Já lhe dou um toque.

Não olhou para cima. Sabia pela voz dela que estava aborrecida com toda a gente, incluindo ele. E ele já estava atrasado, o que parecia preocupá-la mais a ela do que a ele. Mal ouviu a porta fechar-se, descontraiu-se na cadeira.

Que extraordinária reviravolta, pensou, recordando o encontro. Parecia-lhe inacreditável que ela nada soubesse sobre o que se passava, mas enfim, Alison fora sempre muito discreta. Era uma das razões por que ele se envolvera. De outra forma, William teria demasiado a perder. Quanto a Lily, certamente não era o género de mulher que tivesse problemas em arranjar um homem. Mas Alison também não. William tinha de admitir que os imaginara a ter sexo quase desde o primeiro momento em que Lily se identificara. Talvez tivesse algo que ver com o facto de ela parecer mais jovem e fresca do que Alison, ou talvez fosse apenas a mera ideia de iniciar algo de novo com uma desconhecida.

Sabia que teria de agir com muito cuidado. Alison fora-lhe bem recomendada e William não fazia tenções de a colocar numa posição comprometedora. Contudo, poderia vir a ser empolgante: Lily era uma perspectiva completamente diferente, apostaria nisso.

Levantou-se de um salto e caminhou a passos largos até à sala de espera, sentindo-se vigoroso, cheio de energia e importante. De repente, o dia pareceu-lhe menos penoso.

*Dave*

DAVE COMEÇAVA A FRAQUEJAR. Apesar de não ter ideia nenhuma se ela saberia alguma coisa sobre ele ou não, não conseguia tirar Lily Ormond da cabeça. De qualquer modo, estava desejoso de uma boa queca, o que não ajudava nada. Não parava de dizer a si mesmo que era por ela se parecer tanto com a irmã que morrera. Céus, começava até a fantasiar sobre o *ménage à trois* que poderiam ter feito, o que era algo doentio, dado o facto de ele próprio ter filhas gémeas e ser capaz de apunhalar quem quer que as olhasse de forma errada.

Sabia que não fazia sentido, mas sentia saudades de Alison. Não era apenas do sexo, embora se tivessem dado tão bem nesse campo. Tinha saudades de tudo, especialmente pelo facto de ela o fazer sentir-se um garanhão todas as vezes que a via. Além disso, parecia genuinamente interessada nas opiniões dele, e, acima de tudo, sabia ouvir.

Ele gostava imenso de a visitar no apartamento. Mesmo apesar de não precisar, tinha um cuidado especial com o seu aspeto, e mal entrava no carro e se dirigia a Wicklow sentia-se maravilhosamente. Os Pink Floyd a tocar no CD fazia parte do ritual. Deixava-o na disposição ideal.

De qualquer modo, Dave apreciava imenso o carro que tinha. Era o único luxo a que se permitia – bem, o único sério, para além da roupa. Tudo o resto ia para Marie e as meninas. Não lhes faltava com nada. Kristin e Lola – as gémeas – tinham quase dezanove anos e estavam na universidade. Dave sentia muito orgulho nisso. Kristin estudava Jornalismo e Lola, a mais inteligente, estava no primeiro ano de Farmácia. Eram as únicas miúdas das redondezas que haviam continuado os estudos no ensino superior. Mas Dave tornara-lhes isso fácil, até fizera acordos com elas. Obtiveram as suas primeiras férias independentes dos pais, com todas as despesas pagas, quando acabaram o secundário e dois *Mini* descapotáveis novinhos em folha quando conseguiram média para entrar na universidade.

Eram também bonitas e estavam sempre a levar namorados a casa, jovens com carros elegantes e moradas ainda mais elegantes. Não havia aí nada com que se preocupar: Dave podia igualar-se com qualquer um deles.

Marie, no entanto, sentia-se muitas vezes intimidada. Oferecia sempre aos convidados o chá em chávenas de porcelana, fazendo questão de que tudo na mesa estivesse a condizer; uma total demonstração das suas raízes de classe trabalhadora, sentia Dave. Isso e o facto de ela se recusar a largar a casa de habitação social que haviam comprado trinta anos antes, e daí as três extensões – o que não incluía o pórtico de vidro duplo, uma outra das tentativas de Marie para se equiparar aos vizinhos. Não importava que os vizinhos naquela rua em particular fossem bem conhecidos da polícia. Marie tinha problemas de insegurança na presença de toda a gente, até dos barões da droga locais.

Essa fora uma das razões por que se sentira atraído por Alison. Ela era diferente de qualquer outra mulher que conhecia, possuía classe. O dinheiro não comprava isso. Dave observara-a ao longo dos anos e aprendera imenso. Tal como os ricos não darem importância ao facto de as chávenas estarem ou não rachadas ou os talheres não serem todos iguais. Não que Alison fosse rica; sabia que não era. Porém, vinha de uma família com dinheiro e Dave sabia que isso se cheirava a quilómetros. Não parava de pensar nas noites que haviam passado juntos. Ele levava sempre uma garrafa de champanhe. Do bom, nada daquela mistura de espumante *Buck's Fizz* que Marie pensava ser o máximo da elegância. Além disso, Alison arranjava-se impecavelmente, desde o cabelo brilhante até às unhas bem tratadas. Parecia nunca ter pressa, costumava sugerir uma bebida depois de fazerem amor, embora fosse ele quem mais bebia e falava e ela se limitasse a ouvir e a rir.

Haviam-se conhecido por acaso. Ele trabalhava num projeto grande, em Rathnew, pouco depois de ela ter aberto o salão de beleza a alguns quilómetros dali. Costumava vê-la a entrar e sair do salão quando ia à cidade encontrar-se com o arquiteto com quem trabalhava. Um dia seguira-a quando ela saía e admirara a sua voluptuosidade assim como o passo firme. Logo que a viu dirigir-se ao elegante café italiano começou a frequentá-lo. Ela pedia sempre a mesma coisa, um café duplo acompanhado de leite quente. Desde o princípio que se sentira atraído por ela, antes ainda de ouvir a sua voz. Falava num tom rouco, como se tivesse a garganta dorida e, quando ela se ria com o empregado ao balcão, Dave achava que tinha um

tom profundo, picante. Começara então a visitar o salão de beleza, normalmente mais para o final do dia, quando seria mais provável encontrá-la sozinha. Desconfiava que ela deveria ser a proprietária, por isso fora lá uma vez ou duas e comprara cheques-prenda, que não queria, a fim de meter conversa. Por fim, ele acabara por lhe dizer que precisava do conselho dela para um presente de Natal para um cliente, e Alison concordara em tomar café com ele.

Depois perguntara-lhe se o salão também fazia tratamentos a homens. Ela respondera que sim, por isso Dave pusera-se a fazer manicuras e pedicuras e tratamentos ao rosto para ir mantendo o relacionamento.

Meses depois do primeiro encontro, ele falou-lhe sobre o seu casamento. Dave recordava-se bem disso. Fora durante a sua primeira massagem às costas. Estava tão excitado que precisava de pensar na mulher constantemente de modo a poder virar-se quando ela lhe pedisse – sem que ela visse o estado em que se encontrava.

Quando Alison lhe contara que por vezes tinha marcações especiais à noite para um ou dois dos seus clientes, mal pôde acreditar na sua sorte. De facto, na primeira noite que fora ao apartamento à hora marcada, Dave não sabia ainda se o que levaria dali seria algo mais do que uma massagem nas costas.

Depois, sentiu-se no sétimo céu. As duas horas que passara com Alison foram um dos pontos altos da sua vida e Dave não iria parar nem por amor nem por dinheiro. Por vezes, tinha medo de que ela acabasse com aquilo, que decidisse não precisar do dinheiro ou algo assim, por isso comprava-lhe presentes caros na tentativa de a manter presa. Alguns meses atrás gastara uma fortuna numa grande mala de pele que a vira cobiçar numa revista. Observara o modo como ela passava os dedos sobre o anúncio na página brilhante e perguntara-lhe como quem não quer a coisa o que pensava da mala. Ela então contara-lhe sobre o seu fetiche por malas e ele anotara cuidadosamente a marca e tentara lembrar-se do modelo específico. Não tivera a certeza de que comprara a mala certa até ela soltar um grito de prazer quando lha dera, dizendo-lhe depois que era demasiado cara. Ele rira-se e dissera que valia a pena. Assim haviam continuado até uma semana antes da morte dela.

Por fim, Dave resolveu que teria de fazer qualquer coisa. Andou indeciso durante alguns dias e depois deixou uma mensagem no telemóvel de Alison,

naquele que ele sabia que ela reservava para clientes especiais.

– Olá, hum, não sei se este é o número de Lily, a irmã da Alison, mas o meu nome é Dave. Eu, hum, conheci-a no funeral. Era... amigo da Alison e, hum... gostava de saber como está. Espero que tudo corra bem para si e, se quiser, pode telefonar-me um dia destes. – Disse o seu número de telemóvel e desligou, ruborizado.

Algumas horas mais tarde o seu telemóvel tocou, assinalado por um toque com aquelas letras de *rap* insultuosas e obscenas. As gémeas andavam sempre a mudar-lhe os toques e isso deixava-o doido. O número era privado. Normalmente deixava que os telefonemas de número desconhecido fossem para o correio de voz, mas nesse dia atendia tudo, pelo sim pelo não.

– Está sim, fala Dave.

– Olá, Dave, sou a Lily Ormond, a irmã da Alison. Recebi a sua mensagem.

Dave mal conseguia acreditar na sua sorte.

– Oh, olá, como está?

Mudou o tom de voz ao sair imediatamente do escritório e dirigir-se ao carro para falar com privacidade.

– Estou bem, obrigada, e o Dave?

– Estou ótimo. Ouça, espero que não se importe por eu ter ligado. Sabe, é que, bem, encontrámo-nos no funeral e tenho andado a pensar como andarás a Lily?

– Estou a superar aos poucos. Foi muito duro, mas tenho alguns bons amigos. Além disso, mantenho-me ocupada, o que ajuda sempre, ou pelo menos é o que me dizem. – Ele sentia o cansaço na voz dela e queria ajudá-la, apesar de pressentir que uma mala de pele de nada serviria naquele caso.

– Sim, é o que dizem, de facto, o tempo cura tudo. – Divagava. – Creio que terá de começar por algum lado. – Dave não fazia ideia do que lhe perguntar e no entanto fora ele a ligar-lhe em primeiro lugar. Felizmente, foi ela a salvá-lo de apuros.

– Dave, espero que me perdoe por já ter mencionado isto quando o encontrei no funeral, mas até que ponto conhecia a minha irmã? Como se conheceram?

Houve uma pausa e Dave pressentiu que ela ainda não terminara, por isso aguardou, tentando decidir o que diria.



– É só que ainda estou a tentar compreender tudo – prosseguiu Lily. – Como ela trabalhava em Wicklow, tinha toda uma rede de amigos que eu não conhecia... – a voz dela esmoreceu.

– Bem, hum, na verdade, conhecia-a no salão de beleza. Eu trabalhava num grande projeto de construção nessa zona. – Ele continuou a explicação durante imenso tempo e ela fez-lhe algumas perguntas. Por fim, desesperado por saber se ela saberia alguma coisa sobre ele, acrescentou: – Costumava visitá-la... no apartamento... por vezes.

– Estou a compreender. – Pela voz dela, parecia que não sabia o que entender daquilo.

– Sim, bem, ela ajudava-me muitas vezes com *vouchers* de presentes... prendas para clientes, esse género de coisas, sabe. – Dave não fazia ideia do que dizer a seguir. – Eu... hum... gostava muito dela. Muito mesmo. Ela foi muito boa para mim ao longo de anos. – Céus, parecia que Lily não fazia ideia do que se passara.

– Dave, gostaria de aparecer... no apartamento, quero dizer... uma tarde destas?

Ele mal podia acreditar.

– Quer dizer, fazer-lhe uma visita?

– Sim, podíamos tomar um café... e conversar um pouco?

Não era bem aquilo que ele tinha na cabeça, mas era uma boa maneira de começar, de saber um pouco mais sobre ela.

– Sim, eu... hum... gostava muito. Quando? – Fez um esgar, contrafeito, com medo de parecer demasiado ansioso.

– Posso ligar-lhe dentro de um dia ou dois, agora que entrámos em contacto? Posso usar este número?

– Sim, com certeza. Se eu, hum, não puder falar nessa altura, ligo-lhe logo depois.

Esperava não parecer um rapazinho de escola apaixonado.

– Está bem. Bom, gostei muito de falar consigo, Dave.

– Sim, eu também gostei de conversar consigo, Lily.

– Então adeus. Mantemo-nos em contacto.

– Ótimo, adeus então.

Dave desligou e pôs a mão sobre o sexo. Céus, só de pensar nela deixara-o com uma enorme ereção.

*Richard*

– ÉS UM LINDO RAPAZ.

A elegante avozinha de cabelo pintado de louro e brincos de argolas de ouro beliscou a bochecha de Richard como se ele fosse um rapazito rechonchudo de nove anos.

– Vai-te embora, Alice, ou terei de te prender por assédio sexual. – Richard abriu-lhe a porta. Era uma das clientes habituais.

– Credo, isso daria às raparigas do bingo muito que falar toda a noite. – Alice girou o seu saco de compras axadrezado sobre as rodas. – Até amanhã, amor.

– Tem cuidado, és muito perigosa com essa arma. – Pegou num saco de plástico que estava à entrada para que ela não ficasse ali presa, e quando se levantou deu de caras com Alison, apesar de saber que não era possível.

– Desculpe, com licença. – A rapariga olhou-o de relance e afastou-se até a avozinha estar em segurança no seu caminho.

– Obrigada, querida, tenha cuidado com os pés. O Richard já perdeu algumas unhas dos pés com este *trolley*. – A reformada lá foi cacarejando pela rua abaixo.

Richard fitou a recém-chegada até ela entrar e depois apercebeu-se de que continuava a segurar a porta.

Quando se voltou, a rapariga estava sentada num dos lugares frente ao balcão. Ele foi para trás da máquina do café e tentou olhar bem para ela. Se não tivesse lido os jornais, juraria que era Alison. Pegou numa ementa e foi até à mesa dela.

– Olá. – Esperou que a voz lhe soasse tranquila. – Quer escolher alguma coisa? – O coração batia-lhe como a um menino de escola no primeiro encontro.

– Creio que vou só tomar uma meia de leite. – Sorriu e olhou diretamente para ele, mas não fez menção de pegar no cartão laminado que ele lhe

estendia.

– Normal ou grande?

– Grande, por favor, preciso de cafeína. – Ela sorria agora de modo diferente, uma espécie de sorriso torcido, e ele sentiu-se ligeiramente aliviado. – Na verdade, pensando bem, acho que vou ver a ementa. – Estendeu a mão e Richard voltou a sentir-se confuso. Se aquela mulher não era Alison, então era uma sua dupla. Tinha os mesmos olhos e o mesmo modo de olhar sob as pestanas longas. Contudo, a voz não era tão grave.

– Bem, posso então ir buscar o seu café enquanto se decide?

Precisava de se afastar e olhá-la bem de uma distância segura.

– Obrigada. – Ela remexia na mala. – Sempre que vou a algum sítio tomar um café acabo por pedir metade das coisas da ementa.

– Bem, esteja à vontade e diga-me depois se quer que eu vá ver as especialidades do dia que ainda temos.

– Com certeza.

Richard observava-a enquanto trabalhava. Tudo nela gritava Alison. A cor do cabelo – embora dali não visse muito – e as pernas compridas que vislumbrara anteriormente. A aparência era assombrosa. Estava ansioso por descobrir mais.

– Uma meia de leite.

Richard servia-a antes de dar por isso e não fazia ideia do que poderia dizer para saber mais sobre ela.

– Obrigada. – Parecia insegura, nervosa até, e ele ficou imediatamente enfeitiçado pelo seu encanto.

– Fi-la muito forte. – Ela não reagiu, por isso ele continuou: – Disse que precisava de...

– Está ótima, obrigada.

Richard ia-se embora depois virou-se abruptamente.

– Desculpe-me, perdoe interromper o seu descanso, mas... já nos conhecemos antes? É só que é tão parecida com uma... rapariga... que eu conhecia.

– Não, creio que não. – Ela interrompeu-se por um milésimo de segundo. – A não ser que conhecesse a minha irmã? – Hesitou de novo. – Estão sempre a confundir-nos.

– Alison?

Sentiu a sobrancelha erguer-se até aos cabelos. Que chatice, gostaria de ter preparado melhor a abordagem.

– Sim – respondeu ela, com calma.

– É a irmã... – a voz dele subiu de tom, como a de um menino de coro – da Alison? – Tossiu e tentou novamente. – Céus, é a cara chapada dela. Sabia que teriam de ter relação uma com a outra.

– Sou irmã gémea.

– A Alison tem uma irmã gémea?

– Tinha. – Ela baixou os olhos e mexeu o café com leite, depois olhou rapidamente para cima, para ele, como se verificasse qualquer coisa. – Suponho que... ouviu... ou leu sobre a morte dela?

– Meu Deus, sim, lamento imenso. – Passou os dedos pelo cabelo. – Mas é tudo tão surreal... – Não fazia ideia de como lidar com a situação. – Ouvi, sim, li a notícia nos jornais. Lamento muito. – Sabia que se repetia. – Foi um choque enorme.

– Sim, foi muito súbito. – Ela olhou em volta. – Tem tempo para se sentar um bocadinho? Ou talvez esteja ocupado...

– Não. Quero dizer, sim. Tenho tempo. – Deslizou para o lugar à frente do dela e levantou-se imediatamente, quase deslocando o joelho debaixo da mesa. – Na verdade, vou até buscar um café para mim, se não se importa? – De repente perguntou-se se ela estaria à espera de alguém. – Não estou a interromper nada, não?

– De modo nenhum.

– Posso trazer-lhe mais alguma coisa também? – Richard sentia-se em séria desvantagem.

– Não, obrigada. Por agora estou bem. Para dizer a verdade, não ando com muito apetite.

– Sim. – Ele imaginava.

– Isto chega bem. – Desabotoou o casaco e levantou-se para o despir. – A não ser que tenham consumo mínimo obrigatório?

– Não, não. – Reparou então que o cabelo dela estava preso numa trança grossa. Também não usava muita maquilhagem, observou, enquanto ia buscar um café duplo. Alison vestia-se sempre muito bem; em parte devido ao negócio que tinha com o salão de estética, explicara-lhe ela um dia. Aquela rapariga parece mais descuidada consigo própria.

Richard sorriu-lhe ao voltar para a mesa.

– Desculpe... novamente. Ainda não me apresentei, sou o Richard Kearney. – Estendeu-lhe a mão.

– Sou a Lily. – Ela apertou-lhe a mão com firmeza mas friamente. As mãos da Ali eram sempre quentes, resultado das massagens constantes e do uso de óleos quentes, contara-lhe ela uma vez. Enquanto se sentava, Richard pensou que vivia uma das situações mais estranhas da sua vida.

– Espero não lhe ter causado um choque muito grande. Este era um dos sítios onde a Alison vinha habitualmente?

– Não, não, ela apenas veio aqui uma vez, que me lembre. – Richard bebeu um gole de café e queimou a boca. – Desculpe. – Tentou não cuspir o café.

– Espero que não se importe que lhe pergunte, mas como conheceu a minha irmã?

– Céus, como nos conhecemos? Deixe-me lá pensar... – Soava incrivelmente a falso enquanto tentava ganhar tempo. – Foi há uns bons anos... – Fingiu procurar na memória. – Oh, sim, através de uma colega de trabalho... eu trabalhava na altura numa empresa. – Olhou em volta. – Nem sempre fui um empregado de mesa desleixado. – Fez um sorrisinho enquanto limpava as gotas de café do queixo. – Ele, o meu colega... ex-colega, aliás... apresentou-nos. – Richard decidiu continuar a falar, no caso de ela ir fazer demasiadas perguntas. – Lamento imenso não ter ido ao funeral. – A mentira saiu-lhe facilmente. – Só soube depois. – Deu um gole mais cuidadoso no café. – Deve ter sido um choque enorme para a sua família?

– Foi sim.

– E como está... o bebé? – Não se conseguia lembrar do nome do miúdo, apesar de o ter lido mais do que uma vez no jornal.

– O Charlie está bem, ainda é tão pequenino. Conhecia-o?

– Só o vi uma vez ou duas. – Que chatice, não percebia porque dissera aquilo. Não reconheceria a criança se caísse ali no café de paraquedas agora. Nem sequer sabia da sua existência. – Ele está... consigo? – *Continua a falar, idiota, repreendeu-se.*

– Está com uma tia minha em Cork, por enquanto. – Envolveu a chávena com as mãos. – Tem havido tanta coisa a tratar...

– Imagino. Sei que ela tinha seu o negócio e tudo isso.

– Pois é. Corre bem, o que já é alguma coisa, apesar de eu não perceber nada sobre a indústria da beleza. – Lily sorriu-lhe e ele sentiu-se

incomodado por a enganar daquela maneira. Tentou pensar numa saída. – Foi algum dia ao salão? – perguntou ela.

A pergunta catapultou-o para a realidade.

– Não, tencionava ir. – Não sabia ao certo a razão por que mentia assim, mas tinha o pressentimento de que ela nada sabia dos «clientes» de Ali. – Sei lá, talvez para um tratamento facial, ou lá como lhe chamam. Além disso, lavar tanto prato dá-nos cabo das mãos. – Era uma piada fraca.

– Então porque mudou de carreira? – Olhou em volta, interessada. – Isto é muito diferente de ser empresário.

– Fui despedido. – Sorriu-lhe. – Estou a brincar. Acho que me fartei. – Pensou naquilo um segundo. – Andava sempre a queixar-me à Alison sobre isso. De facto – esvaziou a chávena – foi ela que me ajudou a decidir comprar este café. Era muito boa ouvinte.

– É o que toda a gente diz. – Lily tinha um ar triste. – Sinto tanto a falta dela. – Não parecia embaraçada por dizer aquilo a um estranho. – Apesar de sermos da mesma idade, era como uma mãe para mim.

Richard olhou bem para ela e viu uma rapariga que parecia muito nova.

– Lamento imenso... – Começara a estender a mão para tocar na dela, num gesto de consolo. Era tão estranho, mas queria mesmo tocar-lhe.

– Richard, a Daisy está ao telefone. – Lucy estava ali mesmo ao lado dele, por isso sacudiu uma mosca imaginária do nariz em vez de tocar em Lily.

– Diz-lhe que já lhe ligo, Lucy, obrigado.

Lily nada disse durante um momento.

– Toda a gente tem sido tão simpática – acabou por dizer. – Conheco tanta gente que nem sabia que existia... amigos dela. Torna-se estranho, pois éramos muito chegadas.

– Desculpe novamente, mas ela diz que é urgente e que tens o telemóvel desligado. – Lucy estava de volta.

– Na verdade, tenho de ir. – Lily levantou-se enquanto a empregada desaparecia. – Tive muito gosto em conhecê-lo...

– Por favor, espere, deixe-me ir buscar-lhe outro café. – Richard levantou-se de um salto. – Já me vou despachar disto, não se vá embora... demoro apenas um minuto. – Foi embater de costas numa cliente. – Desculpe. – Sorriu à mulher e ao virar-se para Lily viu que ela voltara a sentar-se. Ela parecia-lhe algo atordoada. – Por favor, fique. Não demoro... mesmo.

Dirigiu-se ao telefone sem saber bem porque era tão importante falar com Lily. Era enervante tê-la ali mesmo ao pé, apesar de nada ter a esconder. Nem sequer era casado, embora com ironia pensasse que ir a uma prostituta não era o género de coisa que grande parte dos homens de classe média fizesse regularmente. Contudo, sabia que não iria contar a Lily sobre a sua relação com Alison a não ser que tivesse a certeza absoluta de que ela já fazia alguma ideia disso.

Livrou-se de Daisy num ápice e ficou imóvel alguns momentos, a observar Lily a estudar a ementa. Estava empolgado com ela. Era igual à irmã. Embora diferente, completamente diferente, sentia, mesmo por aquele breve encontro. Precisava de saber mais, muito mais, sobre aquela mulher, mas não fazia ideia de como conseguiria fingir. Ela teria decerto de saber alguma coisa, não era?

*James*

– OLÁ, DESCULPE INCOMODÁ-LA. – O homem falava num tom profissional. – O meu nome é James Weldon e desejava falar com a irmã de Alison. Pode ajudar-me?

– Receio que ela não esteja de momento. Foi tratar de uma encomenda.

Violet não sabia bem que dizer mais. Um ou dois jornalistas de tabloides haviam lá ido bisbilhotar e Lily ficara bastante nervosa com isso.

– E, hum, a que horas acha que ela volta?

Desejou naquele instante saber o nome da irmã.

– Por volta das quatro, creio. – Violet tomou uma decisão. – Posso ficar com o seu nome e número de telefone e ela liga-lhe depois?

– Na verdade, se não se importa, eu... hum, ligo mais tarde.

– Muito bem, então.

Violet não se importava, no fundo, e ele percebeu isso.

– Muito obrigado pela sua ajuda.

James despediu-se rapidamente e pensou no que acabara de decidir.

Por volta das três e quarenta e cinco encontrava-se à porta do salão de beleza. A rua principal de Wicklow, num dia chuvoso, era bastante deprimente; era curioso como nunca reparara nisso. Havia lixo espalhado pelo chão e muitas das fachadas das lojas tinham um ar cansado e antiquado. As filas de bolos com glacê sob a luz de néon da padaria do outro lado da rua pareciam já ter tido melhores dias, e alguém deixara sacos cheios de roupa do lado de fora da loja de caridade, apesar do grande letreiro vermelho que pedia às pessoas que não o fizessem. O vento abria alguns deles e parecia que iriam levantar voo a qualquer instante. Dave atravessou a rua e enfiou alguma roupa de bebé num dos sacos e deu um nó em tudo o que conseguiu. Era o género de coisa que ele fazia sempre.



Ao voltar ao salão recordou-se das noites que passara com Alison no apartamento lá em cima. Costumavam rir muito e, de início, pouco falavam, o que para ele era um grande alívio. Na maior parte das vezes faziam sexo, ótimo e sem complicações – do género que o levava a sentir-se capaz de conquistar o mundo. Pensar nisso naquele momento enchia-o de um misto de desejo e culpa. A culpa começava rapidamente a ganhar terreno, por isso abriu a porta antes de mudar de ideias.

– Posso ajudá-lo?

– Olá, acho que falei consigo antes. Liguei à procura da irmã da Alison. – Reparou que a jovem franzia o sobrolho. – Espero não estar a incomodá-la, é que... me disse que achava que ela regressaria por volta das quatro, por isso pensei em... passar por cá.

Pelo olhar da rapariga percebeu que ela estava muito insegura.

– Bem, foi um cálculo, tudo depende do trânsito. Receio que tenha perdido o seu tempo, Mr...

– Weldon, James Weldon. – Estendeu-lhe a mão. – E você é...

– Violet. – Proferiu o nome de modo hesitante.

– Não se preocupe. Não me importo de esperar. – Ela parecia prestes a mandá-lo embora, pensou James. – Prometo não a incomodar. – Abriu o jornal e sorriu-lhe de uma maneira que esperava ser amigável. – Nem sequer dará por mim.

James não sabia ao certo a razão por que se desfazia em tantas desculpas. Ao fim e ao cabo, aquela rapariga não fazia ideia de quem ele era ou do que pretendia. Desejava apenas poder lembrar-se do nome da irmã de Alison, lera-o de certeza num jornal ou dois, mas ficara tão paranoico que deitara os jornais fora imediatamente.

– Talvez lhe possa comunicar que estou aqui, assim que ela regressar? – Tentou falar com firmeza, mas a frase saiu-lhe como uma súplica. James era demasiado brando, fora sempre, o que significava que haviam passado por cima dele algumas vezes ao longo da vida. A maioria das pessoas subestimava-o, o que por vezes lhe dava vantagens.

– É jornalista? – perguntou Violet, cautelosamente, pouco depois.

– Por Deus, não! – James sentiu-se chocado. Céus, era do que mais precisava, acabar na primeira página de um dos tabloides. – Conhecia a Alison – balbuciou, ansioso por sossegar a rapariga. – Fomos amigos

durante anos – acrescentou. – Apenas queria apresentar os meus pêsames à irmã e pensei que seria mais fácil fazê-lo pessoalmente.

Graças a Deus que tinha um rosto em que se podia confiar, pois sentiu que a rapariga acreditava nele.

– Está bem.

Ela anuiu com um gesto e pareceu aliviada.

Tentou não olhar para a porta, mas passados dez minutos já lera o mesmo parágrafo três vezes, por isso deu uma bofetada mentalmente a si próprio e virou-se para a secção desportiva. Estava a conseguir manter o seu interesse no rãguebi quando ouviu a voz dela.

– Violet, desculpa, o trânsito está uma loucura.

Olhou-a, com uma sensação de choque, apesar de saber que esperava uma gémea.

– Oh, Lily, olá...

Violet tinha o ar de não saber bem como explicar a presença dele, pensou James, ao primeiro vislumbre da mulher que acabara de entrar apressadamente, de cabelo esvoaçante e a cheirar a flores e fumo do trânsito. Lily, graças a Deus que a outra mulher pronunciara o nome!

– Está aqui um senhor... Mister hum Weldon, para te ver. Telefonou antes para falar contigo e, hum, estava aqui na zona. – Era claro para todos que a última parte da explicação se tratava de uma mentira.

– Olá. – Olhou-a abertamente. – Sou o James. Será que posso dar-lhe uma palavrinha?

– Desde que não esteja a vender nada.

Pressentiu que ela dissera aquilo para ocultar os nervos. James abanou a cabeça imediatamente.

– Tem-me aparecido aqui imensa gente, na maior parte vendedores, e descobri que leva imenso tempo a tratar dessas coisas. Sou nova nisto, sabe. O salão pertence... pertencia à minha irmã.

– Na verdade, era sobre esse assunto que lhe queria falar... – Interrompeu-se a meio da frase, procurando-lhe no rosto sinais de apreensão, mas ela continuava a sorrir com simpatia. – Era amigo da Alison e fiquei muito consternado ao saber da morte dela.

– Obrigada, Mister Weldon, é muito gentil da sua parte. – Ela olhou em volta. – Quer ir tomar um café? – Despiu o casaco enquanto James fazia um

rápido gesto de assentimento. – Desculpe, de repente senti muito calor – desculpou-se. – Acho que a nossa cozinha é pequena de mais para receber convidados, mas há um pequeno café italiano, ali ao fundo da rua, que serve uma meia de leite excelente.

– Ótimo. – James pôs-se de pé num instante.

– Violet, não te importas? – Lily virou-se para a rapariga. – Não demoro. – Voltou a vestir o casaco e pegou na mala.

– Tudo bem, não há problema.

Violet parecia aliviada por ter agido bem.

– Queres que te traga alguma coisa?

– Não, obrigada, vou fazer um chá para mim aqui mesmo.

– Ótimo. – Lily virou-se para James. – Vamos então? Receio não ter muito tempo. – Olhou para o telemóvel. – Tenho uma reunião aqui mais tarde.

Uma vez instalados com as bebidas à frente, ela agarrou com ambas as mãos na chávena e observou o vapor a fumegar, como que apreciando o momento.

– Então, Mister Weldon... – proferiu ao voltar à terra.

– Por favor, James.

Estava nervoso e como de costume remexia na aliança de casamento para cima e para baixo do dedo.

– James – corrigiu-se ela. – O que o traz a Wicklow? Não é um sítio onde muita gente pare.

– Bem, eu... nem sei por onde começar, para ser sincero. – Não conseguia tirar os olhos dela. Sentados ali tão perto, e mesmo à luz desagradável do néon, viu como eram parecidas. – Meu Deus, é idêntica à Alison, é assustador.

Deu por si a observar-lhe o rosto com o sobrolho franzido.

– Éramos gémeas. – Ao ver que ele não reagia, continuou: – Suponho que sabia...

– Sim – retorquiu James rapidamente. – Ela disse-me que tinha uma irmã gémea, sim, mas nunca mencionou que eram iguaizinhas.

– É curioso, não vejo as coisas assim. – Sorriu. – Pensei sempre que a Alison era muito mais bonita. – Pareceu ficar perdida de novo por um segundo ou dois. – Eram muito amigos? – Sorveu a bebida. – Estou apenas a pensar se será o mesmo homem que ela mencionou, o arquiteto... – Corou enquanto falava e James teve a impressão nítida de que ela mentia.

– Sim, de facto sou arquiteto.

Estava ainda convencido de que Alison nunca falara dele a ninguém.

– E a sua mulher? É psicóloga ou...?

Ela tinha um ar tão constrangido que ele percebeu que ela apalpava terreno. Mas onde teria arranjado a informação, a não ser pela irmã?

– Sim. – Fitou-a, ainda inseguro. – Não consigo acreditar que ela lhe tenha falado de mim... – Não sabia o que dizer a seguir. – Sabe, ela era uma pessoa muito discreta... eu pouco sabia de... certas coisas da vida dela.

– Na verdade, não sei quase nada sobre si – admitiu ela após um segundo ou dois –, embora pensasse que eu e a Ali não tínhamos segredos uma para a outra.

Que raio, aquilo podia ter sido perigoso, pensou James, e sorveu um gole da bebida quente para ganhar tempo.

– Eu... gostava muito dela. Ela era muito boa para mim. – Sentiu-se triste ao falar sobre Alison, e um pouco desleal, o que parecia um absurdo dadas as circunstâncias da relação que tinham tido.

– Não diga mais... uma grande ouvinte. – Lily mantinha o olhar fixo nele. – É o que toda a gente me diz. – A voz tinha um tom ligeiramente sarcástico, pensou ele por segundos, mas depois decidiu que imaginara aquilo. – Desculpe-me. – Ela baixou a cabeça. – É que tenho muito em que pensar neste momento. Não quis dizer nada com a observação. – Tinha o ar de uma criança perdida. – Amava-a muito. Era a minha heroína – proferiu com ternura.

James observava-a a remexer nos pacotes de açúcar.

– Ela era uma das melhores que conheci.

Era sincero ao dizer aquilo.

– Foi muito simpático da sua parte vir até cá apresentar os pêsames. Obrigada.

– Sabe, foi tudo... um choque tão grande. Apanhei um susto horrível quando soube. – Falava quase para si próprio. – Sinto imenso a falta dela.

Sentiu culpa por falar de alguém daquele modo que não fosse a mulher. Foi como se tivesse confessado o seu segredo.

Sentia o olhar dela nele e remexeu o café durante imenso tempo.

– Espero que não fique ofendido com isto. – Ela mordeu o lábio e engoliu. – Mas tenho de lhe perguntar: estava apaixonado pela Ali?

James podia ser muitas coisas, mas não um mentiroso.

– Acho que... não sou na realidade... sou casado, sabe – disse, desnecessariamente.

– Sim.

Ele suspirou.

– Suponho que estava um pouco – admitiu. – Sim, estava apaixonado por ela, por incrível que pareça, dizendo isto em voz alta assim... e a si.

– E tinha uma relação com ela – perguntou Lily após uma terrível longa pausa, embora não fosse propriamente uma pergunta. Soava como se falasse consigo própria.

– Sim – respondeu ele com doçura.

Ela pareceu tomar uma decisão.

– James, será possível voltarmos a encontrar-nos? Como deve ser, quero dizer.

Ele percebeu que ela ficara abalada com a confissão, mesmo apesar de ao princípio ele ter pensado que ela sabia de tudo.

– Claro, se isso a ajudar.

– Ajudará, sim. É que agora tenho mesmo de ir. Desculpe-me. – Ele percebeu que ela se esforçava por não chorar.

– Não, sou eu que tenho de pedir desculpas por chegar assim, sem me ter anunciado. – Levantou-se. – Deixe-me dar-lhe o meu número. – Meteu a mão no bolso e pegou na carteira. – Aqui tem o meu cartão. – Deu-lho. – Ligue-me quando estiver preparada. Posso voltar aqui novamente... a qualquer altura.

– Obrigada.

– Foi um prazer. – Ele sorriu, ponderando se deveria dizer mais alguma coisa. – A Lily está bem? Não a perturbei, nem nada?

Ela abanou a cabeça, mas foi como se tivesse caído um véu sobre o assunto. Era notório que não estava preparada para falar mais de momento.

– Adeus. – Apertou-lhe a mão e foi-se embora, deixando-o com todas as emoções que enterrara desde que soubera da morte de Alison. James pediu outro café e deixou-se invadir pelos sentimentos de luxúria, desgosto e culpa.

NÃO SEI PORQUE ME SENTI TÃO PERTURBADA, tão completamente abalada, mas sentia. Assim que cheguei ao salão de beleza mudei de ideias e subi para o apartamento. Não havia muito tempo: teria de me encontrar com uma noiva em menos de uma hora, de discutir a despedida de solteira que ela queria fazer ali. Pelos vistos, estava na moda. Um grupo de raparigas chegava e bebia champanhe enquanto se desintoxicavam. Um desperdício de dinheiro dos dois pontos de vista, na minha opinião, mas que sabia eu?

Contudo, gostava do tempo que passava em Wicklow. Apresentara finalmente a demissão a Stephen Pritchard e ia apenas ajudá-los algumas manhãs por semana, passando ali o resto do tempo.

Atirei-me para a cama. Então, era aquilo: a Ali andava a ter um caso com um homem casado. Sentia-me terrivelmente estúpida, pois, apesar de lá no fundo saber o que se passava, mesmo assim fora um choque. Não conseguia compreender porquê. Céus, eu não era pudica e estávamos em 2006, não em 1966. Porém, a Ali fora sempre a sensata, o meu anjo da guarda, a pessoa que eu procurava para me orientar. *No que raio andavas tu a pensar para te meteres nisto tudo?*, desejava perguntar-lhe, sentindo-me verdadeiramente zangada desde a morte da minha irmã gémea. Comecei a andar de um lado para o outro no quarto.

– Dizíamos sempre que as idiotas é que se envolviam com homens casados. – Comecei a falar com ela como se ali estivesse à minha frente. – Ou isso aplicava-se só a mim? Estavas assim tão desesperada por sexo? – perguntei, em tom imperioso, ao atirar o casaco para a cama.

– Lembras-te da velha história sobre alguns homens quererem ter tudo? – Creio que fora a tia Rose que nos contara isso quando éramos adolescentes. – Toda aquela tretinha sobre os homens não nos respeitarem pela manhã. – Essa referia-se ao nosso pai.

Céus, é isso! Sentei-me de novo na beira da cama. Ela provavelmente fizera-o para se vingar dele.

– *Espero que não me causem preocupações agora que vão para aquele colégio interno chique.*

*O meu pai estava novamente a dar-nos um sermão. – Lembrem-se do que vos disse: todos os homens são iguais. Tenham isto presente e falem com a tia Rose se precisarem de saber alguma coisa.*

– *Era capaz de obter mais informações da irmã Imelda, e ela tem quase noventa anos – disse eu a rir para Ali quando ele nos mandou para o quarto. – Oh, Ali, mal posso esperar para me ver livre desta casa, tu, não?*

– *Prometes-me que virás sempre ter comigo se alguma vez estiveres com problemas?*

– *Prometo. De certeza que estaremos sempre juntas, de qualquer maneira.*

– *E tem cuidado, se eu não estiver por perto, está bem? Não se pode confiar em todos os homens, bem sabes.*

– *Sei disso, não sou estúpida. – Sentia-me mortificada.*

– *E pensa sempre antes de tomares uma decisão, Lily. Não te atires nunca de cabeça, está bem?*

– *Não, Ali – respondi-lhe. – Serei boazinha. – Era o meu mantra nessa altura.*

– *Lembra-te sempre que não existe nada que não me possas contar, nunca. Está bem?*

– Então, porque não *me* contaste *tu*? Hein? – Dissera por fim em voz alta o que realmente me incomodava naquilo tudo. – Eu podia ter ajudado, quanto mais não fosse a ouvir. – Deixei-me ficar ali sentada imenso tempo. Por fim, percebi que teria de contar a alguém.

– *Estás bem? Pareces um pouco em baixo – disse Sally depois de termos falado de banalidades por um pouco.*

– *A Ali tinha um caso.*

– *Espera aí, Lily, diz lá isso outra vez. Acho que não te ouvi bem. – Sally insultou a linha telefónica e a distância e tudo o resto que nos impedia de ter uma conversa como devia ser quando nos encontrávamos a milhares de quilómetros.*

– Oh, sim, ouviste bem. – Aquilo podia ser um ótimo motivo para bisbilhotice, se não se tratasse da minha irmã. Ali não era o género de mulher para ter um caso, pelo menos até ali eu apostaria a minha vida nisso.

– Estás a dizer que ela tinha um caso? – Sally riu-se, mas estava ligeiramente nervosa.

– Sim.

– Aguenta aí, deixa-me ir fechar a janela. – Sally gritou quando a estática deixou de permitir que a ouvisse. – Pensando melhor, já te ligo. O barulho aqui é ensurdecedor.

– Não, eu ligo-te. Isto vai demorar um bocado – gritei-lhe. – Desliga, volto a telefonar-te já.

Marquei novamente o número e Sally atendeu logo.

– Está melhor, embora deteste encontrar-me tão longe quando há tanta coisa a passar-se. Agora, começa lá de novo. Conta-me tudo.

Contei-lhe então o que sabia.

– Muito bem, então ela tinha um amante – disse Sally, por fim. – Estou um pouco surpreendida, mas, encaremos os factos, nem sequer seria uma história para a *Oprah*.

Ri-me contravontade.

– Acho também que não era a primeira relação de que ela guardou segredo. – Contei-lhe sobre os apontamentos que encontrara. – Sabes uma coisa, Sal? Estou tão irritada com esses filhos da mãe que, por um segundo, antes de te ligar, até pensei em ter sexo com eles para poder arruinar-lhes completamente a vida. – Tinha de dizer aquilo bem alto; desse modo sabia de certeza que tal não aconteceria. Por um lado, nunca teria coragem; e, por outro, Sal não me deixaria fazer semelhante coisa.

– Como? – Sally não parecia chocada. – Como irias tu arruinar-lhes a vida, quer dizer, se planeavas ter sexo com todos?

– Gravaria tudo e depois enviaria às mulheres deles.

– Então são todos casados? Será?

– Bem, um deles é de certeza. Usa uma bela e brilhante aliança de casamento. Na verdade – sorvi um gole do chá que fizera quando chegara ali – é dele que gosto mais. Disse-me que estava apaixonado por ela.

– Encontraste-te com eles então? – Aquilo despertou-lhe a atenção. – Isto é uma brincadeira, não? Estás a gozar comigo?



– Quem me dera. Isto anda a dar comigo em doida. Céus, Sally, éramos tão chegadas e ela era sempre tão...

– Perfeita. – Sally suspirou. – E tu admirava-la. Lily, tens a certeza absoluta de que não é a tua imaginação?

– Existiam pelo menos quatro homens na vida dela a dada altura, e ela andava com um deles quando morreu. Ele admitiu que sim.

– Se calhar era o único. Os outros talvez possam ter sido, não sei... mensagens ou qualquer coisa assim. Qualquer coisa.

Achei que Sally se sentia desleal para com a minha irmã só de falar sobre isso. Ali tinha aquele efeito em todos nós. Andava sempre a pregar moral, a dizer para fazermos as coisas certas.

– Meu Deus, como eram eles? Fizeram-te arrepiar? – prosseguiu Sally, que parecia fascinada.

– Um deles sim, definitivamente. O doutor William. – Ri-me. – Mas houve um de que gostei, contravontade. Depois, há um tipo giro que tem um restaurante. Céus, isto não te soa estranho?

– Não, giro, como? – Típico da Sally, não era possível esconder-lhe nada.

– Não sei ainda. De qualquer maneira, o outro que conheci é um pouco... não sei. Parece um pouco o Tom Jones.

Falámos durante mais meia hora e depois Sally teve de desligar.

– Olha, ligo-te amanhã. Entretanto, promete-me que abandonaste essa ideia louca de dormires com eles por vingança, ou lá o que foi que disseste?

– Prometo – disse-lhe. – De qualquer maneira não teria coragem para isso, Sal. – Confessei em voz alta o que estivera a pensar. – Conheces-me. Meu Deus, fiquei envergonhadíssima só por ter falado com eles.

– Muito bem, pois fica por aí. Senão volto para casa e arrasto-te até um psiquiatra. Por outro lado, podemos ter sexo em grupo: tu e eu e os quatro que descobriste, que tal? – Ela tentava afastar-me daquela ideia ao seu modo sempre um pouco escandaloso.

– Contudo, é estranho, não é? Quer dizer, ela era a última pessoa que esperaríamos que tivesse um amante casado.

– Já te disse, não é nada de mais. É apenas muita coisa para aguentares neste momento, com tudo o resto com que tens de lidar. Se isso tivesse acontecido com ela viva, não estaríamos a falar sobre o assunto.

– Olha, tenho de ir – suspirei, olhando para o relógio. Tudo me parecia agora muito menos dramático. – Obrigada, minha linda, estava a dar em

doida aqui, a pensar nisto. A propósito, liga-me para Cork amanhã à noite, está bem? Para a casa da tia Milly. Vou lá ver o Charlie. Mal posso esperar.

– Vais contar-lhe?

– Estás doida? Céus, teria um ataque. Ela idolatrava a Ali.

– Também tu – proferiu Sally em voz doce. – Por isso é tão difícil. Mas isto nada muda, sabes bem.

– Eu sei.

– De súbito, fiquei novamente com lágrimas nos olhos.

– Lembras-te de mim, Lily? A tua melhor amiga? Aquela que ofereceu ao seu chefe casado uma felação naquela festa de Natal, lembras-te, há alguns anos? Céus, ainda bem que saí de Dublin, não poderia aguentá-lo e àqueles olhares lascivos todos os dias. Eu estava *tããoo* bêbeda naquela noite.

– Mas tu és assim, Sally. E se ouvisse algo parecido com isto sobre ti depois de teres morrido, não ficaria surpreendida de todo – disse-lhe, e ri-me enquanto ela ria a bandeiras despregadas lá longe na Austrália. – Mas esta loucura... – cocei a cabeça. – Isto não era da Ali.

– Bem, deverá ter tido as razões dela. Fossem quais fossem, podes apostar que também te queria proteger e ao Charlie, portanto, essa deve ter sido a razão de ter mantido tudo em segredo.

– Suponho que sim.

– Ouve – pediu Sally. – Falas com a Orla sobre o assunto? Não te quero para aí sozinha com tudo isto nos ombros. Já tens demasiada pressão de momento.

– Não – recusei, categórica. – A única razão por que te contei é porque estás longe. Não quero que ninguém à minha volta saiba disto. É... não sei, um pouco grosseiro, creio. Tenho de matutar bem no assunto primeiro. Compreendes? E tens de me jurar pela tua mãe que não falarás disto a ninguém.

– Nem precisas de pedir – Sally suspirou.

– Jura.

– Juro.

– Está bem, falo contigo amanhã, então.

– Sim e, Lily, tenta lembrar-te que nem todos os homens são como... tu sabes...

– O quê?

– Nem sei bem o que estou a tentar dizer-te, no fundo. Não ligués. Fica bem.

– Sim, tu também. Adeus.

Pousei lentamente o auscultador. De novo o meu pai, era a isso que ela se referia. Por que razão as coisas iriam sempre dar a ele?, perguntei-me enquanto descia as escadas para me encontrar com a organizadora da despedida de solteira.

Vi-os mal o comboio parou. A minha tia acenava como uma doida e agarrava em Charlie, que estava em cima de um muro baixo para poder ver. Vi-o primeiro e o meu coração saltou um pouco no peito ao vê-lo observar ansiosamente os rostos das pessoas. Céus, pensei, nunca o devia ter deixado ir embora. Onde teria eu a cabeça? Esforcei-me por abrir caminho e corri para eles.

– Mamã Lily! – gritou ele assim que me viu. O rosto abriu-se-lhe num enorme sorriso e praticamente voou do muro, quase derrubando a minha tia pelo caminho. – Lily, tive saudades tuas – disse ele enquanto Milly tentava agarrá-lo pelo capuz.

– Oh, Charlie, tive tantas saudades tuas também!

Abracei-o enquanto ele colocava os braços à volta do meu pescoço e fi-lo rodopiar, beijando-o na cabecinha e tentando vê-lo bem. A minha tia sorria.

– Lily, vieste no comboio para me ver. – Ele abriu muito os olhos. – *Tu-tu...* – Imitou o vapor a sair e tentou assobiar como um apito. – Quero ir para casa. Contigo. Agora. – Foi direito ao assunto.

– Não, amorzinho, hoje não. Todos os comboios estão a dormir. – Senti o coração saltar ao compreender que eu significava «casa» para ele, agora. – Olá, tia Milly, como está? – Levantei-me e abracei-a, fazendo um esforço para não me ir abaixo.

– Fina, querida, estou ótima. – Tentou ajudar-me com as malas, mas não a deixei. – A sério, eu consigo.

Senti-me culpada. Tratar de uma criança tão pequena era mais do que bastante para ela.

– Ele cresceu tanto, não tem sido difícil para si?

– Oh, sim, ele é um amor. – Milly afastou as minhas preocupações com um sorriso. – Vamos lá, estacionei o carro num lugar proibido mesmo em frente

da porta. Conheço o Tom Dunne, o chefe de estação. Ele deixa-me sempre estacionar ali.

– Tenho um chupa-chupa. – Charlie mostrou-me um círculo cor de laranja com um rosto desenhado. – Vou comê-lo todo.

– Ainda não, amorzinho, só depois do jantar – advertiu-o Milly. – O Tom deu-lho quando aqui chegámos – desculpou-se a minha tia. – Tento não lhe dar demasiados doces, mas ele é um miúdo tão adorável que é muito difícil dizer-lhe que não.

– És um maroto. – Despenteei-lhe o cabelo, que crescera e estava ainda mais encaracolado.

– Cãozinho, adoro cãesinhos – mudou ele de assunto subitamente, começando a correr para um cão rafeiro.

Corri atrás e agarrei-o pelo capuz.

– ão-ão! – Riu-se e tentou fazer-lhe uma festa.

– Tem cuidado – pedi, aflita, quando Charlie fez menção de agarrar a cauda do animal. – Não o conhecemos e ele pode ser resmungão.

– Pode morder-me. – Charlie parecia querer ter qualquer contacto com o cão e, por fim, arrastei-o dali com a promessa de mais cãesinhos e comboios ao virar da esquina.

\* \* \*

Passámos um fim de semana muito agradável, fomos ao cinema e passeámos no jardim, e, quando estávamos em casa, atirámo-nos ambas a fazer um enorme pastelão de carne, lasanha e sopa para o congelador de Milly. Ajudou-me a aliviar o sentimento de culpa. A minha tia, entretanto, fazia fornadas de *scones*, e duas das suas vizinhas apareceram porque sabiam que ia haver tarte de ruibarbo – mas também para verem quem seria a visitante, desconfiei. Fiz um creme com ovos, natas biológicas e vagens de baunilha que consegui comprar no incrível English Market, de Cork. Foi considerado delicioso.

Fomos à cidade de comboio e Charlie estava deslumbrado e insistia em acenar a toda a gente que encontrávamos. Comprei-lhe um boné de chefe de estação, numa loja de brinquedos no centro da cidade, e ele não o quis tirar por nada deste mundo, por isso, a tia Milly tirou-nos fotografias no banho, todos nus, com exceção do chapéu na cabeça dele. Não sabia se a minha tia

se sentiria embaraçada ao ver que eu me despira completamente antes de entrar na banheira. De facto, a velha senhora não se mostrou nada afetada com isso, mas fugiu a rir quando Charlie insistiu:

– Entra, Milly, entra e vem brincar.

Depois do jantar e de um copo de vinho, contei-lhe os meus planos de principiante para transformar o salão num café ou numa loja *gourmet*.

– Minha querida, acho que é uma ideia fantástica. – Os olhos dela brilhavam. – Quem me dera ter menos dez anos, iria dar-te uma mãozinha.

– Tenha calma, tia, ainda não decidi nada. Nem sequer sei se o poderei fazer. – Ri-me, encantada com o entusiasmo dela. – Mas, se for em frente com isto, é melhor a tia começar a treinar, porque independentemente da sua idade, irei precisar de si.

– Está combinado. – Toda ela rejubilava.

– Tia Milly, a Ali alguma vez mencionou alguma coisa sobre o pai do Charlie? – Era só no que conseguia pensar depois de ter descoberto o segredo da minha irmã.

– Não, querida. – Sorveu a bebida e observou-me por um ou dois segundos. – Estás preocupada com isso?

Encolhi os ombros, sem saber o que responder.

– Acho que sim. É curioso, de início tudo o que me preocupava era saber lidar com o Charlie e o efeito que isso teria na minha vida. – O vinho soltara-me a língua. – Isso não soa de modo horrível?

– Não, criança, é perfeitamente normal. – Afagou-me as costas da mão de um modo que me lembrava vagamente a maneira da minha mãe.

– De qualquer modo, no meio de toda esta loucura, acho que aprendi que a única coisa que realmente tem importância é o laço que existe entre nós. Quando o vi ao sair do comboio, neste fim de semana, tão parecido com ela e a esforçar-se por me descortinar na multidão, o meu coração quase parou. – Sorri para ela. – E quero tanto tomar conta dele, envolvê-lo em carinho e protegê-lo de tudo o que é mau no mundo. Isto faz sentido?

– Sim, e sabes uma coisa?

– O quê? – perguntei.

– Acho que ele também tomará conta de ti. – Vi que ela estava à beira das lágrimas. – De facto, tenho a certeza disso.

– O meu pai deixou dinheiro... muito dinheiro, para um neto... um neto varão, que surpresa. – Havíamos contornado o assunto algumas vezes por

telefone e sabia que ela se deveria interrogar sobre isso, mas nunca me forçava a nada. – Soube-se no dia da morte da Alison. – Aguardei uma reação, mas nada. Ela nunca julgava ninguém.

– Sabia que algo acontecera, pelo que me tinhas dito – limitou-se a dizer. Nenhuma de nós falou durante algum tempo. – Sinto-me tão contente por poderes ficar bem – acabou por dizer, rompendo o silêncio.

– Milly, por que razão ele nos afastava sempre? Odiei-o todos aqueles anos, depois de a mamã ter morrido. Se não tivesse sido a tia... – Calei-me, determinada a não chorar. Tinha andado tão chorosa nos últimos dias que receava começar a chorar e nunca mais parar.

– Ele era assim, amor. A vida também foi terrivelmente severa com ele. Achava sempre que a vossa mãe vos estragava com mimos, e a maior parte das pessoas de facto mimava-vos muito, por serem gémeas.

– Mas éramos tão pequenas quando a mamã morreu e ele era tão frio connosco... – Não queria que ninguém tomasse o partido dele, especialmente a tia Milly. – Por causa dele, desconfio de todos os homens. A maior parte causa-me arrepios.

– Quem me dera ter feito mais por vocês. Deveria tê-lo obrigado a ouvir a voz da razão... – Agora era a sua vez de parecer preocupada. – Tentei, querida, mas, com os avós...

– Bem sei que tentou. – Aproximei-me dela. – Teria sido muito pior se não tivesse sido a tia.

– Ele nunca... vos bateu, nem nada, pois não? – Vi a preocupação estampada no rosto dela.

– Não – disse-lhe. – Na maioria das vezes ignorava-nos. Obrigava-nos a estar em silêncio, mandava-nos para o quarto o tempo todo. Assim que pôde despachou-nos para o colégio interno.

– Bem, agradei a Deus por isso, nessa altura. Significava que vos veria mais vezes. Estava sempre com medo por vocês, no caso de haver alguma violência em casa, apesar de não crer que ele fosse capaz disso. Ele fez muito mal em tratar-vos daquela maneira, mas não creio que fosse um brutamontes.

– Não – respondi, calmamente. – Mas deixou-nos marcas para toda a vida, de certeza. Agora, não será boa ideia levar o cão à rua para um último passeio antes de dormir? – Precisava de aligeirar a atmosfera. – Acho que o

Charlie lhe tem dado a beber *Coca-Cola*, por isso se calhar ele precisa de ir mastigar umas ervinhas ou lá o que eles comem quando estão indispostos.

Quando nos dirigíamos ao comboio, no domingo, abordei o assunto de levar Charlie de volta para Dublin.

– Porque não esperas para ver primeiro quais são os teus planos para o salão? – sugeriu Milly.

– Sinto-me culpada por o deixar consigo tanto tempo. Além disso, como a tia muito bem disse a noite passada, tomaremos conta um do outro. – Observei-o a acenar às pessoas nos autocarros. – Não tenho mais ninguém.

– Tens-me a mim.

– Claro que tenho. – Tive vontade de bater em mim própria por ser tão insensível. Pus a minha mão sobre a dela enquanto ela conduzia, como que a pedir desculpa. – O que quero dizer é que ele é tudo o que tenho dela agora, e isso torna-o muito precioso mesmo.

– Eu sei, amor, mas dá tempo a ti própria. Estou bem, gosto mesmo de o ter comigo e não te preocupes. Ele está aqui, são e salvo. – Deu-me uma palmadinha no braço. – E adora-te, sabes. Está sempre a falar de ti.

– Obrigada. – Senti a cascata ameaçar desabar de novo e esfreguei rapidamente os olhos.

– Estou tão feliz por ele ser teu agora. – Sorriu, com tristeza.

– Eu também – confessei. – E ninguém mo irá tirar, nunca.

*Dave*

DAVE CANTAROLAVA BAIXINHO NO DUCHE, cheio de entusiasmo. Pavoneava-se no minúsculo palco de um metro quadrado. A atuação era desafinada mas extremamente confiante. Estava em excelente forma e a razão era simples. Esperava em breve molhar o bico novamente em Wicklow e estava tão entusiasmado como um rapazito de escola a ver a Miss Mundo a passar fatos de banho. Certo, era o seu primeiro encontro com Lily nessa tarde e tudo o que ela lhe oferecera fora café, mas Dave era otimista.

Às oito em ponto levou a mão em concha à boca, soprou e cheirou, só para fazer uma verificação final ao hálito enquanto tocava à campainha do andar por cima do salão de estética. Olhou para o peito e resolveu fechar um dos botões da camisa. Não queria dar a impressão de que se esforçava demasiado para a impressionar.

Quando ela perguntou quem era, ele respondeu no que esperava ser um despreocupado «é o Dave» e sorria com todos os dentes ao chegar ao cimo das escadas.

– Olá.

Lily abriu a porta da frente mesmo na altura em que ele levantava a mão para tocar à campainha e quase lhe tocava no mamilo.

Embaraçoso, mas os rapazes adorariam saber, não que admitisse que acontecera com ele. Contudo, teria de ser realmente cuidadoso. Por vezes, depois de algumas cervejas, não conseguia resistir à tentação de se vangloriar um pouco da sua vida amorosa.

– Oh, eu... hum, olá, como está? – A sua voz adquirira um novo tom agudo.

– Estou muito bem, Dave, e o senhor? – Pareceu-lhe que ela se inclinava ligeiramente para ele, por isso deu-lhe um beijo na face. Achou que ela ficou surpreendida, mas Lily recuperou depressa da surpresa e sorriu-lhe animada.



– Ótimo, obrigado – respondeu ele numa voz demasiado animada. – Está um frio de rachar lá fora. – Entregou-lhe uma garrafa gelada com tampa de metal.

– Champanhe... – disse desnecessariamente. – *Mo-et*, na verdade. Geladinho e pronto a beber.

– Oh, obrigada. – Ela parecia embaraçada. – Na verdade, acabei de fazer café, mas talvez prefira qualquer coisa mais forte?

– *Jack Daniels* e *Coca-Cola*, se tiver? – Dave observou-a. Era um pedaço de mulher, isso de certeza. Se jogasse bem as cartas que tinha, ganharia num instante, sentia isso. – As bolhinhas são para si. A Alison adorava sempre uma taça ou duas... – Hesitou, mas ela parecia descontraída, por isso prosseguiu. – Deixava-a na... hum, ajudava-a a descontrair... depois de um dia duro... – Quase dissera «na disposição certa», mas reconsiderara, o mesmo se passando com a piscadela de olho que esteve prestes a fazer. Fingiu rapidamente que tinha qualquer coisa na vista.

– Então, como tem passado? – perguntou Dave enquanto sacudia um grão de pó imaginário.

Pensou que lhe cheirava a comida; deveria vir da loja de *fish and chips* da porta ao lado.

– Bem, obrigada. Muito ocupada. – Deitou uma porção generosa de *Jack Daniels* num copo e acrescentou gelo sem perguntar se ele queria. Dave observava-a e achou que tinha um ar muito frágil.

– Dilua a seu gosto. – Ela sorriu ao passar-lhe a *Coca-Cola*. Dave reparou nos candeeiros acesos e que havia coisas espalhadas pela casa, não como quando Alison ali estava. Parecia que ela não tinha feito o mínimo esforço, pensou, desapontado. As almofadas estavam desarrumadas e as flores mal arranjadas, contudo, funcionava. No entanto, era uma pena a porcaria da música de orquestra que se ouvia em fundo. Deveria ser James Last. Dave detestava música instrumental veementemente, apesar dos esforços da bem-intencionada Marie. A mulher gostava imenso de Richard Clayderman – era fã havia anos. Dave preferia Tony Christie ou Tom Jones. Adicionou um pouco de *Coca-Cola* à bebida e deu um grande gole.

– Aaah, assim está melhor. Importa-se que fume?

– Não – respondeu ela, mas ele percebeu que se importava. Dave precisava imenso de um cigarro, de outro modo não o teria sugerido. Lily olhou em volta, sem saber onde encontrar um cinzeiro.

– Não se mexa – ordenou ele. – Descontraia-se. Sei onde ela os guardava. Se não se importa? – Parou e virou-se para ver a reação dela. – Posso fumar aqui à janela, se quiser.

– Não, por favor, esteja à vontade. – Ela acenou com a mão livre e observou-o. Dave reparou que ela se sentara à beira do sofá e que cruzara as longas pernas, por isso resolveu levar as coisas um passo adiante. Aquilo progredia bem.

– Obrigado então. – Pegou num cinzeiro e colocou-o na mesa. – Só vou mudar a música. – Sorriu a Lily, depois viu que ela tinha um ar incomodado. – Não é exatamente a música que prefiro – explicou. – O que é isto, afinal? – Andava a vasculhar outro armário.

– Händel. – Lily sorveu o café e Dave percebeu que não deveria ter ido tão longe. Desejava-a ardentemente e a última coisa de que precisava era que lhe tirassem o tapete de baixo dos pés.

– Oh, bem, não sou fã de ninguém com esse nome, sabe. – Girou em volta e resolveu adiar o grande momento e concentrar-se em conhecê-la melhor. Ao típico estilo de Dave, tentou aligeirar o ambiente fazendo-a sorrir. – Também sou um pouco fã do John Travolta. – Encontrou o que procurava e executou para ela um dos seus passos à Travolta a caminho da aparelhagem. Gostou do modo como ela riu. As mulheres normalmente reagem bem quando ele fazia imitações, e Dave tinha confiança bastante em si próprio para não se importar de fazer figura de tolo. – Ou talvez Patrick Swayze. – Estendeu o braço a um parceiro imaginário. – Eu era bom dançarino nos meus tempos, digo-lhe já – acrescentou, com uma vénia. Gostava de namoriscar com ela. – E ainda ganho àqueles tipos dos Westlife quando canto *karaoke* no clube. – Piscou-lhe um olho.

O papel do engraçadinho estava a resultar, porque o sorriso dela tornou-se instantaneamente mais descontraído.

– Não tenho dúvida alguma sobre isso, de facto diria que ainda faz voltar algumas cabeças na pista de dança.

– Sim, estou em forma. Aproximou-se dela despreocupadamente, pensando que talvez fosse a altura perfeita para lhe contar sobre ele e Alison. Foi só então que reparou numa mesa posta para jantar.

– O que é isto? – perguntou, desconcertado.

– Oh, desculpe, devia ter-lhe explicado. – Ela dirigiu-se para a mesa e alisou uma prega imaginária na toalha branca. – Não tinha outro sítio onde

pôr isto, há tão pouco espaço aqui. – Brincou com o cabelo e aquilo deixou-o louco. – E a minha irmã no fundo não cozinhava muito. Eu sou *chef*... é o meu trabalho.

– Estou a ver. – Não estava nada.

– Espero que não se importe. Tem fome?

– Oh, sim, bastante – mentiu.

– Pareceu-me a melhor forma de lhe agradecer toda a sua simpatia, ter ido ao funeral, telefonar para saber como eu es-tava.

Sorria com um ar quase infantil e ele sentiu-se atrapalhado. *Credo*, pensou Dave, *estava mais à espera de uma sobremesa.*

– Ótimo. – Emborcou a bebida.

– Por favor, sente-se, está tudo pronto. – Ela guiou-o até à mesa. – De qualquer maneira, é à base de comida fria. Queria que tivéssemos tempo para falar.

– Ótimo. – Parecia que era a única coisa que ele conseguia dizer.

– Gosta de enguias?

– Escorregadias como um raio, mas sim... ótimo – repetiu, amaldiçoando a sua estupidez por não ter reparado no que ela planeava.

Ela riu-se, tirou-lhe o copo e voltou pouco depois com travessas de comida, a maior parte da qual ele nunca vira na vida.

– Então diga-me – começou Lily enquanto o servia de um pouco de tudo. – Como conheceu a minha irmã?

Ele estava muito nervoso de início, por isso omitiu alguns pormenores. Ela parecia contente em ouvi-lo falar.

– E o Dave é casado? – Atirou ela enquanto lhe enchia o copo pela segunda vez.

– Oh, hum, bem, sou e não sou. – Engasgou-se. – A minha mulher e eu, bem, temos uma espécie de acordo, sabe. – Olhou para Lily com ar conhecedor, mas ela nada disse. – Sim, ela tem a vida dela e eu a minha, esse género de coisas?

– Tem filhos? – inquiriu ela.

Dave gostou de poder contar-lhe tudo sobre as filhas e ela pareceu interessada.

– São a luz da minha vida, as gémeas – concluiu enquanto molhava o pão.

– É um laço especial – disse ela, mas aquilo passou-lhe ao lado.

– Ótimas meninas, ótimas meninas, levam-me à certa.

– Então, o Dave, a sua mulher, levam... vidas separadas, é isso?

– Oh, completamente separadas, sim, absolutamente. Cada um em seu quarto e tudo isso, sabe como é?

– Não, na realidade não sei – disse ela e aquilo pareceu-lhe ser dito inocentemente.

– Bem, para dizer a verdade, é muito solitário por vezes. – A bebida soltava-lhe a língua. – A minha patroa, ela já não liga muito a isso, depois de as crianças terem nascido. Não me interprete mal, idolatro-a, só que ela deixou claro que, bem, sabe...

– Isso deve ser muito difícil para si, não?

– Sim, é. – Pressentiu que ela sabia exatamente como ele se sentia, por isso continuou a aprofundar o assunto, esperando pelo voto de simpatia. Enquanto falava, compreendeu que por vezes se sentia ressentido com Marie, por não o desejar daquela forma. Era duro para o ego de um homem, contou a Lily, embora não por essas mesmas palavras.

Dave reparou que ela fazia imensas perguntas sobre ele e Alison, mas, felizmente, tinha a história preparada. Ensaicara uma série de cenários a caminho dali, no carro, pelo sim pelo não. Enquanto conversavam, Dave percebeu que ela não fazia a mínima ideia sobre a vida da irmã. Tentou esconder o desapontamento ao compreender que talvez levasse algum tempo até a ter nas mãos.

No entanto, talvez fosse aquela a porta de entrada, pensou ele alegremente, enquanto fingia que a enguia estava deliciosa. Passado um bocado, descontraíu-se. Que diabo, podia esperar por aquilo.

*William*

A CIDADEZINHA DE WICKLOW ESTAVA MUITO AGITADA quando William pediu ao motorista que o deixasse ao pé do tribunal e esperasse. William sentia-se contente por lhe ter ligado e sugerido que se encontrassem e um pouco surpreendido por Lily o ter imediatamente convidado para ir ali ao apartamento. Intri-gava-o e estava ansioso por saber mais sobre ela. Saiu do *Mercedes* negro e brilhante e ajeitou o casaco. Não era habitual nele, mas queria impressionar.

Dois homens de capuz na cabeça passaram por ele, com as mãos enfiadas em sacos de papel castanho com comida e ele quase sentiu o cheiro a óleo e vinagre. Havia alguns fumadores do lado de fora do *pub* de Ernie, que lhe acenaram com a cabeça quando passou, e ele inalou o fumo sem querer, o que o aborreceu ligeiramente, embora por pouco tempo.

– Olá, como vai? – cumprimentou-o Lily. – Conseguiu vir! – Ele telefonara-lhe antes para dizer que ia chegar um pouco atrasado devido a um problema com uma ressonância magnética. – Então, sobreviveu à loucura? – perguntou ela casualmente. – Disse-me que tudo lhe corria mal?

– Eu não diria isso – riu-se ele –, embora já tenhamos tido alguns problemas com alguns resultados de exames. – Gostava imenso de falar do trabalho. – E depois pareceu que tudo ia piorando à medida que o dia passava. Desculpe. – Sorriu, olhando para a blusa justa e branca dela e o pequeno avental cinzento. Não lhe disse que nada o podia fazer ficar mal-humorado nesse dia. Ele dominara os acontecimentos e gostava da adrenalina que lhe percorria as veias quando se sentia intocável. – Mas, se me permite dizer, está linda! – Notou que ela pareceu ficar algo constrangida. – É tão parecida com a sua irmã – acrescentou, mas não incluiu as palavras «mais jovem e fresca e encantadoramente fascinante», que era precisamente o que pensava.

– Obrigada. – Corou e ele adorou. – Fique à vontade, por favor. – Ela desapareceu na cozinha e William olhou em redor da sala enquanto despia o sobretudo. Havia um cheiro novo na sala, a luz parecia mais acolhedora e havia uma jarra larga cheia de rosas abertas que dava ao ambiente um ar de opulência. Saboreou o doce toque do piano de Rachmaninov, apreciando a atmosfera de tranquilidade. William achou que tudo parecia muito sedutor, e perguntou-se se teria sido essa a intenção dela.

– Desculpe, estive a experimentar uns candeeiros novos. – Lily voltara à sala e acendeu a luz principal, pondo fim à teoria dele. – Tenho andado a escolher a iluminação... para o café em que estou a pensar transformar este salão – disse quando ele arqueou uma sobrancelha. – No entanto, isso ainda é uma hipótese de momento; portanto, não vou maçá-lo com pormeno-res. – Trazia uma garrafa de vinho numa mão e dois copos na outra. O vinho não era dos seus preferidos... de que Alison guardava um *stock* para quando ele a visitava. – Quer um pouco de vinho? – perguntou Lily.

– Obrigado, seria ótimo. Deixe-me fazer isso. – Sem esperar pela resposta, pegou na garrafa e no saca-rolhas que ela trazia. William sentia vontade de tomar conta dela embora pressentisse que não precisava. Pelo que vira até ali, era muito diferente da irmã.

– Eu consigo abrir uma garrafa de vinho, sabe. Uso-o muitas vezes.

Sorriu-lhe, ele sentiu-se antiquado e não gostou.

– As minhas desculpas. – Devolveu-lhos. – Obrigado, o que é? – perguntou quando ela lhe deu um copo meio cheio pouco depois. Girou o copo e cheirou apreciativamente.

– Adivinhe. – Ela sorriu-lhe com ar atrevido ao voltar-se para desligar a música. – Aposto que é um especialista.

William gostava da sua abordagem ligeiramente audaz. Alison fora sempre mais circunspecta, lembrava-se bem. A maior parte das pessoas era assim junto dele. Empolgava-o o facto de a rapariga não parecer preocupada com o que ele pensava. Ela brincou com o cabelo, arranjado numa trança comprida que esvoaçou em redor do ombro quando se voltou para ele.

– Não faço ideia, mas dou-lhe nota vinte. – Sorriu, continuando a brincar. – Está fresco e sabe bem e é tudo o que preciso esta noite – proferiu com sinceridade.

– Ufa, que alívio – retorquiu Lily displicentemente. – A co-mida é a minha área, como lhe disse, e, embora saiba bastante sobre vinhos, não sou

especialista.

– Por falar em comida, não gostaria de jantar comigo? Marquei uma mesa para nós, mas posso facilmente desmarcar, caso tenha outros planos.

– Hum, sim, seria ótimo. – Percebeu que ficara surpreendida; fora essa a intenção dele, aliás. – Mas, se preferir, posso improvisar qualquer coisa, para o caso de estar esfomeado e ter apenas uma hora?

Ele abanou a cabeça.

– Fiz o trabalho de casa e descobri um lugar novo, fantástico, a poucos quilómetros na direção de Roundwood. Tem fama de ser excelente.

– Não fica longe para você conduzir?

– Tenho um motorista à espera lá em baixo, se estiver de acordo.

– Ótimo, sim. – Ela levantou-se. – Vou só buscar o meu casaco.

– Leve o tempo que precisar. – William sorriu descontraidamente. *Ganhei o segundo assalto*, pensou, observando-a a ir até ao quarto.

– Então, disse antes que percebe de comida. – William ajudou-a a tirar o casaco. – Estou interessado em saber o que pensa deste sítio. Um dos meus colegas diz que é o melhor restaurante da zona. As pessoas vêm de muito longe, pelos vistos.

– Sim, conheço o *chef* – disse-lhe Lily. – Ele é excelente.

– A sério? Como?

– É do que vivo, não lhe disse antes? Tenho de saber estas coisas. De facto, já tencionava vir aqui, por isso estou encantada... – Sorriu, algo nervosa, pensou ele.

– É *chef*?

– Bem, aprendi a cozinhar sozinha, mas, sim, cozinho para viver. Parece surpreendido?

– Não parece suficientemente velha.

– Sou da mesma idade que a Alison – disse ela de mansinho.

– O que quero dizer é que penso sempre que os *chefs* são homens gordos, de meia-idade, que andam por aí a fazer de Deus e a assustar as pessoas – apressou-se ele a dizer, ligeiramente desconcertado.

– Está a pensar nos médicos, então.

Ela não deixava escapar nada e ele riu-se com gosto.

– *Touché!*

Gostava do estilo dela. A noite revelava-se muito interessante.

Lily fez-lhe perguntas sobre o trabalho dele como médico, mas percebeu que ela não estava muito interessada. Ela tinha muitas perguntas sobre a relação dele com Alison que não o abalaram. William achou-a uma companhia interessante para o jantar, inteligente e divertida, e estava a apreciar realmente a noite. Ele, por sua vez, queria saber tudo sobre a ideia do café que ela mencionara antes. A caminho de casa, ao pensar naquela noite, William apercebeu-se de que Lily, no fundo, pouco dissera de si própria.

– Tem filhos? – perguntou ela durante uma pausa na conversa.

– Um menino e uma menina. Uns monstrosinhos. – William sorriu.

– Tenho a certeza de que não. Que idade têm?

Ele disse-lhe.

– Não, são fantásticos. Beth, a minha mulher, faz um ótimo trabalho com eles.

Ele perguntou-lhe um pouco sobre o filho de Alison, por uma questão de educação. William não tinha preocupações nessa matéria; tivera sempre cuidado e Alison tomava a pílula – vira os comprimidos numa gaveta várias vezes.

Lily achou o jantar excelente. Por insistência dele, partilharam uma sobremesa de chocolate aveludado com o café.

– Já não consigo, sinceramente – disse Lily a rir quando ele lhe levou uma colher à boca e tentou forçá-la a comer o último bocado.

William viu alguns dos outros comensais a observá-los, com inveja, imaginou, e isso provocou-lhe uma ereção. Tinham uma ligação, decidiu. Mas queria que fosse diferente do que tivera com a irmã. Planeou levá-la a Paris e a Nova Iorque. Ao olhá-la enquanto ela contava uma história sobre um *chef* temperamental, parecia-lhe envolvida numa aura brilhante. Conhecera e sentira-se atraído por muitas mulheres ao longo dos anos. Porém, aquela era diferente e William decidiu que a queria para ele.



*James*

JAMES ESTAVA NERVOSO E ISSO NOTAVA-SE. Batia com o pé no chão ansiosamente e bebeu um gole rápido do gim tônico. Estava morno e sentiu falta da sofisticação que uma rodela de limão conferiria à bebida, mas surtiu efeito e soube-lhe bem na mesma. Respirou fundo.

– Receio ter só uma hora para a visitar – disse à laia de desculpa quando Lily voltou e lhe estendeu um copo com gelo.

– Não faz mal. – Achou que ela parecia aliviada. – Eu própria estou com alguma pressa.

Lily sentou-se à frente dele e escondeu as pernas sob o corpo. Ele reparou que trazia colãs pretos rendados e botas altas. Tinha um ar jovem e moderno. James sentia-se velho e cansado ao lado dela.

– Sinto-me bastante culpado por ter vindo aqui hoje – disse ele de imediato. – Mesmo apesar de ser apenas uma conversa... – Corou.

– Se lhe serve de consolo, também estou nervosa. – Ela sorriu-lhe. – Não é o género de coisa que faça todas as noites... isto é, encontrar-me com alguém com quem a minha irmã tinha uma relação secreta.

– Então, porquê?

Lily suspirou.

– Por curiosidade, suponho. – Deu um gole na bebida. – Senti que havia uma ligação entre nós naquele dia em que telefonou para o salão de estética, e sei que deve ter sido muito importante para a minha irmã, por isso... aqui estamos.

Ele tinha um ar perturbado.

– Quando falámos nesse dia, esperei que nos voltássemos a encontrar. Lembra-me tanto dela. – James nem sabia bem o que dizia.

– Creio que preciso de compreender a vida dela o melhor que puder. – Lily pareceu pensativa por um momento. – Nunca soube que vocês... sabe...

– Lily suspirou. – Ela manteve-o em segredo e isso é algo duro, para ser sincera.

– Ela era adorável – disse ele de mansinho. – E tornou-se muito importante para mim. – Parecia falar com ele próprio. – E não faço realmente ideia porquê. – Apercebeu-se de que as lágrimas lhe assomavam aos olhos. Céus, ela pensaria que ele era doido.

– James, se falarmos sobre o assunto... talvez possamos ajudar-nos um ao outro. – Ela tinha um ar realmente muito jovem.

– Amo a minha mulher. Isto parece-lhe estranho?

– Não.

– Quero dizer, amo-a mesmo. Não estou apenas a dizê-lo. – Riu-se um pouco. – Esta não é uma daquelas conversas tipo «a minha mulher não me compreende», prometo. Ela é a minha alma gémea.

– Então tem muita sorte.

Era estranho ela dizer aquilo, pensou Dave. Não se sentia com sorte alguma.

– A Alison era maravilhosa. Estar aqui com ela era tão... tão libertador, creio ser essa a palavra que o define. – James viu que Lily parecia não ter a certeza de querer ouvir aquilo. – Fazia-me sentir muito especial – acrescentou rapidamente.

Lily fez um gesto de assentimento e lembrou-lhe tanto Alison que James sentiu-se de súbito como um adolescente. Sentia-se também à vontade com ela, o que o tornava falador.

– As coisas têm andado tão tensas em casa, no que diz respeito a sexo. – Contou-lhe um pouco sobre as tentativas dele e da mulher para terem um filho. – Recebo a chamada, ela está pronta, está tudo relacionado com precisão e o momento certo. – Esperou não soar tão amargurado como se sentia. – Por vezes, nem sequer consigo... ter uma ereção. – Enterrou a cara nas mãos. – Não sei porque lhe conto isto. Creio que é por ter a sensação de a conhecer, de certo modo.

– Contou à sua mulher como se sente?

– Sim. Embora não por estas palavras. Falamos de tudo, claro. Bem, de quase tudo. – James riu com ar sarcástico. – Mas de cada vez que tentava explicar-lhe que as coisas não estavam mesmo a resultar para mim, que não era nada fácil ter de fazer aquilo sempre sob pressão... e que ela não fazia esforço algum... para me excitar, quero dizer... pelo menos não como

costumava fazer... limitava-se a ficar perturbada e depois sentia-me como um monstro ou algo parecido. – Tudo aquilo jorrou numa torrente. James olhou para Lily intensamente, como se ponderasse consigo próprio. – Consegue compreender o que estou a dizer?

– Sim, creio que sim.

– Suponho que tudo teria valido a pena se ela concebesse, mas somos um dos muitos casos de «infertilidade inexplicável», embora pelos vistos eu tenha uma baixa contagem de es-perma... – James riu-se. – Que grande partido, hem? E agora... tudo foi para nada e eu tenho este enorme sentimento de culpa a atormentar-me. – Olhou em frente, sem realmente a ver. – Se a Alison não tivesse morrido – disse por fim –, acho que não teria sido capaz de a deixar.

– Tenho a certeza de que assim que tivesse ultrapassado esta situação...

– Lily, durava há anos – confessou James.

– A sério? – A ideia magoava-a.

– Tornei-me viciado nela. – James pareceu não a ouvir. – Ela era... mágica.

– Sim, era – concordou Lily, apesar de o dizerem com sentidos completamente diferentes.

MANTER O INTERESSE DELES IA SER MUITO MAIS FÁCIL do que pensara de início, decidi durante os dias que se seguiram. William Hammond enviou-me o maior ramo de flores que eu já vira. O cartão dizia simplesmente: «Obrigado pelo prazer da sua companhia.» Não estava assinado. Dave deixou algumas mensagens no telemóvel do género «olá, querida» que pareceriam simpáticas se ele fosse um miúdo de dezanove anos, e James não parava de me enviar mensagens escritas a contar-me o que andava a fazer, como se eu fosse a nova melhor amiga dele. O que mais me surpreendia era o quanto eu gostava da sensação do poder que imaginava ter sobre eles. Para mim, compensava de certo modo a sensação de que tinham sido de algum modo responsáveis por Ali nada me ter contado. Cheguei à conclusão de que eles é que tomavam as decisões e ela simplesmente desempenhava o papel que desejavam. *Bem, agora nunca mais será assim, rapazes*, disse-lhes na minha cabeça vezes sem conta, enquanto dominava a minha frustração a cozinhar desenfreadamente.

Dentro de pouco tempo o frigorífico resmungava com o peso de comida a mais e eu ainda não obtivera respostas. Na cama, à noite, tinha sonhos bizarros sobre ter sexo com os quatro ao mes-mo tempo, cada um deles dizendo-me que era o pai de Charlie.

Sally telefonara-me algumas vezes e eu evitava falar com ela, pois não queria contar-lhe nada até perceber tudo um pouco melhor. Quando o sono não vinha, vasculhava o apartamento à procura de mais pistas. Desse modo descobri bastantes mais coisas sobre a vida secreta de Alison, mas, quanto mais sabia, mais confusa ficava. Porém, não era em qualquer gaveta ou armário que eu conseguiria descobrir a resposta a uma outra questão que me atormentava. E era uma questão muito menos complicada, no fundo. Porquê?

Marquei outra reunião com Brian Daly e falámos em pormenor sobre os assuntos de Alison. Pelo menos com ele pressentia que podia obter algumas respostas.

– Brian, e se a Alison tivesse tido mais do que um filho?

– Havia uma determinada quantia para cada um... dos filhos varões – contou-me ele –, mas os principais fundos seriam transferidos assim que o primogénito fizesse três anos.

– E ela teria sabido que existia... mais?

– Não. Não estava autorizado a dizer-lho.

– Compreendo. – Mas no fundo não compreendia. – Então por que razão mo revela agora?

– Porque agora já não se aplica, visto a Alison ter morrido.

– Então o que acontecerá ao dinheiro que devia ter sido dela se tivesse tido mais filhos?

– Lamento, Lily, não posso mesmo entrar em... pormenores do testamento do seu pai que não lhe dizem diretamente respeito.

– Pois. – Suspirei. Era tudo tão complexo. O meu pai voltava a ser o número um na minha lista negra. – Mas, à parte isso, o dinheiro que iria para a Alison agora vem para mim? – Desembuchei. – Perdoe-me, saiu-me tudo mal – disse rapidamente. – Mas de cada vez que penso nele... torno-me uma pessoa diferente. – Olhei para o advogado. – Temo que ele tenha tido sempre esse efeito sobre mim.

– Sim, vai todo para si, e fez bem em perguntar – respondeu Brian, com ar descontraído.

– Desde que fique com o Charlie, claro? – Não fazia ideia de como aquilo me surgira, a não ser que me parecia o género de ideia que o meu pai teria.

Foi a única vez que o vi perplexo.

– Isso é um problema?

– Não, não, claro que não é. – Como lhe poderia explicar que estava preocupada sobre quem poderia ser o pai? Não sabia o que faria se um dos homens que conhecera o tentasse reclamar, apesar de o que restava do lado racional do meu pobre cérebro me dizer que isso seria bastante improvável.

– Mas é que... – Vi que ele me olhava atentamente. – Não sei realmente como irei desvencilhar-me sem ela – expliquei. – Era uma mãe maravilhosa também, sabe disso. Sou uma pobre substituta para o Charlie. Acho que não tenho grande instinto maternal.

Essa parte não era bem verdade; apenas já não confiava no meu instinto... maternal ou outro.

– Ele é um miúdo adorável. – Aquilo parecia invulgarmente terno vindo de um homem. – Como se tem dado com ele até agora?

– Muito bem, na verdade. Vi-o no fim de semana passa-do. – Brian parecia confuso. – Disse-lhe que ele estava em Cork com a minha tia Milly não disse? – Observei-lhe a expressão. – Isso não faz mal, pois não? Quero dizer, não é um problema tanto quanto...

Ele abanou a cabeça.

– Não, Lily, a Alison deixou-lhe tudo, o negócio, o apartamento. Não há condições sobre a Lily... estar ou não sempre com ele. – O seu rosto descontraíu-se. – Sei como isto deve ser duro para si. – Suspirou. – Pelo que me disse, ter um filho não estava nos seus planos por agora.

– Não. Além disso, não existem muitos candidatos, mesmo que eu quisesse um filho. Mas amo o Charlie, sabe... só para o caso de estar com algumas dúvidas.

– Eu sei.

– Contudo, por vezes, vem-me um enorme sentimento de culpa por não lhe ter dado mais atenção quando ela estava com ele. Saberá muito melhor como agir agora, que ela já partiu. Eu ficava com todos os momentos bons dele. – Sorri. – Era a Ali que perdia as noites, que tratava das febres, dos dentes a nascer. – Sorri ligeiramente ao recordar-me. – Por vezes, escondíamo-nos dela os dois. Debaixo da cama. Sobretudo quando ela lhe tentava dar nabos ou me fazia ir ver os extratos do banco. – Fechei os olhos e pensei no que vivêramos. Em tudo menos nas coisas que me despedaçavam o coração. – Ela amava-o tanto, tanto, sabe... – Fui catapultada para o presente no momento em que me ocorreu uma imagem da minha irmã a embalar Charlie, um dia, no jardim. Recordei a expressão de amor puro e incondicional que vira no rosto dela. – De qualquer modo – tentei afastar a imagem imediatamente por me ser muito dolorosa –, o facto de ele estar agora com a tia Milly é apenas para me dar algum tempo para resolver isto tudo. O Charlie é a minha prioridade número um. – Então fiz-lhe a pergunta que ansiava. – A não ser que me diga alguma coisa sobre quem mais o possa reclamar?

– O que quer dizer? – O rosto adquiriu a expressão bem treinada de um advogado.

– O pai?

– Não. – Agitou-se na cadeira. – Na verdade, isso foi um assunto que a Alison nunca abordou comigo. Sei que ela era perentória em que nunca se fizessem quaisquer testes de ADN ao filho.

– Porquê? – Parecia algo estranho para discutir com um advogado.

– Não faço ideia. Só abordámos o assunto por alto, quando ela fez o testamento.

– Os testes de ADN são referidos no testamento dela?

– Não de forma tão taxativa, não. – Sorriu. – Mas discutimos a possibilidade de o pai vir a aparecer no futuro.

– E? – O meu coração batia fortemente.

– Ela disse-me que isso não seria uma possibilidade.

– Ele morreu? – perguntei, esperançada.

Isso explicaria o motivo de ela nunca ter tocado no assunto.

– Disse-lhe tudo o que sei. – Ele parecia pouco à vontade.

– E se alguém aparecesse agora? – Era o meu pior pesadelo. – Digamos, se a pessoa viesse a saber do dinheiro, por exemplo?

– Isso é extremamente improvável, creio. – Vi que ele não percebia onde queria chegar. – Está preocupada com isso?

– Eu... penso nisso, sim. – Quem me dera poder contar-lhe tudo, mas não devia fazer isso à minha irmã, apesar do que me deixara para descobrir. Em certa medida parecia-me errado.

– Lily, as duas únicas pessoas que sabem do testamento do seu pai sou eu e você, a não ser que a Alison tivesse contado a alguém, o que duvido. A Lily era a única pessoa a quem ela queria contar, tanto quanto sei. E, obviamente, eu não diria a ninguém...

– Eu sei, tem razão, claro. – Suspirei. – Mas é tudo tão complicado...

– Resolveremos tudo, não se preocupe. Levemos as coisas a um passo de cada vez. – Interrompeu-se e depois continuou. – Devo dizer-lhe que a Alison deixou uma carta. – Ele parecia algo distante, e, pela primeira vez desde que tudo aquilo nos caíra em cima, parecia um pouco inseguro. – Mas só poderá ser aberta no caso de alguém tentar reclamar o Charlie.

– O quê? – Fiquei aterrorizada. – Então, ele ainda está vivo? – Aquela única esperança vaga desapareceu no ar.

– Não faço ideia – respondeu. – Mas ela deixou claro que seria improvável isso acontecer. Foi perentória. – Ele deve ter reparado na minha

expressão. – Não sei o que contém a carta – acrescentou rapidamente. – Tenho instruções para que a carta só lhe seja entregue no caso de me apresentar provas de que algum indivíduo diz ser o pai da criança.

– Entregue a mim? Não compreendo...

– A carta está endereçada a si.

Era demasiado para eu suportar. Tinha o espírito perfeitamente baralhado.

– Brian, acho que tenho de ver essa carta.

Tentei parecer calma e razoável. Não lhe podia explicar que aquilo poderia bem responder a todas as minhas perguntas.

– Isso não é possível, Lily, compreenda, por favor. – Tinha um ar bastante constrangido. – Se calhar nem sequer lhe devia ter falado no assunto. Mas a Lily parecia-me... preocupada com a criança e pensei que talvez a ajudasse saber que isto estava aqui no caso de qualquer coisa... surgir.

– Está bem, acho que compreendo. – Tentei pensar com lógica novamente e depois suspirei. Nada havia de lógico naquilo. – Não fico lá muito feliz com o assunto, mas suponho que não possa fazer mais nada, pois não?

– Não. – Pronunciou a palavra em voz baixa e pareceu pôr ponto final no assunto.

Depois enveredámos por temas mais triviais, tais como as despesas do funeral e a transferência do negócio, que me deixaram completamente de cabeça à roda. Despedi-me dele passado mais uma hora, sentindo-me mais confusa do que nunca.

– A propósito, Brian, e se eu tivesse um filho? – perguntei enquanto seguia à frente dele para a porta. – Ele deixou alguma coisa em testamento para os meus filhos?

– Lamento, Lily, não tenho liberdade para discutir essa matéria consigo a não ser que a situação surja.

– Bem, suponho que já devia saber disso. – Virei-me para o presentear com um dos meus sorrisos sardónicos. – É que ser *eu* a ter um bebé devia ter sido um dos piores pesadelos dele. No meu caso, o meu pai teria considerado o bêbedo local o potencial pai da criança. Fui sempre a atrevida, do ponto de vista dele. Era sempre eu que levava os grandes raspanetes, nunca a Ali. – Olhei para ele. – É estranho como acabou por acontecer ao contrário... ser a Ali a ter um bebé, quero dizer.

Ele fez um gesto de assentimento e pareceu de novo pouco à vontade. Acho que o fazia passar um mau bocado naquelas reuniões.



– Desculpe, deve pensar que sou muito amarga e retorcida. Mas o meu pai tentou controlar-nos, a mim especialmente, durante anos. Por isso é uma ironia do destino que, de nós três, tenha sido eu a ficar cá para pôr tudo isto em ordem...

E a única que emergiu mais imaculada do que a neve, pensei, mas não acrescentei.

– Por favor, não peça desculpa, passou por uma tragédia horrível nas últimas semanas. Tratarei de tudo para que o dinheiro de que lhe falei seja transferido para a sua conta imediatamente, a fim de a ajudar a resolver os seus problemas até estar tudo finalizado. – Ele estendeu-lhe a mão. – E, Lily, por favor não hesite em telefonar-me caso necessite.

– Obrigada – respondi. – Quem me dera não estar sozinha. Precisava dela, entende? Ela dir-me-ia o que fazer a seguir.

*Lily*

- OLÁ – DISSE EU DISTRAIDAMENTE, com a boca cheia de molho de caramelo.
- Tens andado a evitar-me – respondeu Sally.
- Não é bem isso. Bem, mais ou menos. – Não valia a pena mentir.
- O que estás a comer?
- Uma mistela de caramelo que fiz e obviamente correu mal, pois pega-se-me aos dentes. – Percorri a boca com a língua a tentar livrar-me da substância castanha e pegajosa que ameaçava desalojar um dos meus molares, para não falar do perigo em que punha as minhas obturações.
- Então conta-me lá tudo.
- Bem, falei bastante com cada um deles – respondi, bebendo água diretamente de uma garrafa.
- O quê? Lily, tu estás doida? Sozinha? Onde?
- Pois. Não podia ter levado a tia Milly, pois não? No apartamento em Wicklow.
- Pelo amor de Deus, isso é a coisa mais estúpida que já ouvi!
- Lês demasiadas notícias sobre crimes – retorqui. – De qualquer maneira, um deles levou-me a jantar num limusina com motorista, um outro esteve em lágrimas a maior parte do tempo e o terceiro demasiado ocupado a fazer de John Travolta. – Ouvi o seu familiar risinho malicioso e percebi o quanto sentia a falta dela. – O cheiro da loção de barbear ainda está impregnado em toda a minha roupa. – Franzi o nariz enquanto falava.
- Bolas, então ela não podia ter tido um caso com ele.
- Foi precisamente o que pensei ao abrir-lhe a porta. Seria como ter sexo com um elemento de uma *boys band*, todo arranjado e com tudo a combinar. De facto, sei que ele estaria preocupado em agitar o cabelo.
- Pois, estou a ver. Ao menos é novo?
- Não – respondi. – É o Tom Selleck, mas sem a classe dele.

– E o Tom Selleck tem classe, por caso? – Sally riu-se, em tom de dúvida  
– Acho que tinha, no *Friends*. Um dos homens do lixo aqui tem o mesmo aspeto dele, agora que penso nisso. A pele tisonada de demasiado sol. Fio de ouro ao pescoço, à mostra sob o casaco amarelo.

– É o Dave em pessoa. – Contei-lhe um pouco mais.

– Então fala-me do médico. Como conseguiste contactá-los, a propósito?

– Bem, tinha todos os números de telemóvel deles, mas com o William marquei uma consulta no hospital onde trabalha. Não foi difícil descobrir qual... não existem assim tantos hospitais privados em Dublin. Contudo, fiquei aterrorizada com a perspetiva do encontro, para ser sincera.

– Então como acabaste por ir jantar com ele?

– Ele tinha preparado tudo na noite em que foi ao apartamento. – Expliquei-lhe. – Céus, diria que foi ele que comprou à Alison aquela mala caríssima, agora que penso nisso.

– Ele tem dinheiro? Qual é o seu aspeto?

– Pois, vale umas massas. É delicado, veste bem... embora não diga nada da vida dele, como o Dave. Conheces o género, Sal, homens assim são os grandes quadros de empresas na Irlanda.

– Sim, até tive alguns a namoriscar-me, eram todos casados também – disse Sally. – Unhas arranjadas, aposto?

– Todo ele arranjado. E a única coisa a que cheira é a dinheiro. Diria que gosta delas novinhas – disse, pensando nele.

– Lily, isso é obsceno! – Sally parecia agitada.

– Não me refiro a crianças, nada disso. – Expliquei rapidamente antes que ela saltasse para o primeiro avião. – Estou a inventar. Só que eu estava de avental e blusa branca e tinha uma trança... sabes, como às vezes faço. Ele comentou que eu tinha um ar diferente, só isso.

– Céus, Lily, tem cuidado.

– Tive. Tenho. Só fui jantar com ele, lembra-te? Custou uma pipa de massa também, diria. No entanto, acho que gostou de ser visto comigo. Calculo que tenha um *ego* maior do que o motor do carro. Admira por que motivo não arranja uma namorada nova, se era isso que a Ali era? De certeza que homens poderosos como ele continuam em frente quando ficam cansados, não é?

– As amantes acabam por ser como as mulheres. – Sally parecia falar com conhecimento de causa, por isso provoquei-a por um pouco. – Então... o

James, algo de novo por aí? – perguntou ela depois de esgotado o assunto de dois casos que ela tivera com homens casados.

– Gostei mesmo dele, por alguma razão, tal como da primeira vez. Um casamento feliz, como te contei... ama imenso a mulher.

– Onde já ouvi isso? E, não me digas, ela não o compreende?

– Não, pelo contrário – respondi. – São almas gémeas. – Expliquei-lhe tudo sobre os problemas de infertilidade. – Foi fantástico falar com ele, Sally. Sabes, foi como ter um amigo *gay*, ou passar uma noite contigo.

– Ele é *gay*?

– Não, mas pelo modo como compreende as mulheres diria que sim. Não é nada efeminado, nada disso. – Tentei pensar como o poderia descrever. – Um tipo normal – disse por fim. – Do género do rapaz que mora na porta ao lado. Com uma vida decente.

– Céus, quem me dera estar aí. Poderia ficar toda a noite a falar contigo disto. – Pareceu-me algo solitária. – E, diz-me lá, quando vais encontrar-te com o quarto fulano?

– Já o vi uma vez. É solteiro, já te tinha dito? Ele e a Ali parecem ter sido apenas bons amigos, tanto quanto concluí. Conheceu o Charlie uma vez. Porque será que ela nunca falou dele?

Perguntas daquelas continuavam a manter-me acordada à noite.

– Talvez andassem a praticar sexo pervertido ou assim. – Rimo-nos ao pensar nisso, sem nenhuma o conseguir imaginar.

– A julgar pelo que diz a maior parte dos meus amigos, como tu, por exemplo, o sexo pervertido já não é nenhuma novidade – observei, com uma gargalhada.

– Pois, tornou-se uma coisa banal. Aqui na televisão fala-se disso diariamente. Um tipo até levou a sua ovelha preferida a um *talk show* a semana passada.

– Ufa. Nem sequer vou por aí, Sal, é nojento. Então, descobre lá outra coisa...

– Fobia a compromissos? – Bem, ali estava uma coisa que eu conhecia bem. Ela contou-me a história de um homem lá do escritório, solteiro, que se recusava a aceitar qualquer compromisso com mais de dois dias de antecedência. Gostava de manter as namoradas na expectativa, pelos vistos.

– Talvez, apesar de não conseguir imaginar a Ali a fazer esse género de treta. Não, por qualquer razão, dava-lhe jeito manter aquilo assim. Oh, já

não sei nada, isto está a dar cabo da minha cabeça – desabafei, cansada. – De qualquer modo, não descobri muita coisa sobre o Richard ainda, embora uma tal Daisy lhe telefonasse a meio da conversa que tivemos no café. Já te tinha dito que ele tem um café, não já? Por isso talvez me interessasse por ele mais pela cabeça do que pelo corpo, se os meus planos vierem a dar certo.

– Qual é o aspeto dele?

– Desengonçado, magro. O cabelo comprido, como o Jonathan Ross, o apresentador da televisão, sabes.

– Lily – Ouvi o tom de aviso lá da Austrália. – Não te apaixonas por ele. Deixaste-me desconfiada, ficaste mansinha ao falar dele.

– Não te preocupes, não sou assim tão idiota, prometo.

– Diz-me lá com sinceridade, porque estás a fazer tudo isto? – O tom da Sally mudou.

– Não sei. Principalmente para saber porque escondia esta parte da vida dela, creio... e para ver se consigo...

– Estou apenas preocupada contigo, é tudo – interrompeu Sally. – Não quero que fiques fixada no assunto porque acho que nunca irás encontrar todas as respostas. É demasiado complicado, Lily... e, na vida real, as coisas não acabam bem. Isso é nos filmes, lembras-te?

– Sim, bem sei. – Suspirei. – De qualquer modo, estou mais preocupada que apareça alguém de repente, sem mais nem menos, a dizer que é o pai do Charlie. O que faria eu então?

– O que te fez voltar a pensar nisso?

– Não faço ideia – respondi com sinceridade. – Mas ela não tinha um verdadeiro namorado na altura em que engravidou, lembras-te? Tentei falar sobre isso, mas a Ali indiretamente deu a entender que não passara de um caso passageiro. – Quem me dera ter insistido. – De qualquer maneira, quero estar preparada caso alguém apareça e o queira.

– Lily, isso *não* vai acontecer. Diria que todos eles fugiriam a sete pés da situação.

– Então e o James? Ele tem tido problemas nessa área.

Contei-lhe os pormenores que ela ainda não sabia.

– Aposto que a mulher o deixaria mal se soubesse alguma coisa. – Sally parecia categórica. – A sua alma gémea a ter um caso? Ora vamos lá...

– É verdade. De qualquer maneira, já não vou pensar mais no assunto. – Sentia-me nervosa só de «supor» aquilo com a minha amiga, por isso mudei de tema e passei a falar da ideia de abrir um café.

– Lily, tens a certeza de que é isso que queres?

– Sabes que é. Ouviste-me falar disto durante anos.

– Sim, mas eram castelos no ar, nada mais.

– Por que razão estás tão de repente a hesitar?

– Só quero que tenhas os pés bem assentes na terra. As finanças nunca foram o teu forte e não tens formação como *chef*, nem nada. Quer dizer, o que fazes é mais como empregada, não é?

– Era. Despedi-me, mais ou menos. Só lhes estou a dar uma ajuda. De qualquer forma, o que tem isso a ver? Sei cozinhar, bem sabes. *Além disso*, adoro fazê-lo. Olha para a Nigella, também não creio que ela tenha tido formação especial. – Estava um pouco irritada com ela. – E estou a aprender a lidar com dinheiro, só que nunca tive...

– Tens razão, perdoa-me – interveio Sally. – Que diabo, se calhar só estou com alguma inveja, não liguês.

– Podias voltar e gerir aquilo comigo?

– Ouviste por acaso o que disse? Estou a tentar fazer-te ver bem as coisas, não a encorajar-te. – Riu-se. – De qualquer maneira, diria que a Orla seria uma melhor sugestão. Somos demasiado íntimas, tu e eu.

– Bem, pensa nisso, Sally, porque de certeza que irei fazer qualquer coisa. É agora ou nunca.

Conversámos durante mais um bocado e, quando desliguei, sentia-me mais entusiasmada e menos preocupada.

*Richard e Daisy*

– DAISY, DESCULPA, MAS AGORA NÃO TENHO TEMPO. Já te tinha dito que ia encontrar-me com uma pessoa.

A jovem afastou o cabelo preto.

– Por favor, só uma hora? – Percebeu que ele hesitava. – Tenho o carro lá fora, levo-te num instante, prometo.

– Não posso. – Ele afastou-se da rapariga. – Falo contigo mais tarde, está bem?

– Não, não está nada bem. – Tentou outra tática. – Richard, já te falei disto a semana passada e tu prometeste. Não podes adiar o teu encontro? A liquidação acaba hoje e não quero gastar todo aquele dinheiro sem a tua aprovação.

Richard abanou a cabeça.

– Não, e não vou perder mais tempo a discutir. – Estava a ficar irritado e ela sentia-o. – Agora, vai. – Levou-a até à saída. – Olha. Compra. Paga. É simples e, além disso, tens imensa prática. – Tentava adúlá-la e abria a porta do café, lembrando-a de que se tratava apenas de comprar um sofá quando Lily entrou.

– Olá. – Sorriu a ambos.

– Lily, olá. – Recuou apressadamente e esperou que ela passasse.

– Não se preocupe, posso esperar – desculpou-se ela, sentindo o pouco à-vontade dele. – Creio que vim cedo de mais até.

– Hum, não há problema. Apresento-lhe a Daisy, já agora. – Richard tinha esperança de não parecer tão nervoso como se sentia. – A minha namorada – acrescentou quando nenhuma das mulheres falou durante quase um minuto.

– Noiva. – Daisy beijou-o ao de leve nos lábios. – Olá, como está?

– Olá. – Lily estendeu-lhe a mão.

– Apresento-te a Lily – disse ele, tentando apressar Daisy a sair. – A reunião de que te falei? – acrescentou ao ver que ela não se mexia.

– Oh, claro, prazer em conhecê-la, Lily. – Sorriu ternamente. – Até logo, querido. Falamos depois e é melhor seres muito bonzinho esta noite, para me compensares por me teres mandado comprar o «nosso» sofá sozinha.

Afagou-lhe o braço e desapareceu numa nuvem de cheiro intoxicante, pensou Richard, cheirando o último perfume dela.

– Parece que está em apuros – Lily riu-se por o ver tão constrangido.

– Estou sempre em apuros com a Daisy. – Richard passou as mãos pelo cabelo. – Embora, para ser sincero, na maior parte das vezes a culpa seja minha. Tenho uma memória terrível, esqueço-me de tudo. Por favor, sente-se.

– Indicou uma mesa num canto que já se encontrava posta. Estava verdadeiramente contente por ela ter telefonado a sugerir que se voltassem a encontrar. Lily tinha uma aura especial, sem dúvida, pensou. – Posso oferecer-lhe um copo de vinho? – perguntou ele mal reparou que a olhava embasbacado.

– Não, obrigada, ainda é um pouco cedo – respondeu Lily. – Só uma água com gás, por favor.

– É para já. – Afastou-se e decidiu que precisava de uma bebida. O breve encontro entre as duas raparigas deixara-o num grande nervosismo.

– Bela ementa.

Lily olhou-o quando reapareceu junto dela alguns minutos depois.

– Obrigado, temos um bom *chef*, por isso a ementa muda regularmente.

– E tem clientes habituais?

– Sim, muitos empregados de escritório à hora do almoço. Existem aqui perto duas grandes empresas. – Indicou com a cabeça. – Ajuda muito.

– Suponho que tem clientes aqui da zona também?

– Sim, tenho. De manhã, gente que vai à missa e jovens mães. As tardes podem ser bastante calmas, embora apareçam pessoas para reuniões, antes de irem para casa. Param aqui para uma conversa informal em vez de irem a um *pub* barulhento.

– Então, quantas refeições servem por dia?

Não conseguiu evitar perguntar. O negócio fascinava-a.

– Servimos cerca de cento e vinte pessoas entre o meio-dia e as três da tarde – explicou ele.

– Estão abertos à noite?

– Não. Sou demasiado preguiçoso e também quero ter a minha vida. – Deu um gole no vinho. – Parece interessada, ou está só a ser simpática comigo? –



Tentava provocá-la, mas ela não deu mostras de reparar.

– Na verdade, estou a tentar entrar no negócio, sabe. Embora não venha a ser aqui, obviamente – sentiu-se obrigada a dizer.

– O que faz?

– Sou *chef*, mais ou menos.

Estava ainda um pouco magoada com o que Sally lhe dissera.

– A sério? – Ele pareceu espantado. Ela tinha um ar recatado, julgara que trabalharia num banco ou assim. – Não parece ser suficientemente louca para isso.

– Também leu o *Cozinha Confidencial*, do Anthony Bourdain? – Ela riu-se.

– Claro que sim! Então, onde trabalha?

– Trabalhei numa firma de advogados até agora.

Aquilo explicava o fato de bom corte.

– Tem ar de advogada. – Provocava-a de novo. – Mas cozinha mesmo? – perguntou, sorrindo-lhe e fungando na direção dela.

Ela cheirava a talco. Os *chefs* normalmente cheiram a fermento e a gordura.

– Sim, claro – Lily riu-se –, embora não tanto quanto desejaria. Também não tenho formação na área nem nada – achou que devia acrescentar. – Na verdade, grande parte do tempo trabalho como empregada, a servir.

Aquilo fazia sentido. Falaram mais sobre o negócio e Lily contou-lhe que pensava transformar o salão de beleza num café. Enquanto ela falava, Richard observava-a atentamente e teve de lembrar a si próprio que não devia conhecer o local. Várias vezes esteve quase a pôr a pata na poça. *Que treta, pensou, sou um péssimo mentiroso, nunca me consigo lembrar do que disse antes. É por isso que a Daisy me apanha sempre.*

– Bem, talvez a possa ajudar? – Ofereceu-se quando viu que ela acabara de falar. Ela fascinava-o, queria voltar a vê-la e inconscientemente ela dera-lhe a oportunidade perfeita. – Talvez lá possa lá ir ver o sítio?

– Podia? – Ela pareceu encantada. – Isso seria ótimo! – Mas fica em Wicklow? – acrescentou. – Ainda é um bom bocado até lá.

– Não faz mal, podia ir num sábado, depois de fechar o café. Talvez depois me pudesse apresentar as maravilhas gastronómicas da costa este?

– Ou podia cozinhar qualquer coisa para si, se preferir? – Lily parecia deveras encantada com a proposta dele. *Meu Deus, ela é tão parecida com*

a Alison, pensou Richard novamente. Aquilo enervava-o. – Há um pequeno apartamento, pequeno mesmo, por cima do salão de estética e a Alison costumava usá-lo muitas vezes para... se encontrar com pessoas.

– Parece-me esplêndido. Levo um vinho... e tenho alguma informação sobre bancos, esse género de coisas. Vou escolher alguns folhetos para si. Talvez venham a dar jeito. Tenho também o meu *business plan* inicial aqui para este café, algures. Pode ser útil dar-lhe uma vista de olhos... – Sabia que soava demasiado ansioso.

– Obrigada, é muito simpático da sua parte.

Ela rejubilava.

– É um prazer. – Teria de ser cauteloso: ela era muito atraente, de um modo totalmente diferente de Alison.

– Quer levar a sua namorada?

Sentiu-se catapultado para a realidade.

Não, certamente que não, disse ele, mas não por aquelas palavras. Ela pareceu não se importar, fosse de uma maneira ou de outra. O ar dela, ligeiramente distante, deixava-o louco.

Preferiu mudar de assunto.

– Agora, o que deseja comer? Fiquei muito nervoso já que sei que é *chef*.

– Cozinheira – corrigiu-o ela. – Surpreenda-me.

– Está bem.

Decididamente não iria passar aquilo à cozinha. Era evidente que ela não tinha muita experiência. A maior parte das pessoas no ramo preferia saltar os próprios testículos em vez de ter outro *chef* a aproveitar a oportunidade de usar os restos do dia anterior assim que alguém dissesse «surpreenda-me».

– Dê-me um minuto. – Voltou passados dois. – Já está a fazer. – Sentou-se rapidamente na cadeira. – Embora deva levar algum tempo. Toda a nossa comida é cozinhada a pedido. – Tratava-se de uma pequena mentira, mas Richard gostava de conversar com ela e queria um pouco mais de tempo. – De certeza que não lhe posso oferecer uma bebida? Nem sequer pequena?

– Está bem então, bebo meio copo de branco. E gostaria imenso de falar consigo um pouco mais sobre a minha irmã. – Lily tinha um ar algo hesitante. – Acho que ainda ando a tentar juntar as várias peças da vida dela.

– Bem, era uma mulher notável, e, além disso, muito divertida. – Richard sentia-se um hipócrita por não lhe contar tudo. – Gostava muito dela –

afirmou com sinceridade.

– Eram chegados? – perguntou Lily inesperadamente.

– Hum, sim, éramos. – *Que merda, não vás por aí, Kearney*, avisou-se a si próprio.

– A sua namorada... noiva, quero dizer... chegou a conhecê-la?

– Não, por acaso. A Daisy e eu... trata-se de outra história. – Richard sorriu-lhe. – Fica para quando eu já tiver bebido um pouco.

Piscou-lhe um olho e tentou manter o tema num tom ligeiro.

Lily ergueu as sobrancelhas.

– Parece-me uma história interessante.

– Isso é dizer pouco. Dava um livro, ou pelo menos é o que dizem os meus amigos. – Foi ver como estava a comida antes de falar de mais.

Dez minutos mais tarde, Richard apresentou-lhe uma *frittata* – uma omeleta italiana com *bacon*, queijo e ervas. Observou o rosto de Lily e viu-a provar a comida nervosamente.

– Não gosta? – Estava outra vez de pé num instante.

– Não, pelo contrário, é delicioso. De qualquer modo, não sou uma especialista. Não tenho formação na área, como lhe contei, por isso penso...

– É isso. Vou demitir o chefe. Trazer sangue fresco.

Subitamente estavam a lutar pelo prato. Ela tinha um ar bastante envergonhado.

– Devolva-mo, por favor, está maravilhoso.

Só quando Richard percebeu que ela estava mesmo embaraçada é que voltou a sentar-se.

– Muito bem, ouça, agora preciso da sua ajuda também – disse-lhe, de novo ansioso. – Vou levá-la a vários lugares na moda em Dublin e quero que seja sincera na sua opinião.

Pensou que o seu plano era perfeito. Era uma ótima maneira de a conhecer melhor, muito melhor do que limitar-se a visitá-la em Wicklow. Oh, faria isso também, mas aquilo dar-lhe-ia a oportunidade de que procurava. Além disso, até podia contar a Daisy.

ALÉM DE RICHARD, COM QUEM SENTIA UMA LIGAÇÃO, não fiz progresso real com os novos homens na minha vida. William fora jogar golfe no exclusivo Druids Glen, ali perto, em Newtownmountkenedy, e pedira-me que me encontrasse com ele para almoçarmos depois, mas eu sentia-me demasiado nervosa. James parecia apenas querer falar sobre Alison sempre que telefonava e Dave – bem, no fundo pretendia apenas despir-me, pelo que percebia. A ideia metia-me nojo. Com tudo isto a deixar-me a cabeça em cacos, resolvi concentrar-me em tornar realidade o sonho de ter o meu próprio café. A primeira coisa que fiz foi telefonar à tia Milly.

– Socorro – disse eu assim que ela atendeu. – Preciso da tia.

– Lily. – Ela não pareceu surpreendida com o meu pedido. – Charlie, é a Lily – disse ela e imediatamente o ouvi gritar o meu nome.

– Como está ele? Tenho tantas saudades. – Isso ainda me surpreendia, aquele golpe agriçoso que sentia de cada vez que ouvia o riso dele ou via uma fotografia.

– Bem, como podes ouvir.

– Posso dizer-lhe olá?

– Diria que não conseguimos conversar até o fazeres. – Ela riu-se. – De cada vez que o telefone toca, ele grita o teu nome e não para até dizer olá a quem ligou, só para ver que não és tu. – Senti o coração dar um salto. – Ele pensa que estou a esconder-te, disse-me na noite passada.

– Diga-lhe que sou grande de mais para me esconder.

– Aqui está ele, amor.

– Olá, lindo, como estás? – perguntei.

– Lily, quando vens ver-me? Vem a Cork. *Agora* – gritou Charlie.

– Irei, amorzinho. Em breve meto-me no comboio. Vais buscar-me como da outra vez?

– Sim, vou. – Ele parecia mais crescido. – *Tu-tu* – cantarolou, imitando o comboio.

– Tens saudades minhas? – Que pergunta mais ridícula para se fazer a uma criança.

– Adeus. – Foi-se embora com um estrondo ao pousar o telefone.

– Então, o que se passa contigo? – quis saber Milly.

– Decidi avançar.

– Com o café, queres tu dizer?

– Sim – respondi, constrangida. – A tia acha que estou doida?

– Não, acho que é mesmo do que precisas.

– Pode vir cá para falarmos sobre isso? – Não fizera tenções de dizer aquilo. – Meu Deus, tia Milly, parece que só sei pedir-lhe favores.

– Quando?

– Não sei, esta semana?

– Posso ir aí na quarta-feira, creio. Mas terei de voltar na sexta-feira, para a minha novena.

– Ótimo. – Subitamente senti um grande entusiasmo. – Traz o Charlie?

– Se quiseres. Tenho a certeza de que conseguirei lidar com ele, embora ele seja um pouco irrequieto no comboio.

– A tia está bem? – Tentei pensar numa maneira de a ajudar. – Eu podia ir aí, se preferir? É só porque, bem, gostaria de lhe mostrar Wicklow e levá-la a passear na praia, em Brittas Bay, mostrar-lhe onde ando à procura de casa, essas coisas.

– Olha está combinado. Vou eu aí.

– Irei buscá-la ao comboio e ficaremos na casa de Du-blin. Depois poderemos ir a Wicklow na quinta-feira passar o dia.

– Parece-me bem.

– A tia pode trazer o seu livro de cozinha, aquele em que a sua mãe escreveu aquelas receitas todas?

– Sim, se achas que servirá para alguma coisa.

– Sim, de certeza, é precisamente do que preciso. – Apercebi-me de que sorria para mim própria. – Mal posso acreditar, estou tão entusiasmada – declarei e percebi que ela ficava contente.

De início, Violet ficou preocupada quando lhe contei os meus planos, mas aceitou a ideia logo que lhe ofereci trabalho nesta nova aventura, sobre a

qual ainda não tinha certezas nenhuma. Ela não tinha formação em cozinha, mas sabia lidar bem com as pessoas e era uma ótima trabalhadora, pelo que via. Também sabia que ela queria ficar em Wicklow porque me contara tudo sobre o novo namorado – Shane, o barbeiro – ao bebermos café um dia.

– Como irá chamar-se? – quis ela saber assim que começou a entusiasmar-se. Mas de início tivera uma reação glacial.

– Ainda não faço ideia – respondi, com ar alegre. – Mas será algo à moda antiga, não na decoração. Nada de panos de algodão axadrezado nos cestos de vime para os *scones*, nada disso – apressei-me a dizer. – Nada de bules de chá com abafadores de croché. No entanto a comida será um regresso à velha cozinha caseira, nada de *panini* ou *wraps*.

– Oh. – Ela pareceu desapontada, mas eu fizera o meu trabalho de casa, o que foi bom, pois Brian Daly também fizera o dele e esforçou-se por me dissuadir quando o encontrei no dia seguinte.

– Wicklow está cheia de cafetarias – disse ele ao almoço. – Falei com o Enterprise Board e o que eles procuram é ideias na área da manufatura ou empresas com potencial de exportação.

– Mas eu não tenho experiência nessa área. Além disso, isto é algo que sempre quis fazer e, se me vou mudar para o campo, precisa de ser antes de o Charlie entrar para a escola.

Tentava o mais possível convencê-lo porque na minha cabeça precisava de o ter do meu lado. Tornáramo-nos amigos desde que Alison morrera e ele sabia mais sobre mim do que qualquer outro homem.

– Iria viver para Wicklow permanentemente?

– Sim, já ando à procura de casa, perto de Brittas Bay. É lindo! – Não consegui ocultar o meu entusiasmo. – São quilómetros de praia, colinas a oeste e tanto espaço. Nada mais, no fundo... existe um *pub*, uma loja, nada de engarrafamentos. – Ri-me, algo nervosa, esperando que ele não tentasse incutir-me mais bom senso. – Sabe que não existe um momento de silêncio na cidade, pelo menos na zona onde vivo? Estou farta de alarmes de casas à noite e buzinas de carros a acordarem-me todas as manhãs. Há anos que não ponho um despertador. Sei das horas pelo trânsito.

– Conheço a sensação – admitiu ele de má vontade.

– De qualquer forma, a minha tia chega amanhã de comboio, com o Charlie, e vamos procurar algumas casas de campo. Imagine poder passear

no campo todas as manhãs com o Charlie e o cão? – Já estava outra vez entusiasmada.

– Que cão?

– O que vou salvar do canil.

Ele esforçou-se realmente por me dissuadir, mas não teve hipótese. Aquela nova aventura era a única coisa que me fazia andar para a frente.

\* \* \*

O modo como Charlie me acolheu no dia seguinte reforçou tudo na minha cabeça. Quando me viu, praticamente deitou-me ao chão.

– Mamã – não parava ele de gritar, e senti uma pontada no estômago.

A tia Milly gostou imenso de Wicklow e, assim que Charlie adormeceu, passámos o tempo a ver livros de cozinha e a discutir o melhor modo de fazer *dumplings*. Sentia-me no sétimo céu. Brittas Bay tinha um ar perfeitamente mágico, envolta em tons azulados e cinzentos ao longo da estrada marginal e, ao fundo, as montanhas tingidas de púrpura. Estacionámos no parque quase vazio de South Beach – a principal –, onde em julho e agosto se tinha de fazer fila ou até lutar por um lugar. Quase conseguia sentir o cheiro da rulote de fritos, fechada, com ar gasto e sujo.

– Não há nada que bata o sabor das batatinhas fritas com vinagre e areia, não é? – perguntei à minha tia.

– Não, exceto talvez o primeiro gole de chá quente com leite e açúcar quando nos encontramos sedentos e a quilómetros da civilização – respondeu ela, sorrindo. – Acho que é o ar puro que faz tudo saber tão bem.

– Gelado! – Charlie apontou para o carrinho colorido ainda em frente da rulote, desbotado depois de meses de exposição ao sol de verão e a mãozinhas peganhentas. Eu estava nervosa ao mostrar a praia a Charlie. Ele parecia bem, mesmo ao ver o mar, mas de súbito uma onda enorme reventou e ele entrou em pânico.

– Mamã – gritou, e agarrou-se a mim.

Rebentei em lágrimas.

– Está tudo bem, querido, estou aqui – repeti insistentemente enquanto o apertava contra mim e tentava consolá-lo.

– Foi estupidez da minha parte – confessei à minha tia. – Nunca o devia ter trazido aqui.

– Vamos tentar interessá-lo por qualquer outra coisa – respondeu ela. – Aqui não, mais atrás talvez. – Bem via que ela se esforçava também por se manter serena.

Assim, sentámo-nos nas dunas, num lugar de onde ele não podia ver o mar, e continuei vezes sem conta a dizer-lhe que estava tudo bem.

– Não vais ao pé do mar – dizia ele repetidamente, com ar assustado.

– Não amor, não vou perto dele, prometo.

– O mar é mau – disse ele calmamente. – Muito atrevido.

– Olha, Charlie, vi um grande papagaio vermelho perto da área de piqueniques. Queres ir ver? Damos-te a mão e não te largamos. Lily, anda lá ver. – A tia Milly começou a andar como quem não quer a coisa na direção das únicas pessoas que víamos, uma família que jogava a qualquer coisa, e por fim Charlie não conseguiu resistir a ir espreitar.

– Obrigada. – Abracei-a, mal vi que ele recuperara. – Nunca teria conseguido lidar com a situação sozinha.

– Ele está bem, querida. Não te preocupes – tranquilizou-me e em breve Charlie estava entretido a falar com todos os cães que encontrávamos pelo caminho. Tive de me impedir de pegar num deles e levá-lo para casa, para compensar Charlie depois do susto.

– ão-ão – gritou ele durante o resto do dia. – *Chu-chu* – acenava a todos os tratores que íamos vendo pela estrada.

Nesse fim de semana simplesmente fechei o salão. Alison não tinha muitos clientes habituais – a maior parte da Wicklow elegante preferia ir a Dublin para os tratamentos faciais – e as poucas clientes da zona que ali iam pareciam compreender que eu precisava de uma mudança. A maior parte do negócio decorria durante os meses de verão e eram apenas as mães elegantes do sul de Dublin que iam para Brittas Bay nos seus *Volvos* e *Mercedes* de setenta mil euros mal as escolas fechavam e não se importavam com o quanto custaria um tratamento ao rosto ou uma manicura. A cidade de Wicklow, na estação de veraneio, era um lugar diferente do que aquele que eu via agora nas minhas visitas. A maior parte dos habitantes evitava vir à cidade durante o pico do verão, por não ser possível estacionar na rua principal, ou por terem de fazer fila para comprarem peixe, ou de esperar por uma mesa em qualquer um dos sítios populares que frequentavam o ano inteiro.



No princípio da semana seguinte, encontrei-me com a arquiteta que estava disposta a supervisionar a transformação do salão de estética. Maureen Stanley era uma rapariga da zona, que estudara em Londres e voltara no ano anterior, quando a mãe enviuvara.

– Sou uma rapariga do campo, no fundo – disse-me ela em tom alegre, apesar de não o parecer. – Na verdade, espero não a assustar, mas este é o meu primeiro projeto na Irlanda. – Deve ter visto a minha expressão de alarme, pois apressou-se a continuar: – Mas fiz imensos trabalhos no Reino Unido, por isso, não se preocupe. Aqui está o meu portefólio. – Pegou numa pasta de pele. – E desde os nossos telefonemas que ando a recolher material em revistas para preparar uma espécie de quadro de escolhas possíveis, apenas para termos um ponto de parti-da. – Ela esforçava-se bastante. Como eu não tinha ideia do que fazia, precisava realmente de uma profissional experiente e sentia-me um pouco ansiosa, para dizer o mínimo. Contudo, assim que vi o trabalho dela, percebi logo que seria a pessoa ideal para o que tinha em mente.

Estruturalmente o sítio era quase perfeito. Já tínhamos as casas de banho e, derrubando duas paredes, lá atrás, poderíamos alargar bastante a zona de preparação da comida. Ali, estava no meu elemento. Pela primeira vez na vida poderia desenhar a cozinha dos meus sonhos, apesar de numa escala industrial. Dei largas à minha imaginação enquanto Maureen se concentrava no café propriamente dito. Tudo começava a ganhar forma.

A única ligeira preocupação que tinha prendia-se com o facto de os comerciantes locais não serem exatamente amigáveis, e como tinha de ir falar com a Câmara para solicitar a alteração de utilização, esperava não encontrar qualquer oposição. Parecia que a gente de Wicklow tratava os forasteiros com uma certa desconfiança. Era espantoso ver as vezes que respondiam a uma pergunta com outra, evitando assim revelarem demasiado.

Maureen garantiu-me, algo divertida, que continuariam a tratar-me como uma forasteira dali a vinte anos e que eu desperdiçava o meu tempo a preocupar-me. Ela já falara com as autoridades, que pareciam inclinar-se para um parecer favorável. Disse-lhe que já tinha muita coisa a preocupar-me sem ter de pensar na concorrência. A minha única preocupação eram os projetos.

Entretanto, Richard Kearney insistia em levar-me numa viagem gastronómica por Dublin, convidando-me para vários jantares e almoços ao longo das semanas seguintes. Deus sabe o que pensariam os funcionários dele quando Richard desaparecia na altura do dia com mais movimento. Eu não colocava objeções porque aprendia imenso. Ele tinha olho para os restaurantes da moda, e, em resultado de uma exposição constante a todas as combinações de comida de fusão conhecidas do homem, eu ia lenta mas definitivamente refinando o meu próprio paladar.

O único pequeno problema era que durante as nossas muitas excursões ele nunca me revelara qualquer informação sobre a amizade que tivera com a minha irmã. Oh, era modesto, muito divertido e um pouco antiquado, e a combinação era realmente atraente, mas todos os assuntos que diziam respeito a Alison eram um fator importante e complicado que eu precisava de perceber, a fim de manter a minha sanidade mental. Por mais que o espicaçasse, ainda não me contara quaisquer pormenores sobre a razão de ter sido tão amigo da minha irmã, especialmente quando tinha uma namorada deslumbrante em casa.

Acabámos por não nos encontrar no apartamento em Wicklow daquela primeira vez, quando fora minha intenção tentar realmente desatar-lhe a língua. Daisy tivera um acidente – se calhar uma unha partida, sugerira Sally, sem dó, quando lhe liguei a queixar-me, mas Richard garantiu-me que se tratara de um acidente com o carro e um reformado irritado a caminho da missa – por isso ele tivera de cancelar o nosso encontro desse dia. Entretanto, três semanas depois, após ter ido a restaurantes tão longe como em Drogheda, a norte, e Dungarvan, a sul, reunira por fim coragem para o convidar de novo a ir ao apartamento, na esperança de que o ambiente familiar o deixasse mais descontraído para soltar a língua.

– Estava fantástico! De facto, sabe cozinhar!

Ele acabara o prato e o meu *risotto* de cogumelos deixara-o obviamente impressionado.

– Obrigada. – Estava consciente de que o facto de ter bebido vinho branco e de o ter também usado no cozinhado me deixara um pouco ébria e mais descontraída do que o habitual. Já nos conhecíamos relativamente bem depois de tantos almoços e jantares e, na cama, na noite anterior, começara a fantasiar que ele era o pai de Charlie. A seguir Daisy descobriria a verdade, abandonava-o e depois desaparecia convenientemente com um fulano tipo

Jude Law e, por fim, eu e aquele encantador e atraente *nerd* abríamos uma cadeia de restaurantes e vivíamos felizes para sempre.

Fiz um esforço para voltar à terra ao ver que ele me enchia de novo o copo.

– Mais, não, por favor, ou ainda digo alguma coisa de que me arrependerei. – Arrependi-me logo. A última coisa que queria era uma conversa íntima de que não me conseguisse lembrar na manhã seguinte. – Morangos com pimenta-preta ou um pouco de queijo malcheiroso? – perguntei enquanto me apressava a retirar os pratos, esforçando-me por evitar o sorriso dele.

– Acho que não consigo nem uma coisa nem outra. – Levantou-se de imediato para me ajudar. – Lily... precisamos de falar.

Já me encontrava na cozinha antes de perceber que ele talvez fosse dizer-me algo que eu se calhar não me sentia preparada para ouvir, tal como ter estado intensamente apaixonado pela minha irmã. A verdade é que, durante o jantar, percebera que gostava um pouco dele, e, ao chegar a essa conclusão, não queria que dissesse qualquer coisa que pudesse estragar isso. Ao despejar os pratos, tomei uma decisão sob o efeito do álcool, por isso olhei para o meu rosto na tampa de aço e a seguir virei-me e vi que ele se encontrava mesmo atrás de mim.

– Há algumas coisas que eu... – Tinha o rosto ligeiramente corado e olhava para todos os lados. – O seu ar de «quem me dera não estar aqui» era cativante, mas ele estava muito perto de mim, naquela cozinha tão pequena, e gostei do cheiro levemente desagradável a tabaco e suor que senti quando passou as mãos pelo cabelo. Suor limpo, decidi.

– A Lily é tão... – engoliu em seco. – Doce... e... inocente. E... linda. Para dizer a verdade, tenho algum medo dos meus sentimentos por si.

Não sei quem terá dado o primeiro passo, mas, subitamente, estávamos a beijar-nos e não como de costume. Foi uma meiga exploração da minha boca e nunca mais acabava.

– Oh meu Deus, Lily, isto não era para acontecer. Eu... – Afastou-se.

– Eu sei. – Não conseguia olhar para ele.

Ele continuou a sua investigação da minha boca, e desta vez não havia dúvida alguma sobre o seu interesse em mim.

– Ouve. – Afastou-se de mim e tomou-me o rosto nas mãos. – Não sei se posso fazer isto.

– É a Daisy?

Ele abanou a cabeça.

– Seria muito mais simples se fosse.

Desviou o olhar.

Estendi a mão e toquei-lhe na face. Queria só tranquilizá-lo. Quase no mesmo instante tive a visão da minha irmã a fazer a mesma coisa, ali, no apartamento. Ocorreram-me então duas ideias. A primeira foi perguntar-me se Alison estivera realmente apaixonada por Richard e se ele se recusara a deixar Daisy, e a segunda foi supor apenas que tínhamos uma relação, eu ficava grávida e ele vir a revelar-se afinal o pai do Charlie. Foi tão real que consegui ver os títulos no programa da Oprah.

Subitamente, quando parecia que ele afastara as dúvidas que tinha, perdi a vontade e percebi que nem sequer sabia se queria envolver-me mais, por isso disse a única coisa que me foi possível.

– Richard, desculpa, não deveria ter deixado isto ir tão longe. – Sentia-me um pouco arquejante, mas creio que deve ter sido apenas um pequeno ataque de pânico. – O que se passa é que sei o que houve entre ti e a Alison.

– O QUE DISSESTE? – Ele olhava para mim como se tentasse descobrir qualquer coisa. – O que sabes exatamente?

– O suficiente.

– Entendo. – Parecia prestes a tomar uma decisão. – Lily, acho que precisamos de falar. – Afastou-se mais e balbuciei um *com licença*, enquanto me dirigia à casa de banho, com medo de começar a vomitar.

Quando voltei, ele preparava café.

– Café? – Evitava agora olhar para mim.

– Já há feito. – Indiquei-lhe a cafeteira. – Mantive-o quente, por isso deve estar bom.

– Com ou sem leite?

Pelos vistos ele também tentava ganhar tempo.

– Sem. – Fui buscar duas canecas e segui à frente para a sala de estar. Sabia que estava com péssimo ar, mas, ao olhar para o rosto dele, calculei que isso já não importasse.

– Então, o que vem a ser isto? – perguntou enquanto me servia o café.

– Hã?

– O que estás a tentar dizer-me?

– Realmente, não tenho a certeza.

– Lily. – Desta vez ele ergueu-me a cabeça para que o olhasse. – Não faço a mínima ideia do que se passa aqui. Precisas de me explicar.

– Mentiste-me.

Coloquei-me imediatamente na defensiva.

– Sim, se calhar até menti, por omissão, mas ia contar-te.

Tinha o ar de quem preferia não ter aquela conversa.

– Quando? – perguntei sem rodeios.

– Nunca quis que isto acontecesse. Meu Deus, a minha vida já é bastante complicada. – Durante um segundo, nada disse. – Mas o que não

compreendo é o que pretendias com isto? Diz-me, por favor.

– Não sei. No princípio, quis saber como eras... – saiu-me sem ter premeditado.

– Naquele primeiro dia, quando foste ao restaurante, não foi uma coincidência?

– Não.

– Estou a ver. – Hesitou um momento. – Suponho que era natural, queres saber como eu era. O que te tinha dito a Alison?

– Absolutamente nada.

– Nada? – Ele ficou a digerir aquilo. – Mas disseste...? – Bem via que estava confuso. – Então, como vieste a saber de mim?

– Na verdade, acho que quero que te vás embora agora.

Levantei-me, agarrei na minha chávena e comecei a arrumar as coisas.

– Não posso ir-me embora até me dizeres o que se passa.

– Por favor...

Sentia vontade de chorar, mas talvez fosse apenas do vinho.

– Mas sabias... sabias sobre mim e ela?

– Não propriamente – disse, com toda a sinceridade, e custou-me admiti-lo. – Só algumas coisas que descobri... depois. Ela falava de mim ou do filho, ao menos? – Precisava de saber.

– Não muito. – Olhou para mim preocupado. – Ela era bastante reservada. Eu gostava mesmo dela, era uma ótima companhia. Quanto à família, sabia que tinha uma irmã, apesar de não saber que eram gémeas, por isso, apanhei um susto tão grande quando te vi naquele dia. E... não, nunca soube que tinha um filho. Ela falava muito pouco sobre a sua vida... fora daqui.

– Disseste que o tinhas conhecido.

Estava surpreendida.

– Menti, apanhaste-me desprevenido. – Parecia um pouco envergonhado e fiquei contente. Via bem as rugas na testa dele. – É por causa disso? – Tinha um ar ainda mais perturbado agora. – Pensas que posso ser o pai?

– Diz-me tu.

– Não, não sou, Lily. De certeza que não. De facto, não é possível. Fiz uma vasectomia há alguns anos. – Encolheu os ombros. – Para ser sincero, nunca quis ter filhos.

– Tão simples assim? – Ele soava como eu, antes de ter herdado o Charlie, claro: egoísta e egocêntrico. Para não dizer imaturo. – E a Daisy?

– A Daisy concordará comigo. – Soava a falso.

– Isso é o que ela diz agora... – Perguntei-me por que razão estaria preocupada com a namorada dele.

– Bem, ela sabe da operação desde o início – contou ele. – Fui sempre muito frontal em relação a não estar interessado na paternidade. – Parecia um pouco perdido. – Nem sequer posso culpar os meus pais. – Sorriu. – Na verdade, tive uma infância idílica. Uma grande casa de campo, bastante dinheiro, muito amor e atenção.

Precisamente o oposto do que eu conhecera e, falar com ele assim, com naturalidade, fez-me compreender – pelo menos um pouco – que todas as minhas preocupações com Charlie eram talvez muito maiores na minha cabeça do que na de qualquer outra pessoa.

– Posso perguntar-te uma coisa? – Não esperei pela resposta. – Porque haveria alguém como tu, com uma namorada linda e tudo isso, de andar a encontrar-se com a minha irmã... às escondidas? Pelo menos, suponho que guardavas segredo?

– Pois. – Pensou um momento. – No fundo não sei. Empolgava-me, era a sensação de andar a brincar com o fogo. Nem consigo explicar. É a mesma coisa que perguntar às pessoas porque tomam drogas. Porque podem? Não faço ideia – disse ele.

– Então, não era por causa da vida que tinhas em casa... com a Daisy, ser... – não conseguia pensar na palavra – ser aborrecida?

– Que diabos, não. A Daisy pode ser muitas coisas, mas nunca é aborrecida. – Ele tinha um ar constrangido ao falar daquilo. – Além disso, tinha outros casos... ocasionalmente. Se calhar tinha algo que ver com o facto de não haver compromissos... sabes, não havia fingimentos, não precisava de me encontrar com os pais ao domingo à tarde, esse género de coisas. Até porque a maior parte dos homens da minha idade tem problemas com compromissos, mesmo apesar de alguns, como eu, planearem casar-se. – Ele deve ter reparado na minha expressão. – Desculpa, Lily, talvez não gostes de ouvir isto, mas é a verdade, juro-te. E à Alison também lhe convinha assim... – Calou-se, sem saber quanto mais contar-me, senti.

– Ouve. – Eu tomara uma decisão. – Preciso de ficar sozinha, para pensar...

– Isso talvez não seja boa ideia. Vais ficar aqui esta noite?

Fiz um gesto de assentimento.

– Olha, porque não me deixas ficar? Podia dormir no sofá.

– Não, estou bem, não é preciso.

– De certeza? – Ele mal conseguia esconder o alívio.

– Sim, sinceramente.

– Está bem. Olha, não quero deixar as coisas assim. Que tal eu voltar de manhã? Para o pequeno-almoço, se achares bem?

Via-se que estava a tratar-me com luvas de lã.

– Está bem.

– Prometes que ainda estarás aqui?

– Sim.

– Ótimo. Por volta das dez?

Anuiu com um gesto.

Pegou nas coisas dele sem falar.

– Tens a certeza de que ficas mesmo bem? – Dirigia-se para a porta e depois pareceu ter pensado melhor no assunto. – Sozinha? Esta noite?

– Sim.

– Não estás nervosa?

Aquilo dava-me vontade de rir. De certeza que a Alison nunca lhe contara quantas vezes nos deixavam sozinhas, em miúdas, quando tínhamos realmente medo.

– Não, fico bem.

– Está bem então. Vou apanhar um táxi.

Anuí com um gesto.

– Boa noite.

Não me mexi.

– Tens o meu número de telemóvel, pelo sim pelo não?

– Sim. – Não sabia que mais dizer. – Obrigada – acrescentei no último momento.

Mais tarde, tentei adormecer, mas o facto de estar mais confusa do que nunca em relação a Alison, e de ter de encarar de novo Richard de manhã com o nosso relacionamento – se é que lhe poderia chamar assim – ligeiramente alterado, fez com que o sono não viesse com facilidade. Não havia fuga possível.



*James e Tamsin*

JAMES NÃO SABIA SE TERIA SIDO O CHEIRO OU O SOM que lhe implicou com os sentidos quando fechou a porta da frente, mas a primeira coisa que registou foi o som. Havia música a tocar e Tamsin ria-se. A seguir sentiu o cheiro no ar. Além disso, havia ao lume qualquer coisa condimentada. A ausência de silêncio na casa surpreendeu-o e agradou-lhe ao mesmo tempo.

Tamsin e a melhor amiga dela encontravam-se na cozinha e a mulher já correria para a porta quando ele a abriu.

– Olá, querido. Como estás?

Ele gostava que Tamsin largasse o que fazia para o vir saudar assim que ele chegava à porta.

– Bem.

Beijou-a e olhou por cima do ombro dela.

– Olá, Maria, o que fazes aqui? – Não era habitual ver Maria ali àquela hora do dia, quando normalmente os filhos lhe exigiam mais cuidados.

– Tive uma discussão com o Dan e achei que precisava de uma bebida e de uma psiquiatra. – Sorriu. – Vim até cá e tenho as duas coisas à borla.

– Sovina. – Deu-lhe um beijo em cada face. – Como está o Dan?

– A dar comigo em doida. Acreditas que ele...?

– Para já aí. – James serviu-se de um copo de vinho da garrafa meio vazia e percebeu que as duas mulheres acharam que ele iria sentar-se a conversar um pouco, como habitualmente. – O teu marido é meu amigo. – Viu que Maria torcia o nariz. – Recuso-me a falar mal dele. – Puxou-lhe os cabelos. – Pronto.

– Sacana.

Mas James sabia que ela no fundo não se importava. Maria e Dan discutiam como cão e gato. Havia muito que resolvera desistir de entrar no ringue, como a maior parte dos amigos.

– Estás com bom ar. – Reparou que Tamsin usava calças de ganga novas e uma linda túnica. Havia algum tempo que ela não se esforçava por se arranjar em casa. – E estás a cozinhar. O que te deu? – perguntou, distraído enquanto atirava uma bola a *Levi*, que a deixara aos seus pés e andava à volta dele, de olhos reluzentes e cauda a abanar perigosamente.

– Resolvi que era tempo de voltar a tratar do meu mari-do. – Aproximou-se dele por trás e abraçou-o. – Tenho-te negligenciado. – Beijou-lhe as costas.

– Bem, não me vais ouvir queixar por tratarem de mim, sabes disso, não sabes?

Virou-se, puxou-a para si e deu-lhe um beijo na ponta do nariz. Piscou um olho a Maria por cima do ombro.

– Ufa, já chega, deixa-a em paz. – Maria sorria enquanto empurrava a cadeira para trás. – Céus, já é suficientemente mau odiar o meu marido. Por favor, não me façam uma exibição de como as coisas deviam ser. – Maria esvaziou o copo. – É melhor voltar para casa.

– Janta connosco – sugeriu Tamsin.

– Sim, janta – acrescentou James. Notou então o ar cansado dela. – Por favor? – pediu.

– Gostava muito, mas é melhor não. – Levantou o casaco do braço da cadeira. – De qualquer maneira, tenho de conduzir e se ficar aqui mais tempo bebo a garrafa que trouxe.

– Levo-te a casa depois – ofereceu-se James.

– És um amor, mas não, obrigada. Deixo aqui os pombinhos a comer o seu cheiroso caril verde na sua casinha imaculada. – Disse aquilo sem um laivo de inveja. – Ligo-te amanhã.

Maria pegou na mala.

– De certeza que não queres ficar? Não incomodas nada – disse James, mas secretamente ficou contente quando Maria abanou a cabeça. Queria tentar falar com Tamsin sobre o futuro, agora que ela parecia ter voltado ao normal.

– Mas obrigada por perguntares. – Tocou no braço de James enquanto a acompanhavam ao carro. – Fazem-se sempre sentir tão bem recebida. – Abraçou a amiga. – Fica bem.

Despediram-se e ficaram à porta a fazer-lhe adeus.

– Estás com ótimo aspeto. Sentes-te bem? – perguntou James enquanto ficavam abraçados a ver os faróis de trás a desaparecer.

– Sim. – Tamsin sorriu. – Sinto. Agora anda para dentro e acaba a bebida. O jantar está quase pronto. Tenho arroz no forno e o resto já está na mesa.

– Parece-me perfeito. Comida do Marks and Spencer? – Picou-a.

– *Tesco Finest*. Mas acrescentei algumas coisas, como todos os bons batoteiros.

Tiveram um jantar agradável e a seguir sentaram-se no sofá frente à lareira acesa e viram televisão. Depois das notícias, Tamsin pegou no comando e virou-se para ele.

– Tenho andado a pensar.

– Oh oh! – Beijou-a no rosto. – Sobre o quê?

Ela dificilmente perdia uma oportunidade.

– Gostaria que tentássemos adotar um bebé.

Típico de Tamsin, logo direta ao assunto, como era habitual.

James foi apanhado de surpresa. Era algo que ela recusara considerar quando ele lho sugerira no passado. Agora não tinha já a certeza de o querer. Fora dito simplesmente para a fazer esquecer os problemas durante o pior período da fertilização *in vitro*. Uma espécie de «não te preocupes, há sempre a possibilidade de adoção ou de acolhimento familiar». Ajudara-os a seguirem em frente durante os muitos e longos períodos de espera de que ambos sentiam pavor.

– Estás surpreendido?

– Creio que sim.

– Mas foi algo que *tu* propuseste antes.

Agora era ela quem parecia surpreendida.

– Bem sei. Mas isso foi por ter pensado que poderia ser mais fácil... para nós, para a nossa relação. Foi muito duro durante algum tempo – lembrou ele, com ternura.

– Eu sei. E tu foste incrível para mim durante todo esse tempo...

– Não, não foi isso que quis dizer. – James recusou o elogio, sentindo-se culpado. – Quis dizer que durante algum tempo parecia que não... nos excitávamos um com o outro. Não havia espontaneidade. Sexualmente, isto é. Era tudo sobre datas e tempos e gráficos e temperaturas. Recordo-me de ter pensado que se decidíssemos adotar podíamos voltar a ser como... antes de tudo isto nos ter acontecido.

– James. – Ela chegou-se para mais perto dele. – Sei que foi muito mais duro para ti, mais difícil do que de início imaginei.

Ela pareceu deprimida só de pensar no assunto e ele odiou-se.

– Não, não foi – insistiu ele. – Foi igualmente duro para ambos.

Sentia que tinha de ser justo para com ela.

– Tu tiveste falta da liberdade sexual, mais do que eu. Sei o quão importante esse lado das coisas é para um homem.

– Não apenas para um homem – apressou-se James a dizer, um pouco melindrado. – A ti também te apetecia sempre... antes.

Ela estendeu a mão e afagou-lhe a nuca: era o que fazia quando o queria do seu lado.

– Eu sei.

– Há que tempos não fazias isso.

Ele arqueou as costas com prazer.

– Pois não, é verdade. Desculpa.

Ela sabia o quanto lhe agradava que lhe tocassem.

– Não... – Sentiu-se novamente culpado. – Sou eu, eu...

– James, ouve. Em muitos aspetos, tenho sido muito egoísta em tudo isto. – Tentou interrompê-la, mas Tamsin pôs-lhe um dedo nos lábios. – Não, deixa-me acabar, por favor. Não pensei verdadeiramente sobre o que sei que é fundamental para ti. – Olhou-o como se ponderasse naquilo. – Sei como a paixão e a espontaneidade e... a excitação são importantes para ti.

– São essenciais para que uma relação vingue, pensava eu. – *Céus, o que estás a dizer?*, perguntou James a si próprio. *Andaste a ter tudo isso com outra pessoa e agora estás para aqui a pregar moral à tua mulher.* – O que quis dizer foi... – tentou retroceder.

– Lembras-te das noites em que tomávamos duche e eu vestia a coisa mais sensual que comprara e tu nos servias bebidas e acendíamos velas no quarto?

– Lembro-me.

Ele engoliu em seco.

– Bem, aposto que não te lembras da última vez, já passou tanto tempo.

– Não, não lembro.

Quem lhe dera que ela não estivesse a ser tão amável com ele. Tornava tudo muito mais difícil de suportar, especialmente quando estivera a falar com Lily havia apenas algumas horas.

– Oh, James, tenho sido tão egoísta. – Atirou-se a ele. – Sabia como era difícil para ti, mas pensava que tudo ficaria bem e que te compensaria assim que engravidasse. – Ela tinha lágrimas nos olhos. – Por favor, perdoa-me.

– Não sejas pateta. – Tirou um lenço de papel da caixa na mesinha da sala e limpou-lhe as lágrimas. – Não há nada a perdoar. Estivemos sempre juntos nisto.

– Mas tenho sido eu a liderar a campanha – disse ela baixinho.

– Tamsin, eu queria um filho tanto como tu, não te esqueças. – Estava novamente a ficar irritado. – Se calhar aceitei antes de ti que isso talvez não viesse a acontecer. – Interrompeu-se. – Não estava sempre a ver tudo com óculos cor-de-rosa.

– James, isso é cruel, como me podes dizer isso?

Ela assoou-se.

Ele não entendia o que se apossara dele, mas desejava que ela deixasse de viver num mundo de fantasia em que tudo acontecia conforme os planos e em que viveriam todos felizes para sempre. Queria que ela considerasse pelo menos a possibilidade de que isso talvez o tivesse atirado para os braços de outra mulher, mas era apenas o seu ego a falar. Sabia que ela nunca imaginaria tal coisa, nem dali a um milhão de anos.

– Desculpa – pediu, em voz fraca –, não te quis perturbar. Sabes que nunca te faria mal.

– Sei que não.

– Vamos para a cama?

Sentia-se exausto.

Ela pareceu não o ouvir.

– E agora aqui estou eu, a murmurar coisas sobre adoção, a deixar-te para segundo plano novamente...

– Não estás nada.

– Mas é que... tenho esta dor desesperada... aqui mesmo. – Pegou na mão dele e colocou-a no ventre. – É como um vazio, como qualquer coisa a corroer-me por dentro. – Tinha o ar de uma criança.

– Nunca quis que te sentisses sozinha. – Colocou-lhe o cabelo atrás da orelha. – Estou sempre contigo, sabes disso.

– Sim, James. Sei que sim.

Permaneceram em silêncio durante um bocado.

– Se quiseres realmente pensar em adoção, estou ansioso por falar disso. – Ele sabia que faria tudo por ela. *Mesmo abandonar a dupla vida que tens levado?*, perguntou uma voz na cabeça dele. Suspirou. – Dá-me só algum tempo para me habituar à ideia.

– Obrigada.

Ela beijou-o, o primeiro beijo a sério havia algum tempo.

– Tenho sentido a tua falta. – Sorriu para a mulher. – Tenho-me sentido sozinho também, sabes?

– Sei que tens, James. Sei que tens.

Permaneceram abraçados muito tempo, sem nada dizerem. Daquela vez, beijou-a ele e ela retribuiu-lhe o beijo com vontade. Havia muito tempo que não se sentia tão próximo dela. Antes de perceberem, estavam enlaçados, beijando-se sofregamente, e fizeram amor no tapete frente à lareira, tal como nos velhos tempos.

Depois, ela beijou-o longamente, agora mais tranquila depois de satisfeito o desejo urgente que os unira.

– Amo-te tanto.

Tinha o rosto húmido. Ele também.

– A ver se não nos perdemos de novo. – James tomou o rosto dela nas mãos. – Não estou... bem sem ti.

– Nunca nos perdemos um do outro, querido. Nós, eu... apenas perdi um pouco a cabeça.

– Eu também.

Distraidamente atirou algumas briquetes para o fogo.

– O que queres dizer?

– Nada. – Sorriu-lhe. – Nada mesmo. – Mas sentia um horrível sentimento de culpa. Costumavam não ter segredos.

– James... – Tamsin sentou-se. – Espera, deixa-me ir buscar o roupão. – Afastou-se. – Volto num instante, não te esqueças do que ias dizer. – Deu-lhe um beijo na cabeça.

– Assim está melhor. – Apertava o cinto enquanto se voltava a sentar e ele vestia a camisa. – Agora posso descontraír. James, sei que tens algo na cabeça. Bem te vejo com ar pensativo quando não sabes que estou a olhar para ti. – Ergueu-lhe o rosto. – Vejo isso agora nos teus olhos. – Sorriu ao marido. – Deixa-me preocupada.

– Não há nada para te preocupares. – Há muito que decidira que nunca lhe poderia fazer aquilo. Agora já não tinha vontade de ir para a cama como antes. – Vou buscar outra bebida. – Queres que te traga um chá ou qualquer outra coisa?

– Não, obrigada. – Seguiu-o até à cozinha. – James, volta lá para dentro.

– Está bem.

Encheu outra vez o copo e deixou que ela o levasse para o sofá.

– Sei que alguma coisa te preocupa.

– Não, não é nada.

Sorveu um gole de vinho.

– Não te escondas atrás do álcool.

– Não estou a esconder-me. – Detestava quando ela começava a falar da bebida. – É só o terceiro copo que bebo, não estou a embriagar-me.

Ela ignorou aquilo.

– James, estou tão contente por esta noite e lamento tanto não... ter visto antes as coisas com clareza. Quero compensar-te. Mas conheço-te. Sei que andas preocupado com alguma coisa há muito tempo. Vai e vem, mas de vez em quando vejo a angústia no teu olhar. – Não era a primeira vez que ela lhe dizia aquilo, mas ele conseguira sempre evitar falar. – Já não consigo ignorar mais isto, James. Ou talvez não queira. Por favor. – Pegou-lhe na mão. – Sou a tua melhor amiga, lembras-te? Lamento ter andado tão absorvida em mim durante tanto tempo. Por favor, diz-me o que está mal.

– Não. – Ele abanou a cabeça. – Estou demasiado cansado para continuar a falar.

– Então há mesmo qualquer coisa. – Tamsin estava no modo de interrogatório e por uma vez ele desejou que ela o pusesse em primeiro lugar. – Por favor, James. Assim não conseguirei dormir.

Ele não parava de abanar a cabeça.

– Não consigo.

– Consegues sim. Podes contar-me tudo.

– Irás odiar-me.

Ela ajoelhou-se à frente dele.

– James, nunca podia odiar-te.

Viu surpresa e preocupação no rosto dela.

– Desculpa – foi o melhor que ele conseguiu dizer.

– Estou a implorar-te, James. Por favor, conta-me o que te vai na cabeça. Seja o que for, lidaremos com isso juntos.

– Irá afastar-nos. – A voz dele quebrou-se. Sabia que seria naquele momento ou nunca.

Tamsin fez um ar chocado.

– O que estás a dizer? – Perscrutou-lhe o rosto. – Tu és a minha vida. Nada neste mundo nos poderia separar.

James baixou a cabeça e começou a chorar enquanto se preparava para dizer à mulher que amava a única coisa que sabia que lhe destroçaria o coração.



*William e Beth*

A FESTA ESTAVA NO AUGE QUANDO WILLIAM rodou a chave na fechadura.

– Paizinho, chegaste! – Winnie atirou-se a ele e William apercebeu-se que a filha estava a cada dia mais parecida com Beth. Surpreendeu-se por ainda o não ter notado. – Estás a perder isto, é a melhor festa de sempre! – Ela rodopiou para que William lhe apreciasse o vestido e os olhos brilhantes eram iguais aos da mãe. – Gostas? – Tinha também a mesma energia, percebeu William, enquanto a observava a dançar em volta dele.

– Sim, gosto muito mesmo. Estás fantástica, querida, e prometo que vou já para a melhor festa de sempre em poucos minutos. – Deu-lhe um beijo no alto da cabeça. – Andaste a beber? – Fingiu cheirar-lhe o hálito. – É por isso que andas a rodopiar tanto?

– Não, pateta – a rapariga sorriu ao pai com um ar de adoração.

– Muito bem, agora vai lá ter com a mãe enquanto ponho a pasta no escritório. – Precisava de tomar um duche antes de cumprimentar toda a gente.

– Olá, pai. Porque vieste tão tarde?

– Olá, Harry. Tive de ficar no hospital. – Arrumou a pasta e deu uma rápida vista de olhos ao correio que Beth deixara sobre a sua secretária bem organizado.

– Como de costume. – O rapazinho suspirou.

– Não sejas impertinente. – William não lhe prestava inteira atenção. – A tua irmã diz que perdi boa parte da festa, então porque não estás a aproveitar o melhor?

– Acho que está boa, sim. – Harry não se deixava impressionar facilmente.

– Ora aqui estás, pensei que nunca mais cá chegavas! – Beth, de rosto ruborizado pela excitação, espreitou à porta. – Isto está a fervilhar de gente e nem imaginas o que aconteceu à Audrey...

– Desculpa, desculpa, sei que me atrasei. – Foi ao encontro dela. – Quem é a Audrey? Ei, estás linda! Vestido novo? – Beijou-a distraído e bebeu um grande gole do champanhe dela.

– Sim. – Ela também rodopiou, momentaneamente distraída. – O que achas? Custou uma fortuna.

– Vale bem cada cêntimo. – Olhou-a com admiração. Era uma mulher bonita e estava indubitavelmente bela e radiante naquela noite. Beth gostava que ele a achasse bonita. O marido sabia que ela dava importância a isso. Por vezes, quando ganhava algum peso, parecia mais velha do que ele, apesar de ser dois anos mais nova. Ele recordava-se de como andara deprimida quando um colega dele parecera surpreendido por ela ser mais nova do que ele. «Ele está bêbedo, querida.» William sorria ao ver a fúria dela. «Não lhe liguês.»

Olhando agora bem para ela, viu que usava mais maquilhagem do que o habitual e que tinha um penteado diferente.

– Mas o que fizeste em ti?

– Gostas? – Ela fez beicinho.

– Adoro. – Deu-lhe uma palmada no rabo. – Mantém-te assim e nada de ir à caixa das bolachas. – Disse, meio a brincar.

Ela pareceu não o ouvir.

– Achei melhor competir com todas aquelas jovens enfermeiras. – Sorriu.

– Nesse campo não tens nada com que te preocupar, meu amor – disse-lhe com sinceridade. – Agora, preciso de um duche e de uma bebida, por esta ordem. Dá-me quinze minutos e estarei à tua disposição a noite inteira.

– Está bem. Agora não te irrites, mas estamos com falta de comida. A Audrey teve um acidente.

Ela seguiu-o escadas acima.

– Mas está tudo tratado, não está? Temos cá comida? – Procurou a camisa preferida; era importante ter um ótimo aspeto nessa noite. – Viste a minha camisa *Armani* azul? Lembraste-te de a ir buscar à lavandaria?

– Sim. – Ela tirou-a do roupeiro. – Aqui está. – Sorriu ao marido. – E, claro, que temos comida, mas entrámos um pouco em pânico há bocado, acredita.

– Então, quem arranjaste?

– Foi ela quem organizou tudo, acreditas? Enquanto estava à espera nas urgências. Algum do pessoal dela. Estão já a trabalhar freneticamente na

cozinha.

– Ótimo, muito bem.

– Só que nos dava jeito mais uma pessoa. Estou a tentar supervisionar tudo e preciso mesmo de circular. – Pensou um momento. – Achas que podias puxar alguns cordelinhos com alguém dos vossos serviços de *catering*? Mandar buscar alguém, pelo menos para as próximas duas horas?

– Estás doida? É sexta-feira à noite.

– Acho que sim... seja como for – começou a afastar-se –, tenho de ir. Não te demores. – Desapareceu porta fora com Harry muito animado atrás dela. Fora ali ter para ver os pais, impaciente como sempre.

– Na verdade, até talvez possa ajudar. – William acabara de ter uma ideia bizarra. Queria vê-la novamente e a mulher acabara de lhe dar uma oportunidade inesperada. – Vou fazer uma chamada ou duas – disse a Beth, que voltou a espreitar à porta. – Lembra-te, Harry, para a cama às dez horas – gritou ao filho, que prontamente deitou a língua de fora, mas de forma a que o pai não visse.

Vinte minutos mais tarde, William encontrava-se já entre a multidão de convidados, de copo na mão e sentindo-se muito satisfeito consigo próprio. Telefonara a Lily e convencera-a a vir ajudá-los. Ela já estava a caminho. William tinha o pénis duro como um pedra ao pensar na mulher e na potencial amante juntas na mesma festa. E fora Beth quem arquitetara tudo, convenceu-se assim que as dúvidas o assaltaram. Além disso, vira alguns pontos a ganhar ali também. Ela ficou muito impressionada quando ele lhe contou.

William gostava imenso da festa que davam anualmente no outono. Era um bom começo da temporada de festas – apesar de para o Natal ainda faltarem dois meses – e dava-lhes a oportunidade de saberem novidades dos amigos, alguns dos quais não viam desde as férias de verão. Beth mantinha sempre a casa e os jardins com um aspeto fantástico e aquela noite não era exceção. Mandara instalar lá fora um novo sistema de luzes e havia centenas de velas em todas as janelas. Uma atmosfera perfeitamente mágica. William aprovava.

Andaram por entre os convivas durante uma hora, depois Beth pegou num pratinho com comida e observaram os convidados.

– Olha, prova isto, é absolutamente delicioso. – Apresentou-lhe o prato, sorrindo.

– Sabes que detesto salada de repolho. – William franziu o nariz.

– Não tem cebola e é caseira, não a encontras muitas vezes nos serviços de *catering*. – Beth sorriu-lhe enquanto levava o garfo à boca. – De qualquer forma, vai muito bem com esta carne de vaca mal passada. Acho que tem um pouco de rábano picante. Prova, vais gostar.

– Obrigado. – Provou e ela tinha razão. – Essa carne está muito boa, o que tem à volta? – Picou-a com o garfo.

– Uma espécie de patê de cogumelos, um pouco como o lombo à Wellington, mas sem a massa. – Beijou-o na face. – A propósito, aquela rapariga do serviço de *catering* que arranjaste é um génio. Entrou e organizou a cozinha inteira em poucos minutos. Até trouxe algumas coisas com ela.

– A Lily já chegou?

– Não fiques tão surpreendido, ligaste-lhe, lembras-te? – brincou a mulher.

– Desculpa. – Retrocedeu. – Sabes que estas coisas de última hora me deixam sempre um pouco resmungão. – Beijou-a na face também. – Detesto que não estejamos preparados.

– Eu estava preparada. A pessoa do serviço de *catering* teve um acidente, lembras-te?

Beth parecia aborrecida com ele, a última coisa de que ele precisava naquela altura. Precisava era de ver Lily, que se encontrava apenas a alguns metros, na cozinha dele. Uns dias antes, ela não retribuía o telefonema que lhe fizera e não gostara nada disso. William estava habituado a dominar as situações, e, além disso, sentia-se particularmente excitado nos últimos dias.

– Oh, esqueci-me... ou pelo menos não tive tempo de te dizer... o Noel e a Triona separaram-se – segredou-lhe Beth ao ouvido quando ele se preparava para escapar dali. – Age normalmente, aí vem ela.

– Olá, William, andas a evitar-me, como é costume. – Ele vira os seios de Triona Ashurst muito antes de lhe ter visto o rosto. Eram lisos, lindamente moldados e feitos de plástico.

– Olá, Triona, que bom ver-te! Como tens passado?

– Nada mal, tendo em conta que o meu marido acabou de me deixar. Acho que já sabes?

*Eu nunca teria casado contigo, pensou William.*

– Triona, lamento imenso. – Ouviu-a, atentamente pensou, tendo em conta o tom monocórdico dela, durante um minuto ou dois, depois olhou para trás dela, para alguém que acabara de chegar.

– Ela é mais velha do que eu, acreditas? Uma viúva com dois filhos.

William reparou que Triona arrastava ligeiramente as palavras. Fez um gesto de assentimento distraidamente e tentou arranjar maneira de sair dali. A frase seguinte trouxe-o de volta ao presente com toda a força.

– Beth, minha querida, o que farias se descobrisses que o William tinha um caso? – perguntou.

– Ele não tem tempo para essas coisas – respondeu Beth com uma gargalhada. – O hospital é a amante dele.

– E se fosse uma das doentes?

– Não te arriscarias a isso, pois não?

Observava-o com um sorriso satisfeito, quase complacente. Não era nada dela, pensou William; a sua mulher era a pessoa menos presunçosa que conhecia. Lançou-lhe o que pensava ser um olhar de aviso: não queria irritar ainda mais aquela mulher de olhar louco. Nunca gostara dela, mesmo quando se encontrava sóbria.

– És parva, se é isso que pensas. – Triona inclinava-se para ele. – O William é um homem muito atraente. Deve ter muitas mulheres a atirarem-se a ele todos os dias.

– Seriam necessárias oportunidades, não? – William tentou brincar com ela. – Então, Triona, como é que tudo isso aconteceu? – Estava-se nas tintas para o assunto, mas ela lançou-se numa grande e complicada explicação e William ia fazendo que sim com a cabeça, ocasionalmente, e observando a sala com atenção a cada instante, à espera de poder vislumbrar Lily.

– Olha, vou buscar-te comida, queres? – Beth interrompeu-a mal a amiga parou para respirar.

William suspirou de alívio. Triona era realmente uma chata dos diabos, não compreendia por que razão a mulher se dava tão bem com ela.

– Até já. – Beth deu o braço à amiga e guiou-a na direção do *buffet* situado na sala seguinte.

William foi então forçado a fazer conversa com a filha de um dos seus amigos mais antigos enquanto se dirigia à cozinha. Todavia, daquela vez não lhe custou. Isabel Harpur era como uma chama brilhante num campo repleto de foguetes molhados. Apagava todas as outras mulheres, apesar de não ser

particularmente bonita. William sabia que era a sua juventude, e esse pensamento só o irritou ainda mais. Nada de bom havia em envelhecer, pensou, fazendo sinal a um empregado que passava para lhe encher o copo.

– Vi-te a olhar para o meu peito antes. – Triona voltara.

– É difícil não olhar. – William sentiu um baque no coração. Deu-lhe uma palmadinha no nariz em tom jocoso e tentou ser simpático. – Estás linda, Triona.

– Linda, como?

– Lindíssima.

Não iria perder muito mais tempo com aquilo.

– Gostaria de ir para a cama contigo, William Hammond.

Ele olhou em volta nervosamente e riu-se para demonstrar que não levava aquilo a sério.

– Estás sempre no controlo de tudo, gostava que tu me dominasses por uma noite e me desses uma boa queca.

William esperou não parecer tão nauseado como se sentia. A mulher simplesmente não se enxergava. William seria capaz de preferir a senhora da limpeza deles, de cinquenta e nove anos e bigode.

– Que tal, rapagão? Não gostavas, também?

– Sinceramente, não. – Tivera que chegasse. Não sabia o que o ofendia mais, se o facto de ela ter tão pouca consideração por Beth ou de pensar assim dele. – Com licença, Triona, vi uma pessoa com quem tenho de falar. – Virou costas e quase colidiu com uma rapariga de simples vestido preto e rabo de cavalo.

– Olá – saudou a rapariga timidamente.

– Lily. – Apanhara-o desprevenido, apesar de ir a caminho para a ver. – Ia agora mesmo ter consigo. – Olhou rapidamente em volta para ver onde estava a mulher, depois Triona. Era mesmo o género de coisa que aquela cabra iria perceber num instante.

– Bem, aqui estou.

Ela ergueu os olhos para ele e sorriu.

– É capaz de me ter salvado a vida – brincou ele, esforçando-se por não parecer demasiado empolgado pelo facto de ela ali estar, na casa dele.

– Na verdade, nem vai acreditar, mas a Audrey e eu ajudamo-nos sempre uma à outra. Foi ela que me substituiu quando a Alison morreu. Fez o meu

serviço durante duas semanas, por isso tenho tentado retribuir-lhe a ajuda. – Olhou em volta. – Então, que tal a comida?

– Olá. – Beth voltara para o pé dele. – Vejo que já se conhecem? – Sorriu abertamente a Lily. – Claro que já se conhecem. Festas no hospital, presumo? – Estava completamente à vontade.

– Sim, e... através da minha irmã – explicou Lily. – Ela era uma das... doentes do doutor. – Sorriu a Beth e William esperou que ela não falasse de mais.

– Oh, lamento ouvir isso. Espero que não fosse nada grave. – Beth não esperou pela resposta, o que nela era invulgar. – A propósito, a comida está divina, tenho mesmo de ficar com o seu número.

– Nada fiz, sinceramente. Dou-lhe o meu cartão, claro, mas não me quero intrometer no território da Audrey...

– Que disparate, nada disso. Chegou exatamente na altura certa. E trouxe comida, pelo que vi.

– Só algumas coisinhas que tenho sempre no armário. Nem sequer precisámos disso, a Audrey tinha tudo organizado.

– Tenho de fazer contas consigo. – William decidiu por fim tomar o controlo da situação. – Talvez me queira deixar o seu cartão?

– Sim, com certeza. Mas não se preocupe com dinheiro esta noite, mandolhe a conta depois.

– Nem quero ouvir tal coisa. Salvou-nos a vida – disse Beth.

Lily tentou não objetar novamente, notou William, mas a mulher estava muito empenhada naquilo.

– O mínimo que podemos fazer é pagar-lhe de imediato – insistiu.

– Então, posso oferecer-lhe uma taça de champanhe para lhe agradecer? – William tentava afastá-la.

– Não, vou conduzir e nunca bebo quando trabalho, mas obrigada na mesma. Parece uma bela festa. A casa está linda!

– Obrigada, Lily, é muito simpático da sua parte dizer isso. – Beth ficou encantada. Virou-se para o marido. – William, porque não vou tratar da Lily? Tenho o meu livro de cheques no escritório. Está ali o Andrew Haslam, querido, já me perguntou duas vezes por ti e acho que está quase a ir-se embora. Vá, Lily, venha comigo e não me deixe esquecer o seu cartão. – Beth virou costas.

– Boa noite. – Lily sorriu-lhe.

– Boa noite e mais uma vez muito obrigado. – Não era o que William gostaria de lhe dizer. Bolas, maldita Beth, normalmente nunca se importava com aquele género de coisas. Podia ter convencido Lily a beber uma taça e continuar a falar com ela até descobrir um pouco mais sobre o que se passava na vida da rapariga. Contudo, a última coisa que queria era que a mulher ficasse desconfiada, por isso cedeu graciosamente, mas não conseguiu afastar a vaga sensação de desconforto com que ficou. Tê-la ali, inesperadamente – e depois de ter andado a pensar tanto nela – fê-lo desejá-la ainda mais.

Observou a porta até a mulher reaparecer e ficou desapontado ao ver que voltava sozinha.

– Que rapariga tão simpática e com uma capacidade de organização impressionante. Sabias que ela faz *catering* para o Taioseach?

– Querida, só a vi duas vezes, creio. Calhou ter o número dela à mão quando falaste no nosso dilema, é tudo. – A última coisa que William desejava era que a mulher se tornasse amiguinha da que em breve seria sua amante. – Agora, vamos lá dançar. – Não lhe apetecia, mas também não estava com vontade de falar. O que William realmente queria era correr para a porta e ver se Lily ainda andaria por ali.

Pela primeira vez em anos não se entusiasmou como era habitual com conversas sobre carros e destinos de férias, e tentar descobrir qual seria a última grande novidade interessante, de modo a poder avaliar se valeria a pena obtê-la antes de toda a gente que conhecia. Para grande enfado seu, deu por si a comparar todas as mulheres ali presentes com Lily, que estava tão chique, tão sóbria e sensual com aquele penteado amoro-roso.

Eram duas da manhã quando os últimos convidados saíram. Beth estava tocada e ele também tinha bebido bem.

– Deixa tudo como está, é para isso que pagamos – disse ele em tom de comando quando a mulher se preparava para ir falar com o pessoal.

– Ai, és tão mandão. Gosto disso – retorquiu ela a brincar. – Por falar em pagar, acertaste tudo com eles?

– Acertei com o Christy. – Indicou o chefe do bar que tinham há anos. – Anda, vamos para a cama. O Christy tomará conta disto e fechará as portas. Tem as minhas chaves. Deixa-as cá de manhã e trato de tudo com ele então. Dei-lhe um cheque em branco no outro dia para cobrir todas as despesas.



– Ótimo, aprovo. – Deu-lhe o braço. – Estás lindo esta noite, William. Toda a gente comentou isso.

Ele ficou aliviado por a mulher estar tão descontraída. Receara que ela tivesse adivinhado qualquer coisa quando dera por ele a conversar com Lily. Beth era normalmente muito arguta.

– A sério? Quem por exemplo?

– Sim, a sério. – Esticou-se e beijou-o levemente. – O Tom Arnold disse-me que parecias mais novo e o Scott perguntou-me quanto tempo passas no ginásio.

William gostava que o invejassem. Começava a sentir a tensão largá-lo dos ombros e do pescoço.

– Pensando bem, vamos lá tomar mais uma para a despedida. Podemos levar os copos lá para cima.

– Meu selvagem. – Beth riu-se enquanto se dirigiam ao bar. Christy chegou lá antes deles e tinha as bebidas quase servidas quando chegaram.

– Obrigada, Christy, é muito amável, mas só vou tomar meia taça. – Ela sorriu ao homem levemente rotundo do outro lado do balcão. – Já tenho bolhinhas a saírem-me pelas ore-lhas – riu-se, algo tonta. – Ah, e queria um copo de água também, por favor...

– Com certeza. Gelo e limão?

– Não é preciso – respondeu Beth. – É para quando acordar de manhã. Acho que irei precisar disso.

– Obrigado.

William aceitou o copo com uísque e deu um grande gole.

– De nada, é um prazer. – Christy era muito profissional.

– Boa noite – despediu-se Beth sem se dirigir a ninguém em particular e os restantes empregados responderam-lhe. Toda a gente gostava de Beth.

\* \* \*

– Oh, e a Triona disse-me que era melhor eu cuidar de mim ou teria dificuldade em manter-te comigo. – Beth ria, tontinha, novamente enquanto se despia no quarto de vestir. – A Anne Mason era só ouvidos.

William gostava de Anne, uma das amigas mais antigas. Costumava jogar golfe com Trevor, o marido.

– Bem, aquele fato novo que comprei em Paris fez maravilhas. – William estava habituado a que reparassem nele, mas nunca se importava de ouvir elogios.

– Ou talvez tenha sido o cabelo? – Beth fez uma careta.

O cabeleireiro de William sugerira recentemente que ele pensasse em pintá-lo. Cometera o erro de perguntar a opinião de Beth e ela não parava de o aborrecer com isso desde então.

– Não, repito, *não* pinte o cabelo.

William riu-se, contrafeito.

– Mas estás a pensar fazê-lo. Bem te vejo a passar as mãos pelo cabelo todas as manhãs quando fazes a barba. – Beth achava a ideia hilariante. – Sei que andas à procura de cabelos brancos.

– Tem tento, mulher, ou vais pagá-las. – William aproximou-se e bateu-lhe no rabo com o cabide do fato.

– Não te atreverias. – Ela voltou-se para o olhar e ele viu que usava um *body* branco e rendado com sutiã almofadado. Tinha pequenos botões de pérola e ele puxou-a para ele beijando-a com força na boca. Quando a soltou, ela tinha o cabelo despenteado e os lábios vermelhos. Ele gostou do súbito fulgor que o invadiu, da sensação de poder que se apoderou dele.

– Então olha só para mim.

Agarrou-a por um braço e levou-a para a cama no outro quarto. Sentou-se primeiro e puxou-a para o meio das pernas. Sem olhar para ela, rasgou-lhe o *body* rendado expondo-lhe os seios. Ouviu um ligeiro arquejo, por isso baixou-se e beijou-lhe os mamilos. Estavam rijos como pedra.

O sexo foi cru e revelou-se uma nova experiência para Beth. Desconfiou que ela tinha gostado, pois nunca fora assim tão cru com ela. Quanto a ele, só pensava em Triona a desejá-lo ardentemente e no modo como Alison sempre o fazia sentir tão poderoso ao ser submissa, mas, sobretudo, gostou porque se imaginou a fazer amor com Lily e que ela o provocava por fazê-la ir à festa, só para poderem dar uma escapadela e fazerem sexo na cama dele.

– A propósito, debes-me trezentos e cinquenta euros. – Beth estava com um grande sorriso quando olhou para ela depois de se ter servido de um café bastante forte na manhã seguinte.

– Porquê? O pai roubou-os? – perguntou Harry, devorando apressadamente os cereais.

– Digamos que estragou uma coisa que me pertencia. – Beth deu um beijo ao filho na cabeça e fez uma festinha no cabelo da filha ao passar por ela. – Mas não o fez por querer, pois não, querido? – Estendia-lhe a chávena.

– Claro que não.

Ele piscou-lhe o olho. Sentia-se em grande forma, à parte uma ligeira dor de cabeça incomodativa.

– O Christy veio cá? – perguntou Beth.

– Sim, está tudo acertado. Beberam imenso champanhe, a julgar pela conta. – Olhou para o jornal em cima da mesa.

– Papá, dizes isso todos os anos – disse Winnie.

– Bem, este ano é mesmo verdade. Por isso, nada de prendas de Natal para ninguém.

– Nem sequer para a tua querida mulher? – perguntou Beth por cima dos gritos de protesto. – Que tal um fim de semana fora? Não disseste que tinhas de ir a Paris dentro de umas semanas? – Aproximou-se dele. – Poderíamos arruinar muito mais *lingerie* minha – segredou-lhe.

William ia responder quando lhe ocorreu um pensamento, por isso a mulher teve de se contentar com uma palmadinha no rabo. Refletiu sobre isso enquanto terminava o café.

– Bem, vou tomar um duche. Depois, quem quer ir dar um passeio e um almocinho descansado?

– Eu!

– Eu não.

– Desculpem, não vos disse? Não têm escolha.

Sorriu aos filhos e dirigiu-se para as escadas. Enquanto circulava pelo quarto de vestir tomou uma decisão. Ia convidar Lily a ir a Paris com ele. Ela poderia ficar num hotel diferente e ele escolheria um bom. Talvez até o George V. Oferecer-lhe-ia a viagem como forma de a animar, depois de tudo por que passara. Dava-lhe uma desculpa para lhe ligar mais tarde, embora já o quisesse fazer, de qualquer modo, para lhe agradecer a ajuda da noite anterior. Gostava da ideia de ser visto com ela. Até lhe compraria alguma roupa – saias curtas e botas altas. Resolveu deixar-lhe uma mensagem de voz nesse dia, mais tarde, depois de pesquisar alguns hotéis na internet.

William estava tão satisfeito com a ideia que decidiu não tomar duche e ir rapidamente ao ginásio. Tinha de estar em boa forma para a viagem.

*Dave e Marie*

DAVE ANDAVA SEXUALMENTE FRUSTRADO e masturbar-se não o ajudava em nada. Até tentou fazê-lo a ver um filme pornográfico que deixaria a mulher horrorizada – tanto quanto sabia, ela nunca olhara sequer para as revistas que ele guardava em segredo debaixo do colchão do lado dele – e embora lhe tivesse proporcionado algum alívio, não fora minimamente satisfatório.

– O que se passa? – perguntou Marie por cima do ombro, sentada a ver a série *Coronation Street* enquanto ele fazia imenso barulho a carregar a máquina da louça.

– Nada.

Bateu com alguns tachos e reparou que a mulher estava com ar aborrecido. Sabia que era a meia hora preferida dela, quando dava aquela série. Quando não dava, estalava a língua, em desaprovação, e não conseguia arranjar uma posição confortável. Que Marie lhe tivesse dirigido a palavra enquanto assistia à série demonstrava que reparara realmente que ele não estava bem.

– Desculpa, amor, estou só um pouco chateado, é tudo. – Deu-lhe uma palmadinha no joelho. – Queres que te faça um chazinho?

– Olha, sabes, acho que se calhar bebia um *Bacardi* com *Coca-Cola*.

– Quem pensas tu que és, a Deirdre Barlow? – Apontou para o ecrã. – É melhor aumentares o tamanho dos óculos, então.

Ela desatou a rir.

– Vá lá, faz-me um miminho. – Ele abanou a cabeça e foi para a cozinha. – E faz-me companhia! Vive perigosamente!

Dave não estava com vontade de beber, mas depois pensou: que se lixe! Era tão raro beberem em casa. Levou-lhe a bebida e uma cerveja para ele e afundou-se no sofá ao lado de Marie. Ficaram a ver televisão em silêncio. Quando a série acabou, foi passando os canais, mas só encontrou um programa de *bricolage yuppie* no Channel 4. A mulher mudou quase imediatamente para *The Bill*. Para Dave, bastava.

– Olha, amor, acho que vou até ao *pub* beber uma cerveja. Importas-te? – Indicou-lhe a garrafa. – É que esta não sabe ao mesmo.

– Claro, vai lá. De qualquer maneira, não tarda nada vou para a cama. – Esticou-se e beijou-o na face. – Até amanhã, então.

– Sim, esplêndido.

Suspirou, mas ela não pareceu reparar nisso. Dave desejou que ela se tivesse pelo menos oferecido para ir com ele. Porém, já sabia que Marie pensava que perdera um bocado crucial de *The Bill* enquanto ele estivera a passar os canais. Marie detestava que a distraíssem sequer um segundo durante os primeiros dez minutos do episódio. Segundo ela, assim já não conseguia apanhar o enredo.

O *pub* estava à cunha e Dave juntou-se a umas pessoas a jogar dardos, o que significava que ia bebendo cervejas mais rapidamente do que o habitual, visto jogar com alguns bebedores a sério. Mais tarde foi para o balcão conversar com os amigos. No canto oposto havia um grupo de mulheres a rir às gargalhadas. Dave observava-as e sabia que se tivesse menos dez anos teria imenso êxito com elas.

– Ora viva! – Era a mulher de cabelo escuro em que reparara antes, com um falso bronzeado e coberta de bijuteria.

– Tudo bem consigo? – Bebeu a bebida de uma assentada e decidiu que era melhor ir andando. Não devia conduzir naquele estado.

– Ótima, sim. Não quer vir para o pé de nós?

– Esta noite não, talvez noutra altura. Tenho de ir.

Pegou nas chaves e dirigiu-se para a porta.

Num instante, a mulher seguiu atrás dele.

– Não se importa de me dar boleia, então? – Apontou para as amigas. – Elas estão todas bêbedas e eu tenho de me levantar cedo para ir trabalhar.

Dave estava para dar uma desculpa.

– Eu moro mesmo aqui ao virar da esquina, mas você bem sabe, não se podem correr riscos hoje em dia. – Ela apontou para as sandálias verde-lima que trazia. – De qualquer modo, tenho os pés numa lástima.

– Está bem, venha daí.

Que diabo, pensou Dave, pelo menos ficaria de consciência tranquila. Gostaria que alguém desse uma boleia a uma das suas filhas se ela estivesse um pouco embriagada. Contudo, se alguma vez entrassem num carro com um

desconhecido, matá-las-ia. Havia muita gente estranha por ali, e jovens embriagadas com tudo à mostra como aquela eram presa fácil. Graças a Deus que as suas duas filhas tinham mais juízo.

– Já o vi cá antes, não vi? – perguntou ela assim que se instalou no carro e lhe deu a morada.

– Sim, é possível. A Marie... a minha, hum, mulher – disse ele deliberadamente –, vimos cá com regularidade.

– Só reparei em si porque é... muito atraente.

Ela continuou a mascar pastilha elástica e olhou-o de alto a baixo.

Dave sorriu-lhe com ar atrevido.

– Porque está uma jovem como você a namoriscar um velhote como eu? – perguntou, com ar paternal. – Aposto que metade dos tipos que ali estavam adoraria tê-la acompanhado a casa.

Ela encolheu os ombros.

– São miúdos, na maior parte. Gosto de homens mais sofisticados. E com experiência.

Dave atirou a cabeça para trás e desatou a rir. Pelo menos ela não dissera maduros.

Levou-a até onde ela pedira, diante de um terreno baldio com algumas árvores.

– É aqui?

– Aqui está bem, vivo além. Apontou para uma casa camarária ali perto que, mesmo na escuridão, Dave via que estava rodeada de lixo.

– Muito bem, então. É melhor eu ir andando. – Ele sorriu-lhe – Até qualquer dia.

Marie haveria de rir-se quando ele lhe contasse aquilo.

A rapariga estendeu a mão para o puxador da porta e depois virou-se para ele e deu-lhe um beijo sem dizer palavra. Antes de Dave se aperceber do que fazia, deu por si a retribuir-lhe o beijo. Num ápice, puxou-o para o banco dela e escarranchou-se nele. Empurrou os seios para a cara dele e enterrou-lhe a cabeça na sua pele macia. Dave pensou que era apenas resultado dos efeitos do álcool, mas era suficientemente vaidoso para se sentir lisonjeado, por isso, agarrou-lhe o rabo com as duas mãos e começou a afagar-lhe as coxas. Ela ergueu-se, depois desapertou com destreza o sutiã e ofereceu-se-lhe. Ele ficou completamente excitado e enquanto passava as mãos pelas pernas dela, a rapariga desapertou-lhe a braguilha. Com as mãos

dela a guiá-lo, rapidamente descobriu que ela não usava cuecas e, num ápice, penetrou-a enquanto a rapariga se balançava para trás e para a frente. Tudo acabou em menos de um minuto.

Ela beijou-o mais uma vez, sorriu, entre tímida e coquete, e saiu do carro. Ele recostou-se no banco e fechou os olhos, a saborear a sensação de libertação e sem conseguir acreditar na sua sorte, quando se apercebeu de que estava para ali sentado com tudo à mostra. Depois de apertar rapidamente a roupa, olhou para cima e viu-a a fazer adeus por cima do ombro enquanto caminhava.

Ligou o carro e saiu dali de imediato, mas, mal chegou a casa, deixou-se ficar sentado no carro imenso tempo. A euforia inicial acalmara. «Seu estúpido!» Bateu no volante. «Que raio estavas tu a pensar?» Mas só de se lembrar do que acontecera ficou com uma ereção de novo e teve de admitir que fora umas das coisas mais excitantes que lhe acontecera nos últimos tempos.

Uma vez em casa, serviu-se de um grande uísque e esteve uma hora a passar de canal para canal tranquilamente. Acabou por se acalmar, e pensou que fora uma recompensa muito agradável por a ter levado a casa. Garantiu a si próprio que não precisaria de se sentir culpado. Contudo, resolveu não ir sequer perto do *pub* pelo menos durante uma semana – promessa que sabia que nunca cumpriria – e passou uma noite descansada a sonhar que era preso por ter sexo com uma menor.

Na manhã seguinte, voltou a pensar no sucedido enquanto tomava duche com uma portentosa ressaca. Aquilo nem sequer era o género dele, justificou-se. Ela era uma lambisgoia qualquer, nada o seu tipo, mesmo para uma rapidinha. Dave gostava de pensar que tinha mais classe do que isso. *Então, quando foi a última vez que uma tipa de dezanove anos – calculava ele – fez sexo contigo no banco da frente do teu carro?*, interrogou-se. *Cresce e aparece, homem, censurou-se, homens com metade da tua idade fariam fila para terem isso.*

Cerca do meio-dia recebeu uma mensagem a agradecer a boleia até casa. De início não conseguia imaginar onde teria ela arranjado o seu número. Uma visita como quem não quer a coisa ao *pub*, para tomar café, e algumas perguntas resolveram o assunto. Damien, o empregado do bar, confirmou-lhe que a rapariga andara a perguntar por ele.

– Pois, disse que queria que lhe fizesses uma coisa – explicou Damien a Dave. – Eu diria que tu eras capaz de a fazer!

– Vai-te lixar, tenho idade para ser pai dela. Que idade achas tu que ela terá, dezoito, dezanove anos?

– Diria que é um pouco mais velha. – Damien estava a perder o interesse. – Céus, ela parecia um bocado rasca, mesmo para ti. – Piscou-lhe o olho.

Dave ficou aliviado. A questão da idade aborrecera-o um pouco; nos dias que corriam, nunca se sabia. No fundo, parecia que se safara. Engoliu o café.

– Ouve, faz-me um favor. Não lhe dêes mais informações.

O empregado ergueu o sobrolho.

– É que, hum, fiz um trabalhinho para uma amiga dela que me ficou a dever dinheiro. O irmão dela ameaçou-me quando lá fui. Percebes o que estou a dizer?

– Perfeitamente. – Damien voltou-se para as páginas das corridas.

Nessa noite Dave recebeu outra mensagem. Desta vez ela perguntava-lhe se gostaria de ir tomar uma cerveja com ela. Assinava «Kylie» com *bjs* depois do nome.

Não, obrigado. Apagou a mensagem. *Caramba*, pensou, *aposto que tem uma amiga chamada Britney*. Ia desligar o telemóvel quando recebeu outra mensagem, desta vez de Lily: «Está livre para um copo esta noite no Hotel Clearview? Pelas oito?»

Dave mal podia acreditar na sua sorte. Estivera convencido de que ela o andava a evitar. Levantou-se – como quem não queria a coisa, pensou, até perceber que atirara o bolo de Marie de cima do braço do sofá para o colo dela.

– Desculpa, amor – disse, beijando-a na cabeça. – Era um canalizador por causa de um trabalho. Não te importas que saia por uma hora?

– Como se a minha autorização importasse – respondeu a mulher, rindo. Dave foi de imediato para o chuveiro.

Às dez para as oito em ponto estava ele sentado – com ar perfeitamente indiferente, esperava – num banco do bar num lugar com boa vista para a porta. Pensara em tudo. Na melhor das hipóteses, ela convidá-lo-ia para subir a um quarto que já alugara – apesar de ele ir insistir que seria ele a pagar; no pior dos casos, ela dir-lhe-ia que estava tudo acabado.

Assim que a viu pensou que não se trataria do último caso. Estava absolutamente espantosa com calças de ganga pretas justas e botas altas.



Usava um *top* a condizer e um casaco de lã com botões. Dave tinha a certeza de que ela não se teria dado a tanto trabalho a não ser que gostasse dele. Quando Lily lhe acenou, dirigindo-se a ele com o lindo cabelo louro e brilhante e aquele rosto tão fresco, Dave quis penetrá-la com tanta intensidade que se mexeu várias vezes no assento tentando aparentar um ar normal.

– Olá.

Conseguiu esperar até ela chegar quase ao lado dele antes de saltar do banco para a beijar em ambas as faces.

– Como está, Dave? Tem um ótimo aspeto – cumprimentou-o ela e ele sentiu-se imediatamente com o ego maior.

– Estou esplêndido. – Sorriu e indicou-lhe uma mesa tranquila. – O que vai desejar tomar? Champanhe, talvez?

– Um copo de vinho branco seria ótimo.

Dave olhou em volta e fez sinal ao empregado estalando os dedos. Notou que havia várias pessoas a olhar na direção deles.

– Que vinhos brancos serve ao copo? – perguntou e depois não entendeu o que lhe respondia o empregado polaco.

– *Chablis?* – perguntou, esperançoso, e o empregado fez um gesto de assentimento e desapareceu. – Então, diga-me lá, como está? – inquiriu enquanto se voltava a sentar para olhar melhor para ela.

– Bem, obrigada. Vim à cidade para uma reunião com o meu advogado e achei que este seria um lugar simpático para nos encontrarmos. – Ela agradeceu ao empregado e bebeu um pouco do vinho.

– Ótimo, pois. Na verdade, venho aqui imensas vezes.

– Vem? É muito luxuoso, não é? Ficaram com as chaves do meu carro à entrada e ofereceram-se para mo trazer quando saísse. É muito americano, não é?

– Bem, eles, hum, conhecem-me mais ou menos. – Dave encolheu os ombros. Mencionei que me ia encontrar consigo, portanto deve ter qualquer coisa que ver com isso.

– Entendo. Bem, estou impressionada.

Conversaram durante um bocado e as esperanças de Dave caíram por terra quando viu que ela afinal só pretendia falar sobre um trabalho que iria fazer no salão. Contudo, concluiu com os seus botões, ao voltar para o seu bar habitual uma hora e meia depois, era melhor do que nada. Oferecera-se para

lhe dar um orçamento e, quem sabe, talvez se trabalhasse perto dela fizesse com que as coisas avançassem entre eles. Já decidira que queria mais do que uma noite louca de vez em quando com Lily. Enquanto esperava pela cerveja, imaginou-se a dizer a Marie que teria de se separar, que nenhum deles tencionara que aquilo acontecesse mas que se tinham apaixonado. Dave e Lily, soava tão bem.

– Como está? – Kylie interrompeu-lhe os sonhos.

– Oh, olá – respondeu, enquanto passava para o banco mais perto.

– Recebeu as minhas mensagens?

– Oh, sim, andei ocupado o dia inteiro. Acabo de chegar de uma reunião no Hotel Clearview.

– Hum, que fino. – Ela olhou-o. – Está com ótimo ar. Cheira bem também – disse-lhe ela. – Quer oferecer-me um copo?

– Na verdade, só estou a beber um... mas, sim, claro.

– Eu também. Uma vodca dupla com *Coca-Cola*, Damien. Estou sedenta. – Piscou um olho ao empregado, que fez OK com o polegar.

Céus, pensou Dave, Damien tinha razão. Ela era rasca. Contudo, não a queria ofender, por isso esteve na conversa fiada com ela imenso tempo e foi ouvindo as insinuações da rapariga e respondendo como pôde, pensando o tempo todo em Lily e em como ela se roçara nele ao prepararem-se para sair.

– É melhor ir-me embora – disse a Kylie enquanto acabava o copo vinte minutos depois. – Até um dia destes, sim?

– Quer dar-me boleia até casa como na noite passada? – Ela desabotoara o casaco revelando parcialmente os enormes seios, escondidos por um *top* vermelho e brilhante com um debruado em renda preta que parecia demasiado apertado.

*Porque não?*, pensou Dave, resolvendo que daquela vez iriam para um lugar mais tranquilo que ele conhecia. Gostaria de a ver de gatas no banco de trás. Daquela vez far-lhe-ia ver quem mandava, tudo a brincar, claro. Dave não era homem para ser bruto com as mulheres.

– Boa noite, Dave!

O empregado sorria com os dentes todos quando Dave pegou nas chaves. *Que diabo, é bem diferente de subir as escadas do hotel com a Lily como imaginei, mas porra, tenho o coiso a latejar.*

Kylie pôs-lhe a mão sobre o pénis mal ele fechou a porta do carro.

– Para onde vamos, rapagão?

A rapariga sorriu ao sentir-lhe o pénis.

– Espera e verás.

Dave deu a volta à casa dela até uma área com árvores e estacionou em frente a um muro. Estava negro como breu.

– Agora, minha atrevida, deste-me tesão e vou fazer-te pagar. – Levantou-se, abriu a porta dela e puxou-a, depois abriu a porta de trás e fê-la entrar. – Deita-te, minha gata com cio – ordenou, levantando-lhe a saia de *lycra* preta até à cintura.

– Sim, chefe! – A rapariga riu e virou-se para lhe mostrar os seios, completamente desnudos abaixo do *top*, que tinha subido.

Dave pôs-se em cima dela, despindo-lhe as cuecas. Subitamente, sentiu uma dor aguda no peito. Inclinou-se para trás e tentou respirar.

– Dá-mo todo, rapagão – foi a última coisa que ouviu.

PARA ALGUÉM QUE LEVARA A MAIOR PARTE DA IDADE ADULTA a passo de caranguejo, evitando tomar decisões e feliz em ser guiada, fora um começo radical. Nunca percebera que pudesse sentir-me tão bem no comando das situações. Perguntei-me quantos dias – semanas até – desperdiçara sentada a ver televisão, esperando que Alison me dissesse o que faríamos a seguir. Desde que Charlie nascera e Sally se fora embora, desistira de ir a festas como costumava. A minha vida tornara-se uma longa sucessão de *reality shows* e *Maltesers*. Passava todo o meu tempo a ver televisão e a comer. Agora, andava numa roda-vida. Em poucas semanas, o café tomava forma. Ocupara-me com todo o processo de negociação também, o que me ajudara imenso.

Era um espaço lindo, pensava, enquanto os empregados de limpeza se atarefavam à minha volta, cheio de luz natural e com muito mais espaço do que imaginara inicialmente. Maureen Stanley fizera um ótimo trabalho arquitetónico. Havia muita madeira, polida até parecer chocolate, e uma maravilhosa bancada num granito que se assemelhava a biscoitos partidos. As cadeiras eram tão confortáveis que só apetecia sentar e descontraír e, em vez de flores, havia pequenos vasos com plantas e nas janelas floreiras cheias de tomate e malaguetas, todos a crescer, viçosos – De momento, pelo menos – virados para sul.

Porém, era com a comida que mais me entusiasmava. Orla, Sally e eu passáramos horas ao telefone nas últimas semanas, enviando receitas por correio eletrónico ou artigos de revistas por fax. Andava farta das últimas tendências culinárias, a maior parte das quais estava determinada a ignorar. Orla passara por lá duas vezes: visitas-relâmpago, a ver bem, mas que me tinham ajudado imenso, e fora ideia dela as «cores da cozinha caseira», tons de caramelo e cremes com laivos de framboesa nos vasos de ervas. Ela e

Maureen pegaram-se em discussões várias vezes, e Sally estava sempre a lamentar-se por não poder assistir a tudo.

Nenhuma droga que eu tivesse experimentado me dera aquele tipo de euforia. A euforia do champanhe nem sequer se aproximava, pensei, enquanto estava no meio do café no dia da inauguração – apenas com quatro horas de sono – deleitando-me com tudo o que construía, pedra a pedra. Chamei-lhe Cozi-nha de Confiança, uma brincadeira com o título de um livro de que gostara muito. Richard zombara da minha ingenuidade, mas ri-me do seu tom sarcástico. A tia Milly sugerira Charlie Maroto, por causa do menino que me fazia tanger as cordas do coração de cada vez que ouvia a vozinha dele ao telefone, especialmente com aquele sotaque amoroso de Cork que depressa adquirira. Sally enviou-me um *e-mail* de Sydney a sugerir Comida Séria, que eu descartei imediatamente refutando que ela devia estar ou ébria ou pedrada ou ambas as coisas para ter pensado em tal nome. A gente da zona já lhe chamava A Cozinha.

– Este café tem que ver com a confiança que temos na comida que servimos, em vez de sermos orientados pelas tendências da moda – respondia quando alguém me perguntava, e o jornal *Wicklow People* até o noticiou, pedindo-me uma entrevista. Quase tive um ataque de coração quando me ligaram, mas só depois de me ter convencido de que não era ninguém que conhecesse a fingir ser jornalista. Sally achou tudo muito divertido.

– Bom dia, *chef*.

Voltei-me e vi Orla à entrada da porta.

– Oh, meu Deus, conseguiste! – Ainda não acreditava que ela estava ali.

– Claro que sim. Não falámos ontem ao telefone da casa da minha mãe?

– Oh, sabes o que quero dizer.

Atravessei a sala num ápice.

Ofereceu-me um grande ramo de flores.

– Lírios para a Lily! – Era o que ela costumava dizer, mesmo na ocasião mais trivial, e eu gostava imenso que ela fizesse isso.

– Parva! – Abracei-a e senti o cheiro a levedura que emanava dela. – Fico tão feliz por estares aqui! – exclamei, sorrindo de orelha a orelha. – Acreditas nisto? Estou tão entusiasmada que receio ficar doidinha de todo. – Dei-lhe um beliscão e ela soltou um gritinho. – Estás mesmo aqui, de volta, quero dizer? De vez?

– Pelo tempo que quiseres, chefe. – Olhou em volta. – Meu Deus, isto está fantástico. Apesar de só terem passado algumas semanas desde que aqui estive a última vez, mudou tanto! – Executou uns passinhos de dança. – Digo-te já, a Sally anda a poupar dinheiro como doida. Não gosta nada que estejamos as duas nisto sem ela. Malvada ciumenta – disse, com malícia.

– Quis enviar-lhe um *e-mail* antes, só para lhe dizer as saudades que sentimos dela. – Sorri. – Mas falámos rapidamente algumas vezes ontem. De qualquer modo, telefonei-lhe logo à noite a contar as bisbilhotices todas.

– Ela vai gostar imenso, morre por saber como está tudo a correr. Anda, mostra-me lá isto, depressa. – Orla estava entusiasmadíssima.

– Vamos tomar um café. – Fui para a máquina. – Quero que o proves, pois não sou especialista. Depois faço contigo a *grand tour*, para veres todos os acabamentos. Levo quinze segundos, vinte se precisares de fazer chichi.

– Ouve, linda, já estou impressionada. Mesmo de fora tem um ar diferente de tudo o que conheço aqui na rua. E acrescentaste imensos toques pessoais desde a última vez, pelo que vejo. – Olhou em redor da sala. – Gosto dos cartazes.

– Obrigada. A Maureen encontrou um artista da zona na semana passada e ele fez-mos. Queria-os incorporados nos azulejos.

– «Todas as nossas aves são do campo e da zona» – leu. – Soa bem. «Diga-nos se tem alguma alergia a comida e prepararemos a sua refeição numa área separada da cozinha» – continuou enquanto eu lhe dava o café. – Isso poderá dar imensos problemas

– Eu sei, mas podemos fazer isso. Já te mostro num instante. Além do mais, é importante. Fiz a minha pesquisa. Pelos vistos raramente acontece, mas dá confiança às pessoas, especialmente a quem tem filhos com alergia a nozes, esse género de coisas.

– Gosto deste aqui. – Sorria ao ler um que dizia: «Esta semana o principal fornecedor de fruta e legumes é...» Era um azulejo que parecia a moldura de um quadro. No interior estava uma fotografia com um grupo de freiras a carregar cenouras e grandes abóboras. – Alguém tem de dizer aos habitantes de Wicklow que não deviam mostrar ao público em geral os seus fetiches de travesti – disse ela, sorrindo.

– As freiras daqui são as melhores agricultoras em redor – respondi. – Espera até veres os produtos delas. Fiquei entusiasmadíssima no dia em que as descobri.

– Isso é seriamente anal – gracejou Orla. – Então, mostra-me lá o resto das alterações e depois põe-me a trabalhar.

– Tenho de te levar até ao teu novo apartamento depois de acabarmos aqui – lembrei-lhe. – Céus, só de falar em apartamento me lembro de quanto trabalho ainda tenho para fazer até resolver as coisas em Dublin.

– Estás bem? Tens imensa coisa sobre os ombros.

Parecia preocupada.

– Sim, mas a logística está difícil nesta altura: a casa de Dublin, o apartamento aqui por cima da loja, o Charlie em Cork. – Suspirei. – Mas o teu apartamento, menina, é lindíssimo. – Só o descobrira um dia antes, mesmo à justa. – Vais adorar.

Orla deu um grito. Foi um som entrecortado, como aqueles choques elétricos dos desenhos animados. Esquecera-me daquele aborrecido hábito dela. Contudo, naquele dia parecia-me perfeitamente normal, por isso juntei-me a ela e estávamos a dançar à roda quando Violet e a amiga Naomi – uma nova recruta – chegaram.

Depois disso, o dia foi tão exigente quanto uma criança recém-nascida. Orla adaptou-se rapidamente, o que foi ótimo, e pareceu gostar realmente do apartamento num quarteirão simpático de Marlton Street, a quinze minutos a pé do café. À tarde arregaçou mangas e lançou-se ao trabalho de preparar a comida para a festa dessa noite. Eu amassara os pães todos na noite anterior deixando-os prontos para irem ao forno. Fizemos bastantes pratos de marisco vindo de uma zona perto de Kilmore Quay, em Wexford, assim como salsichas caseiras e puré e havia um belo guisado de carne em cerveja *Guinness* no fogão, a cozinhar em lume brando. Para sobremesa, uma senhora do bairro preparara o mais delicioso *crumble* de ruibarbo. Ela seria um dos nossos fornecedores habituais e oferecera-se para aparecer nesse dia com um grande frasco de «autêntica» custarda, transbordante de ovos do campo e «natas de vacas alimentadas a erva». Também fizemos bolo de limão – a minha especialidade – com cobertura agridoce para ser servido quente e coberto de creme de baunilha. Orla estava impressionada com a organização da coisa.

– Quase não precisavas de mim aqui. – Sorriu-me, e dei-lhe uma palmadinha com uma escumadeira.

– Só queria que estivesses descontraída. – Ri-me e continuámos a trabalhar naquele silêncio confortável entre amigas que se conhecem bem. –

De qualquer maneira, como tu e a Sally me estão sempre a dizer, não sou *chef*.

– Só estamos a brincar, *chef*.

– Não, sou uma cozinheira, autodidata. De amanhã em diante, és tu quem manda na cozinha – avisei.

– Então, o que vais vestir esta noite? – perguntou Orla enquanto fazia a massa de *tempura* com água mineral gelada e mastigava alguns legumes que aguardavam pacientemente ser cobertos.

– Comprei um vestido espantoso. É assim... nem sei, como se fosse de todas as cores.

– Tu, de vestido?

– Pois, que giro, não é? Não se pode ser sempre maria-rapaz...

– Estás com um aspeto fantástico, por acaso. Reparei assim que cheguei. – Ela observava-me. – Esperava que estivesse...

– Um farrapo humano?

– Ia dizer de luto... eu sei... – Ergueu a mão e eu ia responder –, ainda estás de luto, mas, bem, mudaste nestas últimas semanas. Da última vez que aqui vim, não sei, tinhas um ar fantasmagórico, mas agora desabrochaste e estou encantada. Sei que tem sido muito difícil.

– Pois. – Senti-me assaltada pelas recordações. – Mas ter o Charlie ajudou-me a seguir em frente. Qualquer dia vem viver para cá, assim que eu encontrar casa. Mal posso esperar. E ter isto – olhei em volta, encantada – foi a minha salvação, no fundo. – Sorri à minha velha amiga. – Todo este trabalho duro aqui significou que não tive tempo para pensar em tristezas. Agora, bem, é um sonho tornado realidade. – Ao dizer aquilo senti uma onda de culpa por me lembrar que fora necessário que a minha irmã morresse para poder realizar esse sonho.

– Tenho pena de não poder ter estado ao pé de ti na altura. – Orla mordeu o lábio inferior. – Mas com a minha mãe doente e com o emprego e tudo...

– Eu sei. – Aproximei-me e abracei-a. – Os teus telefonemas ajudaram, e muito, e vieste quando precisava mesmo de ti. Ter-te cá para o funeral salvou-me a vida. – Encolhi os ombros. – Tive só pouca sorte em ter as minhas duas melhores amigas a viver longe nessa altura. Mas até as curtas visitas que fizeste durante a fase de planeamento, aqui, ajudaram-me imenso.

– A propósito, a Sally diz que devo obrigá-te a falar comigo.

– Sobre o quê? – perguntei, cautelosa



– Não me disse. Mas diz que tu sabes.

– Não lhe liguês, está doida.

– Ela é doida. Mas, mesmo assim, teres perdido a Ali desta forma... – A voz esmoreceu-lhe.

– Isso foi uma das coisas mais difíceis. Não houve tempo para dizer tudo o que se podia ter dito a alguém que amamos nem com futuro para compensar as oportunidades perdidas... – Aquilo saiu-me antes de eu dar por isso.

– Pois... posso imaginar. Lily, não te vou forçar a nada, mas sabes onde estou e...

– Sim, mesmo aqui na minha cozinha. – Não consegui deixar de sorrir.

– Ou na minha nova casa, a alguns minutos daqui, rua abaixo.

Veio ter comigo, fez-me dançar em volta da sala novamente e rimos juntas de tudo aquilo.

Enquanto trabalhávamos, caladas e felizes, pensei sobre o que ela dissera. No fundo, não tinha muito a contar-lhe. As coisas progrediam lentamente. Recebera uma mensagem de William a convidar-me para ir a Paris no fim de semana. Não fazia a mínima ideia da razão. A julgar pela voz dele, achava-se o senhor do universo. Havia uma chamada não atendida dele também. Fiquei pasmada com o descaramento do homem. Um dia ou dois depois de eu ter conhecido a mulher, convidava-me para ir a Paris «saborear as delícias gastronómicas da cidade mais romântica do mundo», segundo a mensagem que me enviara. Pois, está bem.

Dave era um mistério. Depois do nosso encontro no hotel, quando praticamente se atirara para cima de mim, não tivera mais notícias dele. Devia ter vindo ao café ver a reconversão do local, e embora lhe tenha deixado algumas mensagens de voz e enviado um sms, ele nunca respondeu. Se calhar estaria amuado, pensei, o que era pouco caridoso da minha parte. Contudo, era estranho. Ele prodigalizara-me imensas atenções da última vez que o vira.

James mandou-me uma mensagem a dizer simplesmente «contei à Tamsin tudo sobre nós». Isso deixara-me algo inquieta durante algum tempo, mas depois percebi que não havia nenhum «nós». Ele referia-se a ele e a Alison e, no fundo, nada tinha que ver comigo. Fiquei um pouco surpreendida por não ter sabido de mais nada, mas depois andara demasiado atarefada para pensar muito no assunto.

O Richard era a minha única história de sucesso no que dizia respeito a encontros, após termos estado à beira da catástrofe naquela noite no apartamento. Aparecera na manhã seguinte, muito desassossegado e esquivo ao olhar. Fui muito profissional e disse-lhe que apreciava a ténue amizade que acreditava termos – o que era verdade.

Depois atirei-me à mercê dele e pedi-lhe ajuda. Foi tão generoso como o achara no início e, como uma grande parte da minha fantasia de *felizes para sempre* esmorecera mal soube que ele não podia ser o pai do Charlie, aquilo pareceu funcionar. Por isso decidimos – sem termos falado sobre o assunto – tornarmo-nos amigos. Isso implicava principalmente que ele me ajudaria com o café e em pagar-lhe um copo de vez em quando, para poder continuar a fazer-lhe perguntas. Até ali tudo bem.

Mais tarde, nesse dia, tratei do cabelo e Violet ajudou-me com a maquilhagem. Estava tão atrasada nessa altura que enfiei o vestido a correr e fui rapidamente verificar todos os pormenores lá em baixo.

A sala estava mágica à luz pálida de um entardecer de novembro. A escuridão era algo de que eu também fora em busca no campo. Era uma escuridão pura, não havia candeeiros de rua nem faróis de carros a cortar o negrume assim que se saía das ruas principais.

Ajustei as luzes de parede várias vezes e acendi as velas. Estava perfeito: de facto, tudo seria perfeito se a minha irmã ali estivesse a partilhar aquilo comigo. Senti um aperto na garganta ao pensar em como ela ficaria orgulhosa, por isso fui lá fora rapidamente, só com o meu vestido leve e nem senti sequer a mordida do vento frio ao observar o meu reino do lado de fora, do outro lado da rua. Atravessando de novo, fui banhada por uma pálida luz rósea que parecia encher toda a rua ao lusco-fusco daquela particular tarde de meio do inverno.

– Alison?

Ouvi a voz, mas não me virei imediatamente. Em Dublin habituara-me a que as pessoas nos confundissem, mas não ali. Além disso, os pormenores do acidente eram bem conhecidos e senti o coração a latejar ao perceber que havia alguém que continuava a pensar que ela estava viva.

– Ali, és tu?

A voz estava agora mais perto, mais suave, e pensei notar um leve tom australiano.

– Não. – Não fazia ideia do que dizer a seguir. – Na verdade sou...

– Oh, perdoe-me, quase jurava que era a Alison... – O homem fitava-me, algo inseguro. – Então deve ser a Lily? – Sorria ligeiramente e reparei que era alto e tinha um rosto franco e simpático. – Bem, ela não mentia ao dizer que eram muito parecidas. – Soltou uma gargalhada. – É a cara dela!

– Sim, olá. – Sentia-me completamente abalada.

– Sou o Daniel Williams, um amigo da Alison. – Estendeu a mão e algo aconteceu quando me tocou. Senti como que um murro no estômago, para começar. – Caramba, sabia que eram gémeas, mas são iguaizinhas. Não sei se conseguia distinguir-vos. – Perscrutou o meu rosto.

*Para lá de olhar assim para mim*, tive vontade de dizer. Que enervante.

– Suponho que ela não lhe falou de mim? – perguntou, quando era notório que eu não iria dizer mais nada.

– Eh, não, não me disse nada, não. – *Oh, meu Deus, não, outro homem do passado dela*, foi o que pensei a seguir.

– Não faz mal, não esperava que ela o fizesse. Não fique tão preocupada. Ela está por aí, por acaso? – Aguardou, olhando o edifício de alto a baixo.

– Não, eh, eu...

– É que temos um encontro. – Sorriu. Reparei que tinha dentes muito brancos e perfeitos. Vestia despreocupadamente e trazia uma sacola de pele ao ombro. Não era um típico irlandês.

– Um encontro? – Aquilo devia ser uma brincadeira de mau gosto.

– Esta noite, às sete. – Riu-se da expressão do meu rosto.

EU ESTAVA SEM PALAVRAS, o que era pouco habitual em mim, e ele parecia esperar uma resposta, por isso ficámos simplesmente a olhar um para o outro durante imenso tempo.

– O que é isto? – perguntou ele por fim. – Está a olhar para mim com um ar tão estranho que me põe nervoso.

– Eu, hu... desculpe, quer subir um momento?

– Claro, ao apartamento? Ela falou-me disso. – Olhou de novo em volta. – Onde está o salão? Pensei que fazia parte do mesmo edifício. – Parecia confuso. – É que eu costumava conhecer muito bem esta zona. Nasci em Wicklow, a minha mãe vive a alguns quilómetros da estrada costeira.

Felizmente eu tinha as chaves na mão, por isso pude levá-lo escadas acima sem ter de dizer mais nada.

– Por favor, sente-se. Desculpe estar um pouco desarrumado. – Que raio de frase para dizer naquela altura.

– Não faz mal.

Ele observava-me, à espera que lhe dissesse o que se passava. Era um homem grande, forte, sem ser gordo. Era moreno e parecia cheio de energia. Apeteceu-me tocar nele e agarrar um pouco daquela força para mim, porque subitamente toda a adrenalina que sentira desaparecera.

– O salão fechou. – Não sabia bem como começar. – Agora é um café e estamos prestes a fazer a inauguração. – Olhei para o meu telefone. – Em menos de uma hora.

– Compreendo. Bem, é uma grande mudança. – Sorriu-me encorajadoramente e esperou que continuasse.

– Hum, Damien, isto é... – Senti-me à beira de vomitar sobre o meu vestido novo.

– Daniel – corrigiu ele com um sorriso. – Mas já me chamaram coisas piores. – Senti novamente uma reviravolta no estômago.

– Passa-se alguma coisa? Está muito pálida.

– Sim, receio que sim. – Respirei fundo. – Perdoe-me, não há uma maneira fácil de lhe dizer isto, mas a minha... A Alison... morreu há alguns meses. – Vi-o ficar tenso, por isso desviei o olhar, para lhe dar um momento e se recompor.

– Está a brincar? – proferiu, calmamente; eu só consegui abanar a cabeça.

– Como? Onde?

Contei-lhe os pormenores e ele não parava de acenar com a cabeça. Não percebi se ele estaria a compreender tudo.

– Quer beber alguma coisa? Um brande, talvez, ou café? – Levantei-me.

– Não, obrigado. – Tinha ainda um ar confuso.

– Está tudo bem consigo?

Ele fez um gesto de assentimento.

– Sim, estou bem. Perdoe-me. – Parecia estar a recompor-se. – Foi um choque, é tudo. Perdi o meu pai recentemente, e de modo súbito também. Ataque de coração.

– Lamento imenso, deve ser horrível para si. – Após alguns segundos sem nada dizermos, continuei: – Espero que não se importe que lhe pergunte, mas como é que se ia encontrar com ela esta noite aqui?

– Combinámos há um ano – explicou-me. – Ah, foi uma espécie de brincadeira, no fundo.

– Não compreendo.

– Pois, não poderia compreender – retorquiu rapidamente. – Isto deve ser um choque para si também, conhecer-me assim.

– Até que ponto a conhecia?

– Não muito bem, no fundo. Por onde poderei começar? – Coçou a cabeça.

– Conheci-a em Londres, no ano passado. Vivi em Sydney durante alguns anos e ia a caminho de casa, passando praticamente por todas as capitais do mundo. – Riu-se, mas o sorriso pareceu forçado. – Ela estava em Londres num evento qualquer sobre saúde e beleza... em Earl's Court.

– Sim, recorde-me disso.

– Ela, hum... demo-nos bem, passámos algumas noites juntos, falámos imenso. Gostei mesmo dela e penso que ela sentiu o mesmo por mim. Contou-me que estava a passar por muita coisa na vida e que precisaria de resolver tudo, pôr tudo em ordem. – Interrompeu-se, como se estivesse a lembrar-se. – Eu tinha uma relação... em Sydney, quero dizer. Resolvera de

alguma forma durante a viagem que não queria realmente assentar... ou pelo menos que aquela relação não iria levar a lado algum... por isso, sugeri meio a brincar que nos encontrássemos de novo quando tivéssemos resolvido as nossas vidas. Ela pareceu ficar animada com a ideia. – Sorriu. – Vira pelos vistos muitos filmes a preto e branco.

– *O Grande Amor da Minha Vida*. – Mordi o lábio e sorri-lhe. – Era um dos filmes preferidos dela.

Ele assentiu distraidamente.

– Uma fulana com as pernas partidas, creio.

– Paralisada, por acaso – corrigi, e ambos nos rimos, suspeitei que mais para aliviar a tensão.

Gostava do sorriso dele e havia qualquer coisa na maneira como me olhava, como se estivesse mesmo a compreender tudo. Era desconcertante.

– Certo. Por isso, combinámos encontrar-nos exatamente dali a um ano... hoje... em Wicklow, para vermos se tínhamos ambos resolvido as nossas vidas. Por isso aqui estou.

Encolheu os ombros.

– No filme eram seis meses – expliquei-lhe. – Que conversa mais parva para termos depois do choque que sofreu. – Tentei recompor-me. – Tem a certeza de que está bem?

– Sim, estou bem. Não éramos um casal, nem nada disso...no fundo, foi uma espécie de brincadeira. – Pareceu estar a quilómetros por momentos e depois sorriu daquela maneira novamente. – Ela era qualquer coisa, contudo. Bonita, e muito boa pessoa também.

– Sim, era. – Mordi a bochecha por dentro.

– Você é a cara dela.

– Tomo isso como um elogio. – Tentei sorrir e ele pareceu ficar mais descontraído. – Céus, agora é que reparei! – Quase tive um ataque do coração. – O café... lá em baixo. Vamos abrir... é a festa de inauguração... chame-lhe o que quiser, mas é dentro de meia hora! – Levantei-me de um salto. – Tenho imensa pena, mas preciso de...

– Vá, por favor. – Ele levantou-se ao mesmo tempo.

– Fica bem? Pode ficar aqui o tempo que quiser, é só que... oh meu Deus, a Orla mata-me!

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Não, de modo nenhum. – Peguei nas chaves. – A não ser que queira vir?

– Oh, não, obrigado. De qualquer modo, devia...

– Porquê? Não tem nada melhor para fazer agora... – Fiz uma expressão de dor pela minha falta de tato. – Desculpe, não era isto que queria dizer. – Fiquei mortificada. – Mas é que assim podíamos falar mais um pouco, mais tarde.

Ele pareceu chegar a uma decisão.

– Bem, se tem a certeza, seria ótimo. Mas ponha-me a trabalhar está bem?

– Esplêndido. – Nenhum de nós soube o que dizer a seguir.

– Tem a certeza de que está disposto a isso?

De súbito sentia-me responsável por ele.

– Sim.

– Está bem, então, vamos lá, ou esfolam-nos vivos.

\* \* \*

Eu precisava de uma bebida e de um comprimido, de preferência no mesmo copo, pensei mal descemos as escadas. Sabia que nenhuma das coisas seria possível até ter tratado de alguns pormenores.

– Bolas, Lily, onde te meteste? – Orla saltou logo. – Preciso que proves uma coisa ali na cozinha, acho que está salgado.

– Está bem, vamos lá. – Lancei-me à ação.

– Dê-me qualquer coisa para fazer – lembrou-me Daniel.

– É preciso mudar as cadeiras... e varrer aquele canto, oh, e aquelas caixas têm de ir para a sala das traseiras – apontei por cima do ombro, com o coração aos pulos, em pânico. Reparei que Orla o observava.

– Orla, é o Daniel Williams. Ele é... era... um amigo da Alison. – Sorri para ele. – É de Sydney – disse, como se isso explicasse tudo.

– Na verdade, sou de Blainroe, a cerca de quatro quilómetros daqui. – Estendeu a mão.

– Olá. – A Orla parecia tão em pânico quanto eu. – Eu vivia em Sydney. Vai ficar triste por voltar, a propósito – disse enquanto apertavam as mãos.

Dali a uma hora o café estava cheio. A maior parte dos convidados da zona tinha aparecido, o que me agradou, embora soubesse que vinham apenas meter o nariz. Os meus amigos e família eram poucos. À última hora, a tia Milly não pudera vir, o que me fez sentir ainda mais como uma órfã. Queria

tanto ver Charlie e precisava da aprovação de Milly também. Contudo, a tia Rose aparecera, e tentava a todo o custo não se mostrar muito impressionada.

Brian Daly chegou mesmo a tempo com o irmão, Kevin, que era um giraço, segundo Violet, depois de me ter contado que todas as mulheres solteiras de Wicklow tinham perguntado quem ele era e se estaria disponível.

– Parece-me que já o vi – disse-lhe assim que fomos apresentados. – Já nos tínhamos encontrado?

Orla, que por artes mágicas aparecera de parte nenhuma de repente, lançou-me um olhar que dizia «quem te dera».

– Não, não me teria esquecido.

O sorriso dele dizia que sabia que estava a usar o pior cliché do mundo e que não se importava nada com isso. Tinha uns olhos inacreditavelmente azuis, quase violeta, e um cabelo que parecia ter sido polido com verniz preto. Bonito.

– Eu teria. – Tentei um pouco exageradamente ser espirituosa. – Tenho uma memória terrível.

– Bem, acho que não se pode ter tudo – retorquiu ele, o que me fez sentir um pouco desencorajada.

Não percebia se o homem me agradava ou se me apetecia bater-lhe, mas a minha *chef* aprovou claramente.

– Olá, sou a Orla Parker. Trabalho com a Lily, acabei de vir do Reino Unido. – Sorriu. – Antes disso, vivi em Sydney. – Tive vontade de lhe dizer que estava a ser demasiado efusiva.

– Bem, Orla Parker, a sua mãe não a devia deixar sair de casa. – Limpou-lhe uma mancha de farinha do nariz.

– O que é isso? – perguntou ela, horrorizada.

– Nada de verde e viscoso, não se preocupe.

Piscou-me um olho, manifestamente apreciando a atenção.

– Isso é nojento. – Lancei-lhe um olhar zangado. Havia qualquer coisa nele, pensei. Era completamente exagerado, mas de um modo curioso. Percebi que me poderia interessar por ele, e muito, se não tivesse cuidado. O meu pai tê-lo-ia detestado, de certeza.

O irmão parecia algo constrangido.

– Brian, já conhece a Orla? – perguntei, praticamente a aproximá-los. – Deixe-me ir buscar-lhe uma bebida.



– Não, não, não vamos ficar. Só passei por cá para lhe desejar boa sorte. – Retirou uma pequena caixa do bolso. – É da loja dos anjos. – Fez uma careta. – As raparigas lá do escritório acreditam que funciona. É para dar sorte num novo negócio, pelos vistos.

– Bem, mano, estás a ficar muito moderno, pelo que vejo. Não consigo imaginar um advogado numa loja de anjos. Onde fica, a propósito, na Rua do Paraíso?

Não tinha a mínima graça, mas a Orla desatou a rir como uma hiena e ficou a conversar com os irmãos enquanto eu me virava para cumprimentar alguns recém-chegados. Ia pensando que Kevin Daly poderia facilmente trazer-me uma carga de trabalhos.

Richard e Daisy chegaram justamente quando eu acabara de fazer o discurso, pelo que fiquei imensamente grata. Não tencionara dizer nada, não é o meu estilo, mas as pessoas insistiram, eu lá cedi e acabei por balbuciar algumas frases que, pelo sim pelo não, ensaiara. Estar no centro da ribalta não me era fácil. Sentia-me quente e pegajosa, ao passo que Alison deveria ter brilhado. Tive imensas saudades dela nessa noite enquanto escutava os aplausos. Em circunstâncias normais, iríamos para casa discutir todos os pormenores da noite enquanto bebíamos chá e comíamos tostas de queijo ou bolinhos, se eu ainda estivesse com energia para os fazer. Havia muito tempo que não estava tão feliz, mas sentia ainda que faltava um bocadinho de mim, o que faltava, claro. Tinha tanto para lhe dizer, era esse o problema. E teria sempre.

– Muitos parabéns, o café está lindíssimo. – Richard inclinou-se para me beijar. Estávamos ambos embaraçados, por isso o beijo que me deu mal me aflorou a orelha.

– Sim, está muito bem. – Daisy sorriu.

Kevin aproximou-se num instante. Agradava-me a forma como ele ficava tão junto de mim; ajudava-me a preencher o vazio.

– Kevin Daly.

Ele e Richard deram um aperto de mão, mas os olhos dele estavam pousados em Daisy. Momentos depois ela deliciava-se com as atenções.

– Deixem-me ir buscar-vos uma bebida – disse eu, sorrindo, precisando de escapar dali.

– Vou contigo – ofereceu-se Richard, mas foi imediatamente desviado por duas mããs ricas e bem tratadas. Kevin e Daisy não pareceram notar que

nos afastáramos.

– Posso ajudar em alguma coisa? – Daniel Williams apareceu sabe-se lá donde.

– Não, só precisava de uma desculpa para respirar um pouco – expliquei.

– Acha que está tudo a correr bem? – Não sei porquê, mas importava-me saber a opinião dele.

– Sim, penso que sim. Toda a gente fala da comida.

– A sério?

– A sério. Está contente com o resultado?

Ele olhou em volta enquanto bebia.

– Sim, creio que sim. Estou muito entusiasmada.

– Ótimo. Devia estar. E orgulhosa também. – Lá estava ele a olhar daquela maneira. – Pelo que me contou antes, tem sido um ano muito difícil.

– É verdade. Graças a Deus que já fiz o discurso, pelo menos. – Expliquei-lhe, rindo, que me haviam forçado a isso. – E muito obrigada. Vi-o aplaudir entusiasticamente a determinada altura.

– Foi um prazer.

Dava mostras de estar verdadeiramente agradado.

– Lily, estás muito bonita, por sinal. – Richard passou a mão ao de leve pelo meu cabelo ao passar. – Muito sofisticada e...

– Muito diferente do normal – interrompi, sentindo o calor invadir-me a garganta.

– Ia dizer... muito como a tua irmã – disse com doçura e depois foi ter com Daisy, que o chamava.

– Deve ter muitas saudades dela? – Daniel tinha um ar cauteloso, como se estivesse receoso de me perturbar.

– Tenho, sim. Ela era uma pessoa muito especial, como o Daniel já disse, mas, em noites assim... – Olhei em volta e Kevin Daly piscou-me o olho. – Esta noite parece que o vazio do meu coração é imenso.

Eu olhava em frente, mas não o fitava propriamente.

Ele aproximou-se e puxou-me para o pé dele. Foi um estranho gesto de intimidade e não tinha vontade de me afastar. Sentia-me segura com ele, ao contrário do meu coração. Estava outra vez aos saltos. Pressenti que Daniel ia dizer qualquer coisa quando a porta se abriu e a tia Milly entrou apressadamente. Quando viu a festa no auge ficou radiante.

– Como conseguiu vir? – Passei pelas pessoas e abracei-a, ainda de lágrimas nos olhos. Ela cheirava a roupa lavada.

– Nem me perguntes. Não é nada fácil vir de Cork até Wicklow de transportes públicos – disse-me, de olhos a brilhar. – Mas consegui.

– Isto é tão importante para mim! – Senti tirarem-me um peso de cima ao dar-lhe a mão e a apresentar a toda a gente. Daniel foi buscar-lhe uma bebida e um prato de carne guisada em *Guinness* que ela anunciou saber à «boa comida de antigamente». Fiquei encantada.

– Esperava trazer o Charlie – explicou, perentória –, mas ele não quis deixar os amiguinhos.

– Não faz mal. – Egoisticamente, esperei que ele não se estivesse a divertir assim tanto sem mim em Cork. – Tenho mais saudades dele do que poderia pensar, é inacreditável – desabafei, num misto de tristeza e surpresa.

– Eu sei, amor. De qualquer maneira, em seu lugar, eis o teu presente. – Apontou para onde Orla, vinda da cozinha, empurrava uma grande caixa quadrada. Era enorme, embrulhada em papel vermelho brilhante.

– É demasiado pesada para pegar nela – desculpou-se Orla.

– O que é isto, uma máquina de lavar louça? – perguntei, sorrindo.

A tia Milly dissera-me que eu precisaria de uma da última vez que ali estivera, uma noite, depois de termos ficado com um monte de tachos e panelas por lavar a seguir a uma maratona a cozinhar.

– Parece – disse Daniel, sorrindo, enquanto se aproximava para ajudar Orla a empurrar a caixa até mim. Porém, toda a gente parara de falar e estava ansiosa por ver o que seria.

– Céus, está a mexer-se! – Quase dei um salto com o susto, depois olhei, horrorizada. – É um cão, não é?

Não tinha a certeza de estar preparada para aquilo.

– Não sejas tonta, a Sociedade Protetora dos Animais passava-te uma multa! – riu-se Orla.

Comecei a desembulhar a caixa, um pouco cautelosa de início. Depois, de repente, a caixa abriu-se sozinha e entrei em pânico e dei um grito, quase derramando o copo de alguém ali perto.

– Sou eu, o Charlie! – Exclamou uma vozinha muito alto mas desnecessariamente.

– *Charlie!* – gritei eu ainda mais alto. – Oh, meu Deus, como entraste aí? Podias ter sufocado!

– Não dramatizes! – Orla ria-se. – A tua tia e eu planeámos tudo isto. Ele só entrou aí há dez segundos, ali na cozinha, e fizemos buracos nos lados da caixa, vê.

– Subi sozinho para dentro da caixa – disse Charlie, contente, sorrindo-me timidamente. – E vi o *tu-tu*.

– Vieste de comboio. – Peguei nele e abracei-o até mais não poder. – Muito, muito obrigada – agradecei à minha tia. – Não faz ideia do que tudo isto significa para mim.

– Não chores, amor. – A minha tia voltou a abraçar-me.

– Dava tudo para que ela estivesse aqui. – Assoei-me pela décima vez.

– Sei bem que sim.

– Pelo menos tenho-o a ele. – Apontei para Charlie, que saltava para dentro e fora da caixa enquanto todos batiam palmas.

– Ele não quis deixar o *Squirt* em casa – contou-nos a minha tia.

– O *Squirt* come dentes-de-leão. – Charlie estava de gatas. – Ele faz assim. – Esfregou-se no chão. – Ele tem uma concha, é a casa dele. – Bateu nas costas.

– *Squirt*? – Não estava a gostar do som daquilo.

– É a tartaruga dele – explicou a tia Milly, com ar de desculpas.

– *À Procura de Nemo* – disse Daniel com segurança.

– Exato... não que eu soubesse... mas ele e o Thomas sofriam com isso horas e horas. – A tia Milly sorriu-lhe, tentando ganhar o apoio dele, desconfiei. – Espero que não te importes, querida. Ele queria tanto a tartaruga. Pelos vistos a Alison tinha-lhe prometido uma e a Exotic Pet Centre, em Douglas, fez-nos um ótimo desconto...

– Não são baratas... mas são ótimas para um rapazinho – acrescentou Daniel encorajadoramente.

– Quanto é que ela lhe está a pagar? – Ri-me, sentindo que tomavam partido contra mim.

– Comprou um terrário? – perguntou Daniel à minha tia, depois de me ter piscado um olho conhecedor.

– Oh sim, e uma base aquecida e duas lâmpadas. – Desde quando é que a minha tia se tornara perita em répteis?, pensei.

– Eu pago-lha. – Acabei por ceder. – Estou tão contente, a surpresa fez-me ganhar a noite. – Abracei-a. – Mas como conseguiu organizar tudo isto?

– Tive uma ajudinha. – Foi a vez de ela me piscar o olho. – Isto está tudo fantástico, amor! Quero ver tudo.

– Meu Deus, onde vai ficar a tia?

Acabara de me lembrar que não tinha outra cama lá em cima.

– Reservei um quarto num Bread and Breakfast ao fundo da rua, posso ir a pé daqui. A senhora sabia tudo sobre ti. – Milly estava visivelmente impressionada. – Não te queria perguntar nomes de sítios. Estragaria a surpresa.

– A tia é espantosa.

Estava tão feliz por ela fazer parte da minha vida.

– E trouxe-te alguns dos velhos livros de receitas da minha mãe. – Estava mesmo satisfeita consigo própria.

– Vejo que as duas estão entretidas a falar. – Daniel sorriu. – Vou-me embora. Foi um prazer conhecê-la. – Deu um beijo na face à tia Milly, depois virou-se para mim. – Passei uma noite ótima. Totalmente inesperada, mas era mesmo do que precisava.

– Tem a certeza de que está bem?

Sentia-me nervosa. Que diabo, acabara de lhe dizer que a pessoa com quem ele se queria encontrar tinha morrido e depois abandonara-o numa sala cheia de gente estranha.

– Sim, estou, sinceramente. Passo por cá para a ver... amanhã ou depois, quando as coisas estiverem mais calmas.

– Sim, apareça. – Demos um aperto de mão algo desajeitadamente, depois ele inclinou-se e deu-me um beijo na face que me fez estremecer. Senti uma súbita vontade de me virar ligeiramente e beijá-lo também.

– Ela teria ficado muito orgulhosa... de ambas. – Afagou o cabelo de Charlie, mas o menino tinha o rosto virado para uma fatia de bolo de limão e nem sequer reparou.

– Não se esqueça de me ligar – disse-lhe.

– Não me esquecerei – prometeu e desapareceu tão rapidamente quanto chegara.

\* \* \*

– Ainda bem que este sítio não é nenhuma competição para mim. – Richard voltara. – Tu e a tua tia fazem um par formidável. – Esvaziou o copo. – É

melhor ir ver onde está a Daisy. Prometi-lhe que regressaríamos cedo a casa.

– Obrigada, ajudaste-me imenso – disse-lhe, sentindo-me bastante confusa com tudo o que ocorrera naquela noite. Primeiro Daniel, depois Charlie a aparecer, os discursos, tudo. Queria falar com Richard, perguntar-lhe o que pensava realmente, mas ele estava ali com a namorada.

– Ei! – Daisy apareceu, como se eu precisasse de me lembrar disso.

– Ia agora mesmo à tua procura. Estás pronta para ir-mos?

– Claro. – Daisy aproximou-se e quase me beijou. – Obrigada pela noite. Desculpe sairmos à pressa. Planos de casamento... – Os olhos dela brilharam.

– Oh? – Esperei dizer aquilo num tom ligeiro.

– Sim, finalmente lá acertámos na data. Tiveram um cancelamento no Castelo de Kinnity. Parece que morreu alguém – explicou Daisy, sem vestígio de compaixão sequer. – Então, será no dia trinta e um de dezembro.

– Deste ano?

Olhei para Richard. De algum modo, achara que ele nunca se casaria.

– Sim, desde que consiga arranjar alguém que seja muito amigo da Vera Wang – riu-se ela. Eu não fazia ideia do que falava. – Vestidos de noiva – explicou Daisy, reparando no meu sobrolho erguido.

– Eu também não fazia ideia – disse-me o Richard. – Agora, se falares da Elizabeth David a um de nós... – olhou para mim, esperançoso.

– Não faço ideia – brinquei.

– Ela é como a Delia Smith? – Daisy perdia o entusiasmo, bem via. – Vamos embora, grandalhão.

Richard tossiu.

– Alcinhas, quem não as adora – desculpou-se ele.

– Mais do que à vida. – Sorri-lhe.

– De qualquer modo, espero que possa vir – disse Daisy generosamente, enquanto Richard ficava para ali, calado, desejando que ela não dissesse aquilo, desconfiava eu. – Mal posso esperar por agarrar este tipo. – Atirou-lhe um beijo. – É um pedaço de homem.

– Que sorte a sua – retorqui e acho que com sinceridade.

QUANDO OS ÚLTIMOS CONVIDADOS PARTIRAM, Orla e eu sentámo-nos para uma última análise. Pelo menos era essa a intenção. Havia ainda garrafas de vinho abertas e servimo-nos de um generoso copo, depois sentámo-nos a uma das mesas que davam para a rua principal. Dentro de pouco tempo apareceu um bêbedo a tentar entrar para pedir um *kebab*. Relutantemente fechei as persianas e diminuí a luz dos candeeiros.

– Então, estás contente? – perguntou Orla.

– Sim, acho que sim. O mais possível. – Sorri-lhe, sabendo que ela compreenderia. – No entanto, estou exausta. Todo este nervosismo tomou finalmente conta de mim.

– Escondeste-o bastante bem. – Orla desatou a rir. – Nunca vi ninguém tão descontraído.

– Chama-se interiorização.

– Sim, fazes isso muitas vezes.

– Sabes, se a Alison aqui estivesse, organizaria tudo e eu limitar-me-ia a não fazer nada. Esta foi realmente a primeira coisa que tive de fazer sozinha na vida.

Orla estendeu a mão e afagou-me a perna.

– Bem, sei que talvez não seja a coisa certa a dizer, mas acho que desabrochaste. Aposto que não terias coragem de fazer tudo isto antes.

– Nem o dinheiro...

– Sim, nunca me contaste essa história. – Orla beberricou o vinho. – Não que me queira intrometer...

– Eu sei. – Mas sabia também que ela estava curiosa. – É uma história complicada e hei de contar-ta, mas esta noite não. – Ergui o copo. – Primeiro, deixemos que tudo isto assente.

– À saúde! – Tocou no meu copo. – Parabéns pelo trabalho. Acho que foi um enorme êxito. Obtiveste um ótimo resultado e até havia alguns tipos giros

na festa. – Sorriu-me. – O mais giro era o Kevin Daly. – Estremeceu. – Ui, fico cheia de calores só de pensar nele. No entanto, acho que te achou piada. Vi-o a olhar para ti várias vezes.

– Sem comentários. – Sorri, mas estava agradada.

– Está bem, recebi a mensagem. Agora, o que precisamos de fazer? – Orla era muito profissional.

Passada meia hora tínhamos tudo resolvido. Acabámos o vinho e acompanhei-a à porta.

– A tua tia saiu cedo – observou.

– Sim, o Charlie estava de rastos. Queria que ele ficasse comigo, mas devido a abrirmos muito cedo amanhã achámos que seria melhor ele ficar com ela esta noite no hotel. Pelos vistos fica numa quinta, e ele estava todo entusiasmado por ir dar de comer às galinhas de manhã. Mas não foi maravilhoso ela ter vindo? Ela está a envelhecer e não é fácil viajar com uma criança de três anos a reboque. Disse-lhe que descansasse bastante de manhã, mas desconfio que se levantará logo cedo. – Brandi o dedo na direção de Orla. – Tem cuidado, ela vai estar naquela cozinha a dar instruções a toda a gente, bem sei.

– Gosto dela.

– Não é amorosa? É uma grande cozinheira também, foi sempre.

– Quanto tempo ficará o Charlie com ela?

Era a pergunta que fazia a mim própria todos os dias. Era-me cada vez mais difícil passar sem ele.

– Não sei, concordámos voltar a falar disso assim que o café estivesse aberto e a funcionar. Tenho muitas saudades dele, contudo. Imagina – ri-me –, eu, a pessoa menos maternal que conheces, toda babada com um menino de três anos? Quase sufoquei quando o vi na caixa.

– Ele é lindo, claro que não poderias deixar de gostar dele. Aqueles olhinhos... – Orla revirou os dela. – Lily, fiquei tão feliz por poder fazer parte desta noite, parece um ponto de viragem para todos nós.

– Obrigada por tudo. – Abracei-a. – Fico muito contente por estares aqui também.

– Bem, tenho de ir. – Levantou-se. – Pego cedo ao trabalho e a patroa é uma vaca.

Fez uma careta e abraçámo-nos novamente.



Passei a noite às reviravoltas na cama, sendo os meus sonhos uma espécie de superprodução cinematográfica em que os atores eram Alison, Charlie, James e a mulher, Daniel, Richard e Daisy, William, Dave e o meu pai. Estava exausta e foi necessário um bom duche revigorante para me reanimar antes do amanhecer. Quando estava pronta para descer, reparei que lá fora o dia ainda estava escuro.

Vesti-me cuidadosamente e pus um avental comprido, de linho cinzento, com uma *T-shirt* branca por baixo. Comprara algumas coisas. Era importante criar a imagem certa, pensei, por isso preendi o cabelo numa trança e maquilhei-me um pouco. Senti-me como anos atrás, quando vestia as roupas da Alison e fingia ser ela.

Apesar de para mim estarmos ainda a meio da noite, Orla e Violet já se encontravam atarefadas como abelhinhas. Comecei a trabalhar com elas facilmente e até a tia Milly, que chegou pouco depois, não nos pressionou muito. Fiquei surpreendida por a ver ali tão cedo.

– Onde está o Charlie? – perguntei, desapontada. – Ainda ressona depois de tanta agitação?

– Não sejas tonta, menina, já está levantado há horas. – A minha tia sorriu. – Mal podia esperar para ver as vacas a fazer mu-mu. Não quis vir comigo, nem sequer a promessa de um bolo de chocolate o demoveu. – Despiu o casaco. – Hazel, a proprietária do Bed and Breakfast, insistiu para que o deixasse lá. De qualquer modo, ela também tem um filho pequeno. Disse-me que seria uma boa desculpa para vir cá mais tarde tomar um café. Agora, onde me queres? – perguntou.

– Tem a certeza de que ele fica bem? – Não estava inteiramente convencida.

– Sim, tenho a certeza, amor. Não te preocupes. Deixei à senhora o número daqui, pelo sim pelo não. Ele vai ajudar a dar comida aos animais. Consegues pensar em algo mais interessante para um menino de três anos?

– Não, acho que não – respondi, relutante.

Em breve já ela estava atarefada a limpar espelhos e a arrumar isto e aquilo, e era maravilhoso tê-la ali. Também apreciava o silêncio, o que me agradava.

Às oito, virei o cartaz da porta pela primeira vez e declarei aberto o café, sem ter partido uma garrafa sequer. Mais uma vez fui lá fora contemplar o meu café. Era uma imagem de que nunca me cansava. À luz cinzenta de

inverno, com um céu manchado de nuvens róseas, a maior parte dos habitantes ainda dormia e eu gostava do facto de o meu pequeno refúgio ser a única fonte de calor numa rua de resto com aspeto gelado. Era uma velha cidade engraçada, uma curiosa mescla de lojas antigas de tecidos e retrosarias lado a lado com outras de telemóveis e *pubs* modernos. Contudo, preferiria que não houvesse tanto lixo, pensei enquanto apanhava do chão um pacote de batatas fritas, decidindo telefonar à Câmara Municipal e queixar-me da falta de caixotes de lixo na rua.

– Serve café para levar? – Uma voz atrás de mim apanhou-me de surpresa.

– Sim, claro. – Devo ter feito um ar espantado.

– Desculpe, não a quis assustar. – A jovem mulher com um saia-casaco sorriu-me. – É ótimo que abram tão cedo. Ninguém nesta cidade se mexe antes das nove e meia. Ainda não perceberam que a maior parte da população viaja todos os dias para Dublin e sai ao romper da madrugada. É necessário atravessar Bray para tomar um café... e ninguém no seu perfeito juízo o faz... com exceção de uma paragem de camionistas perto de Ashford.

– Ergueu os olhos. – Além disso o café lá é... bem, digamos que tem de se aprender a gostar.

Olhei-a sorridente. Ela não podia saber, mas dissera exatamente a coisa certa.

Pedi café, e depois começou a mandar mensagens por telemóvel enquanto eu ia buscar os copos de plástico.

– Suponho que aqui não está interessada em ter leite de soja? – perguntou-me sem olhar para cima. – Tenho alergia a laticínios e vou sofrer por isto todo o dia. – Indicou-me o leite que eu me preparava para deitar no jarro para o vapor.

– Já temos. – Peguei num pacote. – Este serve? É biológico. – Fiz uma nota mental para ver se o teria anunciado no quadro para os clientes saberem que tinham escolha. – Também temos leite de arroz, se preferir?

Ela ficou estupefacta e eu ridiculamente satisfeita.

– Céus, a gente aqui da zona vai odiá-la. – Parou a meio da mensagem. – Há meses que peço no Romano que façam isso. Desisti de tentar. O leite de soja serve. – Indicou o pacote.

– Ainda bem que a posso ajudar.

– Vou ser a sua melhor cliente. – Olhou em volta. – Já agora, posso reservar mesa para dois ao almoço aqui no sábado? Pelo meio-dia e meia? É

melhor mostrar já este lugar ao meu marido.

– Com certeza. E, por favor, diga-nos se há alguma coisa que não estejamos a fazer. – Estava lançada. – Prometo que a faremos se pudermos, e, se não pudermos, explicar-lhe-emos porquê.

– Cada vez melhor. – Presenteou-me com um sorriso lar-go.

– Ora aí está. – Dei-lhe o café. – Agora, como é a nossa primeira cliente, posso oferecer-lhe um *muffin* por conta da casa?

– É melhor não, eu...

– Ainda estão quentinhos, acabados de sair do forno, e temos framboesa ou chocolate branco?

– Venham lá então.

– Fazemos assim, prove um de cada e diga-me o que acha. No fundo, são mini *muffins*, com muito poucas calorias.

– Muito obrigada. Espero que tenha muitos clientes!

– Bem, agradeça-me passando a palavra.

A manhã passou num instante. Tivemos bastantes clientes e a tia Milly demonstrou ser uma ótima encarregada.

– Mistress Pearson não sai muito por causa da artrite – disse-me ela enquanto preparava um prato com dois *scones* de sultanas quentes e um pratinho de doce de morango caseiro.

– Quem é ela? – perguntei.

– Mesa oito – respondeu, atarefada a fazer rolinhos de manteiga.

– Conhece-la? – Eu nem sequer sabia que tínhamos uma mesa oito.

– Não, mas percebi o que havia de mal assim que ela entrou. Pobre querida, tem as mãos todas inchadas.

– A tia é fantástica. – Eu nunca me teria apercebido disso nem dali a mil anos.

– Devíamos servir sumos naturais, faziam-lhe bem – disse ela muito atarefada.

– Tinha decidido propositadamente não ter. Não quero ficar demasiado na moda – retorqui, ponderando no que ela dizia.

– Bem, acho que devias experimentar servir alguns, especialmente os sumos verdes, com ingredientes frescos. As pessoas andam mesmo muito interessadas nos benefícios da saúde associados aos espinafres, por exemplo.

- Como sabe? – Sorri-lhe. – Só bebe xerez ou chá.
- Em Cork temos livros, sabes? – Lançou-me um dos seus olhares fulminantes. – Mando-te alguns pelo correio.
- Sim, minha senhora! – Fiz continência. Aquela mulher era um espanto.

Não tivemos tanto movimento à hora do almoço quanto esperara, depois da manhã tão atarefada, mas os pratos continuavam a ficar vazios. Um homem chegou a pedir-nos a receita do nosso guisado na... não devia ser de Wicklow, pensei.

Charlie só apareceu por volta das duas horas e não parava de tagarelar usando palavras que eu nem sequer sabia que ele já utilizava. Hazel Sinclair disse-nos que era a criança mais inteligente que via há muito tempo e Milly e eu corámos, encantadas. Andara a mungir vacas, pelos vistos, por isso tinha um bigodinho de espuma branca e andava por ali a tentar obter leite das pernas das cadeiras, o que pôs todos os fregueses a rir às gargalhadas.

A tia Milly limpou-o e preparámo-nos para ir apanhar o comboio que partiria dali a menos de uma hora. A minha tia foi abraçada com toda a força e fizeram-na prometer que voltaria em breve. Já eu fui praticamente expulsa do lugar.

– Se esfregas mais esse balcão, vais mudar a cor do granito – disse Violet meio a brincar meio a sério.

– Obrigada por me substituírem – respondi-lhes, sabendo que estava a abandonar o barco. Era complicado, mas o único modo de apanhar um comboio direto para Cork era da estação de Hueston, em Dublin, e a viagem de carro de uma hora até lá significava que apanharem um táxi seria absurdamente caro.

\* \* \*

Fui calada na viagem, a pensar que ia ficar outra vez separada do Charlie. A tia Milly não parava de me perguntar se estava cansada. Uma vez satisfeita nesse capítulo, lá foi conversando, dando sugestões e oferecendo-se gentilmente para me ajudar sempre que fosse preciso.

– Foi um amor. – Na estação, abracei-a durante imenso tempo, sem querer que ela me visse os olhos marejados. – E tu cuidas bem da tia Milly, não cuidas, Charlie? – Ajoelhei-me e abotoei-lhe o casaquinho só para ficar ao

nível dos olhos dele. Reparara que ele estivera muito sossegado e que me observava muito.

– Não vás trabalhar – disse ele então, atirando-me os bracinhos ao pescoço. – Adoro-te, mamã.

– Oh Charlie, meu querido, amo-te tanto. – Inundei-lhe a carinha de beijos. – Tenho de ir trabalhar agora, mas muito em breve irei ver-te... e à *Squirt* também... – acrescentei rapidamente. – E não te esqueças de que vens viver comigo daqui a nada. – Afastei-lhe o cabelo dos olhos.

– A tia Milly também? – perguntou ele, deslumbrado.

– Sim, se ela quiser – respondi, beijando-o outra vez. – E a *Squirt*, claro... E vamos arranjar um novo cãozinho.

– ão-ão – disse ele, novamente feliz.

– Acho que é melhor apressar os meus planos. – Levantei-me e falei para a minha tia.

– Não há pressa, filha. Leva o tempo que quiseres. – Beliscou-me a face. – Fizeste um trabalho espantoso até aqui, desde que a tua irmã morreu. – Deu-me um beijo na cabeça, como costumava fazer quando éramos miúdas. Era um gesto tão maternal que me deu vontade de chorar, especialmente depois do que Charlie dissera. – Cuida de ti e não te esforces demasiado. Depois liga-me a dar notícias. Já adoro aquele cafezinho.

– Eu sei. Os clientes gostaram imenso de si, pelo que vi. – Abracei-a. – Nunca a conseguirei recompensar por tudo. – Enterrei a cabeça no casaco de malha dela. Daquela vez cheirava a baunilha.

– Para que serve a família? – Afagou-me o cabelo como se eu fosse um bebé e afastou-se de mim. – É melhor ir andando, senão não consigo arranjar lugar. – Estávamos na última carruagem.

– Boa viagem. – Tentei ainda cheirar o Charlie mais uma vez, mas ele já não deixou.

– Tu-tu! – berrou, depois soprou no apito de brinquedo que Orla comprara antes de sairmos.

– Telefona-me mais logo e diz-me como terminou o dia.

A tia Milly atirou-me um beijo e acenou freneticamente assim que entrou no comboio.

– Obrigada por tudo. – Disse-lhe adeus mais uma vez e fui-me embora, tentando aparentar um ar despreocupado, com receio de me deixar abalar demasiado pela partida deles.

Quando regresssei a Wicklow, as raparigas andavam nas limpezas, preparando-se para fechar o café. Estavam muito bem-dispostas.

– Acho que correu muito bem. – Orla vinha a sair da cozinha, a limpar a testa. – Muito calor, mas correu bem.

– Toda a gente elogiou a comida – disse Violet, num raro elogio.

– Bem, acho que devemos celebrar – anunciei enquanto se abria a porta da frente.

– Olá, ainda se pode tomar um café? – Era Kevin Daly.

– O que faz aqui? – perguntei, com o coração a bater mais depressa. Reparei que Orla tirava rapidamente o avental.

– Tinha de vir dar-vos apoio no primeiro dia.

Sorria e deu-me um grande ramo de flores.

– Uau! – Fiquei surpreendida. – Obrigada, são lindíssimas.

– Vou buscar-lhe o café. – Parecia que a Violet reparara nele também.

– Sente-se, por favor. – Indiquei-lhe uma mesa.

– De certeza que não é demasiado tarde?

– De maneira nenhuma, só vamos fechar daqui a quinze minutos.

– Quer sentar-se também?

– Sim. Preciso imenso de uma meia de leite forte – pedi a Violet, que sem dúvida alguma lhe fazia olhinhos.

Conversámos sobre a noite anterior e ele disse todas as coisas certas, e dei por mim a rir-me como uma tontinha, o que era invulgar em mim. Ele sabia mesmo como fazer uma rapariga sentir-se bem.

– Deixe-me convidá-la para jantar – sugeriu languidamente quando acabámos.

– A mim? – Olhei em volta, fingindo-me chocada.

– Sim, a si. – Passou a ponta dos dedos no meu nariz. – Quem mais?

– Na verdade, acabei de... bem, de convidar as colegas para uma bebida – desculpei-me, surpreendida por me sentir desiludida.

– Está bem... então levo-as a todas a jantar. Se não se importar?

– Sim, ótimo. Dê-me dez minutos. – Levantei-me. – Deixe-me só contar-lhes e ir lá acima num instante trocar de roupa. – Sorri-lhe.

– Está linda, Lily, não precisa de fazer mais nada.

Esboçou aquele sorriso lânguido e o meu coração pareceu parar por segundos. Talvez ele fosse mesmo o que eu precisava na minha vida agora, a

fim de fazer desaparecer quaisquer ideias tolas que restassem sobre mim e Richard.

*William e Beth*

WILLIAM JÁ TIVERA MELHORES DIAS. Para começar, o hospital parecia uma zona de guerra e teria sido necessário um veículo com tração nas quatro rodas para atravessar as urgências, que, infelizmente, era logo ao lado de um dos gabinetes dele. Depois, um paciente que fizera uma cirurgia de rotina dois dias antes desenvolvera uma complicação e tivera de ser levado novamente à pressa para o bloco operatório. Isso significava que o pessoal do bloco ficara de mau humor porque era sexta-feira e teriam uma operação de última hora.

– Até parece que é culpa minha – murmurou para a pequena enfermeira vietnamita que o avisara do problema. Ela ignorou-o. Isso só serviu para o irritar ainda mais. Ela era jovem e «uma brasa», segundo os médicos mais jovens, a única razão pela qual se dignara a dar-lhe conversa.

Um outro doente, um homem avantajado do hospital público, irritara William nesse dia também, fazendo-lhe demasiadas perguntas e questionando a necessidade da medicação que ele lhe prescrevera. *Maldita internet*, pensara William, enquanto ouvia, de rosto inexpressivo, a voz monótona do homem. William tratou-o com uma avalanche de jargão clínico, silenciou o médico interno que tentava não desatar às gargalhadas com um olhar mortífero e fugiu para a sala dos médicos para tomar um café forte. Em circunstâncias normais, William não precisava de cafeína.

Quando depois se dirigiu à nova ala do hospital, parecia-lhe estar em Grafton Street, a principal rua comercial de Dublin, tal como a conhecia num fim de semana antes do Natal. O recinto estava cheio de gente de todas as idades, com a única diferença de que aquela multidão se encontrava quase toda meio despida, uns mais outros menos, e a maior parte usava muletas ou cadeira de rodas. Os cafés ao longo do corredor principal encontravam-se à cunha e nos quiosques de revistas e de doces as pessoas faziam cerco cerrado também para comprarem qualquer coisa. William normalmente



gostava de agitação, mas naquele dia não conseguia sentir a camaradagem que fazia com que as pessoas ali sorrissem mais, abrindo gentilmente as portas umas às outras e acenassem encorajadoramente a desconhecidos que arrastavam o frasco de soro ou levavam garrafas de plástico, com urina, disfarçadas de malas de mão. Sabia que teria de ficar por ali para ver o doente que tinham aberto pela segunda vez, por isso mudou de ideias e decidiu ir correr para aliviar alguma da tensão que lhe começava a afetar o pescoço e os ombros. Vestido de branco imaculado para realçar o bronzeado, começou a correr confiantemente para fora do parque de estacionamento e dirigiu-se para a estrada costeira. Estava uma tarde nublada de novembro. Passou um carro a correr, que o salpicou de água suja. Duas estudantes de enfermagem ali perto desataram aos risinhos. William fingiu não ter reparado, mas todo o bem da corrida se evaporou. Atalhou caminho e passou o resto do tempo a beber ainda mais café, o que não ajudou com as dores de cabeça.

Ao deixar o hospital várias horas depois, olhou para o telemóvel, com esperança de ter uma mensagem de Lily. Nada. Ela falara-lhe da abertura do café uns dias antes, usando isso como desculpa para recusar a sua oferta de uma viagem a França com todas as despesas pagas. Era sempre simpática, mas algo distante, quando falavam, o que queria dizer que os planos dele para fazer dela sua amante não estavam a ir a lado nenhum. *Talvez eu esteja a ser demasiado subtil*, pensou, enquanto ouvia o ronronar do motor no meio do trânsito. Quando mencionara a viagem, de início falara num tom casual, dizendo-lhe que era uma coisa que Alison sempre quisera fazer e agora ele achava que ela poderia desfrutar do descanso e descontração, mas Lily respondera muito diretamente que não podia de modo algum aceitar tão generosa oferta. William começara por ser ultracauteloso – na posição que ocupava, tinha mesmo de o ser –, mas depois dissera-lhe que a viagem era um brinde de uma das companhias farmacêuticas, o desejo e a luxúria a sobreporem-se à discrição. Isso também não dera resultado: ela limitara-se a dizer que Beth ficaria de certeza encantada com a ideia e agradeceu-lhe por se ter lembrado dela.

Suspirando, resolveu passar pelo café em Wicklow no fim de semana. Talvez até levasse uma garrafa de champanhe para lhe desejar sorte. Sim, era um bom plano – poderia dizer que se encontrava na zona, a ver um sítio para uma nova clínica. Passou da Lyric FM para outra, a fim de ouvir as

notícias, e sentiu-se novamente ao comando da situação. Precisava de sexo, era isso, pensou, ficando excitado ao ouvir a notícia de uma rusga da polícia a um clube de *lapdancing*, na noite anterior, que fizera com que várias raparigas quase nuas tivessem saído para a rua, segundo a residente indignada que estava a ser entrevistada. Decididamente, era noite para um bom duche e um grande uísque, pensou, enquanto abria os portões elétricos da sua casa, quase uma hora depois. Se calhar algum sexo com Beth, também, fantasiando cenas com as dançarinas.

William viu o correio e interrogou-se por que razão a mulher não o viera saudar como era habitual.

– Olá, está alguém em casa? – perguntou na direção da cozinha enquanto se servia de um copo generoso de *Crested Ten*.

Caiu-lhe a alma ao ouvir a voz da *au pair* sueca que morava ao fundo da rua respondendo-lhe.

– Oh, olá, Brigitta. – Foi direto ao gelo ao entrar na cozinha. – O que faz aqui?

– Mistress Hammond teve de sair. – A estudante loura sorriu-lhe enquanto mexia qualquer coisa com um cheiro nada apetitoso. – Quer almôndegas? Fiz muitas, para deixar já para o almoço das crianças amanhã.

– Não, obrigado. – Emborcou algum uísque, sentindo o ânimo baixar em voo picado. – A minha mulher disse onde ia?

– Acho que lhe enviou mensagem para o telemóvel. Foi jantar a um chinês com a amiga, não me lembro do nome agora.

– Está bem, eu ligo-lhe.

– Acho que ela se esqueceu do telemóvel. – Brigitta indicou o objeto prateado e brilhante pousado, inútil, na bancada.

– Ela deixou alguma comida preparada? – William esforçava-se a todo o custo para não descarregar na jovem a irritação que sentia.

– Sim, no forno.

William retirou então uma grande bandeja coberta com papel de alumínio. Debaixo do exterior brilhante havia uma massa de comida solidificada que se encontrava ali há demasiado tempo, a julgar pela cor dos brócolos.

– As crianças já estão na cama?

William enfiou a comida no caixote do lixo.

– Sim, claro. – Pareceu surpreendida por ele perguntar aquilo. – A comida não está boa? – perguntou desnecessariamente enquanto o observava.

– Não estou com fome. – Pegou no copo e foi para a segurança da sala de estar. A sua cadeira estava cheia de jornais, incluindo o *Irish Times* desse dia, esburacado – Beth andava sempre a recortar coisas.

Abruptamente, levantou-se e dirigiu-se para as escadas.

– Mister Hammond, agora que chegou a casa, posso ir-me embora? – Brigitta apareceu com o seu prato meio vazio.

– Na verdade, preferia que ficasse cá, para o caso de as crianças precisarem de alguma coisa. – Nem sequer olhou na direção dela. – Vou descansar no meu quarto. – De caminho, voltou a encher o copo.

Uma hora depois a bebida deixara-o mais descontraído. Num impulso, marcou o número de telemóvel de Lily.

– Está sim? – Parecia que estava num *pub*.

– Olá, é o William.

– Oh, olá, como está? – Seria imaginação dele ou ela parecia arrependida de ter atendido? – Deixe-me ir lá para fora, aqui mal o consigo ouvir – disse ela, suficientemente alegre, pensou ele.

– Onde está?

– Estou a tomar um copo... com um amigo... o Kevin. O café abriu hoje, correu tudo bem.

– É por isso que lhe estou a ligar – disse ele com meiguice.

– Oh, obrigada, é muito amável da sua parte.

A voz soava jovem e entusiasmada e falar com ela, deitado na sua cama, fê-lo sentir-se excitado.

– Então, quais são os seus planos para esta noite? – perguntou como quem não quer a coisa.

– Vamos jantar tarde. O Kevin insiste que hoje não vou cozinhar – disse ela, rindo-se.

– Ótimo – retorquiu falsamente. – Onde?

– Oh, a lado nenhum especial, só a um pequeno restaurante italiano a dois quilómetros da cidade. Temos de andar de olho na concorrência, compreende?

– Sim, bem, é também por isso que lhe estou a ligar. – William quis imediatamente fazer melhor. – Há um novo restaurante vietnamita junto aos SF. Dizem que é espantoso. Estava precisamente a pensar se não gostaria de

ir lá na próxima semana? – Para o diabo o champanhe e a visita casual. Queria avançar na relação; há muito tempo que ardia de desejo dela.

– O que é o SF? – Ela parecia hesitante.

– Os serviços centrais de Finanças. Conhece? À beira do Liffey, perto da casa da alfândega?

– Sim, pois.

– Peço ao motorista que a vá buscar, assim poderá descansar durante a viagem.

– De modo nenhum, não seja tonto...

– Insisto. Então, diga-me só qual a noite que lhe convém.

– Hum, posso enviar-lhe uma mensagem depois? É que... a minha tia deve vir cá e preciso de falar com ela primeiro...

– Muito bem. – Agora era a vez de ele fazer um ar distante. – Espero então por notícias suas.

– Ótimo. Obrigada por ligar. Agora é melhor voltar lá para dentro...

– Divirta-se esta noite. Adeus.

Desligou antes de ela dizer mais alguma coisa. Decidiu que estava na altura de um plano novo.

## Richard e Daisy

– DAISY, TENS A CERTEZA DE QUE NÃO QUERES ESPERAR ATÉ À PRIMAVERA? – perguntou Richard à namorada, que já começava a ficar nervosa por os convites estarem atrasados.

– Richard Kearney, estás a tentar evitar o casamento?

Daisy sorria, mas de forma pouco simpática.

– Não, não estou, mas pareces em baixo de forma desde que marcámos a data.

Richard sabia que aquilo soara a defesa sua.

– Bem, se ajudasses um bocadinho não andaria assim. – Saiu do quarto. – Por favor, aprova o texto e o *design* esta noi-te – pediu ela, por cima do ombro. – A gráfica começa a trabalhar amanhã de manhã. Oh, e dá uma vista de olhos ao primeiro esboço da lista de convidados e vê o que achas.

– Onde foste buscar estes nomes?

Richard olhou para uma lista de todos os familiares que ele nem sabia que tinha, assim como mais um monte de gente de quem nunca ouvira falar.

– Almocei com a tua mãe e agora vou encontrar-me com a Trudy para vermos o vestido – explicou Daisy.

Ele só se apercebeu de que ela saíra depois de ouvir a porta bater.

\* \* \*

– Olha, amigo, sabes que serei o raio do padrinho. – Tom Dalton, acabado de vir do programa de rádio, colocou duas cervejas no balcão do Ryan's, algumas horas mais tarde. – Mas, diga a Daisy o que disser, tens a certeza de que estás mesmo disposto a ter uma vida de preocupações e labutas vinte e quatro horas por dia?

– Não sejas tonto. A Daisy e eu, bem, damo-nos bem. – Richard coçou a cabeça. – Ou pelo menos dávamo-nos. – Bebeu um terço da cerveja de uma

só vez. – Mas tudo isto anda a dar-me a volta à cabeça, sabes. Há uma semana que não fazemos sexo.

– Bem, há sempre a outra, como se chama... – Tom piscou-lhe o olho. – Ou ela é mais exigente do que a irmã? – Deu-lhe uma cotovelada nas costas. – Tem-la visto ou quê?

– Sim, mas nunca houve nada. Estive na abertura do café dela, na outra noite, e vou ligar-lhe para almoçarmos no sábado, mas somos só amigos.

– Tu nunca foste só amigo de uma mulher com menos de quarenta anos. – O telemóvel de Tom tocou, mas ele não atendeu. – Então quando vais retomar o que deixaste por acabar naquela noite, no apartamento dela?

– Isso não vai acontecer. Nem sequer sei se ainda quero isso.

Ambos sabiam que não falava a sério. Tom deu uma gargalhada.

– Há para ali qualquer coisa que me deixa um pouco nervoso. Além disso, ambos nos sentimos um pouco tensos...

– Chama-se a isso química sexual – retorquiu Tom sarcasticamente.

– Não, ela tem qualquer coisa em mente e eu não faço ideia do que seja.

Tom acabou praticamente de beber o resto da cerveja de uma vez.

– Então, porque continuas a vê-la se é esse o caso?

– Não ando «a vê-la», nesse sentido. Só lhe ando a dar alguns conselhos, até ela ter o café a funcionar perfeitamente. – Richard encolheu os ombros. – Talvez por lealdade à Alison, porque tenho pena dela, não sei bem.

– Ou talvez porque gostasses de a levar para a cama.

Tom era todo insinuações, e isso deixava Richard irritado, mas, enfim, tudo o irritava naqueles dias.

– Sendo gémeas e isso. – Tom inspirou.

– Caramba, homem, uma delas morreu. – Richard riu-se. – E embora a outra seja muito atraente, admito...

– É isso. Cancela a treta do casamento até teres tido tempo para pensar, amigo. Queres que peça outra?

– Não, é a minha vez. – Richard fez sinal ao empregado do bar para trazer mais duas cervejas. – A questão é que eu amo a Daisy, ela é uma ótima rapariga. Além disso, nunca fui bom nessa coisa de andar aí a curtir com todas, não como tu, garanhão.

Tom fingiu engasgar-se com a cerveja.

– Então o que era aquilo com a prostituta?

– Sabes o que quero dizer.

Richard estava bastante irritado com o rumo da conversa.

– Além disso, se casares, como é com filhos? Tens a certeza absoluta de que ela não vai querer filhos dentro de um ano ou dois?

– Nunca falámos disso ao pormenor. – Richard só se apercebeu daquilo depois de o ter dito em voz alta. – Mas a Daisy concordará com o que eu quiser.

– Ela sabe, não sabe? – Tom estava incrédulo.

– Claro que sabe. – Richard levantou-se e retirou uma nota de vinte do bolso das calças de ganga. – Por isso não está propriamente a imaginar uma caterva de filhos...

– Nunca se sabe, se calhar pensa que as coisas poderão mudar. – Tom imitou com os dedos o movimento de uma tesoura.

– Ouve, falemos de outro assunto, está bem? Já tive conversa que bastasse sobre mulheres e casamentos para durar uma vida inteira. Reserva mas é a noite de fim de ano e dá-me as tuas medidas para o fato. – Sentou-se de novo e sorriu. – E quando a Daisy te ligar amanhã para se queixar do idiota que sou, dá uma palavrinha a meu favor, sim?

– Assim farei.

Richard já estava na cama quando Daisy chegou a casa.

– Estás acordado?

Ela passou-lhe a mão pela coxa.

– Pensei que ficavas em tua casa hoje.

Ele virou-se para a olhar com ar ensonado.

– Pensei que sentirias a minha falta. – Ela beijou-o avidamente. – Estavas tão rabugento antes que desconfie que precisavas de relaxar um pouco.

– Pôs-se em cima dele e Richard viu que ela usava um sutiã preto de renda, bastante ousado, e uma tanga a condizer.

– Eu estava rabugento? – Puxou-a para ele e começou a beijar-lhe o pescoço e os ombros. – Acho que não.

– Sim, tens de admitir que sim.

– Não estava nada. – Começou a lambê-la devagar.

– Trataste dos convites?

– Hum? – Fingiu não ouvir. – Descontraí-te, querida, estás tão tensa. Tenciono fazer-te pensar só em mim na próxima meia hora.

– Não estou nada tensa. – Ela afastou-se para se sentar e quase lhe partiu o nariz com a rapidez do movimento. – É tão típico teu pões as culpas em mim. Sou eu que faço todos os esforços para este casamento, sabes?

– Que raio, Daisy, descontraí-te, está bem?

Richard sentiu que vinha aí uma dor de cabeça. Sabia que não devia ter bebido todo aquele uísque ao fim da noite.

– Não, não vou nada descontraír! – Saltou da cama. – Estou farta de que me digas para me descontraír, acalmar, ficar bem. Quanto a ti, mais uma atitude despreocupada e vais descansar... num caixão. – Agarrou no roupão. – Vou dormir no quarto de hóspedes até me pedires desculpa. Além disso, se não te puseres a pau, não vai haver casamento.



SENTIA QUE NUNCA MAIS TIVERA UMA NOITE DE SONO como devia ser, e o facto de tudo isso se dever a demasiado sexo era de pouco consolo quando o despertador tocava todas as manhãs às cinco e meia.

– Volta para a cama, deixa que as raparigas façam o trabalho por uma vez – pediu uma voz sonolenta debaixo do edredão.

– Quem me dera...

– Tu podes, és a patroa – disse Kevin Daly, ensonado. – Eu compenso-te.

– Não tens trabalho para fazer? – Atirei-lhe com a almofada.

– A esta hora não. Credo, a que horas nos deitámos?

– À uma e meia, acho. É melhor mexeres-te. Em Wicklow, o trânsito começa a complicar-se pelas seis e meia.

– Este lugar fica mesmo atrás do sol-posto, não é? Ouve, tira a manhã, fica na cama comigo e depois vamos a qualquer lado tomar o pequeno-almoço descansadamente. Convido eu.

– Kevin, eu forneço às pessoas pequenos-almoços descansados. – Bocejei.

– Pede um café e um *muffin* antes de saíres.

– Não, não quero – respondeu, com ar ofendido.

– Tenho de ir, a Orla mata-me.

Atirei-lhe um beijo e fui para a casa de banho.

Tinha os olhos cansados e o rosto de uma palidez só vista em hospitais. Meti-me debaixo de um duche escaldante e preparei-me para enfrentar outro longo dia. Por fim, acabara por não resistir aos encantos de Kevin. Depois daquele primeiro dia, fiquei tão entusiasmada que bebi de mais, Kevin e eu acabámos por nos afastar do grupo e o namorico começou a tornar-se mais sério. Orla fora-se embora pouco depois e eu sentia-me culpada desde então. Quando acordei ao lado dele, na manhã seguinte, não sabia se agira bem ou mal. Não era habitual ter casos de uma noite – era insegura de mais para lidar com as consequências – e além disso, relações casuais não faziam o

meu género, nunca tinham feito. O facto de Orla se mostrar mesmo que vagamente interessada nele ter-me-ia normalmente levado a seguir na direcção contrária. Porém, nessa noite, foi como se me estivesse a livrar de vez da antiga Lily e a passar a ser a outra, a nova e sofisticada empresária – tudo o que eu não era. Claro que, na manhã seguinte, voltei a ser a velha e insegura Lily de sempre.

– Olá! – Sorridente, entrei no café ansiosa por apaziguar as minhas colegas. Estava muito atrasada.

– Olá – saudou Orla em voz baixa.

Comecei imediatamente a fazer pão. Era a única coisa que fazia abrandar a dor dos músculos doridos, apesar de a maioria das pessoas considerar o amassar um trabalho duro. Amassar o pão tinha em mim o mesmo efeito de um copo de porto quente, no final de um passeio de inverno, na maior parte dos meus amigos.

– Como estás hoje? – perguntei a Orla assim que tivemos um momento.

– Bem... E tu?

– Estou ótima, mas ontem não ralhei com a Violet nem quase decapitei a Naomi com uma faca do pão – respondi, sorrindo.

– Se estás a tentar animar-me, então digo-te já que deixas muito a desejar.

Suspirei e coloquei algumas sementes no pão para o tornar mais estaladiço.

– Queres dizer-me o que se passa? – perguntei.

– Nada.

– Alguma coisa se passou. Estavas muito animada no *pub*.

Não sabia bem como prosseguir com o assunto.

– Sim, bem.

– Esse pão vai parecer cola se continuares a amassá-lo mais. – Violet estava a tornar-se uma especialista enquanto pousava um café ao lado de cada uma de nós.

– Obrigada, V. – Peguei na chávena e esperei que ela se fosse embora. – Trata-se de mim e do Kevin?

– Bem, saltaste para os braços dele muito depressa – retorquiu ela num tom de indiferença. – Num minuto conversávamos, no seguinte ele estava enrolado aos beijos contigo.

– Eu sei. – Engoli em seco, preparando-me para agarrar o touro pelos cornos. – Não tenho desculpa. Tinha bebido um pouco, estava entusiasmada; coisas assim nunca me acontecem, sabes disso. Perdi o controlo...

– Pois, é pena que tenha sido com um tipo que eu descobri primeiro. – Orla não olhou para mim.

– Orla, desculpa, lamento mesmo muito. Agi mal, percebi isso assim que acordei na manhã seguinte, no fundo percebi logo que te foste embora cedo, para ser sincera. Acho que estava só... não sei... lisonjeada pela atenção dele. Foi completamente inesperado e eu... tenho andado tão sozinha nos últimos meses. Foi estúpido, não pensei, sobretudo depois do que fizeste por mim.

– Eu não te faria isso – retorquiu Orla.

– Eu sei. Até acabaste com o farmacêutico atrevido em Galway, naquele fim de semana prolongado, em agosto, lembraste-te? Exatamente duas horas depois de eu te dizer que o achava giro.

– Sacaninha! – exclamou ela, mas a boca abria-se num sorriso. – *Ná*, não faz mal, de qualquer maneira eu não teria conseguido agarrá-lo. É demasiado bonito para mim. O que realmente me chateou foi que te afastaste de nós... estávamos todos a rir e de repente...

– Nem me lembres disso. – Sentia-me muito mal. – Que parva que sou. Deixei-me levar pelo... poder ou qualquer coisa igualmente estúpida. Ter aberto o café fez-me ficar nas nuvens. O raio do champanhe fez-me sentir a Anna Kournikova ou assim. Está tudo bem entre nós? – perguntei, cautelosa.

– Sim.

– Obrigada. Salvaste-me a vida por teres regressado para me vir ajudar, e peço imensa desculpa por ter sido tão idiota. Vou abrir a porta – disse-lhe, olhando para o relógio enquanto desatava o avental e tirava a rede para o cabelo. – Meu Deus, que mau aspeto!

– Tem cuidado para não assustares os fregueses. – Ofereceu-me um sorriso de perdão e eu deitei-lhe a língua de fora ao passar por ela.

– Mesmo assim, é melhor do que essa tua fronha – retorqui.

– Olá outra vez – cumprimentei a minha única cliente regular do leite de soja. – Como correu a semana?

– Mal, mas pelo menos é sexta-feira. A propósito, aqueles *muffins* eram ótimos. Levo um de cada, se tiver.

– Hoje acho que temos de arando e de creme custarda e... uns muito bons acabadinhos de sair do forno com framboesa biológica e baunilha – disse-lhe, olhando para a bandeja que acabara de chegar. – Serve?

– Perfeito. É mesmo você que os faz?

– Claro. Fazemos praticamente todos os nossos bolos e quando os compramos é a «verdadeiras» pasteleiras... senhoras da zona que contratei pessoalmente.

– Bem, tenho andado a elogiá-la por toda a cidade, por isso espere alguma gente de Dublin por cá durante o fim de semana.

– Obrigada, que bom! Nem sequer sei ainda o seu nome...

– Sandra Horlicks. – Estendeu-me a mão. – Aqui está o meu cartão, caso precise.

Depois desta conversa, andei numa azáfama constante e tivemos também algumas encomendas por telefone, outro sinal encorajador, e uma das nossas clientes que ali vinham sempre a seguir à missa disse que as nossas papas de aveia biológicas com mel e bagas era «o melhor pequeno-almoço saudável que tive, tirando as natas». Tudo parecia muito prometedo.

Daniel Williams apareceu por volta das onze horas. Fiquei contente porque pensava nele de vez em quando desde a abertura do café.

– Como vão as coisas? – Sorriu languidamente e fiquei abalada pelo estremecimento que senti ao vê-lo.

– Esses dentes devem ser falsos, são demasiado brancos e direitos. – Disse aquilo simplesmente para esconder o nervosismo e ele pareceu apanhado desprevenido.

– Obrigado, acho. É sempre assim tão frontal com os seus clientes?

– Desculpe. – Ri-me. – Faço isso por vezes. Sai-me diretamente da boca sem sequer pensar. Aceita um café e um *muffin* por conta da casa para o compensar? – Queria que ele ficasse ali um bocado mais.

– Não é boa tática comercial. Demasiadas borlas acabam com o negócio logo no primeiro ano.

– Tem razão. Nesse caso, recomeçamos. – Aclarei a voz. – Bom dia, Daniel, que bom vê-lo outra vez. O que posso servir-lhe? – Gostava de me meter com ele.

– Acho que vou provar o seu... deixe-me lá ver. – Olhou para a ementa. – *Ovos cor de laranja mexidos com salmão fumado Kinvara em bagel*

*torrado* – leu em voz alta. – O que é um ovo cor de laranja?

– Um ovo verdadeiro, com a gema laranja, nada daquela coisa amarelada e aguada que se vê por aí – disse, orgulhosamente.

– Essa alusão deve ser um pouco obscura para nós, gente do campo. – Piscou-me o olho e eu ri-me.

– E para acompanhar, vai um café, ou prefere chá?

– Um café duplo, preciso de energia. – Bocejou. – Tem tempo para beber um também?

– Tenho, mas acho que vou tomar um chá de menta. Já ando com nervos a mais. Vou só fazer o seu pedido e volto num instante.

– Dê-me uma daquelas coisas com bagas por cima enquanto espero. Estou esfomeado, ando a pé desde as sete.

– Experimente levantar-se às cinco se quiser começar cedo...– Coloquei um *muffin* num prato. – Na verdade, pensando bem, preciso de um café. – Dei-lhe o bolo e ele sentou-se a uma mesa junto à janela e espreguiçou-se como um gato ao sol. Duas raparigas que passavam acotovelaram-se, rindo uma para a outra e percebi que ele não iria ficar solteiro durante muito tempo.

– Desculpe. – Ele tinha quase acabado o pequeno-almoço quando por fim consegui sentar-me ao seu lado. Arregaçou as mangas, emanando um cheiro a erva cortada e ar puro e dei por mim a pensar como seria ele nu. Corei.

– Muito trabalho, hem? Isso é bom. – Molhou o pão no que restava da gema. – Como vão os negócios?

– Ótimos, vai tudo ótimo. As crianças recebem mesada hoje, por isso a senhora da loja ao lado avisou-me do que esperar. – Senti-me aliviada por ele não ter reparado no meu rubor. – Ainda bem que apareceu, porque depois de se ter ido embora percebi que não tinha nenhum número seu e perguntei-me se estaria bem... depois do que lhe contei.

– Sim, estou bem. Claro que foi um choque. Suponho que fantasiei um pouco sobre o encontro. Estava mesmo ansioso por voltar a ver a Alison, mas íamos apenas começar a conhecer-nos, apesar de termos conversado bastante.

Perguntei-me se ele saberia alguma coisa da vida dela.

– Quantas vezes se encontraram?

– Passámos alguns dias juntos. Não sei o que aquilo foi. Talvez por estarmos ambos longe de casa... algo mais des preocupados, compreende?

Depois descobrimos que tínhamos Wicklow em comum... – Bebeu o resto do café. – Gostei imenso dela, mas não tinha grandes expectativas na outra noite, apesar de ter sido engraçado pensar nisso. – Gostei do modo como ele inclinava a cabeça para um lado quando sorria.

– Ela contou-lhe muito sobre... sabe, a vida que tinha?

Terá sido a minha imaginação ou a expressão dele alterou-se?

– O que quer dizer com isso? – inquiriu.

– Oh, sabe, qualquer coisa?

– Nada que eu não tivesse já ouvido antes.

– Oh.

– Então, fale-me lá de si. A Alison falou bastante de si. E do Charlie. Ele foi tão giro na outra noite.

– Sim, foi. – Sorri ao lembrar-me. – Ela deixou-me a guarda dele... bem, só existo eu, nada sabemos sobre o pai dele. – Observei-lhe o rosto enquanto falava. – Assim, somos só nos os dois.

– E ele vive com a sua tia em Cork?

Ele não mordeu o isco.

– Só por enquanto. Virá para cá viver... em breve.

– Gostei da sua tia.

– Não é um amor? Tenho de lhe ligar esta noite, isto tem andado uma confusão e ontem à noite quando me fui deitar já era tarde. Então, conte-me coisas, o que há em Wicklow para si?

– Apesar de ter nascido na Austrália, Wicklow é a minha terra.

– A sério? Como?

– A minha mãe é australiana. – Aquilo explicava o seu sotaque ligeiramente arrastado. *Meu Deus, que atraente que ele é, pensei. Tenho de contar à Orla.*

– Vivemos lá alguns anos, mas o meu pai tinha imensas saudades das colinas serpenteantes de Wicklow. – Riu-se. – De cada vez que bebia um pouco a mais, cantava canções sobre elas. Os meus pais são proprietários do campo de golfe junto à estrada da costa. Sou engenheiro. Não tencionava fixar-me por cá... em Dublin talvez, mas Wicklow é demasiado pequeno. Então, o meu pai morreu subitamente e a minha mãe precisava de mim, por isso estou a dirigir o sítio. Organizamos férias para golfistas e passeios pela zona. Temos uma grande casa de campo, do género que os americanos

gostam. É uma coisa em grande, por isso estou cá nos próximos tempos, acho.

– Está a gostar? – Eu esperava que sim, sentia-me bem com ele por ali.

– No fundo até estou. Surpreendo-me todos os dias. Os campos são tão bonitos. Céus, devo estar a ficar velho. – Deu uma gargalhada. – Nunca pensei ouvir-me a dizer isto.

– Olá, querida, já me vou embora.

Kevin apareceu vindo nem sei donde.

– Ainda cá estás? Pensei que tinhas uma reunião às nove.

– Cancelei-a.

– Oh, desculpe, Daniel, apresento-lhe o Kevin Daly, Kevin, é o Daniel. Devem ter-se conhecido na noite da festa, não?

Já não me lembrava.

– Como vai isso? – perguntou Kevin.

– É um prazer vê-lo outra vez. – Daniel levantou-se.

– Até à próxima. – Apertaram a mão. – Falo contigo depois.

Kevin deu-me um beijo fugaz.

– Sim, está bem. – Sentia-me um pouco nervosa.

– Namorado? – Daniel sorriu um pouco.

– Mais ou menos. – Fiquei mortificada. – No fundo, só nos conhecemos agora, por isso, quem sabe? – Esperei que aquilo soasse o mais natural possível. Estava ansiosa que ele não pensasse que eu era *comprometida...* para usar uma expressão de Wicklow.

– Claro – respondeu e levantou-se. – É melhor ir caminhar pelo campo para gastar aquele *muffin*. Obrigado pelo pequeno-almoço.

– Foi um prazer.

– Tem de ir lá ver aquilo um dia.

– Oh, gostaria imenso. – Olhei em volta procurando o telemóvel. – É melhor ficar com o seu número, assim saberei onde o encontrar.

– Com certeza, mas não se esqueça, eu sei onde a encontrar.

Piscou-me o olho.

Combinara encontrar-me com James nessa noite. Ele enviara-me uma mensagem, pedindo-me que me encontrasse com ele num bar em Ashford, o que achei estranho. Quando lhe perguntei porquê, disse simplesmente que era importante. Não falava com ele desde que contara a verdade à mulher, por

isso não estava muito ansiosa por aquela noite. Desconfiava que seria bastante difícil.

Cheguei às sete em ponto, mas não o vi em lado nenhum. Instalava-me a um canto quando tocou o telemóvel. No preciso instante em que o procurava na mala naturalmente que deixou de tocar. Depois, ouvi uma voz tranquila atrás de mim que disse:

– Olá, deve ser a Lily?

– Sim? – Estava confusa.

– Sou a Tamsin, a mulher do James.

– Oh. – O meu coração começou a bater mais depressa.

– Desculpe, fui eu que lhe liguei agora mesmo. Queria ter a certeza antes de vir ter consigo.

– Compreendo. – Não compreendia nada.

– Na verdade, fui eu que quis este encontro. Fui eu que lhe enviei a mensagem.

– Oh.

O meu vocabulário parecia muito limitado de repente.

– Posso oferecer-lhe uma bebida? – perguntou quando o empregado se aproximou.

Bem me apetecia, mas pressenti que precisaria da minha coragem também.

– Um café, por favor – pedi.

– Para mim também, obrigada. – Ela sorriu e ele desapareceu. – Posso sentar-me?

– Sim, claro. – Não sabia que mais dizer. Ela vinha obviamente direta do trabalho. Reparei no saia-casaco cinzento-ardósia de bom corte e nos sapatos de pele macia, e isso não ajudou os meus nervos nem um bocadinho. Era bonita e estava bem vestida, num estilo nova-iorquino; do género que se vê em *Will e Grace*. Tentei consolar-me com o facto de ela ter arquitetado aquele encontro e por isso deixei-a dar início à conversa.

– Tenho a certeza de que se perguntará por que razão a queria conhecer? – inquiriu, mal acabaram de nos servir o café. Era fraco e morno e mais caro do que o nosso.

– Sim – respondi com toda a sinceridade. – O James sabe? – Acabara de pensar naquilo nesse instante.

– Não. Tal como lhe disse, fui eu quem enviou a mensagem do telemóvel dele. Fiz isso uma noite quando ele já estava na cama... e depois receei que



só respondesse na manhã seguinte quando ele já tivesse o telemóvel com ele.

– E respondi? – Não me conseguia lembrar.

– Sim, felizmente para mim respondeu. – Sorveu o café e pousou a chávena cuidadosamente, como que ponderando por onde começar. – Acho que estou a tentar compreender tudo – disse após uma curta pausa. – Tudo isto foi um choque para mim, claro, mas o que realmente me assusta é que nunca dei por nada.

– O que quer dizer? – Estava intrigada.

– O James e eu, nós temos... tínhamos... o casamento perfeito. Ele é o meu melhor amigo. Amo-o mais do que pensei ser possível. – Os olhos dela iluminaram-se. – Falamos sobre tudo, absolutamente tudo. – Sorveu o café. – Por isso, tenho de me perguntar se estaria assim tão obcecada em engravidar que não consegui perceber o que lhe estava a fazer?

– Parece-me que está a ser muito dura consigo própria.

Receava envolver-me, mas aquilo saiu-me sem pensar.

– Bem, ele disse que tentou realmente dizer-me como se sentia, muitas vezes, antes de... ter feito mesmo qualquer coisa. Acredito nele. Não mentiria para salvar a pele, não é capaz disso.

Com certeza mentira-lhe muitas vezes quando andava a ver a minha irmã, não? Não o disse, mas ela leu-me os pensamentos.

– Oh, ele contava-me mentirinhas sobre onde estava quando as coisas aconteciam, sei disso. Mas nunca me mentiu sobre nada de importante... – Acho que percebi o que ela queria dizer. – Lily, nós não temos segredos, juro-lhe.

Parecia esquecer-se de que a minha irmã fora um grande segredo.

– Então porque não veio ele também?

– Ah. – Ela percebeu que a apanhara. – Precisava de falar sozinha consigo.

– Sobre o quê, exatamente? Receio não lhe poder contar nada sobre o relacionamento dele com a minha irmã...

– Porque não, se não se importa que lhe pergunte?

– Nada sabia sobre isso.

– Nada mesmo?

Parecia surpreendida, mas pressenti que acreditava em mim.

– Não.

– Então, quando descobriu?

– Depois de ela ter morrido.

– Então porque... como contactou...

– É complicado – intervim logo antes de ela prosseguir.

Não estava preparada para as perguntas que ela tivesse a esse respeito.

– Lamento, deve ter sido um período muito difícil para si.

Vi a dor nos olhos dela. Era simpática, o género de pessoa que se gostaria de ter como amiga, imaginei. Senti vontade de lhe contar tudo então e de lhe pedir conselho. Talvez fosse da voz dela, compassiva e doce. Não estava nem um pouco irritada comigo, nem com Ali, pelo que eu via, nem me julgava nem à minha irmã.

– Foi.

– Eram muito unidas?

– Sim, éramos gémeas, sabia?

Fez um gesto de assentimento e estava triste.

– Contava-lhe todos os meus segredos. Era como uma mãe para mim, como irmã, e a minha melhor amiga, tudo numa só.

Olhei para aquela desconhecida e vi que tinha lágrimas nos olhos.

– O James disse-me que a sua irmã era boa pessoa – disse, como se me lesse o pensamento. – Também disse que ela era muito especial para ele. Na verdade, magoou-me ouvir isso.

– Ela era especial, sim. Sinto imenso a falta dela.

– Então quem está a tomar conta de si no meio disto tudo? – perguntou.

– Eu estou bem.

Era a resposta que tinha sempre guardada.

– Os seus pais são vivos?

– Não.

– Oh, pobre Lily. Deve ser muito difícil ter de lidar com as coisas sozinha.

– Tenho amigos. – Não queria a piedade dela.

– Não duvido. – Sorriu-me. – Mas tem alguém com quem possa desabafar, falar de tudo, quero eu dizer?

Abanei a cabeça.

– Posso recomendar-lhe alguém – murmurou. – Se alguma vez precisar de ajuda... ajuda profissional, entenda-se.

Abanei novamente a cabeça.

– Obrigada, mas estou bem, a sério.

– É muito para lidar de uma só vez.

A seguir ficámos ambas imersas em pensamentos.

– Mais café? – acabei por perguntar.

Precisava de aligeirar o momento.

– Sim, por favor. – Ela aceitou imediatamente e dirigi-me ao bar. Precisava de fugir dali um pouco.

– Lily – disse ela depois de eu me ter sentado novamente. – O James e eu temos muitas coisas a decidir. Mas, pelo menos andamos a falar, e agora estou mesmo a ouvi-lo. Apesar de por vezes me sentir tão zangada com ele que só me apetece... oh, não sei, magoá-lo do mesmo modo que ele me magoou, creio.

– Não seria uma pessoa normal se não o sentisse.

– Mas nunca seria capaz de o magoar, pelo menos não de propósito. Preferiria morrer do que fazê-lo sofrer. – Era uma declaração dramática, mas fora dita sem qualquer drama.

– Deve sentir por ele um amor imenso?

– Sim.

– Ele ama-a também? Da mesma forma, quero eu dizer.

– Sim, acredito que sim.

– Então, é uma mulher com sorte.

– Eu sei. – Olhou-me diretamente nos olhos. – Há uma coisa que preciso de lhe perguntar. É a principal razão por ter querido falar sozinha consigo esta noite. Não espero uma resposta agora, só lhe peço que pondere bem no assunto. Pode ser?

– Pode. – Esperei não soar tão apreensiva quanto me sentia.

– É sobre o filho da sua irmã.

– O que tem ele?

– Pelo que James me contou, existe pelo menos uma hipótese de este menino poder ser dele. – Ela deve ter visto um ponto de interrogação surgir no meu rosto enquanto me perguntava onde iria levar aquilo. Sentei-me muito direita. – As datas coincidem. – Falava com muita doçura. – E sei que houve um incidente... um acidente – esclareceu ela – numa ocasião.

Aquilo era total novidade para mim. Senti o coração começar a bater descompassadamente. Poderia aquela mulher ter a resposta que eu procurava?

– Sei também que a criança está a viver no campo, com a sua tia?

– Oh, temporariamente. – Pus-me logo na defensiva.

Ela assentiu com a cabeça e debruçou-se ligeiramente para mim.

– Lily, estou desesperada por ter um filho. – Vi que o seu lábio inferior tremia e que tentava controlar aquilo, como se não quisesse que eu sentisse pena dela. – Por favor, ouça-me – pediu, apesar de eu não ter dado sinais nenhuns de pretender fazer outra coisa. – Eu gostaria... o James e eu... gostaríamos...de lhe dar um bom lar. Tratá-lo-íamos muito bem. Amá-lo-ia como se fosse o meu próprio filho. Por favor, vai pelo menos pensar na possibilidade de nós o adotarmos?

*James e Tamsin*

– FIZESTE O QUÊ?

– Fui encontrar-me com ela. Eu... precisava de o fazer. – Ela encolheu os ombros. – Sabia que se te dissesse não me terias deixado ir.

– E usaste o meu telemóvel para combinar o encontro?

– Sim.

– Isto é vergonhoso. Não posso acreditar que foste capaz de uma coisa dessas. Além disso nas minhas costas... Meu Deus, Tamsin, no que pensavas tu?

– Foste tu que andaste a fazer coisas atrás das minhas costas em primeiro lugar – retorquiu a mulher, e ele percebeu que estivera a pedi-las. – Desculpa, não quis dizer isto da maneira como soou.

– Sim, querias, mas eu mereci – respondeu James, de má vontade.

– Gostei dela – confessou Tamsin.

– Também eu.

– Ela é muito parecida com a irmã?

– No aspeto, sim. – Pensou naquilo, sem querer perturbar Tamsin mais do que tinha de ser. – Em termos de personalidade são completamente diferentes.

– Ela é linda. Fiquei com ciúmes – proferiu Tamsin lentamente.

– Não precisas de ficar.

Ele suspirou e deu-lhe um abraço.

– Falei com ela sobre a criança.

Tamsin sentiu que deveria também dizer-lhe aquilo.

– Tu o quê?

James tinha a certeza de que a tinha ouvido mal.

– Pedi-lhe que considerasse a hipótese de nos deixar ado-tá-lo.

Tamsin declarou aquilo sem retirar o olhar do rosto dele.

– O que disse ela?

– Não muito. Bem, disse que não, claro, mas isso não quer dizer que ela tenha tido mesmo essa intenção. – Tamsin falava perentoriamente. – Chorou um pouco. Não foi por minha causa... eu não... quero dizer, fui muito gentil na minha abordagem ao assunto. – Ela viu a reação dele.

– Não acredito no que estás a dizer-me. – Afastou-se então dela como se tivesse sido escaldado. – Tamsin, não pode ser, diz-me que não fizeste isso.

– James, tive de fazer. – O seu tom era de súplica.

– Talvez – proferiu James após bastante tempo. Estava a esforçar-se imenso por conseguir ver aquilo do ponto de vista dela. – Mas não consigo acreditar que tivesses feito isso sem primeiramente falares comigo.

– Nem sequer sabia que teria a coragem para o fazer até a conhecer. – Tamsin fitava-o fixamente. – Mas pressenti qualquer coisa. Ela mostrou-se, não sei, compreensiva, talvez... culpada, até vulnerável, não tenho bem a certeza. Mas tive a sensação de que era o momento certo...

– Mas nunca te passou pela cabeça perceber primeiro como eu me sentiria com isso? – James tentava fazer o possível por entender. – Nem sequer tínhamos debatido esse assunto, Tamsin.

– Tínhamos, de certo modo. – Ele esperou que ela explicasse. – Perguntei-te se haveria alguma possibilidade de a criança ser tua...

– Sim, e daí?

– E disseste-me que usavas preservativos... com ela...exceto daquela única vez...

– Em que se rompeu. – Custava-lhe imenso que Tamsin tivesse de ouvir aquilo novamente, mas ela fora inflexível em querer saber cada um dos pormenores, e nas últimas semanas haviam exausto o tema.

– Sim, e quando te perguntei que idade tinha ele.

– Lembro-me, mas estava só a dar um palpite, no fundo.

– Não digas isso. – Tamsin sobressaltou-se. – Disseste que tinha sido alguns meses depois disso que ela desapareceu... para ir tratar da tia, ou qualquer outra coisa... E nos jornais dizia...

– Nos jornais dizia que ele andaria entre os três e os cinco anos e meio, pelo que me lembro – disse-lhe James.

– Por favor, James, ele tem a idade exata...

– É uma hipótese em mil, contudo. Não sei quantos homens andaria ela a ver nessa altura. – Viu a expressão dela e teve pena. – Tamsin, temos de ser realistas em relação a isto.

– Por favor, não. – Começou a chorar. – Não mates a pequenina esperança que ainda tenho.

Foi para o lado dela num instante.

– Oh, querida, desculpa. – Embalou-a nos braços. – Não te queria perturbar, desculpa, lamento tanto.

– James. – Pegou num lenço e assoou-se. – Esta poderia ser a nossa única hipótese...

– Tamsin, não podemos tirar um bebé de casa, levá-lo para longe da família, só porque...

– Ele está a viver no campo. – Ela estava com uma expressão que ele nunca lhe vira. – Com uma tia velhinha, tu mesmo o disseste. Ela é jovem, não o quer a destruir a vida dela...

– Ela tem a mesma idade que a mãe dele tinha – replicou James com toda a calma.

– Mas ela pode ter outros filhos... a sua própria família... nos anos que virão. Por enquanto quer concentrar-se no negócio que tem, foi ela mesma que mo disse.

– Eu sei, eu sei. – Afagou-lhe o cabelo. – Mas, ouve-me, amor. Tens de compreender, isto não é assim tão simples como pensas, é só o que estou a dizer. Implica imensas coisas. Nós não vimos a criança.

Olhou para o rosto desesperado de Tamsin, para o seu olhar tresloucado e teve medo por ambos.

– James, temos de tentar. Ele pode ser teu filho. – Pegou nas mãos dele. – Eu gostaria dele como se fosse meu, prometo. – Chorava de novo.

– Sei que sim. – Começou a chorar com ela. – Sei que darias uma mãe maravilhosa. Ele seria o rapazinho com mais sorte do mundo.

– Então, por favor, suplico-te, apoia-me nisto. A nossa única esperança é estarmos juntos nisto.

– Oh meu Deus, Tamsin, não sei se poderei fazer isso. Faria tudo, tudo em meu poder, para te dar o filho que tanto desejas. – Abanou a cabeça. – Mas isto não. Não está certo.

– Por favor! – Ela ajoelhou-se ao lado dele. – Ela não disse que não declaradamente.

Ele abanou a cabeça.

– Por favor, James, estou a implorar-te. Farei tudo.

– Sossega, vai correr tudo bem. – Nunca conseguia estar contra ela. –  
Vamos ver o que ela diz.



NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, toda a gente percebia que eu estava preocupada com qualquer coisa, apesar de não demonstrar até que ponto andava irritada. Anos e anos a viver com um pai zangado haviam-me habituado a esconder a minha índole. A Ali ensinara-me bem, contudo, agora a minha raiva era por causa dela. Rebentava sempre que pensava na «proposta» de Tamsin, que fora um tremendo choque para mim, além de tudo o resto. Havia tanta coisa em turbilhão na minha cabeça, no fundo, demasiadas coisas, por isso, durante algum tempo, tentei bloquear tudo por completo.

O meu devaneio com o Kevin Daly chegou abruptamente ao fim assim que percebi que cometera um disparate. A verdade era que corria o risco de me aborrecer de morte. O homem era completamente convencido, ao ponto da obsessão. Perguntava-me mil vezes ao dia o que pensava sobre o seu cabelo, a roupa, o carro novo. Vivia ou no ginásio ou no meu apartamento, parecia, e eu começava na realidade a sentir-me como uma porquinha, visto ele me chamar *babe* a toda a hora.

Dei com ele a olhar para o convite de casamento – adornado com imagens de Richard e Daisy em bebés – quando um dia cheguei ao apartamento muito tarde pela segunda noite seguida.

– Como entraste? – perguntei.

– A Violet deu-me a chave. – Estendeu a mão para me afagar a perna, sentado no sofá a ver desporto na televisão. – Vamos, *babe*? – Mostrou-me o convite.

– Não sei. – Tentava ganhar tempo. – Só chegou esta manhã.

– Tenho estado a pensar.

Puxou-me para ele. *Isso é novidade*, pensei.

– Sobre o quê? – Sorri com falsa doçura.

– Devíamos pensar em... amarrarmo-nos. – Beijou-me em cheio na boca aberta de espanto.

– Não sejas ridículo! – Esperei que ele dissesse algo do género «apanhei-te!», mas depois percebi que não brincava. Fechei a boca, por fim, e fiz a única coisa que consegui na altura. Ignorei aquilo completamente.

– Já comeste? – Levantei-me de um salto, toda sorrisos.

– Já. A Orla arranjou-me qualquer coisa. Nada mau, mas a massa estava um pouco seca.

Foi a última gota, mas o meu cérebro só registou isso mais tarde.

– Onde tinha ido eu? – perguntei, espantada com a lata dele.

– Buscar flores, ou coisa parecida, pelo que disse a Violet. Eu estava esfomeado, por isso comi. – Ele levantou-se. – Queres um copo de vinho? – Dirigiu-se à *minha* garrafeira e pegou num dos *meus* copos de cristal. – Então, o que achas? – perguntou enquanto procurava um saca-rolhas.

– Não falas a sério. – Tivera esperança de evitar a conversa, pelo menos naquele momento. Só pensava em James e Tamsin e no receio de perder o Charlie para eles. Precisava era de um psiquiatra, não de um marido.

– Sim, porque não? – Puxou a rolha sem sequer olhar para o rótulo da garrafa. – Fazemos uma grande equipa. – Viu-se ao espelho enquanto se aproximava de mim, que me deixara cair no sofá antes de desmaiar. – E tu és uma leoa na cama. – Beijou-me outra vez. – Grrrr – rosnou, afagando-me a coxa depois de me entregar um copo de vinho, que bebi quase de uma vez.

– Kevin... – engasguei-me. – Acho que temos de falar.

– Mais tarde, talvez?

Ele apalpava-me de novo e perguntei a mim mesma que raio teria visto nele.

– Kevin... hum, é melhor ires embora – foi o que me saiu, mas enquanto isso só conseguia pensar: *em que raio fui meter-me?* Imaginar que podia ter estragado a minha relação com Orla por causa dele. Era uma idiota.

– Eh, *babe*, calma, anda lá. Vamos para a cama. – Ele levantou-se e tentou tirar-me o copo, mas eu agarrava-o com toda a força. – Podemos falar disto mais tarde. – Esboçou um sorriso preguiçoso.

– Não. – Era a primeira coisa sensata que eu dizia. – Kevin, desculpa, tem sido divertido, a sério... mas... acho que chegámos ao fim do caminho. – Fora de facto um caminho muito curto.

– Não sejas tonta, ainda mal começámos – disse ele, mas achei que por fim se lhe fizera luz naquela cabecinha.

– Desculpa, não tem nada que ver contigo, sou eu. – Usei a explicação clássica. – Depois de tudo o que aconteceu, acho que me precipitei numa relação e...

Ele deve ter visto qualquer coisa no meu rosto e achou que eu falava mesmo a sério.

– Vai-te lixar.

Pousou o copo. Era a primeira vez que o via zangado.

– Kevin, desculpa... é só que, com o Charlie e tudo isso, não estou agora devidamente preparada.

– Ei, ouve, foi divertido. – Mudara de tática. – Compreendo. – Olhou em volta à procura das chaves do carro e inclinou-se para as apanhar do chão.

– Não ficamos zangados, então? – perguntei, indecisa.

– Nada disso – retorquiu despreocupadamente sem olhar para mim. – Então, vemo-nos por aí? – Pegou no saco do ginásio.

*Não se eu te vir primeiro, teria dito a Sally.*

– Claro – respondi, tentando sorrir.

– De qualquer maneira, sabes o que disse sobre seres boa na cama.

Inclinou-se e beijou-me ao de leve antes de se dirigir para a porta.

Senti que aquela não era para responder.

– Bem. – Deteve-se com a mão na maçaneta e virou-se para mim. – Não és tão boa como a tua irmã.

Na manhã seguinte, estava a pé antes de quaisquer pássaros que por ali houvesse começarem a cantar pelo seu pequeno-almoço de inverno. Os fornos estavam ligados e o café fervia muito antes de Orla e Violet aparecerem, por volta das sete. Nessa manhã eu até tinha a primeira fornada de *scones* de cereja e bolinhos a fazer pelas seis e meia e os pãezinhos de sésamo esperavam por ir a seguir.

Estava furiosa com quase toda a gente que conhecia, exceto, claro, com o Charlie, as raparigas e a tia Milly. Oh, e com o Daniel Williams. Tornáramo-nos amigos e, se ele não se tivesse envolvido com a minha irmã primeiro, eu teria sido mais encorajadora. Assim, tinha de lutar contra a atração crescente que sentia por ele sempre que o via.

Daniel, por seu lado, não dava sinais de me ver de outro modo que não uma boa amiga. Éramos bastante parecidos em alguns aspetos: ambos estávamos imersos em projetos novos, ambos muito empenhados. Para ele fora a morte do pai o catalisador, para mim a morte de Alison. E agora eu tinha uma criança a meu cargo. Daniel era o único que parecia compreender a dificuldade da situação.

Por vezes comíamos uma sopa com pão quente e queijo e um copo de vinho tinto quando o café fechava; outras íamos conhecer uma miríade de novos restaurantes que haviam surgido como cogumelos por todo o Sudoeste da Irlanda. Ele nunca mencionou o Kevin, nem as minhas amigas o faziam, após um comentário fugaz por parte de Orla no dia a seguir ao fiasco no meu apartamento, que quase acabou mal, pois ia-lhe cortando um dedo na tábua de cozinha. Era óbvio que ela contara a Sally também, pois esta deixara-me uma mensagem no telemóvel a perguntar: «O bonitão do Kevin Daly já foi ao ar?»

Em alguns aspetos, Daniel substituíra Richard na minha vida e, curiosamente, eu não tinha quaisquer arrependimentos em relação a isso. Ao pensar em Richard, mesmo que de passagem, invadia-me a raiva que contivera interiormente desde a conversa que tivera com Tamsin – e que chegara ao ponto de ebulição quando Kevin Daly viera com a sua tirada de saída. Todos aqueles homens com as suas vidas perfeitas. Teria Alison significado alguma coisa para qualquer um deles? Pensava nisso constantemente.

Richard tinha a namorada modelo, tão despreocupada que me fazia sentir velha só por estar na mesma sala que ela. Isso tudo e um casamento de conto de fadas, no inverno.

Estava também irritada com James, por querer o meu lindo menino, tudo o que me restara da minha irmã. Além disso, sentia alguma inveja de James e Tamsin pelo elo invisível que os mantinha unidos mesmo no meio de uma confusão daquelas. Tratava-se de mais uma relação perfeita a assombrar-me. Também andava aborrecida com Dave Madden, por me ter abandonado completamente depois de me ter prometido ajudar com o café. Não tinha notícias dele desde o encontro daquela noite no bar do hotel, quando quase me convidara a ir para a cama com ele. Provavelmente andaria demasiado ocupado com a mulher e as filhas gémeas. Depois, havia William, que parecia acreditar que me poderia comprar com viagens a Paris – numa

espécie de substituição instantânea da minha irmã morta. Quanto a Kevin Daly, bem, entrara de repente na minha vida e na minha cama na mesma noite. Tudo vidas pouco dignas de confiança, não podia deixar de pensar.

– Esqueci-me de te dizer – declarou Violet na manhã seguinte enquanto pendurava o casaco depois de ter ido buscar os jornais do dia –, a tua tia Milly ligou ontem. Foi a Orla que falou com ela.

– Quem está a falar de mim? – Orla entrou empurrada por uma rajada de vento gelado e sacudiu-se como um cachorrinho depois do banho. – Já repararam nas colinas hoje? Estão todas salpicadas de geada – disse, cheia de energia a seguir à caminhada para o trabalho.

– Que notícias há de Cork? – perguntei quando Violet acabou de limpar as mesas.

– Bem, a tua tia queria saber tudo. – Orla serviu-se de um café e pôs-se ao trabalho. – Disse que meteu umas coisas no correio para nós. Sugeriu que puséssemos um prato de peixe e batatas fritas na ementa das sextas-feiras. Com puré de ervi-lhas. – Orla franziu o nariz. – Pelos vistos há um regresso à tradição entre a gente nova em Cork. Nada de carne à sexta-feira... isso não era um pecado mortal ou qualquer coisa assim?

– Nenhum pecado de que as pessoas que aqui vêm se lembrem. – Ri-me. – Embora não me soe mal um belo de um peixe com batatas fritas grossas, caseiras.

– Mas não com as ervilhas. Talvez um bom molho tártaro?

– Pois é, vamos experimentar. – Gostava da ideia. – Ela disse mais alguma coisa?

– Só que o Charlie anda a perguntar por ti. – Orla apertava o avental. – Ele quer cá vir visitar-te outra vez.

– Quando? – O meu coração deu um salto. Andava a pensar tanto nele naqueles dias e desde o meu encontro com Tamsin que ele me parecia mais seguro lá escondidinho em Cork. Além disso, ainda não encontrara casa sequer. Sabia que teria de fazer alguma coisa nesse sentido, em vez de estar sempre a pensar que nunca conseguiria arranjar a casa com que sonhava na costa. A tia Milly enviara-me fotografias dele e do *Squirt* há uns tempos, e quase irrompi em lágrimas ao vê-los. Ele estava a ficar tão crescido e eu a perder tudo.

– Ela não disse quando – contou Orla. – Mas disse-lhe que lhe telefonavas hoje.

– Ótimo, obrigada. – Suspirei, desesperadamente ansiosa por falar com ela sobre tudo.

– Estás bem?

– Sim, estou.

– É só que não tenho visto o Kevin por cá e andas algo irritadiça ultimamente. A Sally diz que tens evitado os seus telefonemas. Recebi um *e-mail* dela ontem à noite. Está preocupada contigo.

– Desculpa, Orla, ando com muita coisa ao mesmo tempo na cabeça.

Falara com Sally por *e-mail*, mas só acerca do café, por mais vezes que ela me tivesse perguntado sobre outros assuntos. Acho que tinha algum receio de lhe falar na proposta de Tamsin. Faria com que o assunto me parecesse ainda mais real.

– Preciso de deixar de procurar a casa ideal, com vista para o mar, que não posso dar-me ao luxo de comprar, e concentrar-me em encontrar qualquer outra casa algures, de modo a poder ter o Charlie comigo. Tenho tantas saudades dele. – Senti-me ainda mais em baixo. – Agora, anda cá e prova estas minipizas. – Fiz um esforço supremo para afastar todas as minhas preocupações. – Acho que a base com tomate, manjerição e alho é deliciosa. Só precisamos de algumas coisas boas para colocar por cima... talvez aquelas belas anchovas. Ou um pouco daquele chouriço com uma ou duas azeitonas. – Ia tomando notas enquanto falava. – E que tal atum com cebola vermelha?

– Parece-me ótima ideia, exceto o atum.

– Se calhar tens razão. De qualquer maneira, prova uma só com mozzarella de búfalo, um pouco de azeite de chili e uma pitada de orégãos. É divino. Penso que temos um prato vencedor em mãos.

– Há alguns bolinhos de limão e passas já prontos? – Violet apareceu à porta. – E preciso de um *bagel* torrado com queijo creme e salmão, sem as alcaparras.

– Céus, já está na hora? – Deitámos mão à obra.

Assim que consegui tempo liguei para Cork.

– Então como vão as coisas? – perguntei à minha tia.

– Tudo ótimo, querida, e contigo?

– Uma loucura. – Contei-lhe tudo o que acontecia. – Como está o Charlie?

– Está esplêndido, mas anda sempre a perguntar por ti.

– A sério? Ele está bem?

– Ótimo, ótimo, nada com que nos preocuparmos, só que um dia destes viu na Sky News um helicóptero e foi a correr esconder-se atrás do sofá.

– O quê? Oh meu Deus, Milly, porque não me contou isso? Ele anda obviamente a pensar no acidente outra vez.

Senti-me enjoada.

– Ouve-me, querida, ele esqueceu isso tudo. Mande-te uma mensagem na altura, mas...

– Desculpe, tia, pois mandou. – Recordei-me disso, com enorme sentimento de culpa. – Pensei que só ligava para dizer olá e esqueci-me... – Estava à beira das lágrimas. – Oh meu Deus, Milly, sou uma mãe horrível. – Aquilo saiu-me antes de ter sequer compreendido que era assim que me sentia.

– Lily, juro-te que ele está bem. Nem sequer te ia dizer.

– Vou aí hoje... oh céus, não posso. A Violet pediu-me folga amanhã... deixe-me pensar. – Estava desesperada.

– Vens cá pelo Natal. É só do que ele fala agora, concentra-te nisso. A minha tia lá acabou por me acalmar, como sempre fazia. Mal pousei o auscultador, o telefone tocou novamente.

– Está lá?

– Lily?

– Sim?

– É o Daniel.

– Oh, Daniel, olá.

– Como está? – perguntou.

– Ótima. – Sabia que soava exatamente ao contrário.

– Está tudo bem?

– Não. – Desabafei tudo. – Preciso de encontrar uma casa. – De súbito senti toda a coragem abandonar-me.

Se ele ficou surpreendido com a minha explosão, não o demonstrou.

– Está bem, então fazemos o seguinte: vou à cidade amanhã de manhã e dou uma vista de olhos rápida às imobiliárias. Além disso, já foi ao *site myhome.ie*?

– Não, sou uma inútil – disse-lhe.

– Deixe de ser tão dura consigo. Porque não faz uma pesquisa hoje à noite? Depois passo por aí à tarde e arrasto-a para um passeio para podemos conversar. Está bem?

– Está bem. Obrigada. – Tê-lo-ia beijado naquela altura, se pudesse. De facto, queria fazê-lo. Era a voz dele. Gostava imenso do sotaque também. Desliguei e sorri para mim própria.

Nessa tarde, Richard apareceu mesmo quando eu me sentava para beber um sumo – uma das receitas da tia Milly – e com o bloco-notas para planear a ementa do dia seguinte e fazer uma lista de tudo o que precisava. Estava ainda mais determinada a ter Charlie comigo assim que fosse possível, e pelo menos nas últimas horas decidira finalmente dizer a James e a Tamsin aquilo que eu sabia que iria magoá-los.

– Olá. Estou a importunar? – Richard tinha um ar despreocupado e eu invejei-o ligeiramente.

– Não, senta-te. – Convidei. – Não me digas, ias a passar na zona?

– Não, não propriamente.

– Café?

– Não, obrigado. Na verdade, estava a pensar se não te poderia convidar para um jantar cedo naquele novo restaurante indiano, em Arklow?

– Pagas tu?

– Pensei que podíamos pagar a meias? – O sorriso dele fazia-o parecer ter doze anos.

– Não há hipótese.

– Está bem, então podes pagar tu, se tanto insistes.

– Richard Kearney, és tão sovina. – Era a primeira vez desde há imenso tempo que gracejávamos um pouco. – De qualquer modo, fui ao indiano na outra noite.

– Oh. É bom?

– Não é mau.

– Com quem foste?

Ele sentou-se e atirou as chaves para cima da mesa.

– Com o Brian Daly, mas não tens nada que ver com isso.

– Advogados, gostamos tanto deles, não é? Quem pagou?

– Ele, claro.

– Aposto que veio dos honorários que lhe pagas.



– Ele não é assim. – Dei-lhe uma palmada na mão. – De qualquer modo, se quiseres, podemos ir experimentar aquele italiano novo, em Rathdrum?

– Ótimo, sim. De quanto tempo precisas?

– Dá-me meia hora. E até serei eu a pagar. – Olhei para ele. – Diria que andas a poupar para o casamento.

– Recebeste o convite? – Estava a brincar com as chaves.

– Sim, claro que recebi. – Lembrei-me do desastre com o Kevin.

– Vais?

– Queres que vá?

– Sim.

– Posso levar um amigo? – Não tinha intenção disso.

– Sim. – Ele ficou algo desapontado, o que foi simpático.

– Então de certeza que não falto. – Acabei o sumo. – Como vai a Daisy?

Ele suspirou.

– A vida é uma longa lista...

– Estás nervoso?

– Não sei.

– Entusiasmado?

– Acho que sim.

– Meu Deus, és um fartote. – Dei-lhe uma cotovelada nas costelas quando me levantei. – Quando é a despedida de solteiro?

– Na próxima semana.

– Posso ir? A fingir ser um dos teus amigos?

Ele estremeceu.

– Merda, até tenho medo de pensar no que eles planearam. O Tom Dalton há muito que está à espera disto.

– Vamos ver, eu diria que vais ficar bêbedo e nu, de qualquer maneira. Adorava ver isso.

– Gostavas de me ver nu? – perguntou ele, com grande desprazer.

– Só se pudesse cobrir-te de tinta e colocar penas nas tuas partes íntimas.

Olhámos um para o outro um instante. Eu desatei a rir primeiro, feliz por o ter finalmente tirado da minha cabeça.

ANDEI DEMASIADO OCUPADA DURANTE O RESTO DA SEMANA para me preocupar com qualquer assunto, e passei o pouco tempo livre que tinha às compras de presentes e roupa para Charlie e para a minha tia, desejando que os dias corressem depressa para poder ir até Cork. De súbito, começou a nevar e Wicklow – o condado mais verde da Irlanda, segundo os habitantes – transformou-se num bolo de Natal gigantesco. Fazia gelo. Lá em baixo, no porto, soprava um vento gelado que impulsionava as crianças, que deslizavam e patinavam por toda a parte, enquanto os mais velhotes iam arrastando os pés pelos passeios agora muito escorregadios. As colinas cobertas de urze transformaram-se em bonecos de neve gigantes.

Contratámos um estudante e instalámos um quiosque à porta do café para vender chocolate quente com *marshmallows* e bolinhos aquecidos a escorrer manteiga, e a quadra natalícia chegou a todo o vapor, com muita gente a fazer almoços demorados. Sandra Horlicks contratou um autocarro e trouxe um grupo de clientes para provarem as nossas especialidades. Gastaram uma fortuna em álcool e fiquei grata por termos pedido licença para vender vinhos quando abri o café, apesar de ter sido necessária muita papelada e uma enorme ajuda do Brian Daly. Ao observar Sandra e o grupo dela a fazer brindes, senti-me feliz por tudo ter corrido bem. Tivera imenso trabalho com ela. Planeámos uma ementa especial – sem uma fatia de peru à vista – e quando lha enviei por faxe ela telefonou imediatamente a confirmar.

– E o melhor de tudo é que vivo mesmo ao virar da esquina – disse-me ela quando apareceu para encomendar o vinho no dia anterior, de modo a tê-lo já na mesa quando os convivas chegassen. – Vou no autocarro de manhã e assim que os despachar posso ir a pé para casa. Inteligente, não?

– Muito. – Sorri. – E muito obrigada. É um ótimo negócio para nós.

– É um prazer. – Estava radiante. – Mas são barulhentos, estou já a avisá-la.

Não brincava. Alguns dos clientes habituais queixaram-se do barulho. Começava a achar que aquilo não poderia continuar por muito tempo.

– O que achas? – perguntei a Orla, assim que ela serviu os pratos principais.

– É um desastre. – Ela foi bastante direta. – O café é demasiado pequeno.

– E a acústica é brutal. – Não reparara nisso anteriormen-te. – Terei de falar com a Maureen Stanley depois do Natal.

– Ela está cá na segunda-feira. Vai trazer quatro dos representantes da Câmara de Wicklow para almoçar, mais um arquiteto mais velho, do escritório dela. Passou por cá ontem para ver como corriam as coisas. Disse que não te via há séculos.

– Pois é, nesta altura nem tenho vida para mim. – Sentia pena de mim naquele dia. – De qualquer maneira, ela terá de arranjar qualquer coisa para o barulho... é uma loucura. Não podemos continuar a fazer isto ou perderemos os clientes habituais. Estou a ver a Yvonne Tracy e algumas senhoras que estão a almoçar a tentar chamar a minha atenção e duvido de que seja para me elogiarem sobre os pastelinhos de peixe tailandeses.

– Porque não pensas em esvaziar a sala de arrumações e pôr tudo lá em cima por enquanto? – Naomi andava nas arrumações. – Então podias usar essa sala para festas privadas.

Orla e eu olhámos uma para a outra.

– É uma ótima ideia – disse ela.

– Rapariga, és um génio!

Nem acreditava que nenhuma de nós tivesse pensado naquilo antes.

A rapariga encolheu os ombros.

– E também tem uma porta para a cozinha.

– Terás um pequeno bónus no teu salário no final da se-mana. – Dei-lhe uma palmadinha nas costas. – Acabaste de nos salvar a pele.

Ela pareceu encantada, daquele modo mortificado das adolescentes.

Daniel tornava-se visita frequente. Andara a ver as imobiliárias locais, mas não conseguiu descobrir uma casa que achasse que me agradaria. Passáramos uma hora no remodelado *pub* McDaniel's em Brittas Bay, na noite anterior, a olhar para uma série de brochuras depois de ele me arrastar até sua casa para admirar os vastos campos imaculados.

– Anda lá, cidadina – insistiu, depois de me ter recusado a dar mais um passo por sentir os pés tão frios.

– Quem pensas que és, o Chris Bonington a subir ao Everest? – Desatei a rir, puxando-lhe pelo gorro. – Pareces um caçador de recompensas. Esse gorro é ridículo.

– Eu sei, como se a minha cabeça já não fosse suficientemente grande sem este gorro de pele. – Começou a dançar como se fosse um cachorro. – As abas fazem-me parecer o Pluto! – Era sempre tão modesto. Essa era uma das muitas coisas de que gostava nele.

– É isso! – Eu estava encantada. – Pluto, é isso mesmo!

– Foi a minha mãe que mo comprou.

– Bem, diz-lhe para não comprar outras coisas que não meias e cuecas.

Beth Hammond telefonou-me logo a seguir ao almoço.

– Preciso da sua ajuda – disse ela, com ar alegre. – Posso passar aí por Wicklow?

Fiquei surpreendida por ela se lembrar, apesar de ter sido muito conversadora na noite da festa que dera em casa.

– Mas fica tão longe... – respondi, tentando demovê-la.

– Bem, tenho uma amiga, a Celine, que vive em Avoca, por isso achei que poderia combinar as duas coisas.

– Fazemos assim – tomei uma decisão rápida. – Vou a Dublin amanhã falar com o meu advogado. Posso passar por sua casa? – Pelo menos poderia dominar a situação e sair logo que quisesse.

– Oh, faria isso? Seria fabuloso. Obrigada.

Desliguei pensando se teria agido bem.

Afinal, ela só queria alguém que lhe preparasse um jantar de Natal especial que planeava dar para a família de William. Conversámos imenso sobre a pressão da época natalícia e reparei que não era a mesma pessoa cheia de vida que eu conhecera na noite da festa.

– Receio não a poder ajudar. – Tentei explicar que andava sobrecarregada de trabalho e vi que ficou desapontada enquanto tomávamos a segunda chávena de café na cozinha dela. – De qualquer modo, no Natal vou estar em Cork com a minha família.

– Sorri de prazer só de imaginar aquilo e tentei sugerir-lhe outras possibilidades para a ajudar. No fundo, gostava mesmo de Beth Hammond.

Era inteligente e divertida e muito atraente. Que raio estaria a fazer com William, perguntei aos meus botões, mas no fundo sabia. Os Williams deste mundo ficam sempre com as raparigas bonitas.

– Oh, valha-me Deus. – Suspirou e depois pareceu resignar-se bastante depressa. – No fundo, talvez me tenha dado a desculpa ideal para não fazer isto este ano.

– Ai sim?

– Bem, estou um pouco farta do meu marido. Tem anda-do bastante chato. Mais café?

Estendeu a mão para a cafeteira.

– Obrigada. – Estendi-lhe a chávena de porcelana.

– E mal o tenho visto. Anda sempre tão ocupado. Parece-lhe incrivelmente egoísta da minha parte?

– Não.

Como é que eu continuava a envolver-me naquilo?, pensei.

– Por vezes é difícil quando não se trabalha. Acontece-lhe tanta coisa, ao passo que comigo é todos os dias a mesma coisa. Ultimamente nem sequer tem falado muito comigo.

Deitei leite no meu café e nada disse, apesar de estar em pulgas para lhe dizer exatamente o que faria a William.

– Desculpe. – Sorriu. – Acho que só estou a ser paranoica. A minha amiga Triona, cujo marido a trocou há pouco tempo por uma mulher *mais velha*, apesar de ela ter gasto uma fortuna a pôr maminhas novas, porque ele queria, pensa que deixo o William fazer o que quer de mim.

Perguntei-me se Triona seria a mulher demasiado maquilhada, embriagada, que vira a atirar-se a ele na noite da festa.

– E ando com uma desesperada tensão pré-menstrual e nada de sinais do período, por isso talvez as minhas hormonas andem tão doidas. Como se tudo isto não bastasse, uma outra amiga minha acabou de descobrir que o marido tem comprado presentes caros que não foram para ela.

– Talvez sejam para clientes de negócios? – Não sabia porque defendia aquele desconhecido.

– Os clientes dele têm todos quatro patas. É veterinário. – Esboçou um sorriso. – E também tem estado fora em várias conferências. Sabe, não sei o que me deu de repente. – Sorriu. – Normalmente não desabafo com esta facilidade. Além disso, mal nos conhecemos.

– Bem, a minha irmã dizia sempre que «mulher prevenida vale por duas», ou qualquer coisa assim. – Inspirei fundo e decidi ir diretamente ao assunto.  
– Então o que faria a *Beth* se... descobrisse alguma coisa sobre o seu marido?

– Curiosamente, é o que me anda a preocupar mais. É que não tenho a certeza se faria alguma coisa. Isso não lhe parece uma loucura?

– Não. – Surpreendentemente, não estava admirada.

– Amo-o, compreende. – Tinha um ar triste. – E tenho uma vida maravilhosa, uma casa de que gosto imenso, filhos que adoro e o estilo de vida que sempre quis. Parece uma tolice, mas posso ir onde quiser, comprar o que me apetecer, sem que ninguém me pergunte nada. Também... e irá pensar que isto é uma estupidez porque é jovem, solteira e independente... gosto muito de ser *Mistress William Hammond*. Tenho sido a mulher dele durante a maior parte da minha vida de adulta. Consegue compreender-me?

– Sim, perfeitamente. – Era verdade. Mas sentia uma vontade enorme de me vingar de *William*.

– O que acha que eu devia fazer? – Ela parecia desejosa de falar sobre aquilo com alguém. – Entende, no fundo não tenho ninguém com quem falar. No nosso círculo, toda a gente se conhece, por isso não arriscaria, e, bem, a minha melhor amiga não gosta lá muito do *William*... – A voz dela esmoreceu. – No fundo, isto é ridículo. Nem sequer sei se preciso de fazer alguma coisa. Nada tenho a que me agarrar, nem uma única coisa. Não passo de mais uma dona de casa tonta e insegura.

*Beth* parecia à beira das lágrimas.

– Bem, tenho uma amiga em *Sydney*... – contei-lhe sobre a amiga da *Sally* que fora amante de um tipo durante anos.

No fundo, não sabia muito sobre ela, por isso improvisei um pouco e depois senti-me extremamente culpada.

– Oh, meu Deus, então e o que fez a mulher dele?

*Beth* estava animada.

– Bem, ela não revelou nada, claro, mas essencialmente o que fez foi assumir o controlo da situação. Pôs-lhe as rédeas tão apertadas e tudo de modo tão razoável que ele não teve outra hipótese a não ser continuar com ela.

– Estou a ver. Que género de coisas fez ela, por exemplo?

– Bem, inscreveu-se no ginásio dele, para começar – menti, tentando pensar em todas as coisas de que William gostava. – E ia para lá de táxi todas as noites à mesma hora que ele, para que «tivessem um pouco de tempo de qualidade, a caminho de casa»... pelo menos creio que foi assim que ela pôs as coisas. Oh, e começou também a sair, e, de súbito, não era possível encontrar *babysitters* e ele tinha de voltar para casa mais cedo. Por fim, acho que conseguiu que roubassem o *Jaguar* novinho em folha do marido e convenceu-o a ficarem só com um carro e pouparem o ambiente. – Estava com a sensação horrível de que acabara de levar aquela história demasiado longe.

– Não me diga! – Beth estava de olhos esbugalhados.

– Bem, a família dela não era propriamente constituída por cidadãos exemplares, tenho de dizer. – Tentei que aquilo soasse mais plausível. – Havia muitas perguntas sobre onde teriam arranjado dinheiro, creio. Pelos vistos, havia um primo... um tal Vinnie ou assim, que cumprira prisão por roubo. Foi ele quem tratou do carro. – *Cala-te* já, avisei-me a mim própria. *Daqui a nada passaste das marcas.*

– Bom, foi bem feito – proclamou Beth.

– Tenho a certeza de que a Beth seria um pouco mais subtil. – Sorri. – Claro que tudo isto não passa de uma suposição sua...

– Lily, ajudou-me imenso.

Deu-me uma palmadinha na mão.

– A sério?

– Sim. Veja, mesmo que ele seja um marido modelo, deixei-o à solta muitos anos. Por exemplo, o que estou eu a fazer *insinuando* sobre ir com ele na viagem a Paris? É o que fazem as raparigas de quinze anos quando querem que um rapaz as convide. – Desatou às gargalhadas. – Isto realmente animou-me, acredita?

– A mim também. – Vi as horas no telemóvel, sentindo a consciência aliviada sobre a questão de Paris, pelo menos. – Agora é melhor ir andando.

– Obrigada. – Deu-me um abraço. – Oh, Lily, é melhor mantermos isto entre nós... só no caso de se encontrar com o William quando, espero, voltar a cozinhar para nós no futuro. De facto sem sequer direi que esteve aqui, se não se importa?

– Claro que não – respondi, retirando-me apressadamente e não me sentindo lá muito bem com o que fizera.

Combinara ir ao escritório de Brian Daly às cinco e meia dessa tarde, para tratarmos de alguns assuntos. Depois iríamos jantar e eu ficaria no apartamento de Dublin. Ansiava por isso. Havia semanas que não passava uma noite fora de Wicklow e estava a gostar da agitação das ruas de Dublin depois de tanto tempo sem ali ir.

– Está com bom aspeto. – Brian tinha um ar contente quando me pediu que me sentasse. – Como está tudo a correr?

– Até agora tudo bem. – Sabia que ele ainda estava algo cauteloso em relação ao café.

– Não se arrepende?

Abanei a cabeça.

– É a melhor coisa que já fiz – disse, com toda a sinceridade.

Acabáramos de analisar alguns documentos e resolvêramos um ou dois assuntos financeiros quando alguém bateu à porta.

– Desculpa incomodar-te, ia só... olá, Lily, como estás?

Kevin Daly entrou por ali adentro, não parecendo surpreendido por me ver. Senti o cheiro da sua água-de-colónia antes de ele ficar a três metros de mim. Estava muito bem arranjado e tive de admitir que tinha bom aspeto. Só músculos e nada de miolos, pensei, aliviada com o seu ar tão descontraído. Embora ainda não tivesse esquecido os comentários que fizera ao partir, naquela noite em minha casa, senti-me contente por ele não estar rancoroso.

– Olá – respondi com ar casual.

– Estava a pensar se gostarias de ir tomar um copo? – perguntou ele a Brian. – Não sabia que tinhas companhia. A tua secretária não está... – Sorriu a ambos e olhou diretamente para o meu *top*.

– Estamos mesmo a acabar. – Reparei que Brian parecia sempre pouco à vontade quando o irmão estava por perto. – Bem, na verdade eu e a Lily vamos jantar fora.

– Um encontro, hem? – Disse aquilo de modo a fazê-lo soar a fim de semana escabroso. Era o seu constante sorrisinho presunçoso que lhe dava esse ar. Perguntei-me como teria sido possível ter um caso com ele, mesmo que só por algumas semanas.

– É só um jantar – disse-lhe, sorrindo, mas não surtiu qualquer efeito.

– Bem, não vou perturbar os dois pombinhos, mas que tal se antes vos pagar uma bebida no bar do outro lado da rua?

– Por mim está bem.



Não lhe daria a satisfação de arranjar uma desculpa para recusar.

– Tem a certeza? – Brian parecia um pouco ofendido.

– Sim, porque não? Temos tempo para uma bebida rápida, não temos?

– Acho que sim. Dá-nos um ou dois minutos... – Brian indicou a papelada.

– Está bem, vou encomendar as bebidas. O que tomam?

– Pede uma *pint* de *Guinness* para mim.

– Outra de *Heineken* para mim – pedi eu.

– Uma *pint*, hem? Muito pouco feminino – comentou. – E tens um ar tão recatado. – Piscou um olho ao irmão.

Reparei que Brian nos olhava com atenção.

– Em que século vives? – Foi uma vã tentativa de o deitar abaixo. Ele soltou uma gargalhada e puxou-me o cabelo. Suportava aquilo com qualquer outra pessoa. Com Kevin Daly, apeteceu-me dar-lhe um pontapé nos testículos.

Quando fomos ter com ele ao *pub*, dez minutos depois, estava à conversa com uma versão menos produzida da Madonna.

– Não vos queremos incomodar.

Peguei na minha cerveja enquanto Brian fazia sinal ao empregado do bar para lhe servir a *Guinness*.

– Ora ora, não fiques com ciúmes. – Deu-me uma palmada no rabo quando me afastei e juro que tive de me conter para não lhe entornar a cerveja no seu peito hidratado. – Sabes bem que só tinha olhos para ti a certa altura. – Sorriu-me escarninho e piscou um olho à parecida com a Madonna, que não lhe cantaria com certeza o «Like a Virgin», mais tarde, desconfiei.

Felizmente, foi só uma bebida, apesar de o Kevin ter dominado a conversa com histórias de negócios que estava prestes a fazer e de sítios na moda onde estivera. Como irmãos, eram dois pólos opostos. Felizmente para mim, Brian parecia ter tanta vontade de se ir embora quanto eu, e a seguir tivemos um jantar maravilhoso em Howrth.

– Tenho de lhe contar uma coisa – acabei por dizer. – O Kevin e eu tivemos um caso... de pouca, muita pouca duração... há algum tempo. – Fiquei envergonhada só de pensar nisso. – Um disparate – expliquei, esperando que ele não ficasse ofendido. – Pura parvoíce.

– Pois, andava a pensar no que teria acontecido entre vocês.

Sorveu a bebida pensativamente.

– Acabou um pouco... mal, creio. – Era tudo o que eu iria dizer.

– Ficou magoada? – perguntou-me e quase me engasguei com as gambas.

– Não, não – respondi apressadamente, demasiado depressa. – Apenas... acho que não combinávamos.

– Tenha cuidado, Lily. – Brian pousou o garfo e a faça. – Sei que ele é meu irmão, mas nem sempre é... a pessoa mais honrada deste mundo. É um sedutor, demasiado bem-parecido, realmente. Não seria a primeira mulher a cair nas malhas dele. Detestaria saber que ele a deixou... plantada.

Mas aposto que seria a primeira mulher a vomitar só de pensar nele, o que estava prestes a fazer. Como poderia o Brian assumir automaticamente que o canalha do irmão me dera com os pés e não o contrário?

– Na verdade, Brian, foi eu quem... acabou.

Já estava farta de ser simpática.

– Oh, estou a ver – foi tudo o que ele disse.

Mais tarde, Brian deixou-me na minha antiga casa de táxi, e levou-me até à porta enquanto o motorista mantinha alegremente o taxímetro a contar.

– Tive uma noite maravilhosa. É uma rapariga engraçada – ele ria-se de uma das minhas piadas –, e também muito boa companhia.

– O Brian também. – Pus as mãos à volta do braço dele. Sentia-o como o irmão que sempre quisera. – É tão amável comigo, não sei o que teria feito sem si nos últimos meses.

Senti-me grata pela oportunidade de lhe dizer aquilo.

– É um prazer. – Sorriu-me. – Há notícias de Cork, a propósito? Como está o Charlie?

– Está bem, aprende palavras novas todos os dias.

Eu ficava sempre inquieta por ele poder pensar que eu não fazia o bastante pelo Charlie.

– Vai vê-lo em breve?

– Infelizmente, não tão cedo quanto gostaria. – Suspirei. – Acho que até ao Natal estamos abertos mesmo ao domingo. Foi uma decisão difícil de tomar, pois significa que não poderei ir a Cork nem sequer uma noite, mas andamos inundadas de encomendas e reservas para almoços e festas, e simplesmente tive de a tomar, pelo sim pelo não, não vá janeiro ser um mau mês.

– Posso imaginar – retorquiu.

– Toda a gente terá os cartões de crédito para pagar, por isso ninguém irá comer fora. – Tinha esperança de que não fosse tão mau quanto receava. – A

minha tia vinha ajudar-me por um dia ou dois na próxima semana e trazia o Charlie, mas não consegue viajar de comboio nesta altura do ano.

– Ela não conduz?

– Propus-lhe isso, mas ela não conduz há anos, e o Charlie não é grande coisa a viajar. – Queria tanto vê-lo que até pensei em mandar-lhes um carro para os ir buscar, mas o custo era astronómico. – De qualquer maneira, mal posso esperar pelo Natal. – Sorri, determinada a não ficar sentimental.

– Pobre menino, precisa de uma figura paterna.

Estava ligeiramente embriagada ou nunca teria ficado ofendida com aquilo.

– Cá nos arranjamos – respondi, com mais aspereza do que pretendia.

– Desculpe, Lily – interrompeu imediatamente. – Não queria dizer...

– Não, eu é que peço desculpa. – Tinha imensa vontade de lhe contar o que me mantinha acordada à noite nos últimos tempos. – Estou um pouco sensível, sabe... é que... – Olhei para ele. – Há uma pessoa que... conheci recentemente que pode... ser o pai do Charlie.

Senti-me melhor assim que desabafei aquilo.

– O que disse? – Brian empalidecera imediatamente.

– Conheci alguém que... conhecia a Alison. – Compreendi que não estava de modo nenhum preparada para aquilo, ali de pé num átrio cheio de correntes de ar com um homem de quem gostava imenso e que não queria preocupar. – É apenas uma vaga possibilidade. – Comecei a recuar no assunto

– Quem é ele?

– Ninguém que conheça.

– Lily, isto é importante. Precisamos de falar. Não quero que cometa nenhum disparate.

Aquilo aborreceu-me.

– Eu sou responsável pelo Charlie agora.

– Olhe, deixe-me despachar o táxi. – Ele já ia a meio das escadas. – Faz-me um café? Por favor?

– Não tenho leite em casa. – Não ia ceder tão facilmente. – Além disso, a casa está gelada. Estava a pensar ir já para a cama.

– Por favor – repetiu. – Não demoro um segundo. – Desapareceu, deixando-me sem hipóteses.

A casa estava de facto gelada, e sem o toque caseiro da minha irmã parecia abandonada. Algumas plantas tinham secado, havia teias de aranha nos cantos e as janelas tinham um ar sujo.

– Então, o que o preocupa? – perguntei-lhe minutos depois ao dar-lhe uma chávena com um líquido esquisito feito com café instantâneo já fora do prazo.

– Sabe quanto eu gostava da Alison. – Parecia constrangido. – E sei que ela não desejaria isto.

– Como sabe?

– Ela não queria contacto com o pai. Tinha a impressão de que nem sequer gostava dele.

Pareceu-me que falava de cor, o que era invulgar nele. Era sempre tão considerado.

*Como pode alguém não gostar do James?*, perguntei-me.

– Bem, esta pessoa, ele e a mulher...

– Mulher?

– Sim, ele é casado. – Senti vergonha de mim própria quando pensei nisso depois, mas senti uma espécie de prazer perverso em fazê-lo saber que a Alison não era santa nenhuma, como ele pensava. – Eles não podem ter filhos. – Observei-o com atenção. – A mulher descobriu recentemente que o marido e a minha irmã tiveram... uma coisa...

Desejei nunca ter dado início àquela conversa.

– Então o que tem isso que ver consigo? – Ele tinha um ar sombrio.

Bebi o café e tentei ganhar tempo.

– Eles querem... ter uma espécie de papel na vida dele – murmurei.

– Isso não é possível.

– Não concordei com nada. – Pus-me logo na defensiva. – O que quer o Brian dizer com «isso não é possível»?

– Lily, isto é de loucos. – Aproximou-se de mim e fez-me olhar para ele. – A Alison queria que fosse *você* a educar-lhe o filho. Sabe quanto ela o amava... – Percebi que estava verdadeiramente preocupado, mas mesmo assim sentia-me ofendida por ele pensar que eu, de alguma maneira, estaria a negligenciar o Charlie. Queria dizer-lhe que não era o género de pessoa que desistiria dele, nem sequer em favor do pai. Porém, infantilmente, queria que ele soubesse disso sem ter de lho dizer.

– Ouça-me, Lily, isto é extremamente importante. Vou ajudá-la. – Parecia procurar as palavras certas. – Mas ele não é o pai do Charlie. – Tive a sensação de que ele lamentava ter começado a falar daquilo também.

– Como sabe disso?

– Não importa – respondeu demasiado depressa.

– Oh, mas importa sim. – Pensei naquilo um segundo. Talvez eu estivesse a juntar dois e dois e a não dar conta certa, mas senti de imediato que tinha de lhe perguntar. – Brian. – Levantei-me. – O Brian é o pai do Charlie?

Percebi que era um absurdo assim que o pronunciei, mas ele agira de forma tão estranha mal eu mencionara James...

– Não – mas não me olhou diretamente.

– É, não é?

– Não, não sou Lily.

Olhou-me nos olhos e percebi que dizia a verdade.

– Então porque está tão preocupado com ele?

Ele lutava com algo no seu espírito. Estava-lhe escrito no rosto.

– Diga-me – implorei.

– Sou tio dele.

Aguardou a minha reação.

– Tio dele? – Não conseguia conceber aquilo. – Não compreendo.

– Ele é filho do Kevin – disse-me em voz baixa.

*William e Beth*

– OLÁ, MALTA – DISSE WILLIAM A NINGUÉM EM PARTICULAR. Ficou aliviado por ver luz em casa e lhe cheirar a jantar. Andara deliberadamente frio com Beth nos últimos dias e pelos vistos dera resultado. Pensou que após os longos dias de trabalho na clínica não merecia os comentários vagamente sarcásticos dela e as constantes mudanças de humor.

Quando entrou na cozinha, a mesa estava posta e havia flores frescas, velas lindamente arranjadas e até uma garrafa de vinho aberta.

– Qual é a ocasião? – Sorriu à mulher e apontou para as coisas. Resolvera perdoá-la.

– O que queres dizer?

Pela voz via-se que não estava a brincar.

– Flores e velas? É terça-feira. Temos visitas?

– Não. Simplesmente pensei que podíamos entrar no espírito natalício. Só falta uma semana.

– Sim, e normalmente andas imersa em listas, ao telefone a toda a hora, vais logo para a secretária depois do jantar, tudo assim. Contudo, mal tocaste no assunto este ano. – Aceitou o copo de vinho que ela lhe oferecia. – A árvore já chegou? – perguntou, um pouco incomodado por não ter ele próprio encomendado uma.

– Sim, e estou a organizar tudo, não te preocupes. – O sorriso dela era demasiado radiante, pensou.

– À saúde. – Ele bebeu um gole e pousou o copo. – Olha, deixa-me ir mudar de roupa e falar aos miúdos. O que há para o jantar?

– Porco recheado. Diz-lhes que está na hora da caminha, sim? O Harry levantou-se duas vezes a noite passada, por isso está exausto.

– Direi. Já volto. – Fez o que ela lhe pediu e regressou para encontrar tudo pronto e tal como gostava, desde os guardanapos imaculados até aos talheres.

– Então, diz-me o que pensas fazer nesta quadra? – perguntou William assim que se sentou.

– Bem, não vamos fazer a tradicional noite de Natal para a tua família – disse-lhe ela casualmente. – Não consigo arranjar quem prepare o *catering* por dinheiro nenhum.

– Oh, quem contactaste?

– Toda a gente. A Audrey tentou arranjar-me alguém, depois disseram-me que estava a perder o meu tempo.

– E que tal a rapariga que usámos da última vez? – William não fazia ideia porque dizia aquilo exceto que estava a ficar obcecado por a ver e ela não lhe andava a ligar nenhuma.

– A Lily? Não, ela foi a primeira pessoa que a Audrey contactou, parece. Acho que disse que ia para fora – respondeu Beth evasivamente.

Aquilo era novidade para William.

– De qualquer maneira, a não ser que queiras organizar alguma coisa por ti, William, ando muito ocupada.

Começou a falar sem parar, desenrolando a habitual arenga: presentes de Natal pedidos por telefone ao Selfridge's e ao Hamley's, oh, e iria a Londres passar o dia na quinta-feira com a amiga Shirley, num voo cedinho. William ficaria a tomar conta das crianças? Os meninos adoravam quando tal acontecia.

– Está bem. – Decidiu fazer-lhe a vontade. – Como está a Shirley?

Beth por um momento olhou para ele de mais, pensou ele, e depois disse baixinho:

– Acha que o Martin anda a ter um caso.

– Não sejas ridícula. – Saiu-lhe antes de perceber que não precisava daquilo. Viu a boca da mulher preparar-se para um daqueles «não te atrevas a dizer-me tal coisa» e pensou que seria melhor ser cauteloso.

– O que quer isso dizer? – limitou-se ela a perguntar.

Ele comeu um pouco.

– E logo o Martin. Muito francamente, não estou a ver.

– Eu estou.

– Ele é veterinário, por amor de Deus. Passa o tempo todo com animais malcheirosos.

– Esses animais malcheirosos têm donas, sabes. Algumas jovens e atraentes.

William resfolegou.

– Mas por que raio ocorreu essa ideia a Shirley?

– Coisas. – A mulher beberricou o vinho.

– Que tipo de coisas?

– Ele anda muito por fora...

– Beth, todos os homens que conheço passam muito tempo fora. Por pensar nisso, também tens andado por fora ultimamente. – Piscou-lhe um olho. – Alguma coisa que eu deva saber? – Esforçou-se por aligeirar a atmosfera.

– Que gracinha.

– Então é por aí que tens andado? Com a Shirley?

– Uma ou duas vezes, sim.

– Querida, acho que não te devias envolver tanto nisso – disse ele com doçura. Decididamente não era o género de conversa que lhe apetecia ter com a mulher.

– Perguntas-lhe... assim como quem não quer a coisa? Descobres o que consegues?

William ficou alarmado.

– Mas é claro que não. – Viu a expressão dela. – Beth, não, mas não mesmo. Deixa-me fora disso. – Só de pensar deixava-o desconfortável. – De qualquer modo, somos meros conhecidos, não somos sequer amigos do peito.

– Suponho que ele negaria de qualquer maneira.

Beth atacou novamente a comida.

– Olha, se o Martin Henderson, o tímido, acanhado Martin que não assustaria um ganso, estiver a ter um caso com alguém, compro-te uma pulseira de diamantes no Natal, que achas? – Fez-lhe uma careta e ela sorriu-lhe pela primeira vez nessa noite – Agora, vê lá se te descontrais, estás muito nervosa. – Levantou-se e foi ter com ela. – Que tal uma massagenzinha mais tarde?

– Boa ideia.

Ele levantou os dois pratos e dirigiu-se para o lava-loiça.

– Quero dizer, ele nem sequer tem ar disso.

Tentou falar num tom casual, perguntando-se se conseguiria dar um pulo até Cork imediatamente após o Natal e fazer uma surpresa a Lily. Partia do princípio de que ela iria para lá. Só esperava que não fosse para algures



com aquele Kevin, já que Beth lhe dissera que ela ia para fora. Cork, a cerca de três horas de Dublin, não era propriamente «ir para fora».

– Bem, se for verdade, a Shirley mata-o. Nunca lhe perdoaria. – Beth tinha um ar lívido, invulgar nela. Ele desejou não ter trazido o assunto de novo à baila.

– O que há de sobremesa? – perguntou ele, abrindo o frigorífico.

– Eu também não, se estivesse na pele dela – murmurou Beth, ignorando a pergunta. – De facto, se alguma vez me fizesses isso, cortava-te os testículos com um alicate.

*James e Tamsin*

– HÁ NOTÍCIAS?

Tamsin foi para a porta mal ouviu a chave na fechadura.

– Não, nada. – James tentou aligeirar o assunto. – Temos de ser pacientes, amor. – O que não disse foi que pensara ininterruptamente naquilo, perguntando-se se teriam, de facto, agido bem. Quando Tamsin lhe sugerira que se encontrassem os dois com Lily, ele opusera-se à ideia, durante imenso tempo. Porém, como habitualmente, ela insistira, persistente, garantindo-lhe que se Lily os visse como o casal amoroso que eram, poderia ficar tentada a concordar com o que ele de início considerara uma ideia extravagante. Tamsin queria adotar – ou pelo menos partilhar a guarda – a criança que ela tinha a certeza de que era dele. Loucura, pensava James, mas talvez funcionasse, acabara por admitir secretamente.

– É difícil. Uns momentos estou nervosa e noutros bastante entusiasmada.

Ela foi atrás dele para a cozinha.

– Eu ando na mesma. Foi só nisso que pensei ao correr esta manhã. – James foi direito a uma bebida gasosa.

– Não vou comprar mais dessa coisa. – Tamsin apontou para a garrafa. – As bebidas gasosas estavam em primeiro lugar nas vinte coisas más no programa do Gillian McKeith na outra noite.

– Ouve, não fumamos, tu mal me deixas tocar em álcool e andamos sempre a comer e a beber legumes. Deixa-me lá alguma coisa má, pelo amor de Deus, mulher. – James deu-lhe uma palmada no rabo quando ela passou por ele.

– Lembra-te, se vamos ser pais, precisamos de toda a nossa energia. – Ela acenou-lhe com o dedo.

– Meu Deus, por favor – disse ele baixinho. – Mas, Tamsin, nem sequer sabemos se a criança é minha.

– Não me interessa. – Ela tinha uma expressão estranha no rosto que ele já vira antes. – Independentemente disso, James, quero-o. Quero muito, mesmo muito, um bebé.

– Sei que queres.

– E tu já te habituaste à ideia, não é? – Tamsin pareceu descontrair-se. Afagou-lhe as costas e ele contorceu-se de prazer, como um cão a quem fazem festas na barriga.

James fez um gesto de assentimento.

– Sim, já. – Virou-se e deu-lhe um grande abraço. – Convenceste-me.

– Deu-lhe um beijo na cabeça.

– Ela gosta de nós, não gosta?

– Sem dúvida. Valeu a pena encontrarmo-nos com ela, tinhas razão em levar-me a fazer isso. – Suspirou. – Apesar de inicialmente não me parecer bem.

James sabia que teria de ser cauteloso. Ela ainda estava muito sensível sobre todo o episódio com Alison.

– Eu sei que sim, mas tinha de ser feito. Só que o meu instinto diz-me que ela deve estar a lutar com a ideia de cuidar dele a tempo inteiro. Ela não disse isso, mas... por que razão há de ele estar ainda em Cork? – Tamsin suspirou. – O que lhe propomos dá-lhe a solução perfeita.

– Tamsin, ela adora aquela criança, tem isso estampado na cara – disse James com muita calma.

– E, como lhe disseste, poderá vê-lo sempre que quiser – continuou ela, ignorando a observação do marido.

James puxou de uma cadeira após pôr torradas a fazer. Precisava de hidratos de carbono depois da corrida.

– Queres chá?

– Sim, por favor. James, será que deixei bem claro que ela podia ficar com ele nas férias ou em qualquer altura? Que só o queríamos a viver connosco uma parte do tempo?

– Sim. – James sorriu, cansado. – Acalma-te.

– E no Natal, falei no Natal?

Ele assentiu novamente.

– Tamsin, és psicóloga, usas todos os truques do manual. – Ouviu a torrada a saltar e foi buscá-la. – A única coisa que podemos fazer agora é esperar.

– James eu não... quero dizer... não estava a tentar enganá-la nem nada. Ela não irá pensar isso, pois não?

– Não, não foi isso que quis dizer e tu sabes.

James pôs manteiga na torrada e fez dois bules de chá, um de ervas e o outro normal. Depois sentaram-se à mesa, naquela cozinha moderna e imaculada, e continuaram a conversar sobre o assunto.

– Sabes, quero tanto aquele menino que me assusta – disse-lhe Tamsin. – Quem me dera ter uma fotografia dele.

– Eu sei, eu sei. – Suspirou. – Eu também. Mas, Tamsin – pegou na mão dela –, não podemos ter demasiadas esperanças, não vá o diabo tecê-las.

– Compreendo isso. – Mas pareceu tentar afastar imediatamente a ideia. – Tento não ter, a sério. – Esteve perdida em pensamentos durante um momento. – Mas... – o rosto abriu-se num sorriso – podemos ir à cidade ver umas coisinhas, pelo sim pelo não?

– Que género de coisinhas? – Tentava desesperadamente atrasar o assunto.

– Para ele, sabes, para o quartinho? – Tamsin reparou na expressão do marido. – Não vamos comprar nada – apressou-se a dizer. – Só ver, por favor?

– Querida, vamos esperar um pouco mais. Até sabermos alguma coisa de concreto...

– Sim, tens razão. – Sorriu-lhe. – Como sempre.

– Podíamos ir ver um filme cedinho, no Stillorgan?

– Está bem, mas há aquela linda loja de crianças no centro. Se calhar podíamos só dar uma vista de olhos enquanto estacionamos...?

– Tamsin...

– Por favor. – Beijou-o. – Não vamos comprar nada, lembras-te?

James sabia ver quando perdia. Esvaziou a chávena.

– Deixa-me ir tomar um duche e mudar de roupa. E preciso de tratar de um ou dois assuntos ainda. Tenho andado a negligenciar as coisas ultimamente. Saímos pelas duas? Isso dá-nos bastante tempo. Oh, vai ver o horário dos filmes e escolhe qual queres ir ver.

– Sim, está bem. E obrigada. – Pôs a cabeça no ombro dele. – Obrigada por compreenderes.

– Quero esta criança tanto como tu, lembra-te disso. Rezo todos os dias para que isso aconteça.

– Eu também. Ainda esta manhã fui à missa. – Ela começou a arrumar as coisas deles. – Oh, James, estamos tão perto de termos tudo isso. – Suspirou. – Juro-te que não te pedirei mais nada se isso acontecer. Quando achas que ela irá telefonar?

– Não faço ideia. Espero que seja em breve.

– Deixa o telemóvel no silêncio durante o filme, pelo sim pelo não.

– Tamsin, não podemos deixar que isto tome conta da nossa vida. De qualquer maneira, ela se calhar mandará mensagem.

– Como quiseres, marido. És o chefe.

– Não te esqueças disso – pediu James, sorrindo-lhe.

\* \* \*

Passaram um dia muito agradável, a esvaziar o quarto de hóspedes, «pelo sim pelo não» e espreitando as lojas como se fossem já pais. Teve de impedir Tamsin de comprar um par de botinhas de borracha e quando entraram na loja de móveis ela foi direita à secção dos quartos de crianças. Debateram as cores para as paredes e as melhores escolas e tomaram café e bolo de chocolate, portando-se em geral como se já tivessem Charlie com eles.

Depois de uma hora no cinema, o telemóvel dele vibrou. Viu que era Lily. Desculpou-se e foi lá fora ao parque de estacionamento. Depois de ter falado com ela, James permaneceu onde estava durante muito tempo. Foi uma das poucas vezes que desejou ser fumador. Encostado à parede, imerso em pensamentos, reparou numa mulher que dava uma longa passa num cigarro, visivelmente a descontrair-se. James precisava de qualquer coisa que o acalmasse naquele momento. Quando se virou para voltar viu a mulher de pé à porta do cinema.

– O que é? – Ela foi ter com ele. – James, diz-me, por favor.

Levou-a até a um banco coberto de *graffiti* numa extremidade de um jardim ao lado do parque de estacionamento.

– Tamsin, minha querida, tens de ser corajosa...

– O quê?

– Era a Lily. Descobriu informações junto do advogado dela. – Não havia uma maneira fácil de dar aquela notícia. – Não vai ser possível...

– O que queres dizer? – Ela tinha um ar horrorizado.

– Eu não sou o pai do Char... o pai do bebê.

– Isso não interessa. – Ela levantou-se de um salto. – James, volta a ligar-lhe. Diz-lhe que não nos importamos. Que faremos tudo...

Ela estava novamente com aquele olhar enlouquecido e ele teve medo dela.

– Tamsin, querida, ouve-me. – Pegou-lhe no braço. – Ela diz que foi errado... dar-nos... falsas esperanças. – Sentiu-se muito em baixo ao ter de lhe dizer aquilo. – Confessou que morreria se tivesse de desistir dele... até a separação temporária a está a matar.

– Não.

– Lamento tanto, amor.

– James, por favor, não desistas com tanta facilidade. Supli-co-te.

– Sossega, Tamsin, ouve. – Puxou-a para si e pôs o braço em volta dela. – Ela sabia desde o início que nunca seria capaz de fazer isso, fosse qual fosse a situação. Sinceramente. – Pôs-lhe um dedo sobre os lábios. – Estava perturbada também, mas disse que a criança faz parte dela e é tudo o que lhe resta da irmã. – Desejou ardentemente poder mudar tudo por ela. – Querida, fomos doidos em nos permitirmos sonhar...

– Não, não podemos desistir, James, não podemos.

– O menino não é meu filho – disse-lhe James docemente. – Isso era a nossa única esperança.

– Não, faremos testes, pode ser um engano.

– Não, foi o advogado que lhe disse. Quando ela lhes falou em nós...

– Ela falou em nós? James, isso quer dizer que ela iria aceitar, não vê? Liga-lhe. Pergunta-lhe se nos podemos encontrar com ela. Agora, esta noite. James, por favor... – Rebentou em lágrimas. – Por favor, James, não desistas – não parava de repetir.

– Anda lá, querida. – Pôs-lhe o seu casaco por cima dos ombros e levou-a até ao carro. – Por favor, não chores. Por favor.

– Quero o meu bebê – era a única coisa que Tamsin dizia, repetindo continuamente o mesmo.

*Richard e Daisy*

– O QUE QUERES DIZER COM IRES-TE EMBORA? – perguntou Richard. – Pensei que me ias dar uma mãozinha no café.

– Estás doido? – Daisy desatou a rir-se. – Preciso do meu descanso. Vou casar-me em menos de duas semanas ou já te esqueceste? – Deu-lhe um grande beijo na boca.

– Muito pouco provável – gracejou Richard. – Aonde vais, então? – Estavam a tomar um copo à espera de Tom e de Trudy. Mais um encontro com o padrinho e a madrinha de casamento. O amigo parecera-lhe menos que entusiasta quando Richard lhe telefonara.

– Às Canárias. – Daisy bebeu a água. Havia semanas que não tocava em álcool.

– O quê? Não acredito.

– Sim, sim, mas voltarei com alguns dias de antecedência, não te preocupes – provocou-o ela.

– Vais estar fora durante o Natal? O que vou eu fazer?

– Vai para casa da mamã. Ela mal pode esperar para te ver, acha que não comes como deve ser.

– Mas, Daisy, preciso mesmo de ajuda no café – implorou.

– De qualquer maneira não te poderia ajudar. As minhas mãos e unhas iriam sofrer imenso com isso – retorquiu Daisy.

Viu-a olhar para as unhas perfeitamente tratadas, soprando um grão de sujidade imaginária de debaixo do polegar e percebeu que ela falava a sério. Aquilo estava a tornar-se um pouco assustador para ele. Então sentiu uma vontade enorme de ver Lily. Apetecia-lhe estar com alguém que não se importasse de sujar as mãos.

Tom chegou.

– Então, o que se passa? – Sentou-se numa cadeira.

– Bebes? – perguntou Richard.

Sabia que seria necessário um esforço enorme para manter o amigo interessado por mais de dois minutos. Uma cerveja cheia de espuma era a sua única oportunidade.

– Obrigado, amigo. Então, como vão as coisas, Daisy?

– Ela vai para as Canárias.

Tom desatou a rir.

– És um ponto. Para quê?

– Para me bronzear, o que achas? – Daisy vasculhava na mala. – Agora...

– Caramba, outra lista não. Sabes bem como delegar as coisas nos outros.

– Tom estava apenas meio a brincar.

– Tenho uma cópia de uma lista para cada um de nós. São as coisas que vão acontecer todo o dia.

Daisy entregou uma cópia a cada um quando Richard chegou com as bebidas.

– Ela anota os tempos em tudo, vejam... – Tom ria-se. – Onze e dez, dar ao Richard remédio homeopático. – Bebeu um gole. – O que raio é isto?

– Não faço a mínima ideia.

Richard parecia confundido.

– É para o acalmar – esclareceu Daisy, indignada.

– Mais um pouco de calma e ele ficará em coma, porra! Desculpa, Daisy.

– Tom sabia que ela detestava asneiras. – Olhem! – Ficou de boca aberta. – Tenho de arranjar uma pasta nova! – Mostrou a lista a Richard, que já tinha uma cópia. – Para que preciso eu de uma pasta, em primeiro lugar?

– Vais levar coisas para mim – respondeu Daisy com toda a calma. – E eu já vi aquela coisa velha e imunda com que andas por aí... fecha-la com um cinto. Não quero essa coisa perto do castelo.

– Isto é de doidos. – Tom fez-lhe uma careta sem ela ver e lançou ao amigo um olhar de pena. – Vou-me embora.

– Senta-te. – Daisy puxou-o para a cadeira. – A Trudy está aí a chegar. Agora, Tom, eis aqui uma folha em separado com o que terás de fazer enquanto eu estiver fora...

– Daisy, eu sou um homem, não faço listas. Além disso, tenho um programa de rádio para apresentar todos os dias. – Bebeu mais cerveja. – É que eu trabalho, sabes – disse, um pouco melindrado. – De qualquer modo – deu uma vista de olhos à lista –, se alguém me ouvir a ligar para uma florista, tenho a reputação arruinada. – Piscou um olho a Richard.



– Quero um relatório todas as manhãs. – Daisy tentou descontraír. – E nada de o manteres até tarde a beber todas as noites. Quero-o de carinha fresca e cheio de energia nesse dia.

Tom quase se engasgou.

– Ouve, amigo – segredou enquanto Daisy ia à casa de banho –, estou a ser sincero, ainda não é tarde. – Sorriu. – Diz a palavra e eu tiro uma semana inteira de férias a começar na véspera de Ano Novo. Podíamos ir à Tailândia e arranjar umas miúdas.

– Não me tentes. – Richard acabou a cerveja de uma só vez.

– Caramba, nem me importaria se a madrinha ao menos fosse boa. – Tom acenou a Trudy, que acabara de entrar e olhava em volta tentando descobrir onde eles estavam.

– Ah, ela é fixe – murmurou Richard –, embora ache que não vá ganhar nenhum concurso de beleza.

– Ouve, amigo, o único concurso que ela pode ganhar é a procriar.

Daisy voltara e resolveu ignorar os resmungos deles. Trudy ficou encarregue de telefonar a cada um deles logo cedo, todas as manhãs, para acompanhar a realização dos assuntos da lista. Aquilo varreu-lhes o sorriso dos rostos.

– Oh, vamos lá, Daisy, descontraí-te, já vi academias militares com menos regras e regulamentos – implorou Tom.

– Tom Dalton. – Daisy inclinou-se e ele resolveu não lhe dizer que ela cheirava imenso a alho. – Este é o meu casamento e não permitirei que ninguém... muito menos tu... o estrague. – Sorriu docemente. – Matar-te-ia primeiro com as próprias mãos, sabes.

NA VÉSPERA DE NATAL, eu andava com dificuldade em pôr um pé à frente do outro. Andara atarefadíssima, numa autêntica montanha-russa. Levantava-me às cinco todos os dias, o café não dava descanso, e assim que fechávamos e limpávamos tudo eu estava pronta a ir para a cama, mas tinha ainda um monte de encomendas a ver. Cada vez nos pediam para fazermos mais *catering*, e o meu principal problema era aprender a dizer que não – difícil para quem tenha qualquer negócio. Havíamos tido no mínimo meia dúzia de telefonemas do Sul de Dublin, de várias senhoras ricas, desde a festa da Beth Hammond. Pelo menos não estava a ter problemas em recusar esses pedidos. A última coisa que me apetecia era dar de caras com William, que falava em ir até Cork pelo Natal – sem que eu o encorajasse minimamente. O ego do homem não tinha limites e, desde que Brian deixara cair a bomba sobre Kevin, eu não tinha sequer o mínimo interesse em vê-lo.

Tudo isso, e as contas e o IVA para ter em ordem, significava que eu passava várias horas ao computador todas as noites antes de cair à cama, exausta, por volta das onze.

Planeara passar pelo menos parte dos dias do Natal a dormir e a pensar em Kevin e Brian Daly, assim como nas outras complicações da minha vida, mas a tia Milly tinha outras ideias.

– Todos os vizinhos te querem conhecer – confidenciou-me muito entusiasmada durante uma das nossas conversas noturnas. – Fiz tantos novos amigos com a ajuda do Charlie. E como tenho tempo, de certeza que vou agora deixar os canalizadores entrar, tratar de entregas e devolver livros à biblioteca. É todo um mundo novo – disse-me, feliz.

Eu estava demasiado cansada para responder com inteligência.

– Então não há hipótese de a tia vir cá em vez de eu ir aí? – perguntei debilmente, pensando na viagem até Cork com uma montanha de embrulhos.

– Pessoalmente, gostaria muito... ainda por cima com os saldos... mas não posso fazer isso ao miúdo.

– Porque não? Ele adora aventuras.

– Ele anda tão entusiasmado, nem o vais reconhecer. – Ela parecia não ter ouvido o que eu disse. – Está tão alto, também. De qualquer modo, tem um grupo de amiguinhos aqui e há tantas saídas e festas programadas com eles nos próximos dias. Não posso arrancá-lo daqui e levá-lo a Dublin.

– Mas Dublin é a casa dele, viveu aqui praticamente sempre, tem cá as coisas dele... – Comecei a sentir-me um pouco em pânico, temendo que ele pudesse não querer voltar a viver comigo. Wicklow significaria ainda outro novo começo para ele.

– Eu sei, eu sei, e claro que ele acabará por ir para aí, ou esperemos que para Wicklow, se encontrares casa. A propósito, já o inscreveste na escola? Ele parece mesmo gostar do campo, Lily. Anda com ar muito saudável e come como um cavalo. E adora ir para o jardim todos os dias. Agora já consegue dar comida aos patos.

Senti de novo um tremendo sentimento de culpa ao perguntar-me se eu alguma vez poderia bastar-lhe, tendo de trabalhar e, além disso, sendo mãe solteira.

– Está bem, está bem, estou a ver. – Tentei rir-me das preocupações. – Claro que tem razão. Vou aí. Faz sentido, nem sei o que estava a pensar. Culpe a minha falta de sono. Sou pior do que qualquer mamã recente – disse-lhe. – Apanho o comboio de manhãzinha na véspera de Natal.

– Essa é que é uma boa ideia, não quero que venhas a conduzir. Podemos ir buscar-te à estação.

– Não se preocupe, apanho um táxi.

– Nem quero ouvir isso. – Era toda despachada. – E, Lily...

Fez uma pausa.

– Sim?

– Estou muito orgulhosa de ti, sabes disso, não sabes?

Senti as lágrimas virem-me aos olhos.

– Sim – murmurei.

– És uma jovem fantástica e tens sido ótima desde... o acidente.

– Obrigada. – Desliguei antes de romper em pranto.

Brian Daly ofereceu-se para me levar a Cork, mas recusei. Tinha medo de vir a dizer qualquer coisa desagradável sobre o irmão. Na verdade, ainda não conseguira arrumar na cabeça o assunto de Kevin Daly. Quanto mais pensava nisso, mais irreal me parecia. Alison amava os homens e apreciava a companhia deles, tudo bem, mas eu não conseguia imaginá-los juntos. Preocupar-me sobre o que isso poderia significar para mim e o Charlie dava comigo em doida.

Por fim, decidi contar aquilo a alguém. Precisava de uma boa dose de realidade. Orla não era a pessoa ideal: estávamos muito próximas todos os dias; além disso, ainda não me sentia bem para falar com ela sobre Kevin depois do que fizera, por isso enviei um *e-mail* a Sally, ainda em Sydney, que me disse muito francamente:

De: laydownsally@heatmail.com

Para: lilyoftheavalley@goodolireland.com

O que raio queres tu dizer com isso de o asqueroso do Kevin ser o pai do Charlie? Quem é esse tipo? Só me lembro de o teres roubado à Orla (estou a brincar!). Preciso de ir aí? (Na verdade, não posso, porque estou sem dinheiro, mas ando a poupar. Pensei em fazer a viagem para ir ver o teu café, não para te ajudar com todos esses homens – pensando nisso, até gostaria.)

Com amor,

S. xx

P.S. A Orla sabe disso? Posso contar-lhe? Ando com alguma inveja de serem só vocês duas a viver isso tudo. Não estou nada, só estou um pouco com os copos. Hic.

P.P.S. O sexo foi mágico com o asqueroso do Kev?

De: lilyoftheavalley@goodolireland.com

Para: laydownsally@heatmail.com

Só muito rapidamente – estou exausta. Telefonei-te durante a semana, mas, por faaaavor, não fales disto à Orla. Já me sinto bastante culpada.

L. xx

P.S. Já te contei do Daniel? É simpático, mas no fundo não o conheço. De qualquer modo, acabei de saber que tem «uma amiga» que vem cá pelo Natal e vai ficar com ele. Por que razão todos os homens simpáticos são logo agarrados??

P.P.S. O Richard vai casar-se na noite de Ano Novo, mas finalmente cresci no que lhe dizia respeito. (Acho.)

Depois disso conversámos várias vezes ao telefone, ela visivelmente embriagada e eu ébria de cansaço, mas falar com ela ajudou-me bastante.

A chegada da amiga de Daniel pôs fim aos nossos encontros e senti falta dele. Creio que me habituara a tê-lo perto de mim, para tomarmos uma cerveja ou dar um passeio ou só para conversar um pouco enquanto tomávamos café de manhãzinha. Era a única pessoa descomplicada na minha vida, na altura, e nunca me julgava, nem a ninguém.

O meu amigo estava em grande forma quando apareceu no café com Zanna no início da semana.

- Pensei que tivesses dito que se chamava Lucy? – perguntei, confusa.
- Não, a Lucy era a minha noiva – esclareceu. – Aviva a memória.
- Ando tão cansada.
- Valerá tudo a pena quando vires o lucro que tiveste.

Sorriu e pegou na bandeja para a levar para onde a amiga o esperava. Pareciam muito à vontade um com o outro. Estava com ciúmes e diria que não era a única. Daniel era notado em toda a parte e eu apostava que muitas das sofisticadas senhoras ricas de Wicklow ficaram desapontadas quando Zanna apareceu em cena. Toda aquela terra ajudava, claro. Por aqueles lados, toda a gente o achava um bom partido.

Andava ainda preocupada com James. Nunca conhecera um homem como ele na minha vida. Pensava que só existiam em filmes. Era por isso que me sentia tremendamente culpada em relação a ele e a Tamsin. Deveria ter dito que não no preciso instante que ela sugerira adotar Charlie, mas estava tão traumatizada que não conseguia pensar como deve ser, e vê-los juntos também fora muito tensão para mim. Telefonara algumas vezes a James só

para saber se estavam a lidar bem com o assunto. Ele fora extremamente simpático e garantira-me que sim.

Richard telefonou-me na manhã da véspera de Natal.

– Estás bem?

– Ando tão cansada que esta manhã quase caí a dormir por cima das tartes de caramelo. E tu?

– Uma grande confusão, horrível. Pois, também estou em frangalhos. Se mais algum freguês se queixar, acho que o ponho lá fora. – Riu-se. – Será impressão minha, ou anda mais gente de mau humor este ano?

– É impressão tua – disse-lhe.

– Vens tomar um copo comigo antes do casamento?

– Outra despedida de solteiro?

– Não, só tu e eu.

Estava a ficar cansada daquilo. Era uma conversa que tínhamos de vez em quando desde que a data do casamento fora anunciada. Ele insinuava coisas sobre nós, contudo, nunca era direto nem dizia nada. Não se tratava de eu querer isso. Começara a compreendê-lo nos últimos tempos. Richard era um caso clássico, do género de lhe apetecer o bolo e comê-lo. Na verdade até começara a sentir alguma pena da Daisy – não era fácil. Ela era uma pessoa amável, mas muito distante, difícil de contentar.

– Richard Kearney, vais casar-te daqui a uma semana. Não achas que te devias concentrar na tua futura mulher?

– Ela foi-se embora e deixou-me sozinho – lamuriou-se, parecendo um menino mimado de nove anos.

Ri-me dele e percebi que ficou melindrado.

Daniel espreitou à porta do café muito cedo, na manhã da véspera de Natal.

– Olá! – Parecia tão animado, devia andar ao ar livre havia horas. Não era para admirar que os tratamentos faciais com oxigénio fossem o último grito da moda. – Há pequeno-almoço para um homem esfomeado?

– Cheiras a urze. – Farejei o ar na direção dele. – Por onde andaste?

– Andei a percorrer o campo de golfe. Temos uma grande obra a começar no Ano Novo, por isso estou a tentar inteirar-me de tudo. E a Zanna mantém-me acordado metade da noite, por isso pareço um *zombie* nestes dias.

– Onde está ela hoje? – Aquela Zanna começava a bulir-me com os nervos.

– Foi a Waterford com a minha mãe, para compras de última hora. Por falar nisso, vou até Dublin fazer umas compras também. Queres boleia até ao comboio para Cork, por acaso?

– A sério? – Mal conseguia acreditar na minha sorte. – É tão chato ter de ir a Dublin para irmos até Cork, mas é assim mesmo. Se pudesses deixar-me perto da estação de Hueston, seria fantástico.

– Não te preocupes, vou a Chapelizod buscar umas coisas à minha mãe, por isso não me fica fora do caminho. A que horas?

– Preciso de lá estar por volta das duas, portanto, acho que terei de sair daqui cerca do meio dia e meia, no caso de o trânsito estar uma loucura. Dá-te jeito?

– Sim, sim, disse ao tipo que lhe ligaria assim que chegasse a Dublin. Além disso, tenho tempo. As lojas em Dublin nunca fecham, pelos vistos. – Piscou-me o olho. – Como a Irlanda mudou.

– Daniel Williams, acho que quero ter filhos teus. – A falta de sono fazia-me dizer coisas bizarras. – Não liguês, estou a alucinar – disse-lhe com sinceridade. – É que tenho tantos embrulhos para levar. Precisava mesmo de um camião, por isso o teu jipe enorme seria fantástico. A tia Milly tem-me dado tarefas toda a semana. Tive de subornar um cliente para ir aos Smyths Toys, em Dublin, ontem comprar-me umas coisas.

– Posso ajudar em mais alguma coisa?

Ele era mesmo um amor.

– Uma boleia até ao comboio já é o suficiente – respondi.

Andei atarefadíssima durante o resto da manhã e ao meio-dia e meia em ponto Daniel apareceu. Orla, Naomi e Violet empurraram-me porta fora, prometendo-me fechar tudo depois e deixar o estabelecimento arrumado. De qualquer modo, iríamos encerrar mais cedo nesse dia. Tivemos uma pequena sessão de entrega de prendas anteriormente e dei-lhes todos os bónus que mereciam – pequenas lembranças realmente; só havíamos aberto algumas semanas antes. Fiquei tão entusiasmada por poder fazê-lo. Esperava que Ali tivesse visto lá de cima e sentisse orgulho em mim.

– Então, como vão as coisas? – perguntei a Daniel assim que nos pusemos a caminho da N11. – Entre ti e a Zanna, digo eu. – Ainda não estava convencida de que eram só amigos.

– Ótimas, ela é muito divertida. – Riu-se, não revelando nada. – Contudo, acho que ela não sabe o que pensar deste país... isto para não falar da minha mãe, que a trata como realeza. Então e contigo? – perguntou. – Parece que não falamos há séculos. Estás bem?

– Estou um farrapo – disse-lhe com toda a franqueza. – Mas mal posso esperar por voltar a ver o Charlie. Tenho mesmo imensas saudades dele.

– Ter saudades é bom – retorquiu com doçura, e senti um arrepio costas abaixo.

– Pois, é sim – respondi, morrendo por sentir aqueles bracinhos rechonchudos a abraçar-me. – Então, o que vais fazer esta noite? A consoada em Wicklow é de arromba?

– Vou encontrar-me com alguns amigos. Depois prometi à Zanna levá-la a Redcross, onde passam música tradicional. Turistas, sabes. – Abanou a cabeça. – Então e tu?

– Vou ler uma história a um menino de três anos na cama, acho, e beber um xerez com a tia Milly. – Sorri. – Mas não consigo pensar em nada de melhor no mundo, sabes.

– Que grande frequentadora de festas me saíste. – Piscou-me o olho e senti um murro no estômago. *Controla-te*, disse a mim própria. *Tens decididamente trabalhado de mais*.

– A propósito, acho que talvez tenha encontrado uma casa para ti – declarou ele casualmente.

– O quê? – Desta vez o meu coração sobressaltou-se imenso e nada tinha que ver com química. – Diz-me depressa. Estamos quase a chegar a Dublin.

– Nós temos uma casa... nada de especial, vê bem... – num dos confins das nossas terras. Tínhamos lá um inquilino a viver nos últimos dez anos, mas morreu subitamente. Ataque de coração, cinquenta e nove anos. – Abanou a cabeça. – Uma tragédia.

– E...?

Não queria parecer demasiado ávida. Era horrível que o pobre homem tivesse morrido, mas o meu coração também não estava lá muito bem desde que ele mencionara a casa. Precisava de saber mais, e depressa. Aquilo poderia ser a resposta às minhas preces.

– E... a minha mãe e eu falámos sobre isso ontem à noite. Ela acha que a devíamos vender.

– Oh, meu Deus. Onde fica?



– Mesmo ao largo de Brittas Bay... na estrada da costa, como quem vai para Arklow. Mas – ergueu a mão – não te entusiasmes muito até a veres. É um *bungalow* muito simples, modernito. Nada de especial. Não é de certeza a *cottage* amorosa que procuras.

– Que vista tem?

– Acho que irás gostar da vista. – Sorriu ao olhar para mim.

– Quanto?

Tentava chegar a algum impedimento, pois de certeza que haveria um. Aquilo era demasiado bom para ser verdade. Tornara-me escrava da *myhome.ie* desde que ele me falara nisso, assim como de todos os suplementos imobiliários – mas sempre que fazia perguntas sobre uma casa o preço era impensável, apesar de os juros estarem a aumentar por toda a Europa e o *boom* ter terminado, segundo os economistas. Os preços mantinham-se altos na Irlanda, em Wicklow especialmente. Só ouvia histórias de vendedores a gritar «otário» enquanto corriam para o banco com maços de notas na mão.

– Ainda não pensámos em números. – Daniel deve ter reparado na minha expressão de terror. – Mas acalma-te – apressou-se a dizer. – Não vamos preocupar-nos com isso.

Deixei-me ficar em silêncio durante alguns momentos enquanto tentava perceber o facto de a minha busca poder estar a chegar ao fim.

– Oh, meu Deus! – exclamei quando por fim já não consegui conter-me mais tempo. Chegámos à estação, saí do jipe e corri para o lado dele quase o arrancando do banco para o abraçar. – Posso contar à minha tia? E ao Charlie? – perguntei-lhe enquanto o fazia dançar à volta no ar gelado.

– Acho que sim.

– Obrigada. – Estava a sufocá-lo, bem via. Ele retirou lentamente os meus braços do seu pescoço. – Obrigada. Obrigada. Obrigada. – Beijei-o então, mesmo em cheio nos lábios, sem pensar sequer nisso. – Acabaste de me dar a melhor prenda de sempre, Daniel Williams. Estou tão contente por teres aparecido na minha vida.

– Vá lá, olha o teu comboio. – Riu-se, enquanto corríamos para a plataforma.

– Talvez tenha sido a Ali que te enviou – disse-lhe, enquanto corríamos, carregados com as malas e embrulhos, pela estação fora. – Talvez estivesse predestinado.

– Tu estavas a desenrascar-te bem. – Sorriu quando entrei no comboio. – Feliz Natal, Lily – gritou-me, enquanto me debruçava da janela atirando-lhe beijos.

– Amo-te.

Sorri, mas o vento levou-me as palavras, o que também não fez mal porque me sentia ligeiramente delirante ao dizer aquilo.

Quando por fim o perdi de vista, ele ainda se ria enquanto me acenava.

SEMPRE QUE O VIA SENTIA QUE O MEU CORAÇÃO SE DESPEDAÇAVA. Naquela tarde lá vi a cabecinha de caracóis que, entretanto, tinham crescido, e de repente ele atirou-se aos meus braços e dei por mim a olhar para os olhos da Ali. Ele estava tão mudado!

– Mamã, mamã, mamã! – Os gritos dele despertaram sorrisos em muitos dos viajantes exaustos que passavam apressados por nós e quase nos asfixiavam.

– Quem és tu? – perguntei-lhe.

– O Charlie. – Sorriu.

– Tu não és o Charlie – disse-lhe.

– Sou sim – resmungou.

– Tia Milly, onde está o Charlie? – Olhei para todo o lado menos para ele enquanto pestanejava várias vezes e engolia em seco.

– Aqui, aqui. – Abraçou-se às minhas pernas.

– Tu não és o *meu* Charlie. – Olhei para baixo, para ele. – O meu Charlie é pequeno e tem o cabelo curto.

– Sou eu! – gritou – Sou eu, o Charlie!

– Tens a certeza? Deixa-me olhar para ti outra vez. – Agachei-me. – Bem, bem, pois é verdade, afinal de contas és o meu Charlie. – Quase caí com o abraço dele.

– Tens os meus presentes? – Quis ele saber então, soltando-me tão depressa como me tinha abraçado.

– Vais ter de esperar para ver – disse-lhe, pondo-me em pé novamente.

– Olá amor, deves estar exausta. – A tia Milly deu-me um abraço de urso.

– Deixa-me levar-te as malas.

– Obrigada, seria ótimo. – Sorri. – Afinal de contas, são quase tudo coisas para si.

– Desculpa lá tudo isso. – Riu-se. – Depois explico.

– Pega-me ao colo, Lily.

Charlie não queria ser deixado de parte.

– És demasiado grandinho para ir ao colo. Dá-me antes a mão.

– Está bem – aceitou. – Sou grande – disse ele à minha tia, muito importante.

Foi tagarelando todo o caminho até casa, e quando chegámos consegui por fim olhar bem para ele.

– Estás tão crescido.

– Sou um menino crescido – afirmou, orgulhoso.

– Que menino tão crescido!

Beijei-o e ri-me novamente dos caracóis dele.

– Tu e eu e a mamã – apontou enquanto me dava a mão e me levava até à lareira onde estava uma fotografia da Alison, de mim e do Charlie em bebé, nós as duas descontraídas e sorridentes.

– Onde arranjou isto? – Olhei para aquilo e depois para a minha tia. – Não estava aqui da última vez que cá vim.

– Foi a Alison quem me mandou... guardei-a... lá em cima, no caso de te poder perturbar. Mas ele não para de a levar para todo o lado, por isso nunca sei onde ela para. – Sorriu para o Charlie. – É a preferida dele.

– Bem, teremos de tirar outra connosco e a tia Milly. Gostavas?

– Não – disse ele, perentório.

– Mas claro que ficamos com esta.

Reparei que o rosto dele se desanuviara.

– Isso é ótimo. – Charlie soava mesmo como a minha tia enquanto se afastava, deixando-nos a rir a bandeiras despregadas

– O velho fogão ainda funciona pelos vistos. – Eu sorria enquanto fazia por me aquecer à frente dele.

– Ainda trabalha bem, graças a Deus. O jantar está no forno. – A tia Milly estava toda atarefada. – Agora, senta-te que eu sirvo-te. Tarte caseira de carne e legumes, está bem?

– Com massa feita pela tia?

Ela fez um gesto de assentimento.

– E puré fofinho? – brinquei.

Ela andava a tentar que eu inserisse aquilo na ementa de Wicklow.

– Se isto não te convencer, nada haverá que o faça. – Tinha a mesa posta e a lareira acesa. – Queres beber vinho? Comprei um especialmente para a

ocasião.

– Que luxo, tia, mas não, obrigada. Adormeceria ao jantar – confessei-lhe.  
– Mas amanhã, sim, sem dúvida.

– Lily, anda ver a árvore. – Charlie voltara e dera-me novamente a mão. Deixei que me levasse até à sala da frente. Senti-me invadida pelas recordações de mim e de Alison a brincar naquela mesma sala, a partir os enfeites da árvore de Natal e a tentar colá-los, a escondermo-nos dos adultos, a comer bolachas quando não devíamos, tudo me ocorreu num turbilhão, mas desta vez as imagens pareciam ainda mais nítidas.

– *Lily, por favor, não chores. Não faz mal.*

*Ali limpou-me os olhos com a bainha da saia dela.*

– *Quero uma bicicleta. Disseste que a iria ter, se me portasse bem, e eu portei-me muito bem. Porque é que o Pai Natal é tão mau? – lamuriei-me, refilando.*

– *Se calhar o Pai Natal deixou-a na casa da tia Milly. Vamos telefonar-lhe mais tarde para sabermos, está bem? Agora, não digas nada ao pai. Não queremos estragar o dia, pois não?*

– *Acho que não.*

– *E sabes que a tia Milly terá montes de surpresas na árvore para nós, por isso, sê boazinha agora.*

– *Mal posso esperar por ir para a tia Milly. Está semprequentinho e cheira a salsichas e a molho de carne.*

– Isto é meu – afirmou Charlie, sacudindo uma caixa grande, como eu costumava fazer, e trazendo-me de volta à realidade.

– De quem? – perguntei. – O Pai Natal ainda não chegou.

– Esta noite. – Correu e foi olhar para a chaminé. – Olá, Pai Natal – gritou e correu de novo dali para fora. – Isto é do Thomas. – Apontou para a caixa.

– Quem é o Thomas? – perguntei.

– Thomas e Molly e Jack e Anna. – Contou com os dedos. – Três.

– Quatro, na verdade. São teus amigos?

– Maiores dos maiores amigos. – Foi-se embora novamente, desta vez para a cozinha. – O Pai Natal é meu amigo também – disse por cima do ombro.

– És um rapazinho inteligente em teres o Pai Natal como amigo. – Ri-me do desprante dele.

– Estava mesmo a pensar no ano em que a tia me comprou uma bicicleta, lembra-se? – perguntei à minha tia.

– Claro que me lembro. Nunca vi ninguém tão entusiasmado como tu!

– A Alison teve alguma coisa que ver com isso?

– Sim, telefonou-me na manhã do dia de Natal e implorou-me que te arranjasse uma. Comprei-a barata, nos saldos, mesmo a tempo da tua visita.

Toda a emoção que tinha reprimido inundou-me e comecei a chorar de mansinho.

– Queria tanto que ela estivesse connosco este Natal. Daria tudo para a ter de volta.

– Eu sei que sim, amor, eu sei.

Abraçou-me tal como a minha irmã costumava fazer.

– Porque era o pai tão mau connosco? – perguntei-lhe. Estar ali trazia-me tantas recordações de natalis difíceis. – Porque não nos amava? Nós éramos boas meninas, não éramos?

– Sim, eram. Não vou defendê-lo. Tudo o que sei é que a vossa mãe disse que ele tinha sempre muito medo de deixar que alguém se aproximasse demasiado dele. Ela conseguia. Mas a custo. Depois, a tua mãe morreu, e creio que ele ainda se fechou mais, e vocês duas faziam-no lembrar dela a toda a hora...

– Mas isso era assim tão mau? Ele amava-a, não amava?

– Sim, amava-a ao modo dele, mas também a culpava por ter morrido, deixando-o sozinho a tomar conta de vocês duas.

– E agora só fiquei eu, e tenho todo aquele dinheiro... o dinheiro dele... e vou gastar todos os cêntimos com o Charlie, exceto se der algum para ajudar outras crianças que não são amadas – desabafei, e as lágrimas ajudaram-me a lavar alguma da minha amargura, por fim.

– Foste tão longe, amor. – A minha tia ergueu-me o queixo. – Toda esta tragédia te ajudou a crescer, sabes.

– Acho que sim – admiti, sabendo que era verdade. Mal reconhecia o meu velho eu. – Pergunto-me muitas vezes porque terei perdido tanto tempo sem ter ido a lado algum? – Sorri por entre as lágrimas.

Pelas dez da noite estávamos todos na cama. Dera um banho a Charlie e cantáramos a canção preferida dele, «Jingle Bells», enquanto brincávamos com a espuma. Era o máximo que eu fazia por ele havia que tempos, e apreciei inteiramente esses momentos, e a alegria daquele menino ajudou-me a ficar alegre também. Ficaria a dormir no quarto dele e, depois de o aconchegar, fui ajudar a arrumar as coisas; quando voltei para o pé dele, vi-o às voltas na cama a chamar pelas renas do Pai Natal, enquanto dormia, numa confusão de bracinhos, pernas e caracóis. Sosseguei-o, lavei os dentes e permaneci acordada, ouvindo-o rressonar baixinho e pensando no que nos traria o futuro. Nessa noite rezei, pedindo uma longa vida cheia de saúde para ambos, na nossa casinha em Wicklow, com visitas regulares da tia Milly.

A manhã seguinte foi muito agitada. Charlie acordou-me de um sono profundo às seis e meia – mais tarde do que o normal, segundo a tia Milly. Ele não percebia exatamente o que era o Pai Natal, mas valeu a pena ver o seu rosto quando descobriu a cenoura meio comida e o copo de sumo vazio como era tradição. Percebi que a minha tia estava à beira das lágrimas e, abraçando-a, agradei-lhe por tudo, enquanto via os olhinhos dele iluminarem-se ao deparar-se com o autocarro vermelho e o comboio. Estava mais radiante de felicidade do que eu pensara possível alguns meses atrás. Por alguma razão, pensei em James e Tamsin e, depois, quando fomos à missa na pequena igreja que eu explorara em criança, acendi uma vela por ambos. Toda a gente nos fazia parar no caminho e algumas pessoas chamaram-me Alison e não repararam que se haviam enganado.

– Não faz mal – disse à minha tia, que receava que aquilo me afetasse. – A vida continua, as pessoas acabam por esquecer, bem sei.

Charlie saiu a correr para ir ter com Thomas e o grupo de amiguinhos para brincarem e a tia Milly e eu cantámos hinos e fomos beber um chá forte e comer bolo no convento ali ao lado, com as freiras e o padre Bertie. Sentia-se ainda o cheiro a cera e a pão irlandês, e aquelas mulheres ainda deslizavam por ali sem esforço algum e não tinham envelhecido, parecia.

O dia voou e a casa encheu-se de vizinhos e amigos, muitos dos quais vinham agradecer à tia Milly pequenas gentilezas – e para olharem para mim, desconfiava. Trocaram-se chocolates e sobremesas, eu ia servindo xerez e garrafas de cerveja preta e via que a minha tia se encontrava no seu

ambiente. Sorria-me radiante e tinha um ar tão orgulhoso de nós dois quando me apresentou aos pais dos amiguinhos do Charlie. Eu cirandava por ali, a distribuir cinzeiros e a atirar lenha para a lareira onde ardia um lume crepitante e a abrir latas com fatias de bolos que cheiravam muito bem, cheios de frutos, tentando tudo fazer para ajudar a mulher que tanto me dera nos últimos meses. Toda a gente dizia que gostava imenso de me ver depois de todos aqueles anos e que era uma rapariga cheia de sorte por ter casa própria em Dublin e um café na cosmopolita Wicklow tão. Era a típica cidadezinha rural irlandesa no seu melhor.

Passámos os dias a passear e a visitar amigos e até demos à casa uma limpeza de primavera, em dezembro, o que animou ainda mais a minha tia. Contei-lhe mais sobre a casa de Daniel enquanto uma noite nos sentámos à lareira, tranquilas. Era a primeira grande conversa que tínhamos, pois a vida fora muito agitada durante o período do Natal. Estávamos a comer os últimos doces e íamos bebendo litros de chá. Concordámos que Charlie deveria ir viver comigo assim que a casa estivesse habitável e percebi que ela não sabia o que sentir em relação à partida dele.

– Contudo, é a coisa acertada a fazer, sei disso. – Sorriu, mas a tristeza assomara ao seu rosto enrugado por um milésimo de segundo. – Para ambos. – Deu-me uma palmadinha no joelho. – Apesar de não haver pressa, amor, sabes disso, não sabes?

– É o que a tia me diz sempre. – Retribuí-lhe o sorriso. – Depois irá visitar-nos muitas vezes, sim? De facto, seria bom que viesse passar uns tempos connosco no início? – Ela anuiu, contente, e admiti que estava com algum medo de ficar sozinha com ele, não fosse fazer alguma coisa mal. – Não tenho tanto jeito para crianças como a tia. Nem sequer fui lá muito boa menina – confessei, com toda a sinceridade, mas pela primeira vez tinha confiança de que o que me faltava pelo lado prático compensaria com amor.

– Vais fazer tudo bem. Observei-te durante estes dias. – Olhou para mim. – Acho que darás uma ótima mãe. Ele é um rapazinho com sorte. E eu vou estar sempre aqui para te apoiar, caso precises. Sabes disso, Lily.

– Eu sei. – Mas bem a via cansada. Os últimos meses tinham deixado a sua marca. – Talvez pudéssemos ir os três fazer umas férias de uma semana. Apanhar um pouco de sol. – Desejei ter pensado antes naquilo: teria sido um belo presente para ela e aliviaria de algum modo a minha consciência.



– Oh, gostava muito! – Estava radiante.

A véspera de Ano Novo chegou demasiado depressa e lá estava eu novamente no comboio, apesar de desta vez me ser muito mais fácil suportar as multidões. Charlie estava agarrado a mim e rezei para que tudo corresse bem com a casa para o poder ter depressa comigo.

– Não vás. Quero que fiques cá! – gritou. Mesmo a minha promessa de encontrar um cão recebeu uma resposta muda. – Estou triste – disse-me ele.

– Também eu, mas não será por muito tempo, prometo. – Mantive o sorriso no rosto. – Porta-te bem.

Desejei não ter dito aquilo mal o proferi. Decidi que nunca mais iria usar aquela expressão.

– Eu gosto de ser atrevido – disse ele. – O Thomas diz que é mais divertido.

– O Thomas tem toda a razão. – Ri-me. – Mas não contes à mamã dele que eu disse isso.

\* \* \*

Por ter tido um Natal tão maravilhoso e andar encantada com a perspetiva de começar o Ano Novo a trabalhar por conta própria, a viver na minha própria casa, com Charlie e uma série de animais, o casamento de Richard e Daisy não foi a primeira coisa em que pensei quando abri os olhos na manhã seguinte. Contudo, sabia que iria ser um longo dia, por isso afastei o edredão e meti-me no chuveiro; a seguir saí para ir secar o cabelo. Comprara um vestido numa *boutique* elegante que abrira recentemente perto do café. Não estava com certezas sobre ele agora.

Ao meio-dia, a campainha tocou e um jovem entregou-me um enorme ramo de flores brancas.

*A Tamsin e eu queremos desejar-lhe e ao Charlie um Feliz Ano Novo,* dizia o cartão. Estava assinado *com amor, James,* e senti-me novamente triste por eles.

Brian Daly chegou às duas horas e isso pôs-me um pouco nervosa. Convidara-o num momento de loucura, na maior parte para me salvar por não ter ninguém com quem conversar no casamento, mas também porque,

estupidamente, esperava que Richard ficasse com ciúmes. O *e-mail* de Sally deu cabo daquela teoria louca.

De: laydownsally@heatmail.com  
Para lilyyofthevalley@goodoldireland.com

Gostas desse tipo ou não, e se sim, por que raio vais ao casamento dele? Por pensar nisso, não o mencionaste do mesmo modo recentemente? O encanto dele começa a desaparecer, ou vais vomitar sobre o teu vestido novo quando o vires? E vais com o Brian? Cujo irmão horrível e asqueroso é o pai do Charlie? (O que vais fazer em relação a isso, a propósito?)

Estás à espera que o noivo ainda tenha algum desejo secreto por ti? Bem, verifica primeiro se alguém está a empurrá-lo com um chicote para o altar, senão tenho notícias para ti. Ele vai casar-se porque quer. Encara isto, linda, os homens como ele fazem exatamente o que querem, por mais que finjam o contrário. A sério, acho que terei de ir pedir um crédito – precisas mais de mim do que eu pensava.

S. xx

P.S. Esse tipo, o advogado, é giro?

P.P.S. Quem diabo é esse Daniel de que começaste a falar de repente?

Tinha de admitir, Brian Daly ficava com ótimo aspeto de fraque, apesar de parecer pouco animado. Não parava de me lançar olhares como se me quisesse dizer qualquer coisa mas lhe faltasse coragem. Sinceramente, fosse o que fosse, esperei que o guardasse para si próprio. Ou talvez ainda não tivesse ultrapassado bem o nosso último encontro. Creio que ambos sabíamos que precisávamos de falar sobre o verdadeiro problema na minha vida – o irmão dele – e que género de sarilhos aquilo me poderia trazer no futuro.

– Como correram as coisas em Cork com o Charlie?

Quis inteirar-se de tudo. Descontraí-me o mais possível e contei-lhe as novidades, mas só conseguia pensar que ele era o tio do Charlie.

Ao chegarmos à igreja, resolvi divertir-me enquanto rezava uma salve-rainha a Santo António para que o dia acabasse depressa.

Brian abandonou-me quase assim que chegámos ao casamento, o que me aborreceu um pouco. Afinal era grande amigo do irmão de Daisy e conhecia bem toda a família, por isso lá foi dar beijinhos aos primos e palmadinhas nas costas a tipos que pareciam jogadores de rãguebi, o que me deixou com tempo a mais para pensar.

– Lily, estás lindíssima. – Richard vira-me assim que entrámos na igreja. – Como correu o teu Natal?

– Muito bem, e o teu?

– A minha mãe encheu-me de mimos. – Fez-se uma pausa estranha. – Difícil de acreditar, não é? Eu, logo eu, a casar-me! – Parecia um miúdo trapalhão de doze anos. – Nem sei como vim aqui parar, a sério.

– Bem, isso tem tendência a acontecer quando pedes a alguém para ser tua mulher. – Tentei dizer aquilo sem sarcasmo. O *e-mail* de Sally ainda me incomodava.

– Estás bem?

Fiquei um pouco exasperada por ele pensar sequer que eu poderia não estar.

– Sim, estou bem, ansiosa por este dia.

– Richard, preciso de ti.

– Tom, o padrinho, ergueu os olhos ao céu e sorriu-me antes de arrastar dali o noivo.

– Peço desculpa. – Brian veio ter comigo quando a música começou. – O mundo é pequeno, não é verdade?

– Muito.

Ainda assim, sentia-me contente por ele estar ali. Sentada sozinha, começara a pensar, e alguns dos meus pensamentos eram bastante desconcertantes. Porque estaria eu ainda tão confusa sobre as coisas, interrogava-me. Só tinha de me concentrar na distância que percorrera desde os dias negros do início de tudo aquilo, quando pensava que nem sequer sobreviveria, quanto mais desabrocharia, como a Milly não parava de me fazer lembrar.

Daisy estava espantosa. Toda a gente a admirou de boca aberta quando ela caminhou pela nave da igreja e, a julgar pelas joias e pelos sapatos usados pelos convidados, aquela multidão não era facilmente impressionável.

Quando a cerimónia começou, deixei o pensamento divagar para Alison e Richard, James e William Hammond e Dave. Agora que sabia quem era o pai de Charlie, precisava de os deixar ir, apesar de sentir que manteria contacto com Richard, embora não com Daisy.

Antes de me aperceber, já o padre colocava a velha questão sobre se alguém conheceria um impedimento a que aquele casamento se realizasse.

– Detestaria esta parte se me estivesse a casar. – Brian piscou-me o olho.  
– Pelo sim pelo não.

– De certeza que como advogado teria tratado de todas essas coisas chatas – segredei-lhe, sorrindo.

Estava a ficar um pouco aborrecida. O padre falava num tom monocórdico e enveredara por explicar todos os pormenores, por isso comecei a sonhar acordada sobre Richard não ir com aquilo avante. Ou que outro fulano – um modelo homem – aparecesse a correr por ali fora a gritar o nome de Daisy e ela desatasse a correr pela nave da igreja, com os convidados boquiabertos de horror – ou a aplaudir, consoante o lado de que estivessem. Vira isso acontecer num filme: era ótimo na televisão.

Creio que ouvi a voz antes de toda a gente compreender que algo estava a acontecer. Só me lembro de ver uma jovem com um vestido simples e um casaco, de pé, ao fundo da igreja, tendo pela mão um rapazinho que era a versão miniaturizada de Richard.

*Marie*

– ANDA LÁ, MÃE, POR FAVOR – IMPLOROU KRISTIN MADDEN. – Vai ser uma noite calma, a sério.

– A sério, amor, não me apetece ir. – Marie sabia que as filhas ficariam desapontadas, e fora essa a única razão por que concordara em passar o dia na cidade nos saldos, mas nunca fora muito de festejar a noite de Ano Novo, mesmo quando Dave era a alma da festa, e decidira não ir ao *pub* naquele ano.

– Não te vamos deixar em casa sozinha, mãe, nem pensar – disse Lola pela terceira vez.

– Por favor, eu fico bem, a sério. Além disso, doem-me os pés depois de ter andado tanto.

– Olha, fazemos assim – sugeriu a filha mais nova no seu tom mais persuasivo –, ficas aqui algumas horas, toma um banho, descontraí-te, e uma de nós virá buscar-te por volta das dez. Que tal?

– Não, a sério, eu...

– Nada de desculpas, mãe. Para podermos brindar o Ano Novo contigo, por favor? Assim que acabar, trazemos-te a casa e depois podemos voltar para lá se nos apetecer.

– Vai apetecer-nos – disse Kristin, rindo. – De certeza.

– Está bem, está bem. – Marie sabia quando estava derrotada. – Agora vão lá, as duas, e deixem-me em paz algumas horas.

– Sim! – Exclamaram em coro e foram-se embora lançando os punhos ao ar.

Quando Marie chegou, o bar estava à cunha. Todas as mesas estavam carregadas de copos meio vazios e pelo chão também havia bebida entornada. Uma banda tocava Beatles, cantando os maiores sucessos do grupo e toda a gente abaixo dos sessenta estava animadíssima.

Marie nunca gostara muito de beber e, apesar de ter engolido uma cerveja quase de uma vez para tentar adaptar-se à disposição geral, percebeu que nunca acompanharia o entusiasmo da maior parte das pessoas, por isso resolveu sentar-se. O calor era intenso e o recinto parecia abarrotado de mulheres pouco vestidas e homens suados.

A maior parte dos amigos de Dave foi ter com ela e insistiu em oferecer-lhe uma bebida. Para alguns, era a primeira vez que a viam desde o funeral. Ela ficou sensibilizada com todas as histórias sobre o marido e teve de se conter para não chorar por mais de uma vez.

Aquilo fora uma péssima ideia, compreendeu passada uma hora, sentindo-se algo em pânico de repente. Sentia a falta de Dave, especialmente sabendo que ele estaria lá para ela, para a levar a casa sempre que queria, ir buscar-lhe batatas fritas sem pedir e montes de outras coisas idiotas como o lembrar-se de que ela gostava de um pouco de sumo de limão na cerveja.

– Desculpem, preciso de ir à casa de banho – disse ela aos dois amigos de Dave que o conheciam desde a escola. Pareceram aliviados por já não terem de fazer conversa.

Quando voltou, viu que uma mulher que não conhecia se tinha sentado a um canto do banco perto de onde Marie estivera. Sentiu-se desanimar e com mais vontade do que nunca de ir para casa depressa e regressar ao conforto do seu roupão novo.

Tal como receava, a outra mulher queria conversa.

– Sou a Nuala. – Acenou prazenteiramente a Marie.

– Como vai? – Marie sorriu e procurou com o olhar onde estava uma das filhas.

– O meu marido abandonou-me.

– Acontece. – Marie não se conseguia lembrar qual era a bebida dela, apesar de saber que tinha várias por onde escolher.

– Ele joga aos dados aqui, por isso conhece todos os clientes habituais. Conheço alguns também, em especial os mais jovens. Os meus dois filhos por vezes trazem-me a beber um copo uma noite ou outra. Gostam disto aqui porque as pessoas não são tão velhas como no nosso *pub* e normalmente têm uma boa banda a tocar.

Marie murmurou qualquer coisa entre dentes e desejou que uma das filhas viesse depressa ter com ela.

Continuaram a conversar alguns minutos.

– Não são as filhas do Dave Madden? – perguntou Nuala, apontando na direção das filhas de Marie, que estavam perdidas de riso com dois rapazes na pista de dança. Marie ficou aliviada por as ter descoberto. Tentou chamar-lhes a atenção.

– Oh, sim, acho que vou...

– Uma tristeza horrível, não foi?

– Sim...

Marie não queria fazer figura de tola antes de conseguir fugir dali. As emoções avassalavam-na desde que a banda começara a tocar «Here, There and Everywhere» alguns minutos antes. Era a primeira canção que dançara com Dave.

– O meu filho costumava gostar de uma delas. – Nuala sorriu. – Não me lembro de qual era agora. Que família amorosa, pelo que me disse o Joseph.

– Sim. – A voz de Marie era um murmúrio.

Alguém gritou: «Trinta segundos para a meia-noite!», mas Nuala pareceu não se importar.

– Embora ele fosse um pouco mulherengo, parece.

Marie estava quase a pôr-se de pé e a preparar-se para pedir desculpa e ir-se embora.

– O quê? – Voltou a sentar-se, pronta para discutir. O desprante da mulher, que lata! Marie abriu a boca para a descompor – Olhe lá...

– Mas eles são todos assim, não? – Sorriu. – O meu homem está sempre de olho nas novas. Temos de os trazer de rédea curta, não é? – Acenou a um grupo enorme que lhe fazia sinais para se juntar a eles. – De qualquer modo, Feliz Ano Novo, querida! – Desapareceu.

Apesar de o coração lhe bater descompassadamente de indignação, Marie sabia que a mulher dissera aquilo sem malícia. Não tivera intenção de a perturbar, tinha a certeza. Em circunstâncias normais, Marie riria a bandeiras despregadas e concordaria com ela. Afinal de contas, aquela mulher apenas dissera o que toda a gente sabia. Dave sempre se interessara por mulheres bonitas. Marie sabia que mesmo agora – com tudo o que acontecera – isso não a teria incomodado excessivamente se não tivesse encontrado todos aqueles números e mensagens no telemóvel de Dave um dia, quando por fim reunira coragem para começar a arrumar as coisas dele.

Quando Marie se juntou com pouco entusiasmo à contagem final com as filhas, tomou uma decisão de ano novo – descobrir um pouco mais sobre as

amigas do marido.



*William e Beth*

– CINCO, QUATRO, TRÊS, DOIS, UM, FELIZ ANO NOVO! – Saltaram rolhas e serpentinas e balões pareciam cair do céu enquanto a orquestra prosseguia sem interrupção o «Auld Lang Syne».

– Feliz Ano Novo, querida – William virou-se para Beth e beijou-a no pescoço. – Temos de admitir que o Dermot Bryant sabe dar uma festa. Nunca tinha visto tanto *Dom Pérignon* numa sala em toda a minha vida. Queres outra taça?

– Não, obrigada, não quero abusar. – Beth olhou em volta, saboreando o momento. Um grupo de amigos chegou para os cumprimentar e brindar e foi só quando deu por si a ser erguida e girada por Ronnie Wilson, um dos colegas mais extrovertidos de William, que Beth se sentiu quase a desmaiar.

– William, preciso de ir tomar ar. Podes ajudar-me, por favor? – Estava com medo de perder os sentidos.

– Claro, sentes-te bem?

Foi em ajuda dela imediatamente e levou-a lá para fora, para uma grande varanda onde havia pessoas a fumar e os empregados passavam com bandejas de champanhe.

– Senta-te aqui. – William estava preocupado. A Beth não parecia a mesma nas últimas semanas. – Queres que te vá buscar um copo de água, querida? – Estava o mais atencioso possível.

– Sim, por favor.

– Volto num instante.

William resolveu ter uma conversa com ela no dia seguinte. De certeza que algo andava a preocupá-la. Telefonara para a clínica várias vezes a alturas estranhas e não parava de lhe ligar para o telemóvel a pedir-lhe que fosse cedo para casa. Em resultado, não tivera um minuto para si próprio, a rotina do ginásio não fora cumprida e nem sequer conseguira encontrar tempo para

visitar Lily e vê-la com a *lingerie* cara que comprara para ela no Harvey Nicks – paga em dinheiro, claro.

– Aí tens. Como te sentes agora? Há muitos médicos por aqui, de qualquer modo – brincou enquanto se sentava ao lado dela e acenava a um empregado que passava a pedir outra bebida para ele.

William gostava daquele género de festa. Dermot Bryant conhecia toda a gente importante em Dublin e aquela era a festa da quadra natalícia, repleta de estrelas de *rock* e autores de *bestsellers*, uma mão-cheia de políticos cuidadosamente escolhidos e até uma ou outra supermodelo. William esperava aquilo havia imenso tempo: seria sem dúvida alguma o tema principal no bloco operatório mais tarde nessa semana e além disso já tinham sido fotografados por um ou dois jornais. William sabia que estava vestido adequadamente, o que ajudava sempre. Sentia-se bem e nesse ano ainda mantinha o bronzado, graças a um outono ameno e alguns fins de semana no campo de golfe.

– Agora estou melhor. – A voz da mulher interrompeu-lhe os pensamentos.  
– Só precisava de apanhar ar, mais nada.

Tinha o rosto menos pálido, pensou ele, satisfeito.

– Ótimo.

William esperava que ela não se quisesse ir embora cedo. De facto, se sugerisse isso, ele proporia chamar-lhe um táxi. À porta da mansão de Dermot havia uma fila enorme, todos já pagos, ouvira alguém sem classe mencionar antes.

– Mais champanhe, cavalheiro? – perguntou um empregado discretamente.

– Porque não? – O empregado recolheu o copo vazio e deu-lhe outro em segundos enquanto uma jovem apresentadora da RTE passava. A rapariga lembrava-lhe Lily e resolveu mandar-lhe uma mensagem mais tarde com votos de Feliz Ano Novo, o champanhe a fazê-lo esquecer a sua habitual paranoia com mensagens de telemóvel.

– Talvez pudéssemos ir para casa, agora que nos despedimos do ano velho? – Beth sorria-lhe. Aquilo não era nada dela: em anos anteriores, andaria a cirandar pela festa, encantada por estar ali. A mulher adorava festas, ver gente – muito mais do que ele, de facto –, e normalmente conversava bastante com quem quer que encontrasse, independentemente de quem eram as pessoas. Um ano vira-a a um canto da sala com uma senhora

muito velhinha, a trocar alegremente receitas em vez de andar entre os convidados e ser vista.

– A sério?

– É que na verdade estou um pouco cansada.

– Importavas-te se eu ficasse? – William olhou em volta e viu algumas pessoas com quem queria falar. Não gostou da expressão da mulher assim que sugeriu aquilo, por isso acrescentou apressadamente: – Ou eu podia levar-te de táxi a casa e depois voltar por mais uma hora ou duas.

Normalmente, ir-se um deles embora e ficar o outro não constituiria problema – faziam isso muitas vezes quando a *babysitter* não podia tomar conta das crianças – apesar de na maioria das vezes ser Beth a ir para casa mais cedo.

– Queres mesmo ficar?

– Bem, sim. Apetecia-me. – Inclinou-se para ela num gesto de solidariedade. – O que se passa, querida? Costumas ser a alma de festas deste género.

– Estou grávida, William.

Por um segundo, ele pensou que ela brincava. Aguardou um pouco, mas a mulher não lhe deu nenhuma cotovelada nas costelas com ar de brincadeira.

– Grávida?

– Pois. Estás contente?

– Bem, eu... claro, mas, querida, tínhamos concordado que a nossa família estava completa agora. Quer dizer, temos a vida ideal tal como está...

– Bem, acho que estas coisas acontecem. – Via-se que não estava nada preocupada com o assunto. – De qualquer modo, pensei que seria um lindo presente de Ano Novo para ti, se tudo correr bem, Deus queira que sim.

William não gostava de surpresas.

– É um choque, para ser sincero. – Olhou-a nos olhos. – Tens a certeza?

– Claro. – Riu-se. – Não é assim tão invulgar, ainda não tenho quarenta anos, algumas mulheres com a minha idade estão a começar a constituir família.

– Estás preocupada com a tua idade? – perguntou William apressadamente.

– Não propriamente, apesar de, claro, ter de cuidar de mim. Mas sou saudável, já é um bom começo... – Ela sorriu, radiante. – Todavia, haverá algumas mudanças, de certeza.

– Tais como?

William não estava a gostar nada daquele tom.

– Bem, o teu carro novo, por exemplo. Se calhar seria melhor desistires dele. Um carro de dois lugares, topo de gama dificilmente nos servirá agora.

– Mas... mas... – William não conseguia acreditar no que ouvia. Adorava o carro, era um símbolo do que ele era. Havia meses que ansiava pelo novo modelo. Chegaria ao país antes da data prevista especialmente para ele, e depois do fiasco do carro a *diesel* iriam dar-lhe um com GPS sem custos adicionais. – Mas tu sempre tiveste o carro de família, querida. Podemos trocar o *Volvo* por um carro ainda maior, se quiseres...

– Não é isso, é que quero que façamos mais coisas juntos... e não num carro que está sempre cheio de garrafas para reciclagem ou papéis de gelados ou livros escolares. Além disso, terás de levar os outros dois miúdos mais vezes, agora que teremos um novo bebé em casa. De qualquer maneira, detestas guiar o meu carro. Na semana passada disseste que cheirava a leite azedo. – Era evidente que ela andara a pensar naquilo tudo. – Um carro de dois lugares é para um homem solteiro. – Ela dizia aquilo como se tudo estivesse já acordado. – Já que falamos no assunto das mudanças, estava a pensar que poderíamos transformar a velha garagem grande que nunca usamos num ginásio. Desse modo não terias de sair tantas vezes à noite.

William sentia que a sua vida cuidadosamente arquitetada se desmoronava.

– Além disso – continuou Beth, numa lista infundável, ao que parecia –, tenciono pôr-me em forma assim que puder, por isso também o poderia usar. Seria tudo muito mais fácil para nós. – Deu uma palmadinha no ventre. – Estou pronta a esforçar-me, fiquei um pouco flácida nos últimos tempos. Quem sabe, talvez comece ainda antes de o bebé nascer.

William ficou sem palavras.

*James e Tamsin*

– JAMES, QUE HORAS SÃO?

– Meio-dia e meia.

Pousou o livro que estava a ler e virou-se para a mulher, que se esforçava por se sentar na cama.

– Estás bem? Queres que te vá buscar alguma coisa?

– Não, estou bem, devo ter adormecido. Não queria que passasses sozinho o Ano Novo. – Recostou-se na almofada. – Desculpa, é que me sinto tão exausta, sabes.

– Não estava sozinho, tinha-te aqui ao pé de mim. – James beijou-a na cabeça. – Feliz Ano Novo, meu amor.

Ela sorriu-lhe tristemente.

– Não foi lá um grande Natal, pois não?

– Não.

Resolveu que não valia a pena discutir aquilo.

– Parece que não me consigo recompor depois de tudo o que aconteceu – desabafou ela. – Não percebera o quanto acalentara esperanças em relação ao menino da Alison.

– Eu sei. – Ele também andara preparado para isso. – Achas que seria bom falares com alguém?

– James, sou psicóloga, pelo amor de Deus. Passei a vida a ajudar outras pessoas precisamente com este género de situações de stresse. – Tinha um ar preocupado. – É que, desta vez, não me sinto capaz de seguir os meus próprios conselhos.

– Os antidepressivos estão a ajudar em alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

– Nem por isso.

– Então talvez fosse melhor ires ao médico.

– James, nós vamos ficar bem, não achas?

Ignorou a sugestão dele.

– O que queres dizer com isso?

– Sabes, como casal. Achas que ultrapassaremos este período horrível?

– Não te preocupes, ficaremos bem. – Nunca a ouvira falar assim. – Somos uma unidade forte, nada mudará isso. Agora, vá, porque não descansas um pouco?

– Sabes, por vezes, odeio-te por teres estado com a Alison. Sinto que isso foi como que uma maldição sobre nós...

– Nunca me disseste isso... – retorquiu James, baixinho.

– Tenho-me sentido tão irritada contigo ultimamente. Pergunto-me se Deus não te estará a castigar... e por associação a mim também... ao não nos dar um filho.

– Bem, isso não faz sentido algum.

– Bem, mas é como me sinto.

– Olha. – Saltou da cama. – Já disse que lamento. Implorei-te perdão. Falei-te disso em primeiro lugar porque não conseguia suportar que isso ficasse entre nós para o resto da nossa vida. – Suspirou. – Mas a única coisa que não posso fazer é alterar o que aconteceu. Preciso que tentemos prosseguir a nossa vida, de outro modo darei em doido.

– Estou a fazer os possíveis para prosseguir com a minha vida, James, a sério que estou. Todos os dias eu... – Começou a chorar como se sofresse de uma dor física.

– Desculpa.

Abraçou-a, diminuída a sua frustração anterior.

– Não, isto sou eu. Estou a torturar-me e por vezes também sinto vontade de te castigar. Dá-me tempo, dás? Por favor.

Ela fê-la calar-se com o dedo nos lábios.

– Não precisas de me explicar coisa nenhuma. Leva o tempo que precisares.

– É tão difícil sentir-me assim... tão sozinha. – Dissera-lhe isto muitas vezes ao longo dos últimos dias. – Sinto-me vazia.

– Eu sei. – Embalou-a nos braços. – Sei o que sentes.

– Queria tanto, tanto, dar-te um filho.

Chorava agora de mansinho.

– Tu és tudo o que preciso, bem sabes. – Abraçou-a com força novamente.

– De qualquer maneira, amor, vamos tentar pôr este ano para trás das costas

e recomeçar. Talvez amanhã possamos ir dar um grande passeio. Farias isso comigo?

– Vou tentar. – Ela engoliu em seco e ele sentiu uma enorme ternura por ela. Permaneceram em silêncio por muito tempo.

– Amo-te, querida – segredou-lhe então, antes de desligar o candeeiro de cabeceira do lado dele, mas ela já adormecera.

De: laydownsally@heatmail.com  
Para: lilyofthevalley@goodoldireland.com

Mas que raio se anda a passar? Falas mesmo a sério quando me contas que o casamento parou a meio por causa de uma rameira que surgiu do nada de repente com um filho ilegítimo do Richard a reboque? E que depois rebentou uma discussão? Naquela pequena igreja no cu de judas da Irlanda rural onde a última coisa interessante que aconteceu foi a instalação da eletricidade? Na verdade, que se lixe a despesa, vou telefonar-te. Isto é de mais para uma mulher com uma ressaca das piores para aqui na Austrália conseguir perceber enquanto tecla. De qualquer maneira, o barulho desta treta do teclado ainda me dá mais dor de cabeça.  
S. xx

Eu própria mal conseguia acreditar naquilo. Quando Sally me ligou minutos depois, disse-lhe que reinava o caos.

– Começa do princípio e aí de ti se omite alguma coisa! – exigiu a minha amiga.

– De certeza que a tua constituição delicada aguenta isto? – perguntei.

– Aguenta, estou a mastigar analgésicos enquanto fala-mos – respondeu-me, tentando parecer animada.

– Bem, na verdade, é horrível. Senti muita pena de toda a gente. A Daisy fugiu a sete pés, a mãe dela deu uma bofetada no Richard com toda a força e eu deixei de ver o Brian durante horas e horas porque de repente ele foi extremamente necessário por causa de questões legais.



– Como ficou o Richard? Mortificado?

– Claro que não, ficou feliz com aquilo. Fugiu de lá assim que conseguiu. O Tom... aquele apresentador de rádio de que te falei que ia ser o padrinho, lembras-te? Bem, andou numa agitação tremenda. Oh, e depois a mãe do Richard tentou falar amigavelmente com a mulher, procurando conhecer melhor o neto recém-descoberto, presumo.

– A mulher era bonita?

– Não, achei-a bastante vulgar. Contudo, parecia simpática. Um grande corpo, mas...

– Então ela era do género CMVCW?

– Hã?

– Um corpo de *Marés Vivas*, cara de *Crimewatch*? – explicou-me a rir.

Era tão típico dela ir diretamente ao fundo da questão.

– Céus, que coisa, nunca mais me queixarei de que os casamentos são uma seca. – O riso de Sally ecoou pela linha. – Falaste com o Richard?

– Só por pouco tempo – expliquei. – Estava mesmo bastante perturbado por todos os problemas que causou. Parece que aquela mulher lhe andava a telefonar havia semanas e que ele tentara afastá-la. Tudo o que ela lhe dissera ao telefone era que precisava de o ver.

– Típico dos homens, não é? Não querem lidar com as situações se conseguirem evitar.

– Pelos vistos, ele acabou por lhe dizer que iria casar-se e que se encontraria com ela depois...

Sally resmungou.

– Isso foi como a capa vermelha para o touro.

– Senti mesmo pena da Daisy, também. Que pesadelo.

– Não o esqueceste, então.

– Sabes de uma coisa, Sal, com tudo o que aconteceu, já o esqueci há muito tempo. Acho que foi preciso ele estar prestes a casar-se para perceber isto.

– E agora ele está solteiro outra vez.

– Pois, é curioso, não é?

– Então e que diz ele, sobre a criança, quero saber?

– Oh, ele admitiu que comeu a mãe, mas disse que não tinha a certeza de o filho ser dele, apesar de todos os convidados verem que o miúdo era a cara do Richard, pelo que ouvi. Ele disse que fora uma aventura que tivera

quando acabara os estudos e esteve um ano de férias em Nova Iorque. Parece que ela é de Belfast, apesar de não ter sotaque algum, pelo que vi. De qualquer modo, era empregada num hotel qualquer em Manhattan onde ele trabalhava em *part-time*...

– Bem, é óbvio que ela lhe serviu sobremesas deliciosas. – Sally gostaria de ter estado presente. – Então e tu, onde ficaste?

– Em Kinnity Castle. Ninguém sabia o que fazer, e toda aquela malta jovem, sabes, amigos, etc., morria por beber qualquer coisa. Por isso fomos até lá, apesar de tudo... claro que não foram as famílias mais chegadas. Devias ter visto a cara do gerente quando o Tom lhe disse que já não havia casamento. Tive de esperar pelo Brian, que desaparecera havia horas. Quando chegou, estava muito irritado com o Richard, como a maior parte das pessoas, por isso fomos para casa. O Tom e alguns amigos ficaram a deitar *shots* abaixo como se fosse água. Não desejava ser nenhum deles na manhã seguinte.

No dia seguinte, o café abriu novamente e eu estava ansiosa por isso. Acendi as luzes e os fornos, pus o café a fazer e preparava uma lista quando Orla chegou. Fora a casa pelo Natal e abraçámo-nos com carinho.

– Conta-me tudo. Como correram as coisas com o Charlie?

– Fantásticas. Passei uns dias maravilhosos com o meu menino.

– E o casamento?

– Bem, precisas de um café antes de te contar...

Comecei a contar-lhe tudo. Até Violet sabia que não nos devia incomodar, por isso, ela e Naomi concentraram-se em limpar as mesas e em ter tudo pronto no café para as oito horas.

Entretanto chegou a nossa encomenda semanal de flores e eu pedira os primeiros jacintos da estação, pelo que o café cheirava muito bem e lembrava a toda a gente que a primavera viria a caminho. Naomi saiu para ir buscar os jornais e dentro em pouco lá foram chegando os clientes habituais – agora como velhos amigos – a queixarem-se do frio e das contas do cartão de crédito e dos presentes inúteis e de demasiada bebida em igual medida, parecia. Deleitei-me com isso e conseguira um minuto para enviar uma mensagem a Daniel quando ele entrou por ali adentro.

– Feliz Ano Novo, estava quase a enviar-te uma mensa-gem – disse-lhe, sentindo-me bem ao vê-lo. Tinha o cabelo mais comprido e o mesmo ar

saudável de sempre, apesar da época de festividades.

– Calculei que tentarias contactar-me cedo – provocou ele. – Acho que – baixou a voz – aquela declaração de amor quando entraste no comboio foi por causa da minha casa e não dos meus encantos irresistíveis? – Piscou-me o olho.

– De que declaração de amor estão a falar? – perguntou Mrs Pearson, uma católica devota e cliente habitual da missa das dez, ao entrar no café com as amigas. Parecia que o seu novo aparelho auditivo funcionava bem.

– Eu diria qualquer coisa para ficar com a casa dele – respondi, rindo-me.

– Não seria a primeira, minha querida. – Estalou a língua em desaprovação e sorriu-me com ternura.

– É assim que começam os boatos. – Daniel fingia falar a sério.

– Conta-me tudo – pedi-lhe enquanto lhe servia um café. – E quais são as hipóteses de me levares a vê-la hoje? Nem consigo dormir de tanto pensar nisso.

– Então põe isso num copo para eu levar. – Voltou a dar-me o café. – Mas só tenho uma hora.

– Eu também. Tenho de voltar para a hora do almoço. – Tirei rapidamente o avental. – Obrigada. Tenho andado tão entusiasmada que saí um pouco da estrada para ver se conseguia descobrir onde ficava assim que voltei de Cork, apesar de fazer escuro como breu.

– Não se consegue ver da estrada – explicou-me enquanto nos dirigíamos para o carro.

– Sim, obrigada, acabei por descobrir isso.

– Agora, fecha os olhos – pediu-me, mal fizemos uma curva um pouco mais tarde –, e não os abras até eu te dizer.

Fiz o que me pediu e ele parou o carro, abriu um portão e levou o carro um pouco mais adiante.

– Agora, como te disse, o melhor deste sítio é a vista. – Ajudou-me a sair do jipe. – Por isso podes olhar para ela primeiro.

Levei um segundo a perceber onde estava.

– Oh, meu Deus! – exclamei, baixinho. – Oh, meu Deus! – gritei então.

Perante mim espalhava-se uma vastidão de mar azul contido por uma faixa de areia de um branco creme.

– Gostas?

– Estás doido? – Girei em volta para ter a certeza de que ali existia uma casa. – Adoro! – Atirei-me aos braços dele. – Obrigada, obrigada, obrigada. – Tinha a sensação de que havia algo de certo em encontrar-me ali com ele.

– Larga-me. – Rindo, pegou-me na mão, depois ambos nos largámos ao mesmo tempo. – Ainda nem sequer ouviste o preço.

– Não importa, trabalharei como uma mula, vendo o apartamento, o que for preciso! – disse-lhe, embaraçada por me sentir tão bem quando ele me tocava. – Deixas-me ver o interior?

– Está aberta. – Seguiu-me quando entrei a correr.

Ele tinha razão, não era nada de especial, mas estava limpa e arrumada e tinha três quartos, uma grande cozinha branca, uma casa de banho de tamanho razoável com uma retrete separada e uma enorme sala que servia de sala de estar e de jantar. Porém, foi a localização da casa, que dava para uma pequena enseada isolada, que fez com que o meu coração parasse.

– Na maior parte das vezes pode-se ir a pé até à praia principal, por isso não será problema fazeres exercício.

– Não posso acreditar que isto me está a acontecer. É perfeito. Quantos anos tem a casa?

– Trinta, cerca disso. A ligação elétrica e a canalização servem por mais alguns anos e o telhado está em bom estado. Suponho que seja só algo monótona, não é bonita nem nada.

– Não me importo nada. Adoro-a. Nem sabes o que isto significa para mim – disse-lhe, com os olhos a brilhar. – Começava a ficar desesperada.

– O Charlie, presumo?

– Pois, ele ficou tão triste desta vez. Não me queria deixar vir embora. E a única coisa que me impediu de uivar foi ter pensado que em breve estaríamos juntos, graças a ti. Agora – olhei em volta –, isto precisa de uma boa demão de tinta e...

– Já arranjei alguém para fazer isso, como parte da venda. Só queria que viesses cá para escolheres as cores, se gostasses da casa. A propósito, há uma condição ligada a isto e não é negociável.

Ele deve ter visto a minha expressão de medo porque disse rapidamente:

– A casa vem com o *Max*. Ele vive cá.

– *Max*? – perguntei, estupidamente.

Viera preparada todo o caminho para algum impedimento, mas não na forma de um inquilino permanente.

– Sim, o homem que cá vivia tinha um rafeiro chamado *Max*. Ele é vendido com a casa. – Olhou para o meu rosto e deitou-me a língua de fora. – Apanhei-te.

Dei-lhe um safanão e então ele agarrou-me nos braços para se defender e desta vez tive pena de me afastar.

– Desde que o *Max* não seja um bicho de duas patas ficarei com ele – disse, movendo-me com relutância, para olhar pela janela. – De qualquer modo, já tinha prometido um cão ao Charlie, por isso o *Max* serve perfeitamente... acho.

– Bem, ninguém te consegue demover hoje, digo-te. – Riu-se, coçando a cabeça.

– Daniel Williams, acabaste de me proporcionar a melhor coisa que alguém me deu na vida. Nunca tive nada assim. Nunca, nunca, nunca. – Mordi o lábio, mas desta vez as lágrimas que ameaçavam romper eram de alegria.

– Não te *dei* nada – brincou.

– Muito, mas mesmo muito obrigada.

Estava-lhe sinceramente grata.

– É um prazer. Agora tenho de voltar ao trabalho, por isso podemos falar de dinheiro, advogados, essas coisas, a caminho da cidade? Oh, e por agora guarda segredo, está bem? Tem havido algumas pessoas da zona a perguntar sobre a casa. É melhor não espalhares já a notícia.

– Está bem – respondi e desejei que o meu coração deixasse de bater como um tambor. – Mas posso contar à minha tia?

– Claro.

– Quer dizer, assim que acertarmos o preço.

Estava nervosa.

– Faz-me uma oferta – sugeriu ele, depois reparou na minha expressão. – Deixa de te preocupares, havemos de arranjar alguma coisa! – apressou-se a dizer.

\* \* \*

Senti-me nas alturas durante o resto do dia; calculei que seria como se tivesse dado à luz e, de certo modo, tinha. Concebera toda uma nova vida

para mim e para o meu menino. Só teria de enfrentar a espinhosa questão do pai de Charlie.

Às quatro horas entrou uma mulher no café. Olhou nervosamente em volta antes de se dirigir ao balcão.

– Boa tarde, como está? – perguntei enquanto limpava a bancada.

– Bem – respondeu, com sotaque de Dublin.

– Ainda bem – sorri-lhe, radiante. – Está um dia lindo. – Fiz conversa, mas ela não parecia virada para aí. Cada um é como é, pensei. – O que vai desejar? – perguntei, simpaticamente. – Ou quer ainda ficar à vontade para escolher?

– Café, por favor – pediu baixinho.

Eu estava a tornar-me muito americana na minha abordagem a pessoas que pediam café. Desejava que me explicassem o que queriam.

– Que café prefere? – perguntei, com toda a paciência, esperava, apontando para as cerca de vinte variedades no quadro.

– Oh, um café normal. – Encolheu os ombros.

– Está bem, porque não se senta que eu já lho levo? Mais alguma coisa? Os bolinhos saíram do forno há uma hora...

– Não, obrigada. – Não sorriu.

– Não faz mal. – Voltei à minha tarefa e reparei que ela se foi sentar no canto mais sossegado, afastada da janela.

– Boa tarde, Lily – cumprimentou-me Tom Mangan, um homem com jeito para a carpintaria, quando levei o café à mulher. Reparei que ela voltou rapidamente a cabeça à menção do meu nome. – Ainda tens bolinhos?

– Para si tenho tudo. – Pisquei-lhe um olho. Era um dos meus clientes preferidos.

– Ora aqui tem. – Pus-lhe na mesa um guardanapo e deixei-lhe duas miniaturas de queques. – É só para provar – expliquei. – Fazemos isto a todos os nossos novos clientes e acho que nunca a tinha visto aqui antes. Espero que goste.

Parecia coisa demasiado da moda, por isso sorri-lhe com simpatia ao virar-me para me ir embora.

– É a Lily – proferiu ela baixinho.

Se eu não tivesse visto a reação dela ao cumprimento de Tom antes, se calhar não a teria sequer ouvido, mas acho que pressenti que qualquer coisa se preparava para vir dali, portanto estava alerta.

– Sim.

Aguardei.

– Será que poderia dar-lhe uma palavrinha? – Reparei que as mãos dela tremiam. – Sou Marie Maden, a mulher do Dave.

*Richard*

RICHARD ESTAVA MUITO EM BAIXO. Passava os dias a ver séries repetidas na televisão com as cortinas fechadas e a encomendar pizzas ou comida chinesa. Em circunstâncias normais até talvez tivesse apreciado isso.

O apartamento estava atulhado de cervejas e outras garrafas e pilhas de caixas que começavam a cheirar mal, mas ele mal reparava nisso. Felizmente, Daisy – ou mais provavelmente os pais – tinha ido buscar todas as coisas dela, por isso não precisava de encarar a perspectiva de ela lhe vir bater à porta sem aviso, ou pior ainda, de entrar por ali adentro e de o encontrar a coçar os testículos com uma barba de três dias e olhos vermelhos.

Tom Dalton enviara-lhe várias mensagens e até recebera uma de Lily, mas felizmente os seus empregados estavam a deixá-lo sozinho à vontade. Sabia que teria de voltar a agir a determinado ponto, mas entretanto só tinha forças para abrir outra cerveja. Sempre que pensava no fiasco do dia do casamento ficava muito envergonhado, por isso fazia os possíveis por não pensar. Beber ajudava.

No dia seguinte, quando acordou por volta das onze horas, conseguiu chegar à casa de banho antes de vomitar. Na noite anterior abusara um bocado. A televisão fora brutal nas notícias, por isso começou a fumar charros, o que não era muito inteligente depois do álcool que bebera. Precisamente quando estava a fazer café o telefone tocou. Viu o número do Tom e não aceitou a chamada. Dois minutos depois ouviu bater à porta.

– Richard, sou eu, amigo, deixa-me entrar.

Ignorou-o e ligou a televisão. O telefone voltou a tocar e as batidas na porta recomeçaram mais fortes.

Cinco minutos depois escancarou a porta de rompante.

– Vai para o raio que parta e deixa-me em paz.



– Eu deixei-te em paz. – Tom entrou, passando por ele. – E pelo que vejo não te fez lá muito bem. Agora, salta para o duche! Vamos almoçar fora.

Richard surpreendeu-se por fazer precisamente o que Tom lhe pediu. Já o conhecia há tempo suficiente para saber que não desistiria com facilidade.

Comeram uma grande pratada de massa num pequeno restaurante simpático em Temple Bar e Tom perguntou-lhe que planos tinha.

– Creio que para começar terei de ir ao café. – Richard preferiria fazer depilação na zona púbica. – Eles têm-me deixado sossegado, mas recebi duas mensagens da Hazel hoje a dizer que é preciso fazer encomendas.

– Bem, parece-me já um bom plano. Porque não fazes isso à tarde e depois descansas à noite? Ou preferes ir beber umas cervejas depois de eu ter acabado o programa?

– Queria, sim, o meu fígado é que não.

– Estás assim tão mal, eh?

– Bebi tudo o que tinha, gim, brande, absolutamente tudo. Até aqueles licores baratos que me fizeste comprar há uns anos em Torremolinos.

– Lindo. – Tom fez uma careta. – Foi assim tão mau?

– Foi – respondeu Richard. – Dei mesmo cabo de tudo, não foi?

Não esperava ouvir o «pois deste» que recebeu como resposta.

– A Daisy anda a ver se te apanha, acho melhor avisar-te. A Trudy também.

– Não a posso culpar. Caramba, deve ter sido horrível. – Richard sabia que ela nunca lhe perdoaria.

– Então, põe-te a mexer e começa a tentar pedir desculpas.

– Não consigo parar de pensar na confusão toda que armei e como agora terei de resolver também as coisas com a Shauna...

– Ela disse que te escreveu há uns anos?

Tom tinha um ar perplexo.

– Escreveu, pois. Queria que nos encontrássemos. Para ser franco, mantive-a afastada. Quer dizer, foi só uma relação intensa no momento. – Richard não conseguia acreditar que aquilo lhe estava a acontecer. – De qualquer maneira – acrescentou, com ar cansado –, vou tratar do assunto, mas neste instante tenho a cabeça a rebentar.

– Só não compreendo como terá ela descoberto que ias casar?

– Disse-lhe, acreditas? – respondeu Richard. – No fundo pensei que talvez isso a afastasse de vez. Acho que até mencionei a data. De qualquer modo, a

Daisy é mesmo um modelo de eficiência, tratou dos papéis, da TV3. Meu Deus, a Shauna devia estar furiosa comigo para aparecer na igreja...

– Acho que podes bem pensar isso – concordou Tom. – Olha que também é preciso coragem.

– Pois, ela era vivaça, tanto quanto me lembro. De qualquer modo, mudemos de assunto por agora, está bem?

Tom não lhe deu ouvidos.

– Suponho que ela ande atrás de dinheiro, uma pensão para o miúdo, qualquer coisa assim?

– Vai-te lixar! Pedi-te para mudarmos de assunto.

Tom sabia ver quando perdia. Conversaram sobre futebol durante um bocado.

– Olha, amigo, tenho de voltar para o estúdio – acabou por dizer. – Vamos gravar uma peça e não trabalhei nada para aquilo.

– Hás de sobreviver. – Richard riu-se dele. – Provavelmente já entrevistaste a pessoa umas quatro ou cinco vezes.

– Não, e é esse o problema. Trata-se do Phil Collins e não conheço uma porra da música dele.

Saíram e Richard dirigiu-se ao seu café. Estacionou o carro, depois pensou melhor e foi-se embora. Decidiu que poderiam passar bem sem ele por mais um dia.

Após uma hora de sesta sentiu-se um pouco melhor, por isso foi tomar duche novamente e fazer a barba. Antes de voltar aos seus antigos hábitos, agarrou num monte de sacos de plástico pretos e arrumou o lixo. Depois pegou nas camisas todas e meteu-as na máquina, e deixou outras peças de roupa na loja de limpeza a seco. Sabia que teria de enfrentar a mãe a determinada altura, mas isso poderia esperar. Precisava de um pouco de ar fresco, pelo que, depois de fazer alguns telefonemas aos fornecedores, meteu-se à estrada em direção a Wicklow.

OH, NÃO, MEU DEUS, ELA DESCOBRIU, foi a primeira reação que tive quando Marie Madden me disse quem era. Esperei que o meu rosto não deixasse transparecer nada.

– Dá-me licença um momento enquanto vou pôr em ordem a cozinha e buscar um café? – perguntei, apesar de não se encontrar ali nenhum cliente. – Para levar – balbuciei enquanto fugia dali. Precisava de um momento de privacidade para entrar em pânico.

Ela ficou a observar-me enquanto eu saía disparada dali. Dirigi-me para a cozinha, onde andei de um lado para o outro até já não poder evitá-la mais.

– Desculpe. – Não sabia bem se me sentia culpada ao sentar-me ao lado dela alguns minutos depois com um café triplo para me dar coragem. – Posso servi-la de mais café? – perguntei, com esperança de mais um adiamento.

– Não, obrigada. – Afastou a chávena. – Queria falar consigo sobre o meu marido – explicou. Vi que estava nervosa pelo modo como olhava em todas as direções. – Sei que o... conhecia.

Tive de recordar a mim própria que nada tinha com que me preocupar.

– Sim, apesar de não o conhecer muito bem – expliquei-lhe. – Na verdade, ele devia ter-me dado um orçamento para um trabalho de que eu precisava aqui no café, mas nunca mais ouvi nada dele, por isso... – *Deixa de tagarelar*, disse a mim própria.

– Ele morreu. – Do modo como ela disse aquilo fez-me pensar que ela presumia que eu soubesse.

– *O quê?*

– Não sabia? – Pareceu-me aliviada.

– Não. – Estava verdadeiramente chocada. – Claro que não. Tal como lhe dizia, ele ficou de...

– Ele esteve consigo na noite em que morreu. – Tratava-se de uma declaração, não de uma pergunta.

– O que diz? Não, há semanas que não o via, meses até. – Ainda não conseguia acreditar naquilo. Ele parecera tão... cheio de energia, creio. A morte não assentava bem a Dave.

– Queria perguntar-lhe uma coisa e preciso mesmo de uma resposta franca, porque está a dar comigo em doida. E eu não consigo... – Suspirou. – Ia dizer, continuar em frente, mas ainda nem sequer estou perto disso. Creio que o que estou a tentar dizer-lhe é que nem sequer posso começar o meu luto como deve ser até saber. – Ia torcendo o guardanapo enquanto falava. – Tinha um caso com ele?

– Não. – Nunca imaginei poder sentir-me tão contente ao dizê-lo.

Com aquela única palavra ela cedeu

– É que começo a pensar... está a ver, o Dave esteve sempre à minha frente quanto ao aspeto e depois de as filhas terem nascido, eu... acho que perdi o interesse por ele, sabe.

Pressenti que ela achava que dizia demasiado e ainda não sabia se podia ou não confiar em mim.

– Encontrou-se com ele na noite em que ele morreu – disse ela, confirmando os meus pensamentos.

– Encontrei? Quando?

Ela mencionou a data e tive de pensar rapidamente.

– A última vez que o vi foi... – calculei rapidamente. – Sim, pode bem ter sido por volta dessa data. Não me consigo recordar bem sem a minha agenda – desculpei-me. – Lembro-me de lhe ter enviado uma mensagem e pedir-lhe que fosse tomar qualquer coisa comigo. Precisava que ele me ajudasse aqui no café antes de o abrir. Era um trabalho pequeno... provavelmente pequeno de mais para ele... mas queria o seu parecer. Só conversei com ele por uma hora ou assim. Eu estava na cidade, por isso encontrámo-nos. Ele prometeu pensar no assunto e ligar-me no dia seguinte... desde aí nunca mais ouvi nada dele. – Ainda estava chocada com o que ela acabara de me contar. – Então, o que aconteceu?

– A que horas a deixou ele? – Sentia que ela acreditava na minha história.

– Por volta das nove, coisa assim. – Tentei pensar. – Eu voltava de carro para cá, por isso só bebi um copo de vinho e que me lembre cheguei a casa antes das dez.

– Bem... e ele foi ao *pub* perto de nós e bebeu mais. Saiu de lá por volta das onze. Deu boleia a uma jovem até casa e teve um ataque de coração no

carro. – Ela interrompeu-se e vi-lhe a dor estampada no rosto. – E eu tenho andado a dar comigo em doida, pensando se haveria alguma coisa entre eles, porque ela não era alguém que ele conhecesse mesmo, pelo que sabia.

– Já falou com ela?

– Sim, mas só na altura, para lhe perguntar o que tinha acontecido. Ela contou-me que o encontrara na noite anterior e que estiveram à conversa no bar. Pedira-lhe boleia porque todos os amigos estavam bêbedos... era muito nova e o tipo de pessoa para quem Dave olharia. Diria que ela lhe fez lembrar as gémeas... as filhas – explicou-me a mulher.

– Sim, ele falou-me nelas... um dia – apressei-me a dizer, pois não queria que ela pensasse que éramos grandes amigos.

– Falou? – Os olhos dela iluminaram-se. – Ele adorava-as, é por isso que acho que ele quis olhar pela rapariga... Kylie... nessa noite, no *pub*.

– Como o conheceu? – perguntou ela.

– A minha irmã...

Sabia que teria de escolher cuidadosamente as palavras porque naquele momento compreendi que ela estava como eu, à procura de respostas que provavelmente nunca encontraria. Além disso, era simpática, daquele jeito humilde e despretensioso das pessoas de Dublin... o género de pessoa decente que nos ajudaria se estivéssemos com problemas, imaginei.

Fui buscar outro café para mim e contei-lhe sobre a morte de Alison, o que pelo menos me fez sentir livre de culpas, pois ela ficou cheia de pena de mim.

– Sabe uma coisa, foi um grande alívio para mim conhecê-la – disse-me quando terminámos a conversa. – Sinto que posso pôr tudo agora para trás das costas e fazer o meu luto. De início era de mais. Tudo aquilo sobre a rapariga no carro dele, depois ter visto a sua mensagem. Tinha tantas perguntas, entende? – Parecia falar mais com ela própria do que comigo, por isso não dei resposta, mas compreendi-a. – O Dave apreciava coisas com estilo e elegância. Se tivesse algum caso... com alguém, não teria sido com ela, sinto isso. Ela era... bem, ordinária... e vulgar. Não foi muito simpática para com as minhas filhas quando foram falar com ela depois do funeral e, para ser sincera... não sei, calorosa comigo quando a conheci, apesar de talvez não passar de imaginação minha. Naquela altura nem sequer conseguia pensar como deve ser.

– Consigo imaginar – retorqui com bondade.

– Acho que tive durante anos um certo complexo de inferioridade em relação ao Dave – disse ela baixinho, e pensei que aquilo soava tão triste. – Pensei sempre que ele era bom de mais para mim. Creio que nos afastámos, de certo modo... apesar de me tratar como uma rainha. Oh, sabia que ele gostava de mulheres, mas pensei sempre que se limitava a olhar. Depois, houve uma estúpida que fez uma observação em relação a ele, no *pub*, na noite de Ano Novo...

– O que disse ela?

– Oh, que ouvira dizer que ele fora sempre um mulherengo. Não percebeu que eu era a mulher dele. – Notei que o sorriso dela era forçado. – Foi dito inocentemente... percebi pela cara dela que era só má-língua, qualquer coisa para falar, sabe como é. Mas depois do que aconteceu na noite em que ele morreu, comecei a juntar as peças. A seguir encontrei algumas mensagens suas e isso acabou por me trazer à realidade.

– Como é que me encontrou?

– Não foi difícil. Quando andava a arrumar as coisas dele encontrei uma brochura sobre um salão de beleza com o nome da sua irmã. Havia também o seu nome rabiscado. Fiz algumas perguntas, vi a agenda de trabalho dele... – Sorriu-me. – Quando a vi de início fiquei assustada. É exatamente o tipo dele. O Dave aprecia pessoas com classe. Dizia sempre que se cheirava o dinheiro à distância.

– Bem, em mim não o teria cheirado – garanti-lhe.

– Então só trabalha aqui? – perguntou, surpreendida.

– Não, na verdade sou a proprietária. O que quis dizer é que nunca tive um cêntimo. Tudo isto aconteceu por causa de a Alison ter morrido.

– Entendo.

– Ela tinha um filho, um menino que se chama Charlie. Tem três anos. Havia uma herança e... só descobri... depois. – Não sabia porque lhe contava tudo aquilo.

– Lamento imenso. O que aconteceu ao menino?

– Estou a tomar conta dele... ou pelo menos estarei em breve. Está com uma tia minha, só até eu resolver o assunto da casa onde iremos viver. Mal posso esperar para o ter comigo, ele é tudo o que tenho na vida... – Sentia-me embaraçada, mas contente por o dizer. – Acho que em certo sentido tudo isto é para ele. – Era estranho, mas era a primeira vez que pensava daquele modo.

– Tem sorte, então – disse ela, com confiança. – Tem uma razão para continuar em frente. Um dia, ele fá-la-á sentir-se orgulhosa e mantê-la-á jovem, ensinar-lhe-á muitas coisas. As minhas filhas ainda hoje o fazem.

– O que diz é de grande sabedoria. – Era verdade. – Diria que o Dave era um homem com sorte.

– Ele alguma vez falou de mim?

– Na verdade, sim. – Não era mentira, mas o resto sim. – Mencionou a possibilidade de eu fazer um *catering*... para uma festa-surpresa para si, lembro-me. Foi uma das primeiras razões por que me contactou. Por isso e pela morte da minha irmã. Precisava dela para um trabalho ou coisa assim...

– A sério? – O olhar dela iluminou-se. – Devia ter sido para os meus anos. Faço cinquenta no mês que vem. Andava a preparar alguma coisa. O Dave adorava surpresas.

– Pois, talvez tenha sido isso – respondi. – Sei que anotei em qualquer sítio na altura... – deixei a minha voz esmorecer.

– Obrigada. – Agarrou-me na mão. – Estou tão contente por ter tido coragem de cá vir falar consigo. Não imagina o peso que me tirou de cima. Andava a torturar-me com isto.

– É muito difícil quando morre subitamente alguém que amamos... ficamos com tantas coisas para resolver, além de todo o sofrimento que nos atormenta.

Marie foi-se embora e eu deitei mãos ao trabalho. Ao observá-la a sair, percebi que ela ia muito mais feliz do que quando chegara ali e fiquei contente.

JANEIRO EM WICKLOW ERA UM MÊS CINZENTO E SOMBRIO em que raramente se via vivalma nas ruas, nem os habitantes nem um turista sequer. Os campos estavam despídos e o mar tinha um ar zangado sempre que passava de carro pela estrada da costa. Os parques de estacionamento estavam desertos e as mesas de piquenique espalhadas por lá precisavam de crianças a subi-las. Ansiava pelas primeiras flores amarelas nos jardins e nas floreiras das janelas e tentava animar os nossos clientes com uma ementa para «despertar energias». A tia Milly insistiu que comprasse uma máquina de sumos industrial e andou a experimentar alguns sumos saudáveis – receitas que ela pesquisara – e tenho de dizer que de facto os nossos jovens fregueses gostaram realmente deles.

Toda a gente à minha volta se queixava que os dias pareciam nunca mais ter fim e muitas das pessoas que entravam no café chegavam encharcadas e rabugentas. Orla calculava que isso se devia a demasiadas resoluções difíceis de manter e aulas de ginástica extenuantes, pois toda a gente andava a pedir meias de leite magro, sopas de legumes e sandes de salada – sem manteiga, e nada de maionese. A nova ementa foi um sucesso durante três dias, mas no fim da primeira semana todos voltaram aos *muffins* de chocolate branco.

A compra da casa corria sem dificuldades, e a tia Milly calculava que isso significava que estava destinada para mim. Ela e Charlie viriam vê-la no fim de semana seguinte e eu mal podia esperar por isso.

Daniel convidou-me para jantar com ele e a mãe em casa. Parecia que ela queria ver quem seria a nova vizinha. Sentia-me aterrorizada por ela poder não gostar de mim e não querer vender, pelo que me vesti cuidadosamente – como uma freira, como disse Orla, que se riu escandalosamente quando me viu – e levei-lhe uma grande ramo de jacintos e de narcisos e as primeiras campainhas.



– Pareces muito serena – disse-me o Daniel quando me veio buscar. – Como se fosses ver um padre ou assim. O que se passa?

– Nada – disse casualmente. – Achei que deveria vestir-me de modo sóbrio só para variar.

– Bem, e conseguiste.

Ele riu-se enquanto íamos serpenteando pela minha estrada preferida com as colinas purpúreas de um lado e a vastidão imensa das ondas e da espuma do outro lado como cenário. Ainda ficava encantada ao pensar que aquele seria o meu caminho diário para casa.

– Não me digas que estás a tentar impressionar a minha mãe? – perguntou Daniel.

– O que deu essa ideia? – Lancei-lhe um daqueles meus olhares.

– Oh, não sei: as flores, os bolinhos caseiros, a roupa toda preta e os sapatos rasos... nada de mais, acho.

Deu-me uma cotovelada, depois desatou às gargalhadas, por isso fui forçada a responder-lhe na mesma moeda.

Assim que me apresentou à mãe percebi por que razão ele tentara manter-se sério antes. Era muito mais nova do que esperava – uma artista local bem conhecida, como vim a saber – e uma *hippie*. Quase morri de vergonha quando ela veio ter connosco usando uma longa túnica florida e sandálias, apesar de ser inverno.

– É muito mais provável que fique intimidada se pensar que és uma beata – segredou Daniel quando a seguimos entrando em casa.

Felizmente para mim, era também muito simpática e afável, e os bolinhos quentes e caseiros pareceram convencê-la de que eu não iria ser uma vizinha infernal. Ao ouvir as histórias dela, percebi que seria bem mais provável ser eu a oferecer-lhe comida e a tratar dela maternalmente do que o contrário. Senti também um grande alívio por saber que não andaria a bater-me à porta a toda a hora em busca de companhia.

– Da maneira como falavas dela, pensei que seria uma velha senhora de carrapito, óculos redondos e avental. – Podia ter morto Daniel quando ele me levou a casa.

– Nunca disse nada do género – retorquiu ele, num tom indignado. – Ela passou três meses em Zanzibar nas férias o ano passado, por isso não corre perigo de começar a sentar-se numa cadeira de baloiço num dia destes.

– Mas disseste que ela se apoiou em ti para tudo quando o teu pai morreu...

– Para dirigir o negócio e a propriedade, sim... mas apenas por não se interessar por isso. Para ser sincero, até tive receio de que ela vendesse tudo. – Riu-se novamente pela cara que eu fiz. – E que doasse todo o dinheiro... a minha herança... a um fundo de caridade para velhos que gostam de árvores ou algo do género.

Quando ele parou o carro junto ao café ríamos como dois adolescentes.

– Queres subir para tomar um café? – perguntei-lhe, pois não queria que a noite acabasse assim. Bebera alguns copos de vinho ao jantar para esconder o meu embaraço, ao passo que sabia que ele mal tocava numa bebida. – Para o caminho, se calhar? – sugeri, ansiosa por manter aquela atmosfera.

– É melhor não. Tenho de receber um grupo logo pela manhã. Preciso de estar no aeroporto às seis e meia.

– Mas onde vais buscar essa energia toda? – Parecia tão fresco como uma flor.

– Isso é por causa da companhia. – Deu-me um toque na ponta do nariz com o dedo. – És uma rapariga engraçada, Lily Ormond, sabes? – De repente inclinou-se para mim e beijou-me, muito levemente de início, depois afastou-se para ver o meu rosto à média luz. A seguir, não sei qual de nós resolveu que queria mais, mas trinta segundos mais tarde era sem dúvida o melhor beijo que já tivera na vida.

– Não tens uma namorada que possa objetar a isto? – perguntei-lhe, insegura ainda sobre a amiga Zanna.

– Não, mas tu não tens pelo menos dois namorados ao mesmo tempo? – Ergueu o sobrolho ao olhar-me, depois não esperou pela minha resposta.

– Boa noite. – Sorriu e debruçou-se para me abrir a por-ta.

– Nem sequer tenho um namorado, quanto mais dois.

Era importante dizer-lhe aquilo.

– Fico feliz por saber – disse-me ele de mansinho e puxou-me o cabelo.

No dia seguinte, Richard foi ao café e fiquei contente de o ver. Ligara-lhe algumas vezes e trocáramos algumas mensagens, mas ainda não o vira desde o dia em que ele estivera quase a casar-se, e estava preocupada com ele.

– Olá. – Ele ainda parecia envergonhado... mais de uma semana depois.

– Olá, ora viva – saudei-o carinhosamente. – Café ou qualquer coisa mais forte?

– Café... e bem forte... seria ótimo, obrigado.

Ele estava com mau aspeto. Observei-o enquanto preparava o café, e leite para mim.

– Então, como tens andado?

– Bem, suponho. – Remexeu-se na cadeira – Aquilo foi um desastre?

Olhava para os pés.

– Imperdoável – respondi-lhe.

– Vá lá então, dá-me um sermão. – Parecia um menino da escola quando nos sentámos a uma mesa junto da janela.

– Deixo isso para as outras pessoas na tua vida – disse-lhe. – Não estou em posição de dar sermões a ninguém.

– Bem, comecei a arrumar a porcaria toda que fiz – disse ele. – Tenho um filho, acreditas nisto?

– Eu também – retorqui baixinho. – *Acreditas* nisto?

Ele sorriu.

– Não fazias mesmo ideia? – perguntei-lhe.

– Para ser sincero, algures, lá no fundo, sabia que teria de existir uma razão para a Shauna estar sempre a tentar encontrar-se comigo. Não sou assim tão vaidoso. – Sorriu. – Mas, não sei, nunca quis realmente pensar bem nisso. Desde que ela não dissesse aquilo alto e bom som, acho que o podia evitar.

– Bem, sem dúvida ela escolheu bem a altura – respondi sem ter bem a certeza se ele merecia ouvir aquilo.

– Se calhar mereci mesmo isso. – Parecia que me estava a ler os pensamentos.

– Não, não penso assim – retorqui com sinceridade. – O que vais fazer agora?

– Falámos já. Foi uma situação muito constrangedora na altura, nem te conto, mas as coisas acabaram por acalmar. Irei encontrar-me com os dois na próxima semana. Ele sabe de mim. – Sorriu. – Chama-se Cillian.

– Que bom para ti. – Estava a ser sincera. – Acho que não te arrependerás.

– Não, mas lamento o que aconteceu com a Daisy. Ela não quer ter mais nada que ver comigo. Eu amava-a, sabes, ao meu modo, mas amava. Não passo de um típico homem estúpido, acho, sempre a ver se não haverá mais

qualquer coisa à esqui-na – desabafou, e não me magoou absolutamente nada ouvi-lo dizer aquilo.

Conversámos durante um bom bocado e a luz esmoreceu e as raparigas acabaram por nos dar as boas-noites. Daniel Williams passou por ali com uma jovem a reboque e fez-me uma careta. Ri-me contrafeita e deitei-lhe a língua de fora em resposta, depois passei o resto da noite a pensar quem diabo seria aquela rapariga.

– Tens alguns restos que se comam? – perguntou Richard por fim.

Fiz-lhe a vontade e preparei um prato com carnes frias e queijos, azeitonas, tomate e um pouco de *pesto*.

– É tudo o que vais receber daqui. – Pousei na mesa um cesto de pão fresco, manteiga e tirei a pimenta-preta de uma mesa próxima. – Vinho ou água?

– Se calhar um copo de vinho?

– Não demorou, hein. – Sorri. – Pensei que uma das tuas mensagens dizia que não irias beber nada durante o resto do mês de janeiro?

– Bem, de facto não bebi nada durante alguns dias depois da tosca que apanhei, mas temos de continuar a viver, não é?

– É verdade. – Dei-lhe um copo e uma garrafa com um resto de vinho e atacámos.

– Então, apetece-te encontrarmo-nos por aí um dia destes?

– Um encontro, queres tu dizer? – Brincava com ele.

– Acho que sim. Pois, porque não?

Mexeu-se um pouco com ar constrangido.

– Então o que é isto? Um «vamos lá recomeçar»?

– Mais ou menos. Agora estou definitivamente solteiro.

Lançou-me um dos seus olhares à matador.

– Richard. – Começava a ficar um pouco cansada daquele jogo com ele. – O que estás a tentar dizer?

– Só pensei que... sabes, se calhar podíamos encontrar-nos um dia destes, divertirmo-nos um pouco... – Eu bem via como ele se esforçava por dizer aquilo do modo mais aceitável possível. – Nesta altura não estou preparado para nada mais do que isso – apressou-se a dizer.

– Desculpa, Richard, está fora de questão – respondi-lhe numa voz monocórdica. Sentia-me estranhamente desapontada. Pelos vistos ele não crescera nada. – Na verdade, não terei muito tempo para «me divertir um

pouco» no futuro que aí vem. Como sabes, agora sou mãe e o meu filho vem viver comigo. – Levantei-me. – Olha, e preciso de lhe telefonar, por isso é melhor terminar por aqui.

– Posso telefonar-te? – Parecia prestes a dizer mais qualquer coisa, depois esvaziou o copo.

– Não, acho que não, mas obrigada, ajudaste-me a arrumar alguns assuntos na cabeça. – Acompanhei-o à porta. – Boa sorte com o teu filho, já agora. Espero que venhas a ter uma segunda oportunidade com ele.

– Lily, isto é por causa de... sabes, da relação que eu tinha com a Alison?

– O que queres dizer?

– Porque se for, quero que saibas que eu não estava a sugerir nada do género. – Tinha um ar verdadeiramente preocupado. – Não estava a sugerir que fosses, bem... tu sabes.

– O quê? – perguntei.

– Nada – retorquiu e deixei passar.

Não estava preparada para ouvir aquilo em voz alta. Ainda era algo demasiado pesado para mim.

DURANTE OS DIAS QUE SE SEGUIRAM as palavras dele perseguiram-me, mas não podia, nem queria, pôr-me a pensar demasiado sobre o que significavam. Começava a sentir que nunca seria capaz de enfrentar aquilo, por isso convenci-me de que não tinha nenhuma prova real do que suspeitava. As coisas poderiam ainda revelar-se totalmente diferentes, pensava. Não seria a primeira vez que eu percebia tudo mal.

Por fim tive a muito devida conversa com Brian Daly. Tínhamos alguns assuntos formais a tratar, mas primeiro levei-o a almoçar a um pequeno *bistro* francês perto do escritório dele. Senti que era o mínimo que poderia fazer: ele fora um bom amigo ao longo dos últimos meses.

– Precisamos de falar sobre o Kevin – disse-lhe passado um bocado.

– Lily, quero que saiba que aquele assunto do Kevin foi um choque tão grande para mim quanto para si. – Brian tinha um ar crispado. – Digamos que me levou bastante tempo a descobrir o que a si levou menos de um mês. Oh, damo-nos bem e tudo isso, mas o Kevin só vive para uma única pessoa no mundo: ele próprio.

Não podia negar que ele fora exato na descrição.

– O que não percebo é porque veio ele ter comigo depois deste tempo todo? Quer dizer, ele e a Alison nunca foram um casal... no sentido tradicional... ou então eu teria sabido.

– Também não faço ideia. Ele disse-me que depois de a Alison ter morrido compreendia que era tudo o que restava ao Charlie. Sei o que está a pensar – apressou-se a acrescentar ao ver a minha expressão.

– Eu tenho a guarda do Charlie – retorqui baixinho. – Ninguém entra na vida dele sem a minha autorização.

– Compreendo.

– Brian, sei que ele é seu irmão, mas não confio no Kevin. Também não acredito que ele fizesse algum bem ao Charlie nesta altura. Nem sequer estou convencida de ele se ver como um verdadeiro pai, por isso, o que quer ele?

– Nada que eu saiba.

– Então por que razão não falou comigo sobre isto? Meu Deus, foi por esse motivo que ele... se atirou a mim? – Interroguei-me alto. – A princípio pensei que estava interessado na Orla, e ela também pensou o mesmo.

– Não sei. Veio ter comigo e eu pedi-lhe que não falasse consigo sobre o assunto. Queria ser eu próprio a contar-lhe. Só lamento pela forma como descobriu...

– Brian, quero ver a carta que a minha irmã deixou. Quero provas antes de continuar a pensar em tudo isto. Tem estado sempre presente no meu espírito desde aquela nossa conversa e anda a dar-me cabo da cabeça, para ser sincera. Além de que tenho o pressentimento horrível de que ele não vai desistir no que me diz respeito.

Brian nada disse por um momento e eu estava preparada para uma discussão.

– Está bem – cedeu por fim.

– Acredita no Kevin? – Senti que tinha de perguntar. – Perdoe-me se for uma pergunta injusta.

Ele abanou a cabeça.

– Não, não é... e, sim, acredito no Kevin. Por que outra razão estaria ele a fazer isto?

Suspirei.

– Muito bem, vamos voltar ao seu escritório e tratar disto.

– Lily, não é uma carta muito longa, nem creio que seja muito... pessoal sequer – avisou. – Acho que ela só queria que eu a tivesse para o caso de lhe acontecer alguma coisa... mas, tal como todos nós, nunca pensou que realmente aconteceria.

Senti o coração cair-me aos pés. Aquela carta era a minha última oportunidade de obter algumas respostas à única questão que já não conseguia evitar mais.

– Como sabe disso?

– Ela escreveu-a no meu escritório um dia. Pediu-me que fosse testemunha da assinatura dela, mas não li o conteúdo, por isso não sei o que diz.

– Estou a ver. – Pedimos café, que nenhum de nós queria mesmo, desconfiei.

– Vai ficar feliz por saber que finalmente combinámos uma data a partir da qual o Charlie virá viver comigo – disse-lhe ao voltarmos para o escritório.

Vi-lhe a expressão de alegria. Sabia já que estava a comprar a casa; toda a papelada fora tratada com ele enquanto meu advogado.

– Posso ir vê-lo?

– É melhor que vá mesmo... – Avisei-o. – Será a minha principal *babysitter* se eu arranjar namorado. Mas não tenho nada planeado – apressei-me a dizer.

Dez minutos depois entregou-me um sobrescrito castanho. Vi o meu nome lá escrito na letra ousada dela e o coração começou-me a galopar. Desenhara uma florzinha na curva do Y de Lily, como sempre fizera. Quando éramos meninas, disse que era porque o nome Lily a fazia pensar no perfume de flores de verão, e quando éramos muito pequeninas ela costumava fazer-me cheirar o meu nome onde quer que estivesse escrito, insistindo em que se nos esforçássemos muito poderíamos sentir o perfume. Na frente do envelope estava a data e uma nota que dizia: *Declaração de Alison Ormond – para ser aberta apenas pela irmã, Lily Ormond, em caso de morte, e somente se surgir alguma questão em relação ao pai de Charles Ormond. De outro modo, a ser guardada por Brian Daly, advogado, e deixada por abrir.*

– Vou deixá-la por alguns minutos – proferiu Brian, baixinho.

Olhei para o sobrescrito durante imenso tempo e passei a mão pela escrita dela, com esperança de a sentir perto de mim. Depois disse uma pequena oração e abri-o. Era muito mais curta do que eu gostaria e nada pessoal.

*No caso de eu morrer, quero deixar registada a identidade do pai do meu filho Charles Joseph Ormond. Ao fazer isto, quero também informar que instruí o meu advogado Brian Daly de que, a guarda única do meu filho Charlie fica garantida à minha irmã Lily, que terá a total responsabilidade de o criar. Em finais de 2002 tive uma relação com um homem que continuou alguns anos. Esta relação era meramente física. O homem em questão era casado e na altura em que escrevo ele e a mulher estão a tentar ter o primeiro filho. Desejo que isto seja conhecido e considero o homem em questão uma pessoa decente e de confiança,*



*contudo, por causa da natureza da relação, não o vejo a ter qualquer papel na vida do meu filho. O seu nome é James Weldon.*

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada antes de Brian regressar à sala. Ele dirigiu-se devagar para a secretária e esperou que eu falasse. Por um milésimo de segundo depois de ter lido a carta perguntei-me se poderia confiar nele, mas afastei a ideia imediatamente quando vi a sua expressão preocupada.

– O Kevin sabia da existência desta carta? – perguntei, por fim.

– Não, claro que não – respondeu calmamente.

– Vou matá-lo. – Mordi o lábio e entreguei a página ao Brian.

Se eu tivesse ainda algumas dúvidas – e não tinha –, teriam desaparecido assim que vi a expressão dele ao ler a carta da Alison.

Durante algum tempo, nenhum de nós falou, depois ele acabou por dizer:

– Lamento imenso. É tudo culpa minha. – Pousou a cabeça nas mãos. – Acreditei nele, Lily.

– Porquê? – perguntei. – Porque me fez ele passar por isto?

– Não faça a menor ideia, mas se não for pedir muito, deixe-me falar com ele primeiro. Sou capaz de ter mais hipóteses de obter uma resposta.

– Não – disse eu calmamente.

– Por favor. – Brian estava com um ar realmente preocupado. – Prometo-lhe que terá algumas respostas. Sei que cordelinhos puxar no que respeita ao meu irmão.

– Como saberemos quantas mais mentiras terá contado? – perguntei amargamente. – Sabe de certeza se ele alguma vez terá tido alguma coisa com a minha irmã?

– Sei que saíram juntos algumas vezes. – Escolhia cuidadosamente as palavras. – Fui eu quem os apresentou – proferiu, com um sorriso triste. – Não durou muito. Depois ele disse que não fora nada. Nem sequer soube que a Alison ficara grávida até ela ter o Charlie. Perguntei-lhe diretamente se haveria alguma coisa que eu devesse saber, a nível pessoal, e ela respondeu que não. Fiquei aliviado, para lhe dizer a verdade. Kevin teria sido a última pessoa que eu queria que fosse pai. À parte isso, o meu relacionamento com Alison era meramente profissional e não teria sido apropriado... de facto, se ela tivesse dito que o Kevin era o pai, eu provavelmente insistiria para que ela arranjasse outro advogado, por razões óbvias.

- Mas isso ainda não nos diz por que motivo ele mentiu.
- Não. Mas se me der quarenta e oito horas, serei capaz de lhe dizer, prometo.

*James e Tamsin*

JAMES SENTIA-SE PREOCUPADO: nessa noite fazia um frio glacial e Tamsin estava atrasada. Ficara encantado quando ela lhe telefonara para o escritório a dizer que se iria encontrar com Maria para tomarem um copo. Sabia o quanto ela confiava na melhor amiga, e nesse ano Maria e Dan tinham passado o Natal na Austrália, de visita à irmã Helen, e sendo assim havia algum tempo que não se viam. James sentira-se uma nadinha otimista enquanto conduzia de volta a casa para ir alimentar os cães, sabendo que Tamsin contaria à amiga todos os esforços que tinham envidado para adotarem Charlie. Esperava que isso lhe desse algum alívio. Colin Johnson, o seu patrão, ligara-lhe assim que ele chegou a casa.

– James, queria ver-te antes de saíres. Como andam a correr-te as coisas?  
– perguntou-lhe o velho amigo.

– Desculpa, chefe, saí um pouco mais cedo. – James riu-se. – Tinha de vir dar comida aos monstros. A Tamsin foi sair esta noite, fico feliz por dizer.

– Ora aí está um bom sinal. Como tem ela andado? – Colin não queria dizer nada, mas a mulher insistira que andasse atento a eles, e fora visitar Tamsin no dia anterior.

– No fundo, na mesma. Muito calma. – James preocupava-se só de pensar em como ela andava em baixo. – Não tem sido fácil. A propósito, agradece à Anne por ter passado por cá ontem, a Tamsin atualmente passa muito tempo sozinha.

– Como te estás a aguentar? – Colin preocupava-se com James porque este cuidava de toda a gente.

– Estou bem. Cansado, mas bem. Porquê? O meu trabalho tem sofrido com o assunto?

– Santo Deus, não! Nada disso. De facto, acho que devias tirar umas férias, apanhar algum sol.

– Sabes, Colin, se calhar tens razão. Talvez seja mesmo do que ela precisa. Falarei com ela mais tarde sobre isso. Obrigá-do. – James sentia-se bastante sensibilizado.

– Oh, e, já agora, gostaríamos que viessem cá jantar no sábado, para pôr a conversa em dia. O que achas?

– Ótimo, confirmo amanhã. Obrigado, Colin, és um bom amigo.

Quase às dez horas, Tamsin ainda não chegara a casa. Tentara ligar duas vezes para o telemóvel, mas não atendera, o que não era de admirar se estivessem num *pub* ou num restaurante. Nunca ouvia o telemóvel. James sabia que ela não tocara em mais do que um copo de vinho, portanto, isso não era problema. Desejou ter-lhe dito que a iria buscar, para poder estar à vontade.

Preparava-se para telefonar a Maria quando tocou a campainha da porta. Esquecera-se das chaves, pensou James. Sorriu para si próprio e afastou com o pé os cães do caminho, perguntando-se por que estariam a ladrar. Sentiam-lhe o cheiro a quilómetros e limitavam-se a abanar a cauda furiosamente até ela lhes ir fazer festas. Assim que viu o polícia receou o pior. O agente John Murray pediu-lhe que o deixasse entrar e disse a James com o maior tato que conseguiu que houvera um acidente e que precisaria de ir o mais depressa possível ao Hospital Mater.

Mais tarde James não se conseguia lembrar de nada sobre a viagem.

Felizmente foi o polícia que conduziu, mas se o jovem sabia alguns pormenores não os revelou.

O alívio que James sentiu ao vê-la foi indescritível. Tinha escoriações e um braço partido e ainda lhe faziam exames, mas pelo menos estava viva.

– Oh James, desculpa.

Rebentou em lágrimas assim que o viu.

– Chiu, querida, não digas nada. Está tudo bem, estou aqui contigo. – Beijou-a e tentou limpar-lhe as lágrimas, mas ela estava histérica e por fim tiveram de lhe dar um calmante e pedir a James que aguardasse lá fora até terminarem os exames, garantindo-lhe que não passavam de mera rotina.

Mais tarde, o agente Murray explicou que aparentemente um carro conduzido por um jovem dobrara a esquina a grande velocidade e abalroara Tamsin, que vinha na direção oposta. Admitira logo a responsabilidade e ao

soprar no balão ficou demonstrado que tinha álcool no sangue acima do permitido por lei.

– Felizmente a sua mulher guiava um jipe, que a protegeu bastante – explicou o agente. – Senão teria sido bem pior. Foi o que os meus colegas me contaram.

– É por causa dos cães – disse-lhe James desnecessariamente. – Precisamos do jipe por causa deles.

Levaram-lhe uma chávena de chá forte e por fim deixaram-no ir vê-la de novo depois de os exames terem confirmado que não havia mais problemas.

James teve a difícil missão de contar aos pais de ambos, mas pelo menos podia afiançar-lhes que ela se encontrava bem. A mãe de Tamsin dirigiu-se de imediato ao hospital e os pais de James foram ter com os cães e tratar da casa. Os irlandeses eram as únicas pessoas que ele conhecia que acreditavam que as casas precisavam de atenção.

Depois de convencerem a mãe de Tamsin a ir-se embora, James sentou-se à beira da cama dela toda a noite.

Já havia luz lá fora e ele dormitava na cadeira quando ela acordou.

– James. – A voz era quase inaudível, mas ele sobressaltou-se mesmo assim, alerta ao menor som.

– Está tudo bem, amor. Estou aqui e tu estás ótima.

– O que aconteceu?

Contou-lhe o menos possível para não a inquietar.

– O outro condutor ficou bem? – perguntou Tamsin.

– Está vivo, sim. Eles não explicaram muita coisa, só que ele ficou algo magoado, mas não se encontra em perigo.

– Não foi culpa minha – disse Tamsin rapidamente. – Quer dizer...

– Não, não foi culpa tua. Ele admitiu tudo. Pelos vistos estivera a beber com uns amigos. – James não queria nem pensar no que poderia ter acontecido.

– Lamento tanto.

Começava a ficar novamente inquieta e ele abraçou-a e tentou acalmá-la. Por fim, ela adormeceu e os pais dela vieram para que James pudesse ir a casa tomar duche, mas voltou sem Tamsin notar sequer que se ausentara.

Bastante mais tarde nesse dia, ela conseguiu sentar-se, apesar de estar muito magoada e de precisar de ajuda. Pediu chá, e depois de algumas chávenas e de meia torrada conseguiram enfim falar um bocadinho mais.

– James, só consigo pensar é...

– Nunca é lá muito bom sinal tu pensares.

Pegou-lhe na mão e beijou-a.

– Não, deixa-me dizer isto. Sei que tenho sido egoísta. – Fechou os olhos e suspirou. – Acho que tive muita sorte e quero tentar começar novamente a viver a minha vida.

– É só isso que quero, querida. – James tinha lágrimas nos olhos. – E lamento tudo o que te fiz passar.

– Vamos ficar bem. Somos uma família, não somos?

– Sim, meu amor, somos uma família.

DORMI MAL, CONTUDO, SENTIA-ME MAIS LEVE AO ACORDAR. Enquanto permanecia deitada a pensar em tudo, sabia que teria de aceitar que provavelmente nunca saberia por que razão a minha irmã fizera o que fizera. Por mais que quisesse ter tido uma última conversa com ela, isso nunca aconteceria. As únicas coisas que eu teria de decidir eram o que fazer em relação a James e o que – e acima de tudo – dizer a Kevin Daly. Graças a Deus, compreendi que estava demasiado nervosa no que dizia respeito a James e zangada de mais com Kevin para agir racionalmente, por isso resolvi nada fazer naquela altura.

Devo ter adormecido, visto que ao acordar pela segunda vez senti o cheiro a pão quente. Saltei da cama e quase tive um ataque do coração ao ver que já passava das nove. Liguei rapidamente a Orla, para ficar com a consciência tranquila, e depois de um duche revigorante estava disposta a enfrentar o dia, sentindo-me um pouco cansada e emotiva, mas bem.

As raparigas insistiram em pôr-me comida à frente e Violet trouxe-me o jornal e uma cafeteira de café, enquanto eu me sentava à janela a ver as pessoas passarem e me sentia novamente apaixonada por Wicklow. Uma turma de crianças da escola seguia aos ziguezagues para a loja de caridade, cada uma levando um brinquedo. À frente e atrás da fila seguiam os professores, que me acenaram apesar de mal os conhecer. Jack Donoghue, um electricista, atirou-me um beijo e Maud, uma das reformadas que era cliente habitual, bateu num homem mais velho com um ramo de flores e ergueu os olhos ao céu quando me viu. O marido, calculei, rindo, gostando de fazer parte de tudo aquilo, apesar de ser uma forasteira acabada de entrar no meio.

– Bom dia. – Daniel Williams apareceu de repente.

– Que susto! – exclamei um pouco mais agreste do que pretendia. Ainda me sentia vulnerável depois daquele beijo.

– Que simpática... – Puxou uma cadeira e sentou-se sem ser convidado. – Quem te fez mal?

Ri-me contrafeita e fomos conversando, e a Naomi trouxe-me ovos mexidos e *bacon* e uma pilha de torradas.

– Só vim dizer que o meu advogado ligou e que podemos fechar a venda, desde que tenhas o resto da parte financeira em ordem. – Mordiscou uma torrada.

– Sim, tenho. Oh meu Deus, isso é ótimo. – Esqueci de imediato a animosidade que sentira.

– Então volto a estar nas boas graças?

– Por enquanto – admiti, rindo.

– Fantástico, porque estava a pensar se não gostarias de ir jantar comigo esta noite? Se calhar poderemos fazer um brinde ao nosso primeiro negócio de sucesso?

Eu estava com a boca cheia de ovos mexidos, por isso lancei-lhe aquele meu olhar de «mas que raio queres tu de mim?». As minhas recentes experiências tinham afetado o meu discernimento.

– Então encaro isso como um não?

– Talvez.

– Então quando deixei de ser o tipo mais simpático do mundo que salvou a tua vida e te tornou a rapariga mais feliz de sempre... pelo menos acho que foi assim que puseste as coisas?

– Não quero nada com homens neste momento.

Queria contar-lhe sobre Kevin Daly e Richard.

– Bem, então, considera-me o teu anjo da guarda. – Levantou-se. – Venho buscar-te às sete. – Ah e reservei naquele sítio novo em Gorey onde andas a tentar ir há séculos. Parece que pertence a uma das minhas ex-namoradas. – Sorriu-me com doçura.

– Ao contrário daquela que trazias a reboque na outra noite?

Apeteceu dar um pontapé a mim própria ao perguntar aquilo.

– A minha prima Andrea, mas obrigado pelo teu interesse. – Sabia que ele brincava mas eu não me sentia com paciência para brincadeiras. – Até logo, às sete, e tenta sorrir, pelo amor de Deus, ou assustarás os poucos clientes que passam. – Pegou num pedaço de *bacon*.

– Muito bem – retorqui entre dentes. Não iria perder por nada um jantar no sítio mais badalado no Sudoeste. De qualquer modo, queria mesmo ir e



devia-lhe isso. – Pago eu – acrescentei baixinho sem o olhar.

– Desculpa? – perguntou.

– Pago eu – disse-lhe, no que esperei ser uma voz aborrecida.

– Bem, é melhor do que levar com um peixe na cara, acho eu – retorquiu, e eu ri-me. – Na verdade, eu contentava-me com a velha Lily.

Foi-se embora antes de eu ter tempo de lhe pedir desculpa.

Brian Daly apareceu mesmo na hora de mais agitação do almoço. Iria ser um daqueles dias.

– Tem dez minutos para falarmos? – perguntou baixinho.

– Nem por isso – respondi, olhando para o relógio.

– Lily, nós tratamos de tudo se precisares de sair algum tempo. – Orla escutara o que ele dissera enquanto enchia a arca frigorífica.

– Tens a certeza?

– Absoluta. – Sorriu-me.

– Muito obrigada – respondi – Podemos sair daqui? – perguntei a Brian. – Acho que preciso de apanhar ar.

– Está bem.

– E que tal se eu fizesse umas sandes e nos sentássemos num desses bancos de madeira no parque junto à estrada? – sugeri.

– Não está ainda um pouco de frio para um piquenique?

– Faço dois chocolates quentes. Combinado?

– Combinado.

Quando nos sentámos num banco no parque de estacionamento com vista para os carros a passar fazia um tempo danado.

– Porque terão escolhido este lugar para uma zona de piqueniques? É um túnel de vento. E as crianças ficam muito perto do trânsito. – Estava a pensar no Charlie.

– A estrada tem de facto muito movimento. – Sorriu e como que a reforçar a ideia passou um jipe.

– Quem é aquele? – perguntou Brian ao ouvirmos uma buzina e vermos um braço a acenar na nossa direção através da janela aberta.

– Daniel Williams – expliquei-lhe, acenando também e tentando não parecer interessada.

– Que tipo simpático – retorquiu o Brian. – Parece gente decente.

– E é. – Coloquei a nossa comida na mesa e peguei no chocolate quente para aquecer. Tinha sido uma ideia louca, pensei. O dia estava cinzento e ventoso e o mar picado à nossa volta não ajudava nada.

– Falei com o Kevin na noite passada – disse Brian baixinho após uma pausa.

– Oh?

– Não existe um modo fácil de dizer isto. – Parecia destroçado, reparei pela primeira vez.

– Dizer o quê?

O meu coração batia descompassadamente de novo.

– Ele descobriu que o Charlie ia receber muito dinheiro.

Brian não tirava os olhos do meu rosto.

– Como? – Não estava surpreendida, mas sim chocada.

– Lamento, Lilly, mas parece que foi culpa minha. Parece que ele viu o seu dossiê aberto na minha secretária. Nunca o deveria ter deixado ficar sozinho lá dentro. – Deu um murro no banco e rangeu os dentes. – O meu telefone estava com uns problemas e recebi um telefonema importante. Saí por menos de um minuto, sabe, mas foi uma enorme falta de profissionalismo da minha parte e algo que nunca faço normalmente.

– Estou a ver. – Senti alívio por o meu instinto de não confiar em Kevin ter sido tão exato. Pena que tivesse levado tanto tempo em primeiro lugar.

– Tenho sempre tanto cuidado, Lily, isto é muito sério para mim. Deveria estar prevenido. Ainda por cima com o Kevin. Lamento imenso – repetiu. – É completamente inaceitável que por minha causa ele tivesse tido a oportunidade de... abusar de si e...

– Ele não abusou de mim, Brian. Não lhe dê mais poder do que ele merece.

– Vou participar dele à polícia, claro, e terei de contar o que se passou ao nosso sócio mais antigo. Ser-lhe-á atribuído imediatamente outro advogado.

– Parecia destroçado e senti imensa ternura por ele.

– O que fará a polícia? É a palavra dele contra a sua – disse-lhe com doçura. – Quanto a outro advogado, não quero.

– Mas, Lily, não compreende as implicações do que deixei acontecer. É...

– Não aconteceu nada. Ele não conseguiu o que queria e é só isso que importa. Desde que me dê a sua palavra de que ele nunca mais se aproximará de mim, nem do Charlie, ficarei satisfeita.

– Ele parte para Londres esta tarde. Obriguei-o a assinar um documento a renunciar seja ao que for da sua parte ou do Charlie. Não que ele alguma vez tenha tido alguma possibilidade disso... graças a Deus tínhamos aquela carta. Só fiz isso como dupla precaução. Também gravei a nossa conversa e se o meu pai souber disto, ele fica sem herança e sabe-o. Mas, Lily, não mereço sair disto de forma tão airosa. Acho que devia obter uma opinião independente sobre o assunto.

– Felizmente, muito pouca gente tem o que merece – disse-lhe. – Só estou feliz por tudo ter acabado.

A IDEIA DE SE TER OU NÃO O QUE SE MERECE permaneceu no meu espírito enquanto ajudava as minhas amigas a servir o resto dos almoços.

– A Sally pediu-me que te desse um recado – contou-me a Orla alegremente enquanto bebíamos um café à pressa assim que tivemos tempo. – Disse que recebeu o teu *e-mail* na noite passada e que se não lhe telefonas nas próximas vinte e quatro horas a explicares-lhe tudo ao pormenor, ela tratará pessoalmente de te partir as rótulas com um tiro que não lhe poderá ser atribuído. Isto faz algum sentido?

– Sim! – desatei a rir. – Faz todo o sentido.

– Então quando vais contar-me tudo? Sinto-me posta de parte. – Fez uma careta e sorriu-me. – Sentes-te bem?

– Sim, estou, e ouve, Orla, não quero de modo algum que te sintas posta de lado. Tens sido a melhor das amigas nestes últimos meses. Só não te contei tudo o que se passa porque precisei de me agarrar ao trabalho sem sentir que tinha de falar ou que me observavas. Faz sentido?

– Faz, e sei que andas envolta em muita coisa, mas partilhar os problemas às vezes é bom...

– Sei disso e não conheço mais ninguém além de ti e da Sal para partilhar o que sinto. Então que tal dentro de um dia ou dois levar-te a comer uma bela refeição, encher-te de álcool e contar-te tudo, com a condição de prenderes o queixo com um cordel para que não caia ao chão e te deforme de vez o rosto? Está bem?

– E depois posso fazer as perguntas à Sally para não teres de falar sem parar durante doze horas? – Sorriu.

– Perfeito. Podes preencher as lacunas com ela e ela contigo.

– Mal posso esperar – respondeu, sorrindo ainda, e foi para a cozinha depois de nos termos abraçado.

– Orla, obrigada. Salvaste a minha vida. – Pisquei-lhe um olho sobre a cabeça da Naomi.

Estava a pensar em enviar uma mensagem a James quando ele me telefonou.

– Lily, estava a pensar se poderia ir aí e escolher algumas das suas especialidades? – perguntou depois de nos termos cumprimentado.

– O que tem em mente exatamente? – Estava intrigada.

– Hum, *cupcakes* e aquelas coisas deliciosas com fruta e massa estaladiça...

– Os *eccles*?

– Sim e alguns pastéis, oh, e aquele bolo de limão talvez.

– Vai dar uma festa? – perguntei, e ele contou-me o acidente de Tamsin, assegurando-me rapidamente que ela se encontrava bem.

– É só a comida do hospital – explicou-me. – Estou a tentar encorajá-la a comer, sabe? Ela emagreceu bastante ultimamente – acrescentou, e fiquei com a ideia de que se sentia culpado por isso.

– James, posso ir visitá-la? – Tinha de parar de adiar as coisas. – Vê-los aos dois?

Ele hesitou.

– Podia levar-lhe a comida? – Sugeri. – Poupá-lo a uma viagem?

– Lily, não a quero perturbar... por nada deste mundo. Ainda está muito frágil. Se calhar noutro dia.

– Por favor, James? É importante. – Estava com receio do que poderia acontecer se evitasse o encontro demasiado tempo. – Só ficaria alguns minutos.

– Suponho que sim, então. Na verdade, ela pediu-me que lhe pedisse desculpa. Sente que talvez tenha sido... um pouco insistente... em relação a si, sabe... em relação a tudo.

– Diga-lhe que agradeço. – Não sabia que mais poderia dizer, portanto, resolvi esperar até me encontrar com eles frente a frente. – Aí por volta das quatro? – Olhei para o relógio. – Estará com ela a essa hora?

– Sim, mas, Lily, só uma visita rápida, está bem? E não mencione nada do que... aconteceu antes.

– Compreendo.

Despedimo-nos e desliguei, e pedi a Orla um último favor.

A caminho, telefonei a Daniel.

– Não te importavas se nos encontrássemos às oito e não às sete? – perguntei-lhe. – Tenho de ir a Dublin por uma hora.

Sabia que apanharia trânsito no regresso a Wicklow e queria arranjar-me bem para o jantar.

– Depois da cara que fizeste quando te buzinei há bocado, hoje não discuto contigo – disse ele amavelmente, e sorri ao desligar.

– Olá. – Espreitei pela porta do quarto menos de uma hora depois. – Trago aqui umas guloseimas, pode ser?

– Lily, olá. – Tamsin tentou ergueu-se e fiquei chocada com o aspeto dela. Além das escoriações, tinha o rosto muito magro e círculos escuros em redor dos olhos, como se vê nos viciados em heroína.

James ajudou-a, pondo outra almofada atrás da cabeça dela, e depois veio dar-me um abraço.

– É muito simpática em vir cá. – Pegou no cestinho de vime que Orla preparara. – Céus, como isto cheira bem.

– Muito obrigada. – Tamsin sorriu fracamente. – A comida aqui, bem, não é para todos.

Conversámos um bocadinho e percebi que ela se cansava.

– Lily, sei que o James já lhe pediu desculpas por mim, mas queria pedir-lhas pessoalmente também – proferiu ela por fim. – Sei que andava descontrolada, fi-la sentir aquela pressão toda...

Ergui a mão para a impedir de continuar, mas ela apressou-se a dizer:

– Acho que andava um pouco louca, mas agora já voltei a estar bem. Aceitámos que não teremos filhos e não nos vamos atormentar mais com isso, não é? – Sorriu ao marido. – Nem sequer com a questão da adoção – disse calmamente. Recostou-se nas almofadas, como se tivesse ficado sem ar.

– Concordámos ambos que já basta. – James pegou-lhe na mão e apertou-a. – Precisamos de algum tempo para sarar, mental e fisicamente.

– Preciso de vos dizer uma coisa – respirei fundo – e espero com sinceridade que isto vos ajude a sarar as feridas.

– O que é? – Vi que James estava apreensivo.

– É uma longa história e não é para contar hoje, mas a Alison deixou uma carta. – Vi o rosto de Tamsin ensombrar-se. – Ironicamente, só tive acesso a

ela porque surgiu alguém a reclamar ser o pai do Charlie. – Nem sabia para qual dos dois olhar. – Foi tudo muito confuso e... nada fácil de resolver. De qualquer maneira, revelou-se que não era ele, graças a Deus. – Tinham ambos um ar perplexo. – Foi muito difícil para mim e quem me dera que ela dissesse algo mais nessa carta, mas enfim. Nem sempre temos o que queremos, não é? – Esforcei-me por sorrir. – De qualquer modo, acabou por acontecer uma coisa boa em toda esta terrível situação. – Vi que me observavam atentamente e que Tamsin agarrava a mão do marido com toda a força. – Na carta, a Alison confirma que é o pai do Charlie, James.

Creio que o tempo parou para nós os três. Para mim de certeza que sim, pois sabia que não havia ponto de retorno a partir dali.

– Lily, isto não é... não está a... inventar isto? – perguntou James.

– Não.

– Oh meu Deus, oh meu Deus – era só o que Tamsin conseguia dizer, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto.

– Lily, preciso de saber o que isto significa – proferiu James baixinho.

– Obrigada por nos dizer isto – acrescentou Tamsin. – Só de saber... nem faz ideia... – Vi então que ambos choravam.

– Tamsin, preciso primeiro de lhe perguntar uma coisa. Tem a certeza de que consegue lidar com isto? Quero dizer, com o facto de o Charlie ser fruto de uma relação entre o seu marido e... – Comecei também a chorar, não conseguindo proferir o resto das palavras. – Entre o seu marido e a minha irmã? – perguntei, por fim.

Ela não se apressou a responder, o que me sossegou.

– Isso foi algo em que pensei muito antes de nós... antes de a ter abordado inicialmente – declarou. – E tudo o que lhe posso dizer é que no meu coração sei que o James e a sua irmã... a Alison... tinham uma ligação especial, apesar das cir-cunstâncias. – Senti que ela escolhia cuidadosamente as palavras para evitar perturbar-me sem necessidade – Isso entristeceu-me muito, e de início senti-me muito infeliz, para ser sincera. – Interrompeu-se um momento. – Mas posso afirmar com toda a verdade que se tivesse concordado com a... minha louca sugestão, no primeiro dia em que nos vimos... sabia que amaria essa criança como se fosse minha e do James. – Olhou para ele e sorriu, e invejei o que eles tinham. – É a segunda melhor opção, sabe. É uma excelente segunda opção, se a sua irmã tivesse sido parecida consigo.

Engolimos os três em seco.

– Nesse caso, o que isto significa – mordi o lábio – é que gostaria que o Charlie conhecesse o pai... aos poucos... e acabasse por vir a passar algum tempo convosco. Mas, e é um grande mas... – sabia que teria de ser absolutamente frontal com eles –, sou eu que fico com a guarda dele. Sou legalmente a responsável por ele. A carta também deixa isso muito claro. Por isso, ele viverá comigo. Tudo isto se passará segundo as minhas condições. Espero que não me achem cruel, mas temos de ser frontais. Compreendem?

– Sim – murmurou James.

– Faremos qualquer coisa – apressou-se Tamsin a dizer.

– Ele é tudo o que me resta, entendem? – confessei. – E pre-ciso desesperadamente dele...

– Obrigado – disseram ambos, e eu sabia que eram boa gente e fiquei feliz por eles.

Quando Daniel me foi buscar, eu estava emocionalmente destroçada. Tive de refazer a minha maquilhagem duas vezes por estar a chorar tanto.

– Estás muito calada – disse ele enquanto olhávamos a ementa. – Está tudo bem?

– Sim.

Senti uma imensa vontade de desabafar tudo, mas estava receosa.

– Isto era para ser uma comemoração, lembras-te? – Brincava comigo. – Então, estás contente com a casa?

– Sim, estou contentíssima – respondi com sinceridade.

– Então não terei de devolver o champanhe que encomendei? – perguntou quando chegou um empregado com o balde do gelo. – Senão acho que terei gasto todo o lucro que tive na venda da casa numa viagem de táxi escusadamente – disse.

– O taxista pensou que tinha ganho a sorte grande quando lhe dissemos que íamos para Gorey. – Ri-me ao lembrar-me. – Então, o que vais comer?

– Não faço ideia. Tu é que és a especialista. Aconselha-me. Será que há mesmo alguma coisa boa? – perguntou enquanto olhava para a ementa.

– Sim, parece-me espantoso. Quero pelo menos duas entradas e três pratos principais.

– Muito bem, então pede. – Recostou-se na cadeira e pareceu descontrair-se enquanto lhe enchiam o copo.



– A sério? – Estava empolgada.

– Sim, serei a tua cobaia. – Fez um resfolegar que o empregado galantemente ignorou.

– Então, conta-me lá da visita do Charlie no outro dia. Tive pena de não o ter visto.

Estivera em Londres quando Charlie e a minha tia apareceram inesperadamente para ver a casa.

– Foi uma surpresa, só me ligaram no dia em que vieram – expliquei. – Estás a ver, cometi o erro quase fatal de mencionar a casa ao telefone quando falei com ele nessa semana, e a tia Milly disse que ele a andava a pôr louca desde então. Ela teve boleia de uns vizinhos que iam visitar um familiar ao Hospital Loughlinstown. Que sorte, hein? – perguntei e continuei a explicar que os fora buscar ao hospital, que fica a escassa meia hora de Wicklow. – Meu Deus, ele ficou tão entusiasmado. – Desatei a rir, recordando-me do rosto de Charlie, e subitamente toda a tensão que sentia desapareceu. – A propósito, a tua mãe foi fantástica com ele. Ficou fascinado com as cores do cafetã dela. Andou atrás dela imenso tempo.

– Ela disse-me que ele é lindo – retorquiu Daniel. – O que para a minha mãe é qualquer coisa. Não é grande fã de miúdos.

– A sério? Bem, mas foi excepcional com ele.

Contei-lhe tudo o que tinha acontecido.

– Foi pena terem tido de voltar no mesmo dia – disse ele. – Que viagem para a tua tia. Coitada. Deve ter sido custoso.

Fiquei sensibilizada por ele se mostrar preocupado.

– Acho que sim, apesar de ela dizer que não – disse-lhe. – Foi o próprio entusiasmo dela que a aguentou. Um foi tão mau como o outro, juro-te. Ela parecia ter cinco anos!

Daniel riu-se com a imagem.

– De qualquer modo, o Charlie escolheu logo o quarto dele e quer um edredão do comboio *Tomás*, como o seu amigo de Cork tem, pelos vistos. Oh e um *puff* para o cão também.

– Então não houve nada mau?

– Só quando viu o mar, de início – contei com tristeza. – Ainda o associa ao dia em que a Alison morreu, como é óbvio. De início ficou um pouco perturbado, tal como da última vez, apesar de a Milly insistir que não ficou muito mal. Passei imenso tempo a garantir-lhe que aquele mar era

completamente diferente. – Antes de conseguir conter-me, estava a lembrar-me da noite em que ela morrera, e disse uma oração em silêncio a pedir que em breve tudo ficasse mais fácil. – Bem, pelo menos estava preparada para isso desta vez e tinha planeado um monte de coisas para o distrair. – Respirei fundo e esforcei-me para não ficar demasiado mórbida. – No fim de contas, foi o *Max* que salvou a situação. Vai ser difícil mantê-los separados, especialmente à noite. A minha tia diz que ele pôs feijões num saco de papel castanho no quarto dele em Cork com o cãozinho de brinquedo sentado em cima, e que já anda a treinar dar-lhe ordens.

Daniel sorriu.

– Ele queria levar o cão para Cork, sabes, e agora sempre que lhe ligo à noite pede-me para falar com o *Max*, e assim temos conversas ridículas ao telefone em que ele manda beijinhos e eu respondo a ladrar como uma doida.

– Olha que há mulheres que são muito bem pagas por esse tipo de conversas – disse ele a brincar, e foi a minha vez de sorrir.

– A tua mãe é uma simpatia por cuidar do *Max* até eu ter tudo organizado, sabes? Dizes-lhe que agradeço imenso? – pedi e ele fez um gesto de assentimento.

– Estás contente por o Charlie vir viver contigo? – perguntou com voz doce.

– Mais feliz do que imaginei ser possível – respondi com sinceridade.

– Ainda bem. – Pareceu satisfeito. – Agora, dá-me lá de comer, mulher, porque estou com tanta fome que seria capaz de comer uma perna do cordeiro de Deus neste instante.

Duas horas e meia depois fizemos um outro motorista de táxi igualmente feliz e ainda nos ríamos quando ele parou em frente do café.

– Imagina, em breve será possível lewares-me a casa e ires a pé para a tua.  
– Senti um arrepio ao pensar nisso e não foi apenas por causa da minha casa nova.

– Então vai haver outras noites assim? – Ergueu o sobrolho enquanto eu abria a porta do apartamento.

– Se tiveres sorte – respondi, e ambos nos rimos e depois ele inclinou-se para mim e beijou-me, e tal como da outra vez começou inocentemente e de súbito estávamos dentro de casa no corredor, e se ali houvesse alguma coisa para nos sentarmos ou estendermos, ter-nos-íamos perdido um no outro.

De novo fui eu que me afastei.

– Se fizeres isso outra vez – disse-lhe meio a brincar –, vou deduzir que as tuas intenções são sérias, partirei do princípio de que somos namorados e contarei a toda a gente, por isso tem cuidado.

– O que farias, punhas um aviso na porta do café?

– Não, poria um anúncio no *Wicklow People*. – Ia inventando, animada por meia garrafa de champanhe. – E sabes que mais, enviarei um exemplar à minha amiga Sally, da Austrália, e ela porá na internet, e depois todas as tuas antigas namoradas descobrirão e ficarás arruinado.

– E porque me farias tu isso? – Afastou-me o cabelo do rosto.

– Porque... bem, só porque...

– Porque o quê?

– Porque já me basta de homens que não são honestos – respondi com doçura, as emoções daquele dia a invadirem-me – e porque a minha irmã, a minha querida irmã, que eu adorava, passou os últimos anos da vida dela a ter sexo com homens que mentiam às mulheres ou às namoradas e porque hoje autorizei um deles a passar tempo com o Charlie... o meu Charlie... porque descobri que é o pai dele. – Já estava perfeitamente sóbria, mas mesmo assim tinha de lhe dizer tudo aquilo diretamente. – Estás a ver, Daniel – engoli em seco –, acho que a minha irmã não teve várias relações... – A voz faltou-me durante um segundo. – Acho que ela era paga para isso... para ter sexo. E isso fez dela uma...

– Não digas nada. – Puxou-me para as escadas e fez-me sentar, depois ajoelhou-se à minha frente. – Não te tortures. – Pôs os braços à minha volta e embalou-me como a uma criança enquanto eu me desfazia em lágrimas.

– Digo-te mais ainda, há que tempos que eu sabia, mas recusei-me a aceitá-lo – confessei-lhe, e durante algum tempo nenhum de nós proferiu palavra.

– Deve ser verdade – continuei baixinho. – Tem de ser, não há outra explicação... e Deus bem sabe que tentei encontrar uma. – Dissera por fim aquilo em voz alta porque falar com alguém significaria que não poderia voltar atrás com nada. Também sabia que tinha de dar a Daniel a oportunidade de se afastar naquele momento, enquanto ainda me era relativamente fácil deixá-lo ir. Tinha a certeza de que ele se poria a léguas assim que soubesse a verdade sobre a nossa família.

– Tem de ser – repeti, só para ter a certeza de que ele ouvira.

Ele então olhou para mim e vi que lutava com os seus próprios pensamentos.

– Eu sei que é, Lily – disse por fim. – A Alison contou-me.

– O QUE ACABASTE DE DIZER?

– Disse que já sabia de tudo.

Eu ainda pensava que ouvira mal.

– O que sabes?

– Olha, posso subir? Posso dizer ao táxi que se vá embora e depois chamo outro.

– Não, diz-me só o que sabias.

– Sabia que a Alison era... que lhe pagavam para terem sexo com ela. – Olhou-me diretamente.

– E foi ela que te disse isso?

– Foi.

– Manda o táxi embora – pedi-lhe depois do que pareceu uma eternidade.

– Anda, vamos tomar um café. – Pegou-me na mão e levou-me até ao apartamento um minuto depois.

– Na verdade, não. – De súbito percebi que não queria falar com ele ali. – Vamos dar uma volta.

– Lily, está um frio de rachar e tu estás de saltos altos e uma blusinha leve. Acho que não é boa ideia.

– Bem, não vou falar contigo lá em cima, no apartamento. É onde... tudo acontecia.

– Está bem, agora compreendo. – Pareceu aliviado por não me ir abaixo. – Vamos lá então. – Despiu o casaco e pôs-mo sobre os ombros. – Levo-te a tomar um café e um brande no único *pub* de Wicklow. – Pôs um braço sobre os meus ombros e dirigimo-nos pela rua principal até ao porto. – Agora, para um contraste completo – disse enquanto abria a porta. – Deixa-me apresentar-te ao segredo mais bem guardado de Wicklow.

Tentava distrair-me e resultou.

O cheiro a *bacon* e a batatas fritas e salsichas a fritar em banha encheu-me o nariz assim que entrámos. Era um recinto acanhado e velho, mas perfeito. Tinha as paredes manchadas e as prateleiras cheias – uma ainda tinha uma moldura enorme com todas aquelas antigas notas de toda a Europa e era sustentado por vigas negras.

– Uau! – Nem sequer sabia que aquilo existia. – É fantástico... – Olhei em redor da sala vazia e cheia de fôrmica. Via-se a cozinha e havia garrafas e pratos e caixotes por toda a parte, mas tudo num caos organizado. – ... embora te diga já que as hipóteses de arranjares aqui um brande sejam muito remotas. – Tentei fazer humor para esconder o meu constrangimento.

– Conheço o dono. – Piscou-me um olho. – Nem acredito que gostes disto. Porque terei tido a trabalhadeira de te levar a Gorey esta noite quando podia ter-te trazido simplesmente aqui?

Era ainda suficientemente cedo para o sítio estar vazio apesar de Daniel me dizer que assim que os outros *pubs* fechassem ficaria à cunha.

– Então, o que vamos tomar?

– Na verdade, acho que um grande bule de chá seria ótimo – respondi.

Observei-o enquanto falava com um italiano gordo com bigode grande e um minuto a seguir Daniel voltou com um bule antiquado de alumínio amolgado e uma chávena para mim e café e um brande para ele.

– Então, conta-me, por favor. O que sabes?

– Lily, não sei muita coisa – disse como que a avisar-me. – Só passei com ela alguns dias, lembras-te? Mas o que soube na altura foi que a Alison tinha alguns... homens na vida dela... com quem dormia regularmente – disse-me. – É só isto, mais nada. – Observou-me enquanto me servia do chá forte.

– E era paga por isso? – Precisava de ouvir bem aquilo

– Sim.

– Então ela era... uma prostituta? – inquiri. Ali estava, finalmente acabara de a dizer, a única palavra que eu tentara evitar até para mim própria. E fui eu quem por fim a proferiu. Fiquei chocada por estar chocada.

– Sim – disse ele muito baixinho.

– Tens a certeza absoluta? – Que pergunta mais ridícula!

– Foi o que ela me disse.

– Assim sem mais nem menos, foi como se referiu a si própria?

– Sim.

– Deus meu.

Senti-me gelar ali no calor sufocante daquela sala.

– Mas tu sabias, não sabias?

– Sim – respondi com sinceridade. – Mas, curiosamente, é como se tivesse acabado de saber.

– Porquê?

– Porque estive sempre à espera de que alguém me dissesse que não passava de um devaneio meu. Consegues acreditar nisto?

Ele fez um gesto de assentimento.

– Uma explicação racional, algo que me tivesse escapado, sabes? – Ri-me.

– Porque, Daniel, ela não era esse género de rapariga.

Permanecemos sentados em silêncio durante um bocado e ele agiu como se as minhas queixas fossem completamente naturais.

– Então, o que sabes? – perguntou-me passado um bocado.

Contei-lhe resumidamente o que fora sabendo e como durante muito tempo preferira pensar que ela tivera apenas várias relações ou assim. Contei-lhe sobre o William, depois a morte de Dave e como tudo aquilo parecia não encaixar até Richard acabar por mo dizer diretamente. Expliquei-lhe como mesmo nessa altura me convencera de que compreendera alguma coisa mal. Ele ouviu atentamente e percebi pelo modo como continuava a acenar que nada daquilo era novo para ele.

– Durante muito tempo não permiti a mim própria pensar nisso. – Sentia as lágrimas ameaçarem surgir porque por fim tudo ficava confirmado sem margem para dúvidas. – Acho que só precisava de ouvir a palavra alto – desabafei –, mas, no entanto, agora que sei não quero que seja verdade. – Tive de morder o lábio para o impedir de tremer.

– Oh Lily, anda cá.

Veio ter comigo ao meu lado da mesa e abraçou-me, deixando-me chorar ruidosamente sem parecer envergonhado.

– Estou bem – disse-lhe por fim, e ele voltou para a cadeira dele, mas continuou a apertar-me a mão por cima da mesa. – Posso perguntar-te uma outra coisa? – Daniel disse que sim com a cabeça. – Por que motivo não me falaste disso antes?

– Lily, não me cabia contar essa história. – Fitou-me durante imenso tempo. – Era um segredo dela. Tive de deixar que concluísse por ti. – Interrompeu-se. – Esta noite, ao falarmos, percebi que tinhas percebido.

– Sim, tinha – respondi, tentando não transmitir amargura. – Mas manter tudo isso em segredo quase me destruiu a vida – confessei. – Meu Deus, por um breve momento até cheguei a pensar em vingança, sabes... – a minha voz esmoreceu.

Ele suspirou.

– Lamento que tenha sido tão difícil para ti.

– Não fazes ideia.

– Não, não faço – confirmou com imensa doçura.

– Poderia até ter destruído mais vidas... se tivesse levado avante o meu plano. – Não olhei para ele nesse momento.

– Mas não levaste.

– Não.

– E ainda amas a tua irmã da mesma forma, apesar de tudo. – Não se tratava de uma pergunta.

– Sim.

– E amas o filho dela como se fosse teu.

– Sim.

– Então diria que tudo acabou em bem.

– Daniel, ela disse-te porque fazia isso?

– Pelo dinheiro – respondeu simplesmente. – Estava determinada a construir uma boa vida para vocês duas e queria um bom nível de vida para ti em especial. Contou-me que ambas tiveram uma vida difícil depois de a vossa mãe morrer e que tu te importavas muito mais com isso do que ela. – Ele estava a ser muito cuidadoso, tentando não me perturbar; via pela forma como me olhava fixamente e se interrompia de vez em quando, mexendo o café, dando-me espaço para respirar. – Falava muito sobre o vosso pai, como ele vos dominava. Por vezes interrogava-se se fazia o que fazia em parte por lhe agradar a ideia de controlar os homens, para variar. Mas sobretudo fazia-o porque isso lhe dava a possibilidade de uma vida melhor, para ela... e para ti. A determinada altura disse-me que passara tantos anos a sorrir e a fazer exatamente o que o vosso pai vos ordenava que já não era problema ter de sorrir e fingir que tinha alguma coisa em especial com cada um deles. Depois nasceu o Charlie, e em vez de te proteger como fizera durante tanto tempo, tinha também de proteger o filho, assim ia construindo um futuro seguro para ele com o dinheiro que ganhava.

Engoli em seco e a custo, e ele reparou e continuou a falar.



– Surgiu tudo porque uma amiga dela... alguém com quem ela trabalhava, pelo que me lembro... andava a ganhar imenso dinheiro assim. A internet estava a começar. A mulher dirigia uma empresa de acompanhantes. Apresentou a Alison a um médico ou a alguém, e tudo começou aí. Não tinha nada que ver com chulos e mulheres às esquinas das ruas. Além disso, era muito cuidadosa – disse como para me sossegar. – Alguém sabia sempre com quem ela estava e onde.

– E depois engravidou. Ela falou-te no pai?

– Sim, percebi que ficara muito apegada a ele. Mas era casado, como a maior parte dos homens que a visitavam. Amava a mulher, o costume, mas andavam com problemas...

Estava prestes a dizer-lhe mais coisas, mas depois resolvi que seria uma história para outro dia.

– Sabes se ela pensou em fazer um aborto?

Servi-me de mais chá e peguei na chávena para me aquecer. Era algo que por vezes me perguntava. Em certos aspetos teria sido a opção mais fácil para ela.

– Não, acho que não. Disse-me que ter tido o Charlie fora o melhor de tudo o que lhe acontecera na vida.

– Entendo.

Esforçava-me por não me inquietar ainda mais.

– E falava disso muitas vezes. Sobre o quanto te amava e te tentara proteger, porque por seres tão rebelde com o teu pai normalmente eras mais repreendida do que ela.

Assenti, recordando-me.

– Lily, ele batia-te? – perguntou, de mansinho, pegando-me na mão.

– Não, mas castigava-nos... a mim no fundo. Eu estava sempre no meu quarto ou proibida de sair porque me revoltava. Mas acho que a Ali me ajudava imenso, ou então bloqueei tudo – confessei. – Por vezes não me lembro das coisas, e noutras tenho memórias diferentes. É estranho.

– Ele deve ter sido um sacana – observou Daniel, de lábios cerrados.

– Bem, nunca nos maltratou, nem nada disso, mas, sim, foi duro. Fez da minha irmã a mulher que dizia «de que altura?» quando os homens lhe pediam para saltar. E a mim na mulher que não confia em ninguém, que quase desistiu de uma criança por pensar que não seria capaz de a amar como deve ser...

– Tenho tanta pena – disse, não pela primeira vez. – Mas, Lily, tu nunca desististe do Charlie.

– Achas que não?

– Sei que não. – Sorriu.

– Nessa altura ela sabia do dinheiro?

Queria saber tudo. Não conseguiria aguentar se surgissem ainda mais coisas mais tarde.

– Não, acho que não. Não sei de nada sobre dinheiros – respondeu Daniel simplesmente.

– O meu pai deixou muito... é complicado. – Suspirei. – Vou contar-te tudo, está bem? Mas agora não.

– Não tens de o fazer.

– Não, mas quero.

– Ela resolvera abandonar tudo... os homens. Disso eu sei. Sabia que fizera a diferença nas vossas vidas e queria... não sei, algo de diferente para ambas. Suspeito que eu fui simplesmente a pessoa a quem ela contou tudo porque estava na altura. Disse-me que falar sobre aquilo a ajudara a tomar uma decisão. Era por isso que queria que nos voltássemos a encontrar, dali a um ano. – Parecia triste. – Iria tudo ser diferente, estava decidida.

– Assim tão simples? – Não estava certa.

– Sim, no fundo era tão simples quanto isso.

Conversámos ainda mais um bocado, até eu estar quase a cair de cansaço, e depois ele levou-me a casa.

– Obrigada – disse-lhe. – É como a última peça do *puzzle*.

– Não o conheço todo – disse ele, ansioso. – Não quero que penses nisso.

– Sabes o suficiente para eu continuar com a minha própria vida, por fim.

– Tu já sabias, Lily. E continuavas com a tua vida, de qualquer maneira. Olha só para o que conseguiste em tão pouco tempo. – Ergueu-me rosto. – Acho-te espantosa. – Beijou-me então, com mais doçura do que nunca. – Boa noite – disse baixinho.

– Sim.

– Passo cá amanhã só para ver se estás bem. Liga-me se precisares.

– Obrigada.

Era sincera.

Deu-me um piparote no nariz e fez menção de se afastar.

– Não te preocupes.

– Posso perguntar-te uma última coisa?

– O que é?

– Dormiste com ela?

Ele pareceu desapontado por lhe perguntar aquilo.

– Isso importa?

– Não sei.

– Bem, não devia importar nada. Isso é entre mim e ela.

– Talvez eu precise de saber.

– E talvez eu te diga numa outra altura. Mas não me julgues pelo passado, Lily. E resolve se podes confiar em mim com base no presente. Boa noite – disse ele baixinho, e começou a afastar-se, depois mudou de ideias. – Oh, e já agora, somos namorados, por isso põe um aviso na montra. – E daquela vez foi-se embora sem olhar para trás.

*Lily e Charlie*

A CASA PARECIA UMA ÁRVORE DE NATAL GIGANTE. Havia luzes por toda a parte, graças principalmente à tia Milly e à mãe de Daniel – ou Sara, como ela insistia em ser tratada. Entre elas deram largas a todas as suas fantasias de infância. O jardim estava feérico, repleto de lamparinas e velas por todo o lado – havia até frascos pendurados nas árvores, com velas lá dentro, e outras colocadas em paus no chão para orientar o caminho até à porta, e nos parapeitos das janelas.

Os olhos de Charlie eram o que mais brilhava no meio de tudo aquilo. Estava no seu elemento enquanto corria por ali de um lado para o outro, com *Squirt* erguida acima da cabecinha. Isso foi porque antes tínhamos apanhado *Max* a cheirar a tartaruga de modo alarmante, calculou a tia Milly, ao descobri-lo no quarto precisamente na altura em que a ia abocanhar.

– Ai maroto – não parava Charlie de repetir para um *Max* intrigado.

– Não admira que o animal esteja confuso – disse Sara, com uma gargalhada. – De cada vez que ele diz aquilo dá um grande beijo molhado no focinho do cão.

– Deita-te.

Charlie descobrira uma palavra nova. O único problema era que se sentava em *Max* de cada vez que este obedecia à sua ordem.

Daniel ajudara em tudo e disse que nunca se sentira tão desejado por tantas mulheres. Orla, Violet e Naomi fizeram a comida toda, supervisionadas, claro, pela minha tia, que insistia em que todos dissessem «sim, *chef*» ou «não, *chef*» em resposta às suas perguntas. Enfim, foi um grande alvoroço.

O primeiro convidado chegou por volta das oito horas e Daniel teve de se ausentar para ir mudar de roupa.

– Estás bem? – perguntou-me, dando-me um beijo na cabeça.

Sempre que ele se aproximava, eu tinha de me beliscar para me certificar de que era de mim que ele andava à procura.

– Sim, estou radiante. É a primeira festa numa casa minha, não te disse?

– Só mil e uma vezes. – Riu-se.

– Não demores – avisei-o. – Precisaréi de ti quando o James e a Tamsin chegarem. Estou muito nervosa com isso.

– Volto num instante – prometeu, enquanto Charlie e eu íamos cumprimentar os convidados.

Toda a gente me trouxera presentes para a casa e para Charlie, por isso a certa altura, em vez de saudar as visitas, ele dizia simplesmente:

– Posso ter o meu presente agora, obrigado? – E estendia as mãozinhas.

– Olha só quem eu encontrei – disse o Daniel ao voltar. – Já me apresentei. – Sorriu e lançou-me um olhar que dizia «vai tudo correr bem, acalma-te».

Olhei por cima do ombro dele para ver James, cheio de nervosismo, e Tamsin ligeiramente atrás dele, ainda com aspeto frágil.

– Olá – saudei-os com entusiasmo a mais, a fim de esconder o nervosismo.

– Charlie, anda cá cumprimentar. – Estendi a mão e ele passou por mim a correr porque vislumbrara um embrulho enorme e brilhante nos braços de James.

– Para mim? – perguntou, ignorando os cumprimentos.

– És o *Max*? – perguntou James, baixando-se.

Vi imediatamente a semelhança entre os dois. Tinham o mesmo queixo.

– Não, sou o Charlie.

Pôs as mãos nos bolsos e pareceu endireitar os ombros num gesto que dizia claramente que *Max* tinha duas hipóteses de pôr as patas naquele embrulho – pouca ou nenhuma.

– Mas isto é para o *Max* – disse James sem tirar os olhos dele.

– O *Max* é maroto. – Charlie fazia um último esforço para ficar com o seu presente. – O *Max* é muito maroto.

– Oh, bem, nesse caso é melhor ficares tu com isto.

– Eu sou muito bonzinho – declarou Charlie e lançou-se para o embrulho. Por fim, James entregou-lho e ficámos todos a ver o meu menino de olhinhos muito abertos o rasgar o papel e a descobrir um milhão de peças de carruagens e de carris e até um chefe de estação pintado, bem como vários passageiros.

– O que se diz ao James e à Tamsin? – perguntei.

– Muito, muito obrigado – respondeu, e atirou os braços ao homem que acabara de conhecer mas que viria a ter um grande papel na sua vida futura, desconfiava eu.

Olhei para cima e vi Tamsin à beira das lágrimas.

– Obrigada – balbuciou.

– Encontrei esta mulher a tentar entrar na festa – anunciou Daniel naquele preciso momento, tentando aligeirar as coisas. – Conhece-la de algum lado?

– Reparei que ele agora sorria mais descontraidamente.

Um rosto que eu não via há séculos surgiu atrás dele.

– Sally! – gritei e por fim rebentei em lágrimas.

Infelizmente, também Charlie, que apanhou um susto, pois pensou que eu estava mal. Peguei nele e apertei-o contra mim, junto ao coração, onde ele pertencia.

– Mas como é que deste connosco aqui em cascos de rolha? – Nem conseguia acreditar que ela ali estava, mesmo à minha frente.

– É uma longa história. – Dançou comigo e o Charlie em volta da sala. – Digamos apenas que perdi demasiadas noites importantes na tua vida nos últimos tempos, por isso, se tens planos para te casares, por favor, importas-te de o fazer durante o próximo mês?

Toda a gente se riu e a festa começou mesmo a sério então.

– Lily, não lhe posso agradecer o suficiente. – James apanhou-me no corredor. – Não faz ideia do que significa para nós.

– Ele não é o máximo?

– É o rapazinho mais lindo do mundo – disse ele timidamente. – Graças a si... e à Alison.

– Tem o seu queixo – disse-lhe.

– A sério? Foi precisamente o que disse a minha mulher.

Estava muito orgulhoso.

Depois disso, vivi a noite mais bonita da minha vida, enquanto pegava no meu bebé e falava com todos os meus amigos – velhos e novos – na primeira casa que tinha na vida.

– Estou com tanto calor – disse ao Daniel bem mais tarde. Não o via há imenso tempo e de cada vez que o descobria por entre os convivas o meu

coração batia mais depressa. Uma ou duas vezes consegui captar-lhe o olhar e quando ele me sorriu senti-me a rebentar de felicidade.

– Porque não vamos lá fora apanhar ar? – propôs ele então, agarrando numa garrafa de vinho e em dois copos.

– Ótima ideia.

Segui-o e escondemo-nos num canto sossegado no jardim, sentámo-nos no meu novo baloiço, presente da tia Milly.

– Não é perfeito?

Afundei-me nas almofadas e levantei os pés.

– Diria que é quase perfeito. – Serviu o vinho e deu-me um copo. – À tua – disse simplesmente. – Desejo-te e ao Charlie muitos anos de boa saúde nesta casa.

– Obrigada. É só isso que peço, no fundo.

– Tu mereces.

Sorriu-me e tirou-me o copo para me dar um beijo.

– Imagina, ainda há uns tempos não tinha mais ninguém a não ser ele e a minha tia, e agora olha... fizemos tantos novos amigos, ou tios, como o Charlie lhes está sempre a chamar, na esperança de mais prendinhas. E ele tem um pai, apesar de ainda não o saber.

– E tu, estás contente?

– Oh sim – respondi.

– E estás em paz com tudo o que descobriste?

– Sim. Levou algum tempo, mas, sim, estou bem.

– Ela era boa pessoa – disse Daniel. – Percebi isso mal a vi.

– Era sim – concordei. – E eu amava-a muito. Ainda amo, apesar de tudo.

– É assim que deve ser. E estás feliz comigo? – perguntou baixinho.

– Não consigo imaginar não estar feliz contigo.

Parecia fácil dizer aquilo agora, mas de certo modo fora sempre assim desde o começo.

– Então resolveste confiar em mim? – Sorriu-me.

– Confio completamente.

– Ótimo.

– E tu? Estás bem com tudo? – perguntei, sentindo-me ainda um bocadinho ansiosa. – Não somos propriamente uma família normal.

– O que queres dizer?

– Sabes, todas essas coisas sobre... mim e a Alison... e o Charlie. Dificilmente uma família normal, não achas? – Sorri-lhe. – E, apesar de tudo o que a Alison te contou sobre a vida dela, não me conhecias, pois não? E quando nos conhecemos, eu não era bem o que imaginavas, pois não?

– Oh, acho que te conhecia já muito antes de te ter encontrado – respondeu simplesmente. – E, não, não és o que imaginei, és ainda melhor. – Pôs o braço à minha volta. – Tens todos os pedacinhos lindos da Alison e muito mais. E és uma ótima mãe. Adoro observar-te com o Charlie quando pensas que não estou a ver.

– Obrigada.

Sorveu um gole do vinho.

– Não dormi com ela – disse Daniel baixinho. – Só para o caso de isso ainda ter importância.

– Não tem. Pensei que teria, mas agora já não. – Beijei-o e parecia a primeira vez e sabia que nunca teria que me fartasse daquele homem por mais tempo que ele ficasse.

– Mamã! – chamou Charlie.

– Estou aqui, amor! – gritei e ele veio a correr de carro de bombeiros na mão. Peguei nele ao colo e dentro de minutos adormecia nos meus braços.

– Ele precisa tanto de mim. – Afastei-lhe o cabelo do rosto e Daniel foi buscar uma manta para o tapar. – E fico contente por ele ter também um pai, pelo sim pelo não... – Era a minha única preocupação.

– E quem sabe, um dia em breve também é capaz de ter um padrasto – segredou-me Daniel, e foi então que percebi que era feliz, verdadeiramente feliz, pela primeira vez na minha vida.



## *Agradecimentos*

Foi a dedicatória do meu último livro – *The WWW Club* – que me deu azar, estou convencida. Algo acerca de um novo marido e de uma vida longa e saudável. Éramos dois «inválidos» meses depois. Mas pelo menos a ida dele ao bloco operatório foi planeada, ao passo que eu – nunca tendo estado num hospital – acabei duas vezes no St. Vincent’s enquanto reescrevia este livro. Ambas as idas foram inesperadas, e a primeira foi bastante facilitada devido à bondade e ao apoio de Enda McDermott, Ann O’Doherty e Claire Glennane.

Pouco depois de ter escapado das suas garras, estava a passear em Wicklow (para comemorar!) e encontrei Ian e Sean. Nenhum mal nisso, foram encantadores. Eu é que não gostei muito da sua ambulância novinha em folha. Eles eram paramédicos, estão a ver, e com vários bombeiros bem constituídos, tiveram a pouco invejável tarefa de transportar numa maca os meus setenta e muitos quilos – incluindo a minha perna par-tida – desde os penhascos. Devo-vos um grande agradecimento.

Escusado será dizer que a minha espantosa família se juntou e me deu ânimo, como de costume. E as minhas amigas Dearbhla (melhor companheira e ajudante geral), Caroline (fornecedora de legumes biológicos e de comida indiana), Ursula e Dee acompanharam-me durante os altos e baixos – e durante o gesso. Tal como Dave Fanning e Frank Hession, embora ainda não haja uma opinião clara sobre Diarmuid Gavin, porque partiu numa missão para a televisão à volta do mundo sem mim quando parti a perna. Os textos do Taiti não contribuíram em nada para melhorar a minha disposição.

Patricia Scanlan manteve-me positiva e lembrou-me que estas coisas acontecem por um motivo – não que eu quisesse ouvi-la. Claudia Carroll levou-me ao cabeleireiro sempre que ameacei ficar violenta, e Mary Canning nunca evitou os meus telefonemas quando lhe supliquei que me trouxesse café para poder lamuriar-me sobre a Irlanda. Oh, e Anna Nolan

apareceu com champanhe cor-de-rosa (para condizer com o gesso cor-de-rosa da minha perna) e então não consegui *mesmo* andar – nem com muletas.

A minha editora, Francesca Liversidge, terá de ser perdoada por beber demasiado enquanto esperava que eu *finalmente* entregasse este livro! Foste um grande apoio, como sempre. Obrigada a todos na Transworld – desde Larry Finlay aos outros, foram fantásticos. Tal como Gil e Simon Hess, e Declan Heeney e Helen Gleed O'Connor, que me deram imenso carinho quando precisei.

Marianne Gunn O'Connor foi amiga, bem como agente, apesar de ter perdido a sua querida mãe, Mary, durante tudo isto. E Pat Lynch continua a ser a melhor ouvinte que conheço. Obrigada também a Vicki Satlow pelo excelente trabalho que faz por mim na Europa.

Tive a ideia para este livro quando participei numa reportagem sobre prostituição para o programa *Prime Time* da RTE Television e estou grata às mulheres que falaram comigo na altura e partilharam as suas várias e complexas histórias.

E Gerry McGuinness, o teu amor faz-me muito feliz – a maior parte do tempo. Ainda não estou certa em relação ao dia em que me recordaste que a minha carreira como escritora não dependia do uso das duas pernas – e sugeriste que deixasse de comer chocolate e começasse a exercitar os dedos no teclado do computador. Ai!

Por fim, a todos os que leem os meus livros, mil agradecimentos pelo vosso apoio e *feedback*, especialmente Anna e Marie Hughes, que me enviam sempre mensagens encantadoras.